

Apresentação

O presente número da revista, como de praxe, é composto pelas seções de literatura/cultura, lingüística e tradução e resenhas, num total de 11 trabalhos e 220 páginas.

Dentre os diversos ensaios apresentados, percebe-se um eixo em torno do qual se organizam as diferentes abordagens, a saber, o enfoque dialógico entre culturas e campos do saber. A literatura dialoga com a ética, o cinema, a lingüística e a imagologia. De forma paralela, os trabalhos no campo da lingüística, tradução e resenhas privilegiam o aspecto contrastivo e cognitivo com a implícita preocupação e relação com a cultura.

Goethe, no ano em que se comemoram os 200 anos de publicação do *Fausto I*, é tema de dois trabalhos na seção de literatura/cultura. O artigo de Gilberto PINHEIRO PASSOS, ao elaborar um estudo intercultural, explora a recorrência do tema faústico em romances de Machado de Assis. Seu enfoque não se restringe a fazer um inventário das ocorrências da personagem ou das menções da obra de Goethe no autor brasileiro, mas aponta em que medida a procura incessante do protagonista goethiano é transfigurada por Machado para representar um Brasil em transformação. Nesse sentido, é especialmente interessante a análise feita sobre a relação do Fausto com o último romance de Machado, *Memorial de Aires*. Já o trabalho de Eloá HEISE, também dedicado a Goethe, elabora uma análise comparativa intracultural, ou seja, compara o “Prólogo no céu” do *Fausto I* de Goethe e o prólogo da peça de Brecht, *A boa alma de Sezuán*. Como resultado dessa contraposição, a autora afirma que Brecht produz uma paródia do texto goethiano e lança mão de um dos artifícios característicos da literatura do século XX. Por meio desse recurso, Brecht configura e debate problemas de seu presente a partir da analogia e questionamento de uma obra consagrada do passado.

O estudo de Luís KRAUSZ sobre o romance de Jakob Wassermann *Der Fall Maurizius* trabalha com uma narrativa que se tornou um *best-seller* da primeira metade do século XX. Consta, por exemplo, que, nos anos 20, este livro vendeu mais de um milhão de cópias na América. O romance de Wassermann põe em questão o conceito de civilização ao suscitar o tema fundamental da justiça, ou melhor, da terrível impossibilidade de se fazer justiça na terra.

A relação entre literatura e cinema, duas linguagens diferentes, mas próximas, é abordada no texto de Michael KORFMANN e Filipe Kegles KEPLER que versa sobre o primeiro filme de arte alemão, *O estudante de Praga* (1913), com roteiro de Hanns Heinz Ewers. Essa película que, através de recursos fílmicos, abriu caminho para a consagração do cinema expressionista alemão, estabelece sua ligação com a literatura ao recorrer a motivos típicos da tradição literária do romantismo, como a figura do duplo.

A importância e a repercussão dessa época áurea da literatura e do pensamento alemães, o Romantismo da primeira fase, também se faz presente no trabalho de Natália Corrêa Porto Sanches FADEL que discute os conceitos de *Natureza e Linguagem em Os Discípulos em Saïs, de Novalis*. Esse romance em fragmento, composto de conversas dos discípulos no templo de Saïs, dedica uma das partes a uma reflexão teórico-lingüística sobre a escritura cifrada da natureza. Esta seria, segundo a autora do ensaio, uma possível teoria da linguagem de caráter simbólico-poético e messiânico que, em oposição ao conceito moderno da arbitrariedade do signo, aponta para uma relação entre espírito e mundo.

Ao afastar-se do âmbito estritamente literário, o ensaio de Ruth BOHUNOVSKY sobre *O Brasil de Ulrich Becher no Romancero Brasileiro: a harmonia em questão* dirige a discussão para o campo da imagologia. A imagem do Brasil que resulta de sua perspectiva contrapõe-se à representação harmônica e idealizada que transparece no romance de Stefan Zweig *Brasil - um país do futuro* na medida em que Becher transmite a visão de um país que nem sempre lhe faz sentido, com contrastes e enigmático, oferecendo, assim, ao leitor a possibilidade de diversas interpretações.

A seção de lingüística abre com um artigo de cunho teórico. Em *Aspectos da pragmaticalização de marcadores discursivos no alemão e no português*, José da Silva SIMÕES coloca em discussão o papel discursivo, semântico e sintático dos marcadores discursivos (MD) de origem conjuncional do alemão e do português (*wobei, weil e obwohl; porque e que*) e enumera algumas evidências a respeito do processo de gramaticalização e pragmaticalização desses marcadores em ambas as línguas, tomando como base uma perspectiva teórica cognitivo-discursiva. Os MD acumulam, no nível do discurso, diversas funções, como elementos de coesão intra e intertextual e como elementos de negociação de turnos e tópicos que regulam a ação dos interlocutores, além de serem índices de modalização do discurso.

Segue o artigo de Kathrin SCHWEIGER *Vertextungsstrategien in brasilianischen und deutschen Magistereinleitungen – eine exemplarische Analyse* que analisa a estrutura retórica da “introdução” em dissertações brasileiras e alemãs da área de lingüística, exemplificada por um estudo de caso. Como base teórica, a autora recorre ao modelo de Swales (1990) e Hutz (1997). O objetivo é verificar se as introduções de dissertações seguem determinado esquema comunicativo-proposicional e de que maneira se distinguem as introduções em relação às respectivas culturas e disciplinas.

Na seção de tradução, o texto de Gerd WOTJAK *Kognitive und kulturelle Aspekte des Übersetzens* investiga as interrelações entre fenômenos culturais, cognitivos e lingüístico-comunicativos. A cultura marca o conhecimento enciclopédico, está presente no ato da comunicação, e influencia até a língua como sistema. O conhecimento cultural, manifesto de tão diversas maneiras, representa um desafio para a tradução. O autor discute possibilidades de soluções tradutológicas e mostra caminhos de como o tradutor pode lidar com esses problemas multifacetados.

Também voltado para a tradução, o trabalho de Tinka REICHMANN *Frases célebres de Fausto: um desafio para a tradução* explicita o conceito de *Geflügelte Worte* - citações de autores que se tornaram correntes em uma determinada cultura. Ao discutir e contrapor diferentes traduções de passagens consagradas do drama de Goethe, a autora ilustra a riqueza idiomática inerente a algumas dessas frases célebres que põe à prova a transposição para outro idioma.

Juliana Granço Marcelino de MORAES apresenta a resenha do livro *Routineformeln im Spanischen und im Deutschen. Eine pragmalinguistische kontrastive Analyse* de Igor Sosa Mayor, voltado para expressões convencionais altamente marcadas pela cultura de origem: as fórmulas de rotina. Trata-se de um estudo contrastivo do uso das fórmulas de rotina das línguas alemã e espanhola que traz aspectos de interesse tanto para a didática quanto para a lexicografia da língua estrangeira.

A edição deste número só foi possível graças ao trabalho diligente dos pareceristas e revisores e aos assessores técnicos, aos quais externamos nossos sinceros agradecimentos.

São Paulo, dezembro de 2008

A Comissão Executiva

Eloá Heise, Eva Glenk e Masa Nomura

Geleitwort

Pandaemonium Germanicum Nr. 12 enthält, verteilt auf die Rubriken Literatur/Kulturwissenschaft, Linguistik, Übersetzung und Rezensionen, 11 Beiträge auf 220 Seiten.

In allen Aufsätzen lässt sich eine gewisse dialogische Ausrichtung erkennen: die Literatur kommuniziert mit der Ethik, dem Film, der Sprachwissenschaft und der Imagologie; die Arbeiten im Bereich Linguistik, Übersetzung und Rezensionen sind kontrastiv und kognitiv konzipiert und messen der kulturellen Perspektive großes Gewicht bei.

200 Jahre nach der Erstausgabe von *Faust I* sind drei Beiträge Goethe gewidmet – zwei davon in der Literaturrektion. In einer interkulturellen Studie untersucht Gilberto Pinheiro PASSOS die wiederholt wiederkehrende Präsenz des faustischen Themas in Machado de Assis' Romanen. Er beschränkt sich jedoch nicht darauf, dem Vorkommen der faustischen Figur oder der Erwähnung von Goethes Werk in Machados Texten nachzugehen, sondern zeigt auf, wie der brasilianische Autor sich das Thema der unermüdlichen Suche des Goetheschen Protagonisten aneignet und verändert, um ein sich wandelndes Brasilien darzustellen. Besonders lesenswert ist in diesem Zusammenhang die Untersuchung der Relation zwischen Faust und dem letzten Roman Machado de Assis', *Memorial de Aires*.

Die ebenfalls Goethe gewidmete intrakulturelle Untersuchung von Eloá HEISE vergleicht den „Prolog im Himmel“ aus Goethes *Faust I* mit dem Prolog aus Brechts Stück *Der gute Mensch von Sezuan*. Die Autorin schließt aus dieser Gegenüberstellung, Brecht habe eine Parodie des Goetheschen Textes unter Anwendung eines für die Literatur des 20. Jahrhunderts typischen Kunstgriffes produziert: der Diskussion und Infragestellung gegenwärtiger Probleme im Licht klassischer Texte.

Luís KRAUSZ behandelt den Roman *Der Fall Maurizius* von Jakob Wassermann, der in der ersten Hälfte des 20. Jahrhunderts zu einem Bestseller wurde: Mehr als eine Million Kopien dieses Buches fanden in den 20er Jahren in den Vereinigten Staaten Absatz. Wassermann stellt in diesem Roman, in dem er die Gerechtigkeit bzw. die

Unmöglichkeit von Gerechtigkeit auf Erden thematisiert, das Konzept der Zivilisation in Frage.

Mit der Beziehung zwischen Literatur und Film, zwei unterschiedlichen aber einander sehr nahen Genres, befassen sich Michael KORFMANN und Filipe Kegles KEPLER. Der Film *Der Student von Prag* (1913), mit Drehbuch von Hanns Heinz Ewers, erster deutscher Kunstfilm und – dank neuer filmischer Mittel – bahnbrechend für die Anerkennung des deutschen expressionistischen Films, stellt durch die Verwendung typischer Motive der literarischen Tradition der Romantik, wie etwa das des Doppelgängers, eine Beziehung zur Literatur her.

Bedeutung und Einfluss der Frühromantik, dieses goldenen Zeitalters deutschsprachiger Literatur und Philosophie, werden auch im Text von Natália Corrêa Porto Sanches FADEL angesprochen, die die Konzepte von *Natur und Sprache in Novalis' Die Lehrlinge zu Sais* diskutiert. Teil dieses Romanfragments, bestehend aus Gesprächen von sich im Tempel zu Sais aufhaltenden Lehrlingen, ist sprachtheoretischen Überlegungen über die verschlüsselte Schrift der Natur gewidmet. Diese könnten, so die Autorin des Aufsatzes, als eine symbolisch-poetische und messianische Sprachtheorie verstanden werden, die im Gegensatz zur modernen Konzeption der Arbitrarität der Relation zwischen Zeichen und Bezeichnetem auf eine Beziehung zwischen Geist und Welt hindeute.

Ruth BOHUNOVSKY begibt sich mit dem Aufsatz *Das Brasilien Ulrich Bechers im Brasilianischen Romanzero: die Infragestellung der Harmonie* in den Bereich der Imagologie. Das aus dieser Perspektive entstehende Brasilienbild widersetzt sich der harmonischen und idealisierten Darstellung, wie sie in Stefan Zweigs Roman *Brasilien: Ein Land der Zukunft* anklingt. Becher vermittelt das Bild eines Landes, das nicht immer Sinn macht, widersprüchlich und enigmatisch ist und mehrfache Deutungen zulässt.

Ein Aufsatz theoretischer Natur eröffnet die Sektion Linguistik. In *Aspekte der Pragmatisierung der Diskursmarker im Deutschen und im Portugiesischen* diskutiert José da Silva Simões die diskursive, semantische und syntaktische Funktion aus deutschen und portugiesischen Konjunktionen entstandener Diskursmarker (*wobei, weil* und *obwohl; porque* und *que*) und gibt aus kognitiv-diskursiver Sicht Belege für den Grammatikalisierungs- bzw. Pragmatisierungsprozess der Marker beider Sprachen.

Diskursmarker können auf der Ebene des Diskurses verschiedene Funktionen übernehmen: als Elemente der intra- und intertextuellen Kohäsion; als Elemente zur Aushandlung der Turns und Themen, die die Interaktion der Gesprächspartner regeln, sowie als Indikatoren der Modalisierung des Diskurses.

Kathrin SCHWEIGER untersucht im folgenden Aufsatz *Vertexungsstrategien in deutschen und brasilianischen Magistereinleitungen – eine exemplarische Analyse* die rhetorische Struktur der „Einleitung“ brasilianischer und deutscher Magisterarbeiten aus dem Fachbereich Linguistik anhand einer Fallstudie. Die theoretische Ausgangsbasis bildet dabei das Modell von Swales (1990) und Hutz (1997). Forschungsziel ist festzustellen, ob Magistereinleitungen einem bestimmten kommunikativ-propositionalem Schema folgen und inwieweit sie sich in Hinblick auf Kultur und Fach unterscheiden.

Im Bereich Übersetzung geht Gerd WOTJAK in seinem Beitrag *Kognitive und kulturelle Aspekte des Übersetzens* der Interrelation zwischen kulturellen, kognitiven und sprachlich-kommunikativen Phänomenen nach. Das Kulturelle, das das enzyklopädische Wissen prägt, sich im Sprachgebrauch manifestiert und selbst Sprache als System beeinflusst, stellt eine Herausforderung für die Übersetzung dar. Der Autor diskutiert aus translatorischer Sicht die der übersetzerischen Tätigkeit daraus erwachsenden Schwierigkeiten und zeigt mögliche Lösungsvorschläge.

Ebenfalls im Bereich der Übersetzungswissenschaft stellt Tinka REICHMANN im Aufsatz *Geflügelte Worte im Faust: eine Herausforderung für die Übersetzung* das Konzept der Geflügelten Worte vor – Autorenzitate, die in einer bestimmten Kultur einen gewissen Bekanntheitsgrad erlangt haben. Der den Geflügelten Worten eigene idiomatische Mehrwert, der die Übertragung in eine andere Sprache erschwert, wird in der Besprechung und Gegenüberstellung verschiedener Übersetzungen von bekannten Stellen aus Goethes Drama aufgezeigt.

Juliana Granço Marcelino de MORAES rezensiert das Buch von Igor Sosa Mayor: *Routineformeln im Spanischen und im Deutschen. Eine pragmalinguistische kontrastive Analyse*, das die Routineformeln als stark konventionalisierte und kulturell geprägte Ausdrücke behandelt. Diese kontrastive Untersuchung des Gebrauchs der Routineformeln ist sowohl für die Fremdsprachendidaktik wie auch für die Lexikografie von Interesse.

Unser besonderer Dank gilt den GutachterInnen, KorrektorInnen und technischen Hilfskräften, die sich um das Erscheinen dieser Ausgabe verdient gemacht haben.

São Paulo, im Dezember 2008

Eloá Heise, Eva Glenk und Masa Nomura

Leituras fáusticas de Machado de Assis

Gilberto Pinheiro Passos ¹

Abstract: This article examines three novels by Machado de Assis, namely *Dom Casmurro*, *Esau e Jacó* and *Memorial de Aires*, and aims to relate common, ordinary characters which reflect a changing Brazil to the Faust myth. This intertextual dialogue illustrates a way of looking at the unextraordinary, but still appealing, lives of these characters.

Keywords: Faust myth; Machado de Assis; Brazilian literature

Resumo: O presente artigo busca retratar o aproveitamento feito por Machado de Assis do tema fáustico, nos romances *Dom Casmurro*, *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*, fazendo com que o mesmo conviva com figuras comuns, representativas de um Brasil em mudança. Desse modo, o diálogo intertextual exemplifica uma das maneiras de se caracterizar a vida estreita das personagens que nem por isso, deixam de ser dignas de interesse.

Palavras-chave: Mito fáustico; Machado de Assis; literatura brasileira

1. Abrasileirando o tema

Na sua busca de diálogo com as literaturas européias, Machado de Assis escolhe autores que, além de representarem alguns dos pontos mais altos da arte ocidental, participam da economia narrativa de cada obra em que se inserem e – conseqüentemente - do desenvolvimento da literatura brasileira, já que, desde muito cedo, ou seja, quando da publicação de “Instinto de Nacionalidade”(1873), o autor manifesta nítida intenção de se valer do pecúlio universal para estofar nossa produção. É nesse contexto de conjugação de refinado gosto, frutífero diálogo textual e busca de universalização, que o tema de Fausto vem à tona, lastreado na obra de Goethe.

Já em *Dom Casmurro*, as figuras espectrais do início do poema dramático alemão são invocadas para dar fim ao dilema do narrador: o que escrever, a quem se referir. Bentinho, no seu refinamento de autor culto, precisa de um dado a mais para sua narrativa da vida conjugal. Preso ao passado, obcecado por ele, põe-se a campo para enodoar as figuras de Escobar e Capitu, que jaz morta na Suíça, assim como o filho “adulterino”, morto em Jerusalém. O passado se configura para sempre perdido, salvo

¹ Professor titular do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Endereço eletrônico: gipipas@uol.com.br

por meio de sua evocação silenciosa e acabrunhante feita pelo único sobrevivente do drama, ainda e sempre às voltas com os seus ciúmes.

Iniciar a história do único e grande amor da vida é tarefa que não se faz sem certos cuidados literários e um deles se evidencia desde o início: Capitu não é só Capitu, mas também Manon Lescaut ou Carmen, pois deve lembrar dados da Mulher Fatal. Para tanto, a literatura anterior se faz presente, no sentido de incluir a leitura da obra numa ciranda que insere a esposa no quadro de figuras femininas enganadoras e indignas.

Para esse bacharel culto, não há escapatória: o libelo acusatório deve ser convincente, contendo fatos, alusões e citações probantes. Nada melhor do que se valer da cumplicidade do leitor, ser irônico e, em muitos momentos, mostrar-se mordaz e patético em sua “certeza” ou “cegueira” relativa aos fatos, valendo-se do código literário partilhado com seu destinatário. Daí a presença do *Fausto*, com suas sombras a evocar as lembranças do passado: “Talvez a narração me desse a ilusão, e as sombras viessem perpassar ligeiras, como ao poeta, não o do trem, mas o do *Fausto*: *Aí vindes outra vez, inquietas sombras...*?” (ASSIS 1975a: 69).

A tarefa do poeta alemão é de grande monta: relembrar entes queridos e rememorar sua obra anterior são efeitos das silhuetas indecisas que promanam das brumas e vapores. Aparentemente, a lembrança do narrador brasileiro relativa ao mito de Fausto, cujo drama está para ser iniciado, se espelharia num monumental trabalho a ser realizado. Organizá-lo, galvanizando sua potencialidade dramática é a grande aposta. O vezo machadiano da “minimização do conflito” e “apequenamento da personagem”, no entanto, se faz mais uma vez presente, pois Bentinho não se aprofundará na noite dos tempos em que viveu a personagem alemã, nem buscará tematizar a circularidade do tempo, que faria do velho Fausto um jovem capaz de amar Gretchen. Sua narrativa é muito menos encorpada, malgrado a força da temática religiosa que envolve a vida do filho da endinheirada Dona Glória.

Para cada uma das grandes obras citadas, notamos a correspondente redução aos limites dos habitantes do Rio de Janeiro, graças à lição de José de Alencar, no posfácio ao romance *Senhora*: “(...) fizeste ao autor o maior elogio dizendo que ele talha os seus personagens no tamanho da sociedade fluminense. É justamente por esse cunho nacional que eu o aprecio.” (ALENCAR 1994 : 186)

Há uma escala de valores e situações a ser mantida. As sombras servem para fazer renascer a narrativa miúda do drama doméstico de um burguês carioca do século XIX. Minimiza-se o conflito e a morte altissonante, que ronda o par central da obra

alemã não se verá confirmada, na obra brasileira, laicizando-se e atingindo apenas Capitu, que, burguês e cordatamente, morre na Suíça, ao passo que Bentinho, refestelado em sua condição de proprietário e dono da voz narrativa se põe a campo para se tornar um “miúdo” escritor.

Não pára por aí o narrador machadiano, pois sua produção busca acrescentar de modo insofismável a tentativa de expressão da realidade histórica brasileira, vista não do ângulo das grandes figuras, mas das pequenas, imersas nas preocupações de uma vida sem grandiosidade, como é a lição do Realismo mais refinado, consignando-se a fruição, por parte dos leitores, de seres cuja configuração complexa e profunda vai perfeitamente de par com tal apequenamento da personagem e minimização dos conflitos ².

2. Um diplomata atilado

Em *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*, o bruxo do Cosme Velho buscou retratar uma personagem dividida entre origem brasileira e andanças pelo mundo³. O diplomata José da Costa Marcondes Aires, o Conselheiro Aires, representa uma consciência em que a realidade de nosso país se mescla às lições aprendidas ao longo da carreira, em terras estrangeiras.

Tal estado de coisas pode ser resumido no fato de afirmar ter visto tudo por várias línguas, ou seja, ter sabido identificar e “traduzir” situações das mais diversas. Retornando ao Brasil, em licença (*Esau e Jacó*) ou como aposentado (*Memorial de Aires*), Aires busca se inteirar dos acontecimentos nacionais, uma vez que suas longas ausências acabam por fazer dele um quase “estrangeiro” entre nós. Frequentando famílias ricas ou de alguma posse, pertence à nata da sociedade fluminense e, graças ao tempo de que dispõe, escreve seu diário, em que reflexões baseadas em ironia fina e percuciente curiosidade dão conta de problemas íntimos (namoros, heranças) e questões político-sociais (Abolição, República, Encilhamento).

² Em significativo eco intertextual, algumas páginas adiante, Bentinho apresenta a teoria do tenor Marcolini sobre a vida como uma composição operística feita por Deus (libreto) e pelo Diabo (partitura). É o acordo de vontade entre os dois que permite a “representação”, ou seja, a existência.

³ Para maiores esclarecimentos sobre o uso da cultura literária ocidental pelo Conselheiro Aires, V. PASSOS, Gilberto Pinheiro – *As sugestões do Conselheiro/ A França em Machado de Assis: Esau e Jacó e Memorial de Aires*. São Paulo, Nankin Editorial, 2008.

A **representação** diplomática (com todos os seus matizes semânticos) dá lugar à **representação** do Brasil, visto não do ângulo dos grandes atores da história, mas do prisma dos quase anônimos, que participam, como coadjuvantes, da cena nacional. Em escala mínima, portanto, converge para sua pena a série de questões levantadas pelas datas fundamentais para a história do país, realinhadas pela órbita de interesses particulares, como a de uma personagem riquíssima, o banqueiro Santos, que, em *Esauí e Jacó* acorre à casa do Conselheiro, preocupado com os rumos econômicos que a República poderia tomar. Aires, prudente, conciliador e cultivado em matéria política, enuncia a verdade histórica inescapável: “Nada se mudaria; o regímen, sim, era possível, mas também se muda de roupa sem trocar de pele. Comércio é preciso. Os bancos são indispensáveis.” (ASSIS 1975b:188)

Elementos tirados da obra alemã concorrem, de modo particular, para caracterizar não apenas a principal personagem feminina, a doce e inexplicável Flora, mas também pontuar o hábito do narrador machadiano de ancorar seu diálogo com grandes obras, por meio de citações ou referências:

ANDA, FLORA, ajuda-me citando alguma cousa, verso ou prosa, que exprima a tua situação. Cita Goethe, amiga minha, cita um verso do *Fausto*, adequado:

Ai, duas almas no meu seio moram!

A mãe dos gêmeos, a bela Natividade podia havê-lo citado também, antes deles nascerem, quando ela os sentia lutando dentro em si mesma:

Ai, duas almas no meu seio moram!

Nisto as duas se parecem, - uma os concebeu, outra os recolheu. Agora, como é que se dá ou se dará a escolha de Flora, nem o próprio Mefistófeles no-lo explicaria de modo claro e certo. O verso basta:

Ai, duas almas no meu seio moram!

Talvez aquele velho Plácido, que já deixamos nas primeiras páginas, chegasse a deslindar estas outras. Doutor em matérias escuras e complicadas, sabia muito bem o valor dos números, a significação dos gestos não só visíveis como invisíveis, a estatística da eternidade, a divisibilidade do infinito. (ASSIS 1975b: 217)

Como se vê, uma frase de Fausto e o próprio Mefistófeles se fazem presentes na trama em que dois gêmeos, Pedro e Paulo, um monarquista e outro republicano, brigam desde o útero materno e se apaixonam por Flora, cuja indecisão é elemento fundamental no desenvolvimento do enredo. Além disso, em singela “identificação” com o necromante alemão, temos a figura do espírita Plácido, personagem secundária que, em provável paródia, pontua mais uma vez a necessidade de se explicarem os desencontros

e desentendimentos entre os rapazes, assim como a esperada decisão da moça por um dos enamorados.

Convém notar que o romance começa exatamente pela ida da mãe dos rapazes a uma região algo erma da cidade para ouvir uma vidente, a cabocla do Castelo, que predizia o futuro e saberia lhe contar o futuro dos filhos. Em seguida, o marido busca consultar Plácido, adivinho de longas barbas brancas e camisola. Crendice popular e espiritismo preparam o texto para a irrupção da figura de Fausto.

O texto brasileiro opera a fusão paródica do popular com o erudito, não sem alertar o leitor, pois como observa a voz narrativa, a leitura deverá ser feita como se observássemos uma “partida entre pessoa e pessoa, ou mais claramente, entre Deus e o Diabo.” (ASSIS 1975b: 91). Não se pode, nesse contexto da obra, desprezar a hipótese de o texto machadiano estar se referindo à aposta inicial do *Fausto*, porém com inegável mudança de sentido, pois que absolutamente incorporado à eterna dissensão entre Pedro e Paulo.

Agora, podemos buscar entender o aproveitamento do verso alemão, que aliás, consta do manuscrito de *Esau e Jacó*: “Zwei Seelen wohnen, ach! In meiner Brust!” (ASSIS 1975b: 217). Presente na parte inicial do *Fausto* e integrando sua caracterização, aponta para o caráter dúplice da personagem, que oscila entre o céu e a terra, os reclamos da carne e o encanto dos espaços infinitos, na busca da eternidade. Trata-se de uma dicotomia de magna expressão, algo como o destino do ser humano dilacerado entre a satisfação dos apetites terrenos mais imediatos e uma ascese redentora.

A minimização dos conflitos mais uma vez atenua a força cruel da fonte alemã, pois o texto brasileiro redimensiona a questão expressa por Goethe. Na verdade, Machado busca incorporar a fonte erudita ao dilema individual, inteiramente particular, da moça sonhadora, que abriga dois amores/almas em seu peito e, de modo ainda mais raso, embora sutil, o drama da mãe que carrega, no útero, os gêmeos.

A força dos versos alemães vem, também, do fato de – na peça – estar para ocorrer o encontro de Fausto com Mefistófeles. O destino da personagem se perfaz e os versos citados servem como resumo e ponto de apoio do desenvolvimento da trama, no que diz respeito a sua futura perdição. Nesse ponto, convém repeti-lo, o trabalho do narrador brasileiro é acenar com a grandiosidade da fonte alemã e obrigá-la, em sua faina intertextual, a se inserir – ainda que guardando dados do sentido original – em nova órbita de sentidos e intenções.

O dado metafísico de Fausto cede lugar ao prosaico amor de uma jovem burguesa do século XIX e, ao mesmo tempo, ao conflito de dois irmãos, que, embora acirrado, não os leva à morte ou ao descrédito. É essa flexibilização do sentido primeiro da obra que mostra o trabalho de adaptação do texto brasileiro. Mefistófeles nos interessa, nesse momento, pois o narrador não deixa de consignar a qualidade marcante do demônio, isto é, sua astúcia e capacidade de penetração, consideradas mais profundas que as de Aires, como se lê em trecho de seu memorial, reproduzido em *Esauí e Jacó* e motivado pelo fato de o Conselheiro não poder penetrar o enigma de Flora: "Que o Diabo a entenda, se puder; eu, que sou menos do que ele, não acerto de a entender nunca." (ASSIS 1976: 179)

O drama faustiano merece, ainda, um verdadeiro apólogo, em que se conta, de modo algo burlesco, a história de um frade capuchinho e um mendigo que tingiam suas barbas, suscitando comentários:

Or, bene, para falar como o meu capucho, por que é que este e o maltrapilho voltaram do grisalho ao negro? A leitora que adivinhe, se pode: dou-lhe vinte capítulos para alcançá-lo. Talvez eu, por essas alturas, lobrigue alguma explicação, mas por ora não sei nem aventuro nada. Vá que malignos atribuam a frei *** alguma paixão profana; ainda assim não se compreende que ele se descobrisse por aquele modo. Quanto ao maltrapilho, a que damas queria ele agradar, a ponto de trocar alguma vez o pão pela tinta? Que um e outro cedessem ao desejo de prender a mocidade fugitiva, pode ser. O frade, lido na Escripura, sabendo que Israel chorou pelas cebolas do Egípto, teria também chorado, e as suas lágrimas caíram negras. Pode ser, repito. Este desejo de capturar o tempo é uma necessidade da alma e dos queixos; mas ao tempo dá Deus *habeas-corpus*.(ASSIS 1975b: 109)

A volta no tempo, representada pela barba negra, finca suas raízes num motivo fundamental, que retoma o da personagem alemã: os reclamos do sexo, segundo a sugestão do narrador, que se apóia significativamente no substantivo "malignos" para matizar a hipótese. Presa ao drama dos indivíduos, a relação com *Fausto* aponta a brevidade do tempo, a urgência de amores outonais e também a pouca eficácia do intento. Sobrevinda a morte do mendigo, ou passados nove meses para o frade, nada mais resta da falsa juventude "estampada" no rosto. Haveria algo de ridículo na atitude dos dois, desde que vista de fora, a partir do ângulo de um narrador que não os julga, nem condena, apenas os contempla com o olhar dos que se permitem ser, aparentemente, infensos a essa espécie de logro.

No entanto, o jogo com a instituição jurídica do "habeas-corpus" pode ser compreendido de modo duplo. Deus concede ao tempo a liberdade para que use de seu corpo, embora ele não o tenha. Contudo, sua passagem e o império que exerce sobre os seres se percebem na destruição implacável do humano, permitindo o outro sentido: que o tempo tenha, por metonímia, o corpo dos seres, destinados à decadência paulatina.

Se atentarmos mais uma vez para o fato de que a instância instauradora da narrativa é justamente o Conselheiro Aires, vítima confessa e consciente do mesmo logro a atingir o capuchinho e o maltrapilho, e que faz viagens à Europa para recuperar forças, estaremos diante de um desdobramento da consciência do narrador, que pode se ver refletido em seus apólogos zombeteiros.

3. Um diplomata enamorado

Nosso Conselheiro, cujo diário vai se transformar no *Memorial de Aires*, aprofunda nele o seu encanto pela cultura alemã, conforme se pode depreender da leitura do romance. Para relatar a crescente paixão que unirá Fidélia (flagrante jogo com os nomes Fidélío/Fidélia, em subterrânea alusão à opera de Beethoven) e Tristão (sugestivo prenome wagneriano) vai-se valer do poeta Gottfried August Bürger (1747-1794), autor da então conhecidíssima balada pré-romântica "Lénore", da qual nosso narrador extrai um fragmento de verso citado em francês: "*Les morts vont vite*", correspondente ao alemão "(...) *die Toten reiten schnell*", além de fazer referência à batalha de Sedan, palco da derrota dos franceses frente aos prussianos, em 1870.

Para o presente artigo, fiquemos com os aspectos de nosso tema constantes nessa obra. Começamos pelo entrecho, que nos remete à aposta entre Aires, com seus sessenta e dois anos e sua irmã, Rita, sobre o possível casamento do diplomata com a jovem viúva Fidélia, que tinham encontrado no cemitério, durante uma visita ao túmulo da família. O narrador, envolvido pela cultura européia, nos conta, então, sua atitude:

- Mana, você está a querer fazer comigo a aposta de Deus e do Mefistófeles; não conhece?

- Não conheço.

Fui à minha pequena estante e tirei o volume do *Fausto*, abri a página do prólogo no céu, e li-lha, como pude." (ASSIS 1975c: 70)

De uma aposta de tal monta passamos a um pequeno jogo de dois irmãos algo bonachões, propiciando o aflorar do tema da metamorfose proposta pela obra de

Goethe, com sua sugestão da força e do retorno da juventude, motivos a que vai se acoplar a dimensão ampla de uma constante, na pena do narrador, a passagem do tempo. Este não volta, fustigando corpos, sentimentos e lembranças.

A relativização do amor de Fidélia pelo marido morto se faz graças ao interesse de Aires por ela. A perspectiva faustiana, agindo sobre ele, predispõe o leitor para a mudança da personagem feminina, já que o diplomata a sugere:

Rita contou-me então alguma cousa da vida da moça e da felicidade grande que tivera com o marido, ali sepultado há mais de dous anos. Pouco tempo viveram juntos. Eu, não sei por que inspiração maligna, arrisquei esta reflexão:
- Não quer dizer que não venha a casar outra vez. (ASSIS 1975c : 70)

A ponderação é tanto mais eloquente pelo fato de ser feita à irmã e confidente, no nível da trama, embora, no tocante ao campo intertextual, se configure onomástica e sintomaticamente presa ao tema fáustico, já que temos em "Rita" o diminutivo de Margarida, nome com que se traduz "Gretchen". É como se ele rondasse o narrador e não lhe desse saída, salvo se deixar possuir pelo sentimento temporão, estimulado pela possível contradição de um nome (Fidélia), sua juventude e beleza. Fechando o círculo, temos a origem da inspiração: maligna, mefistofélica.

Cumpre aqui ressaltar que, ao longo do romance, a gama semântica relativa ao demônio reaparece por várias vezes, carreando sentidos novos, em caso de leitura a partir do tema, até mesmo para algumas expressões populares. Assim, vamos encontrar um índice da rivalidade entre Aires e Tristão, um mês antes de sua volta de Lisboa, aonde fora morar ainda adolescente, na expressão pouco diplomática: "Leve o diabo tal filho." (ASSIS 1975: 113), utilizada por causa do interesse desmedido de sua madrinha, Dona Carmo, pelo afilhado. Ela e o marido, Aguiar, devotam afeição profunda tanto a Tristão quanto a Fidélia, cogitando, naturalmente, de os manter no Brasil, para – ainda que vicariamente – encontrar continuidade para seus corpos já velhos. O interesse de Aires, faustianamente “enamorado” se irmana ao diabo, pois se Mefistófeles se encarregasse de Tristão, talvez o narrador tivesse alguma esperança de êxito.

Admirador confesso da maledicência de certa personagem maldosa, Dona Cesária, usa o subterfúgio da graça existente nas críticas feitas por ela para reportá-las através da adjetivação própria ao demônio, figura fundamentalmente zombeteira, na peça de Goethe : "Não escrevo porque seja verdade o que Dona Cesária me disse, mas por ser maligno." (ASSIS 1975c: 186)

Faustianamente desenganado, desculpa-se perante o leitor pelo fato de não desmentir o mal que a referida personagem propala, utilizando, em consonância com o "maligno", uma expressão popular que se renova, em seus liames com o tema: “Tudo isto considerado, e mais a hora, a viagem curta, e a presença do marido, que diabo ganhava eu em desfazer o que ela dizia?” (ASSIS 1975c: 187).

Tornado público o romance entre Tristão e Fidélia, ambos podem se permitir certo encantamento recíproco, diante dos convivas da família Aguiar, não sem um singular comentário de Aires, no qual a oposição entre o céu (vitorioso?) e os demônios (um deles, pelo menos, sustenta Fausto/Aires em seus ardores) redimensiona outra expressão popular:

Não me pareceu menos que o céu os animava e que eles nos mandavam a todos os diabos, a mim e aos três velhos, e aos pais de Tristão, aos paquetes, às malas. (ASSIS 1975c: 193).

O desaguadouro natural só poderia ser a própria figura de Mefistófeles que, segundo Aires, o aquinhua com o especial talento de saber dividir, com gentileza, seu interesse:

Eu, com a arte que o Diabo me deu, divido a atenção entre a mãe e os dois filhos para concertar a cortesia e a curiosidade, e ambas saem satisfeitas do meu gesto. (ASSIS 1975c: 173)

A expressão colhida na linguagem do povo repropõe a ambigüidade que preside ao estilo do Conselheiro, graças ao fato de "Diabo", no exemplo seguinte, também vir grafado com letra maiúscula, embora pertencendo, na origem, à veia popular. Isso faz com que possa ser entendida de forma mais ampla, uma vez que por oposição ao enlevo celestial trazido à vida de Tristão pela noiva, a carreira política corresponderia a mais um sortilégio: "(...) todo ele é Fidélia, e bem pode mandar a cadeira das Cortes ao Diabo, se a noiva lho pedir." (ASSIS 1975c: 202)

A mesma Dona Cesária, revela certa bondade, quando, então, o narrador observa:

O alvoroço e doçura com que falou à outra compensou em grande parte o mal que me dissera dela, e por outra maneira confirmou o que lá pensei uma vez (e não sei se escrevi) sobre a propriedade deste mundo. Deus vencia aqui o Diabo, com um sorriso tão manso e terno que faria esquecer a existência do imundo consócio. (ASSIS 1975c: 204)

Conforme podemos perceber, duas perspectivas se fundem: de um lado, conhecemos o quanto o tema de Fausto se torna próximo do narrador, contaminando até o nome de sua irmã e, por outro, temos um alvo para a nova corporificação fáustica, representada pelos dois brasileiros. Ela se concretiza, no domínio da trama, pela suposição, feita por Rita, do casamento de Aires com Fidélia, logo negado por ela mesma. Sintomaticamente, a falsa juventude do Conselheiro comparece, no nível textual, e os irmãos ainda uma vez: "- Com os meus sessenta e dois anos? -Oh! não os parece; tem a verdura dos trinta." (ASSIS 1975c: 70)

Se Margarida representa a vítima da falsa mocidade de Fausto, aqui Rita ocupa um papel ao mesmo tempo oposto e tangencial. O pretense rejuvenescimento fraterno servirá para estofar a trama. Por se querer "amado" de Fidélia, Aires experimentará ainda maior prazer em lhe seguir os passos. Além disso, Rita rejuvenesce, metaforicamente, o marido, não só por consignar-lhe metonimicamente seu corpo (uma vez que depositou no caixão uma mecha de seu cabelo), para sempre moço, como também por impedir, graças à lavagem do túmulo, que sua morte date de muito tempo. Preservando-a do envelhecimento e desafiando a morte, a oferenda torna-a agente singular da relação fáustica. Seu devotamento ao passado - que não quer remoto, mas de véspera - a enche de juventude, o que lhe possibilita tornar mais jovem o narrador.

Além da presença constante do diabo e suas figurações idiomáticas, assim como a caracterização oblíqua de Rita em relação ao tema, encontramos, portanto, Aires, leitor confesso do Fausto, "remoçado" e pronto para encarnar, ainda que pálida e simuladamente seu papel. Atributos não lhe faltam: homem viajado, o que o aproxima da personagem alemã, se mostra culto, prezando a tradição literária, de que faz largo uso.

O texto do diplomata busca a fonte de um tempo circular, que elidiria a velhice e possibilitaria não apenas a volta à juventude, mas também recriar a tradição ficcional, dado importante a ser considerado, no encontro entre os dois textos: a obra de Goethe se "renova", porque entregue, de modo insuspeitado, a uma temática algo diferenciada, fazendo parte de uma literatura nova e de outra latitude. A mocidade, vencedora, refaz a força do tempo linear, obliterando a circularidade, ou seja, reinstitui de modo firme a inexorável seqüência a ser respeitada pelos jovens e velhos.

Desse modo, o fim do romance repropõe a preeminência do novo, o vigor do futuro que contém em si a força destruidora do mundo supostamente caduco; os Aguiares, tais como Filémon e Baucis, os dois velhos hospedeiros pobres, dedicados e

leais, oriundos da pena de Ovídio e retomados por Goethe em seu segundo *Fausto*, tendem à eliminação, em vista de interesses renovadores e modernizantes. Os dois jovens, quase filhos do casal Aguiar, se casam e abandonam o Brasil e os “pais”, deixando-os entregues à própria sorte e à velhice sem continuidade. Desolados, assim os encontra o Conselheiro, na última visita que lhes faz:

Ao fundo, à entrada do saguão, dei com os dous velhos sentados, olhando um para o outro. Aguiar estava encostado ao portal direito, com as mãos sobre os joelhos. Dona Carmo, à esquerda, tinha os braços cruzados à cinta. Hesitei entre ir adiante ou desandar o caminho; continuei parado alguns segundos até que recuei pé ante pé. Ao transpor a porta para a rua vi-lhes no rosto e na atitude uma expressão a que não acho nome certo ou claro; digo o que me pareceu. Queriam ser risonhos e mal se podiam consolar. Consolava-os a saudade de si mesmos. (ASSIS 1975c: 219)

Como se pode notar, os dois velhos não são eliminados da vida, mas da continuidade dela, ou seja, da possibilidade de gozarem a mocidade que os dois jovens encerram. A "saudade de si mesmos" vai além do mero aspecto pessoal, embora lhe esteja indissoluvelmente ligada, pois mergulha na continuidade do fio da história humana, no qual as gerações devem se suceder, sem se eternizar. Minimizado o conflito e apequenadas as personagens em relação à obra-fonte, nem por isso o diálogo com o grande marco da literatura ocidental se mostra menos frutífero. Sintomaticamente, um Aires/Fausto, sem a possibilidade de nova juventude, mas ocupado em ser escritor, pode contemplar em todos os três a negação mesma de sua inserção no futuro.

4. Um autor crítico

Qualquer que seja a máscara de que se vale nosso autor, sempre reponta a figura do bruxo do Cosme Velho, vigilante propulsor da literatura brasileira. Seja sob o nome de Bento Santiago ou Conselheiro Aires, uma preocupação: retratar o Brasil que se oferecia a seus olhos, um país urbano, caminhando para certos marcos da modernidade: a abolição da escravatura e a proclamação da república.

É nesse cenário que se movem as personagens variadas com quem convive um diplomata culto, cioso de sua vivência estrangeira, a ponto de buscar remédio para doenças em estações termais de nome e localização européia:

Aires voltava da Europa, aonde fora com promessa de ficar seis meses apenas. Enganou-se; gastou onze (...). Ele fora a pretexto de águas, e, por mais que lhe recomendassem as do Brasil, não as quis experimentar. Não estava acostumado às denominações locais. Tinha esta impressão que as águas de Carlsbad ou Vichy, sem estes nomes, não curariam tanto. (ASSIS 1975b: 275)

Perfazendo o círculo que engloba realidade nacional e, ao mesmo tempo, possibilidade de expressão estrangeira, temos o tema fáustico a colorir a indecisão de Flora em *Esau e Jacó* e o renascimento para o amor de Fidélia em *Memorial de Aires*. Machado de Assis cunha uma personagem especialmente talhada para tal tipo de associação, incutindo-lhe cultura e, ao mesmo tempo, o relativismo que caracteriza os que conhecem muitas culturas e sabem dar o devido valor à pluralidade de pensamentos e crenças: daí a escolha de um diplomata.

Aires traz à baila não apenas o fato bruto, haurido no contato com a vida brasileira, mas a sua caracterização diminuída, graças ao descompasso entre a fonte européia, *Fausto*, e a vida sem grandiosidade de personagens como Fidélia ou Flora. No entanto, nosso Conselheiro sabe que, nem por serem menores, os dramas domésticos deixam de ter importância, sobretudo se examinados por vários ângulos, donde o relativismo de que falamos. Não é apenas a opinião de Pedro, monarquista convicto que conta, mas também a de seu irmão, Paulo, republicano de primeira hora. Do mesmo modo, se os velhos Aguiares representam o arcaico, Fidélia e Tristão encarnam o novo, que precisa se impor. Todos os pontos de vista merecem ser ouvidos e realçados.

Para não encerrar os acontecimentos brasileiros no quadro estrito do localismo e, ao mesmo tempo, configurar uma dimensão humana mais abrangente ao dado nacional, mister é trabalhá-los à luz da tensão que o recurso às fontes envolve. O tema da obra alemã engloba o ente que se desloca no espaço, o viajante culto e cosmopolita e, na mesma medida, contempla a busca do tempo circular, de que o amor temporão é a mais dramática realidade.

Desse modo, representação do país por um brasileiro, com olhar “estrangeiro” o qual sabe ir além do mero encanto de Fidélia para alçar seu interesse à evocação do Fausto, eis aí um aproveitamento particular da circulação literária que apresenta insuspeitados encontros e sentidos “nunca dantes navegados”.

Referências bibliográficas

- ALENCAR, José de. *Senhora/Tracema*. São Paulo, Editora Scipione, 1994.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1975 (Edições críticas de Machado de Assis, v.12), indicado no texto como 1975 a.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Esaú e Jacob*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1975. (Edições críticas de obras de Machado de Assis, v.15), indicado no texto como 1975b.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Memorial de Aires*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1975. (Edições críticas de Machado de Assis, v.10), indicado no texto como 1975c.
- PASSOS, Gilberto Pinheiro. *As sugestões do Conselheiro/ A França em Machado de Assis: Esaú e Jacó e Memorial de Aires*. São Paulo, Nankin Editorial, 2008.

Goethe e Brecht em diálogo

Eloá Heise¹

Abstract: The purpose of this paper is to compare two prologs, namely ‘Prolog im Himmel’ in *Faust I* and the prolog in *Der gute Mensch von Sezuan* by Brecht. The comparative analysis of the two texts provides evidence to state that Brecht produces a parody of Goethe’s prolog. This procedure is interpreted here as a feature of 20th century literature. Intertextuality and recreation are seen as a way to characterize a shapeless present and are approached by drawing an analogy and critically comparing and contrasting Brecht’s prolog to a literary masterpiece.

Keywords: Goethe; Brecht; parody; intertextuality

Resumo: O propósito desse trabalho é tecer um paralelo entre os prólogos do *Faust I*, o “prólogo no céu” de Goethe e o prólogo da peça de Brecht *Der gute Mensch von Sezuan*. A análise comparativa dos dois textos oferece subsídios para se afirmar que Brecht cria uma paródia do prólogo goethiano, procedimento que será interpretado como uma das características da literatura do século XX. Tal recurso de intertextualidade e de recriação será visto como uma forma de caracterizar o presente amorfo a partir do confronto e da analogia, com visão crítica, de uma obra consagrada da tradição.

Palavras-chave: Goethe; Brecht; paródia; intertextualidade

Pretende-se tecer aqui um paralelo entre os prólogos de duas obras da dramaturgia alemã, *Der gute Mensch von Sezuan*, de B. Brecht e o *Faust I* de Goethe. Os termos do próprio título da peça de Brecht “*der gute Mensch*” constituíram o mote inspirador para essa comparação, uma vez que remetem à fala do Senhor no “prólogo no céu” no *Fausto I*, quando o Senhor, ao discutir com Mefistófeles o destino do homem, afiança de forma categórica: “*Ein guter Mensch in seinem dunklen Drange/ Ist sich des rechten Weges wohl bewusst*”(328,329)(GOETHE 2004: 54)² A análise comparativa entre os dois prólogos, tem como propósito não apenas apontar as convergências e divergências entre os dois autores na abordagem de um tema equivalente, mas propõe-se também colocar em foco uma das características marcantes da literatura do século XX: a problematização do presente em analogia e transgressão ao passado. Assim, o olhar de Brecht volta-se para tradição como instrumento auxiliar para desenhar o perfil da nova realidade. A distância entre o ontem e o hoje, a tensão que separa a obra

¹ Professora Doutora no Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo: eloahaise@ajato.com.br

² Grifo meu. Os números entre parênteses após as citações de Goethe correspondem aos números dos versos da tragédia *Fausto*. A tradução correspondente é da autoria de Jenny Klabin Segall extraída do livro *Fausto. Uma tragédia, primeira parte*. Editora 34, São Paulo, 2004. “Que o homem de bem, na aspiração que, obscura o anima/da trilha certa se acha sempre a par.” p. 55.

evocada de sua recriação produz um terceiro elemento, que faz com que tanto o espelho quanto o modelo passem por um processo de estranhamento.

1. O homem em debate

A peça de Brecht *Der gute Mensch von Sezuan* foi escrita durante a emigração, entre os anos de 1938-1940. A primeira versão data de 39 e a segunda de 41. Sua primeira encenação deu-se na Suíça, em Zurique, em 1943, palco de resistência para apresentação de textos alemães durante os anos sombrios do nazismo. O texto é, ainda hoje, um dos mais encenados de Brecht que nele se mostra, nas palavras de Hans MEYER, “um poeta da humanidade” (Cf. BRÄUTIGAM 1970). Essa caracterização deve, no contexto argumentativo desse debate, ser entendida no sentido de colocar em questão as potencialidades e faculdades do ser humano, seu livre-arbítrio diante de pretensos poderes transcendentais, ou diante dos condicionamentos naturais e históricos.

O cerne dessa peça, como o título bem indica, é o ser humano, a quem deve ser permitido ser bom. Sob este ângulo temático, podemos afirmar que Brecht é, aqui, como Goethe no *Faust I*, um clássico. Clássicos não só como representantes modelares das letras germânicas, mas, levando-se em conta o enfoque de análise precípua que se pretende engendrar, clássicos por abordarem questões que dizem respeito ao homem como um todo, elevando o individual e local ao universal e atemporal. Nas obras em questão, os dois autores discutem o papel do ser humano, dividido entre o bem e o mal. No caso específico da obra de Brecht, ao espectador não é oferecida uma solução para o impasse; no fim da peça ele é confrontado com a pergunta que paira, sem resposta, no epílogo: “*Auf welche Weis dem guten Menschen man/Zu einem guten Ende helfen kann.*” (BRECHT 1961: 160)³. Paralelamente discute-se e procura-se pela bondade, o ideal que deveria ser a suprema felicidade sobre a terra. Essas idéias norteadoras já indicam o quanto o autor, neste texto, se mostra um humanista no sentido mais profundo. A discussão dialética que se propõe face à existência humana é a contraposição entre “querer ser bom” e “não poder ser bom”, pois o ser humano bom vive em um mundo ruim. Já na obra de Goethe, Fausto, o representante da humanidade, é colocado no jogo universal, entre o bem e o mal, entre o céu e o inferno, como objeto demonstrativo do poder e do sentido da criação. O Senhor vê na existência um plano,

³ “de que maneira se pode ajudar/ uma boa alma a chegar a um bom fim.” BRECHT, B. *Der gute Mensch von Sezuan*, Berlin, Suhrkamp Verlag, 1961, p. 160.

crescimento e amadurecimento: “*Weiss doch der Gärtner, wenn das Bäumchen grünt,/Dass Blüt’ und Frucht die künft’gen Jahre zieren*”(310/311) (GOETHE 2004: 52)⁴, Mefistófeles, em contraposição enxerga o homem como uma criatura muito mal construída, na busca pelas mais lindas estrelas e pelo gozo mais profundo. A resposta para essa oposição só será intuída pelo espectador/leitor com o possível desfecho da aposta entre essas duas forças, uma vez que no drama de Goethe se estabelece um embate típico do teatro barroco: a luta entre o céu e o inferno por uma alma humana.

2. Prólogos em contraponto

Afirmou-se, anteriormente, que as duas peças teatrais são precedidas de um prólogo. Resta aqui enfatizar que, no caso da peça de Goethe, o foco de análise se dirige, especificamente, a um dos prólogos, o “Prólogo no céu”, uma espécie de moldura de ordem metafísica que envolve e arremata a busca terrena de Fausto pelo absoluto e, em última análise, pelo sentido da vida. Já Brecht, em seu prólogo, movimenta-se no âmbito da imanência, afastando-se da busca por solução na esfera transcendente. Esta parte das obras que nos dois autores desenvolve-se em planos distintos, a esfera metafísica em Goethe e o mundo imanente em Brecht, desempenha, nos dois contextos, não apenas um papel introdutório, mas adquire a função de exposição, pois o principal debate já é apresentado, de forma condensada. Se em Goethe afirma-se o sentido da criação, louvada como bela e digna pelos anjos, em Brecht o mundo é feio e ruim; não há mais temor a Deus e aqueles deuses que descem à terra para ajudar são alienados e propõem uma salvação irrealizável.

Na essência, os temas colocados em debate são os mesmos, mas com sinais invertidos. Enquanto em Goethe o jogo entre bem e mal adquire o caráter de uma teodicéia, ou seja, procura-se justificar a bondade divina contra os argumentos sobre a existência do mal no mundo, os deuses de Brecht são fracos e impotentes, com características por demais humanas para conseguirem ajudar os homens.

Contudo, não se pode afirmar, de maneira unívoca e simples, que Goethe oferece uma visão positiva da criação enquanto Brecht oferece a seu público uma percepção objetiva; crítica e desoladora do mundo. A visão do homem e do universo, apresentada

⁴ “Quando verdeja o arbusto, o cultor não ignora/ Que no futuro fruto e flor produz” (GOETHE 2004: 53)

por Goethe, mesmo sendo positiva, não deixa de refletir matizes contrastantes. Essa oposição se dá na contraposição entre as concepções de Mefistófeles e do Senhor.

Enquanto os anjos entoam loas à harmonia entre as esferas, afirmando que as mais elevadas obras estão tão magníficas como no primeiro dia, Mefisto não tem altas considerações a fazer sobre o sol ou sobre o mundo; só vê como o homem se atormenta e a terra está tão ruim como sempre. Para o diabo, a razão, a chama divina concedida ao homem pelo céu, só o transforma em animal mais animalesco que outros animais; sua vida, sempre igual, não consegue alçar nenhum vôo além do chão e acaba sempre chafurdando na lama:

*Er scheint mir, mit Verlaub von von Euer Gnaden,
Wie eine der langbeinigen Zikaden,
Die immer fliegt und fliegend springt
Und gleich im Gras ihr altes Liedchen singt;
Und läg er nur noch immer in dem Grase!
In jeden Quark begräbt er seine Nase. (287-292).(GOETHE 2004: 50)⁵*

O Senhor, sem negar os erros humanos, admite que o homem erra em sua aspiração infinita, “*Es irrt der Mensch solange’ er strebt*”(327) (GOETHE 2004: 54)⁶ mas, a boa alma, em seu ímpeto obscuro, está instintivamente consciente do caminho certo.

Eis aqui uma diferença fulcral entre Goethe e Brecht. A boa alma em Goethe está predestinada ao caminho certo. Oscilando entre forças polares da ação e da inércia (SUDAU 1993: 60), o homem, por ser intrinsecamente bom, está destinado ao desenvolvimento, indo da confusão à clareza das idéias: “*Wenn er mir jetzt auch nur verworren dient/ So werd’ ich ihn bald in die Klarheit führen*” (GOETHE 2004:52)⁷. O senhor está seguro que seu botão se transformará em fruto. Já o ser humano bom em Brecht está cheio de dúvidas: “*Halt, Erleuchtete, ich bin gar nicht sicher, dass ich gut Bin. Ich möchte es wohl sein, nur, wie soll ich die Miete bezahlen?*” (BRECHT 1961: 17)⁸; No fim, é abandonado pelos deuses, que acreditam ter realizado sua missão. Em franca oposição a Goethe, a única boa alma encontrada pelos deuses na peça de Brecht, não está destinada à redenção, mas é desamparada, ficando à mercê do mal, fruto de

⁵ “Parece, se me permite Vossa Graça,/Um pernilongo gafanhão que esvoaça/Saltando e vai saltando à toa/E na erva a velha cantarola entoar;/E se jazesse ainda na erva o tempo inteiro!/Mas seu nariz enterra em qualquer atoleiro”.

⁶ “Erra o homem enquanto a algo aspira.” (GOETHE 2004:55)

⁷ “Se em confusão me serve ainda agora/Daqui e, breve o levarei à luz” (GOETHE 2004:53)

⁸ Esperai, iluminados, não estou segura de que sou boa. Eu gostaria de ser, só que, como vou pagar meu aluguel?”(BRECHT 1961:17)

uma ordem social injusta: “*Oh, entfernt euch nicht Erleuchtete! Ich habe noch nicht alles gesagt! Ich brauche euch drigend!*” (BRECHT 1961: 158)⁹.

Em termos gerais, o “prólogo no céu” de Goethe pode ser percebido como o inverso do prólogo brechtiano. Em Brecht a peça se inicia com a essa parte introdutória que, como já foi dito, assume a função de exposição e, no caso do criador do teatro épico, tem a tarefa precípua de romper a ilusão de uma representação dramática. Assim, o aguadeiro Wang apresenta-se diante do pano de boca, separando-se do papel de sua personagem na peça e assumindo, claramente, a função de narrador. Ao espectador é narrada a situação de pobreza que reina na província, bem como as queixas dos homens aos céus, pois o mundo se mostra muito ruim para se viver. Nesse quadro de miséria e lamentações parece que só os deuses poderiam ajudar. Consta que o céu, intranquilo com tantos queixumes, mandou alguns dos seus mais elevados deuses para salvar a terra. Procuram uma boa alma, uma missão fundamental para a preservação do mundo, pois: “*In dem Beschluss hiess es: die Welt kann bleiben, wie sie ist, wenn genügend gute Menschen gefunden werden, die ein menschenwürdiges Dasein leben können*” (BRECHT 1961: 10/11)¹⁰. Portanto, a condição *sine qua non* para que o mundo permaneça como está reside na possibilidade de serem encontrados seres humanos que possam viver uma existência humanamente digna. Essa cláusula estabelecida pelos deuses empresta uma força especial a essa condicionante, em outros termos, é preciso “ser bom” e “viver com dignidade”, posições de coexistência impraticável, ou melhor, parecem excluir-se mutuamente.

Já a primeira descrição dessas criaturas que, em princípio, deveriam ser divinas, é uma maneira de estranhá-las perante o espectador: “*Sie sind wohlgenährt, weisen kein Zeichen irgendeiner Beschäftigung auf (...) kommen also von weit her.*” (BRECHT 1961: 8).¹¹. Eis uma descrição que mais se aplica a burgueses bem nutridos, ociosos e distantes deste mundo de miséria. Em contraposição a esta visão dos deuses alienados em relação aos infortúnios da terra, o primeiro Deus, representante declarado da missão a ser cumprida, é o que, indiretamente, parece constatar a verdadeira situação do mundo, ecoando, assim, a hipotética solução insuflada por Brecht: “*Seit zweitausend*

⁹ “Oh, não vos afastei, iluminados Ainda não disse tudo! Preciso urgentemente de vós! (BRECHT 1961: 159)

¹⁰ “Na resolução consta: o mundo pode permanecer tal com é, se forem encontrados seres humanos suficientes que possam viver uma existência humanamente digna.” (BRECHT 1961: 10/11)

¹¹ “Eles estão bem alimentados, não mostram nenhum sinal de qualquer ocupação (...) e vêm de longe.” (BRECHT 1961:8).

*Jahren geht dieses Geschrei, es gehe nicht weiter mit der Welt, so wie sie ist .”(BRECHT 1961: 11)*¹²

À guisa de súmula pode-se representar de maneira esquemática os pontos levantados na comparação dos dois prólogos.

Prólogos em contraponto

Equivalências: Tema: relação do homem com Deus, bem, mal, mundo.

Função : introdução, exposição (debate principal condensado)

Contraposições:

Brecht	Goethe
mundo: feio, ruim domina a pobreza os bons vão mal vida difícil	mundo: sentido positivo da criação harmonia cósmica domínio do bem
homem: abandonado pelos deuses o bom à mercê do mundo mau trajetória terrena procura viver dignamente	homem: conduzido por Deus erra, mas é na essência bom rumo a esferas mais elevadas
mal: fruto de uma ordem social injusta	mal : (Mefisto) impulsiona o homem = instrumento do bem

Para o humanismo de Goethe o mal, representado por Mefisto, está subordinado a Deus, o que o transforma em um instrumento do bem. O bem e o mal, como força e contra-força, representam a polaridade cósmica que impele o homem a tentar ultrapassar os limites do mundo para galgar esferas mais elevadas. Seu trajeto é o da intensificação (*Steigerung*), mesmo que não alcance o conhecimento absoluto. Em Brecht o homem está preso aos limites terrenos. O mal não está sujeito a uma força organizadora maior, um “Senhor”, como no caso de Goethe, mas é uma ameaça que subjuga a boa alma, indefesa, sem a proteção divina. Em lugar da harmonia cósmica, Brecht mostra a injustiça social e o homem, sem aspirar pelo absoluto, quer apenas um lugar dignamente humano na sociedade.

¹² “Há dois mil anos há este clamor de que não dá para continuar com o mundo como ele é.” (BRECHT 1961: 11)

3. Jogo de espelhos invertidos

No *Faust*, há um diálogo entre Fausto e Mefistófeles em que o diabo aponta, com a sua percepção contundente e jocosa, a paródia como o princípio da modernidade. A rigor, pode-se concordar com o velho diabo e afirmar que existe uma consonância entre paródia e modernidade. A paródia moderna, contudo, diferencia-se da tradição literária e filosófica dominante à época de Goethe (Iluminismo, *Sturm und Drang* e Classicismo), quando a prática de recorrer a modelos anteriores, deixando claro a origem do empréstimo, era aceita e bem-vinda, pois pressupunha a exaltação e a homenagem a uma obra de significado maior. Esta prática foi abandonada a partir do Romantismo, quando a tônica deslocou-se da obra para o autor e este, como criador genial, tinha na originalidade o primeiro mandamento para a sua criação artística. Mas essa dita “originalidade” não desaparece quando o texto, na busca por um efeito de linguagem, adquire seu próprio contorno através de um jogo intertextual. Este é o caso da paródia moderna, um exercício de criação, quando um texto evoca outro texto, num jogo de espelhos invertidos (Cf. SANT’ANNA 1985). Esses textos parodísticos, tão recorrentes na arte contemporânea, representam uma maneira nova de ler o convencional, mais precisamente, uma retomada a partir de uma conscientização crítica. Essa nova maneira de ler um texto da tradição significa um “ato de insubordinação contra o simbólico” (SANT’ANNA 1985: 32) que traz consigo um gesto de individualidade. A criação se concretiza na medida em que não se quer apenas descrever, mas também indicar, rememorar, integrar e, paralelamente, colocar em xeque o obra referida; nesse nexos a poesia não apenas “copia” um conteúdo já existente, ela também reúne e, em um exercício dialético, dispersa.

Na modernidade, os meios tecnológicos destruíram as distâncias. As formas artísticas, impotentes diante da vastidão de mundo, procuram pontos de apoio que as auxiliem a dar contornos a esse universo sem perfil definido. A pluralidade e a simultaneidade, palavras mágicas do nosso tempo, relativizaram de tal maneira o presente, que este se tornou amorfo e imperscrutável como fonte de pesquisa. Trava-se, assim, um diálogo com o passado na procura de explicação para o presente, mas essa evocação, plena de conhecimento irônico daquilo que foi, acaba por projetar, numa busca utópica, os contornos do que poderia ser. Toma-se o passado como caminho indicador do futuro, uma vez que o presente é, por demais, fluido e enigmático.

Movimenta-se no espaço do passado, do mito, da retrospectão ou do futuro, da utopia, da prospecção.(Cf. JENS 1964)

4. O diálogo com os clássicos

Brecht, em seu engajamento marxista, busca uma criação literária funcional, com o objetivo de mobilizar seus leitores. Para tanto, trava um diálogo consciente com a tradição literária, sobretudo a alemã, no sentido de suscitar, na mesma esteira do sentido moral típico das obras clássicas (segundo Horácio, a obra clássica deveria ser *dulce et utile*),(ROSENFELD 1999: 375) tomadas de posição capazes de darem conta das demandas da realidade. O poeta alemão tem consciência de que os clássicos são uma possibilidade de concretização de parte de nossas utopias, não só por serem modelos exemplares, mas também por fazerem das utopias humanas, prenes de significado universal, o seu assunto, sempre pulsante. O autor percebe, assim, a força social e mobilizadora presente nos clássicos e, num diálogo crítico com estes modelos literários, angaria também para sua criação esse traço universal das utopias.

Ao estabelecer uma intertextualidade com textos clássicos, Brecht, tacitamente, reconhece-lhes a importância como referência da cultura escrita e, por consequência, como produto de matéria coletiva. Cabe, contudo, resgatar nesses modelos o que há neles de novo, surpreendente, produtivo. O debate atual enriquecido com a integração dos clássicos torna-os livres de idealizações e, a partir de uma leitura crítica, recoloca-os ao nível de obras vivas da cultura européia. Ao incorporá-los, de forma evidente ou tácita, Brecht lhes rende uma homenagem, os transgride e os revitaliza ao mesmo tempo em que angaria também para si, a comunicabilidade que tanto almeja e, em última análise, também o estatuto de clássico.

Mas a humanidade de Brecht não é aquela dos clássicos. Se a utopia de Goethe se expressa na crença humanística e fé profunda no equilíbrio universal, através da cosmovisão de uma polaridade harmoniosa e se Schiller vê na experiência estética o sinônimo de liberdade, o marxista Brecht tem consciência que o bem, que se procura, pertence a um mundo vindouro, portanto no reino da utopia. A harmonia clássica entre o mundo e o homem é algo estranho a Brecht que vê como sua tarefa provocar e deixar claro ao espectador as contradições da vida, sem acreditar numa polaridade harmoniosa, como Goethe. Para esses dilemas não se apontam soluções e cabe ao público prosseguir,

por si só, no seu processo de educação: “*Den Vorhang zu und alle Fragen offen (...) Soll es ein anderer Mensch sein? Oder eine andere Welt?/Vielleicht nur andere Götter? Oder keine?*” (BRECHT 1961: 160)¹³.

Referências bibliográficas

- BRÄUTIGAM, Kurt. *Bertolt Brecht. Der gute Mensch von Sezuan*. München, R. Oldenbourg Verlag, 1970.
- BRECHT, Bertolt. *Der gute Mensch von Sezuan*. Berlin, Suhrkamp Verlag, 1961.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. W. *Fausto. Uma Tragédia*. São Paulo, Editora 34, 2004.
- JENS, Walter. *Deutsche Literatur der Gegenwart*. München, Deutscher Taschenbuch Verlag (dtv), 1964.
- ROSENFELD, A./ GUINSBURG, J. Um conceito de classicismo. In GUINSBURG, J. (Org.) *O Classicismo*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1999, 373-375.
- SANT’ANNA, Affonso Romano. de. *Paródia, Paráfrase & Cia*. São Paulo, Editora Ática S.A., 1985.
- SUDAU, Ralf. *Faust I und Faust II*. München, Oldenbourg Verlag GmbH, 1993.

¹³ “A cortina fechada e as perguntas abertas (...) Devia ser outro o ser humano? Ou um outro mundo? / Talvez só outros deuses? Ou nenhum? (BRECHT 1961: 160)

O mal-estar da *Gerechtigkeit*

Luis S. Krausz ¹

Abstract: *Der Fall Maurizius* by Jakob Wassermann was first published in 1928. It is set partly in 1908 Germany and partly during the Weimar Republic. In this work, Wassermann criticizes German pragmatism by depicting the State bureaucracy as the absolute power over citizens, even after the Imperial Era. Disgusted with the mismanagement of the justice system and with the perverse character of those in charge, the author renders German pragmatism as non-adherence to the moral values supposedly justifying the State apparatus – in particular, as a breach of the *Gerechtigkeit* principle. The harmless innocence of the adolescent Etzel von Andergast, the only child of a well-known prosecutor, highlights this violation of justice. At the same time, Waremmé is a sinister character whose Jewish parents fled from Prussian-occupied Poland. He breaks with his ancestors' moral values and is eager to play a key role in the German Nationalistic movement. However, he feels frustrated with his project of cultural assimilation and is pushed towards the outskirts of a bewildered society. The crisis of values and transgression of justice become the emblems of Wassermann's generation.

Keywords: German literature; Jewish literature; Weimar Republic; crisis of values; assimilation.

Resumo: Em *Der Fall Maurizius*, romance de Jakob Wassermann de 1928, parcialmente ambientado em 1908, à época da República de Weimar, o autor critica o pragmatismo alemão, apoiado numa burocracia de estado que, mesmo depois do fim do Império, continua a exercer o poder de maneira absoluta. Wassermann revolta-se contra a má administração da justiça, e contra o caráter perverso daqueles que, tendo se apoderado do aparelho estatal, arrogam a si mesmos o papel de representantes dos melhores princípios do humanismo alemão. O pragmatismo, assim, apresenta-se como a falsificação daqueles valores que supostamente o legitimariam – notadamente, do princípio de Justiça, *Gerechtigkeit*. A inocência de um adolescente, Etzel von Andergast, filho de um grande promotor, é o que traz à luz este estado de adulteração. Ao mesmo tempo, a figura de Waremmé, descendente de judeus provenientes de regiões da Polônia ocupadas pela Prússia desde 1772, é uma figura sinistra, que rompeu com o legado ético de seus antepassados, pretendendo exercer um papel de destaque no movimento nacionalista alemão, para frustrar-se e ocupar posição marginal numa sociedade repleta de desencaminhados e perplexos. Desta forma o autor representa as aporias de uma geração que sente na pele esse exílio da justiça e a crise generalizada de valores.

Palavras-chave: Literatura alemã; literatura judaica; República de Weimar; crise de valores; assimilação.

¹ Doutor em Literatura e Cultura Judaica pela Universidade de São Paulo, pesquisador com apoio da FAPESP junto à área de Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas da FFLCH/USP.

E-mail: lkrausz@uol.com.br

1. A natureza do estranhamento

Jakob Wassermann (1873-1934) nasceu de uma família judia assimilada da pequena burguesia, na Francônia ². Desde cedo percebeu, em sua vida particular e no ambiente em que foi educado, a cisão crescente entre as raízes judaicas, das quais sua família se desvinculara a ponto de reduzir seu judaísmo a uma questão meramente confessional, e o ambiente secular em que vivia, marcado pelo preconceito anti-semita. Serviu ao exército imperial, onde foi cruelmente discriminado por causa de sua ascendência e de sua constituição frágil, e cedo tornou-se um cético com relação ao processo de aculturação e germanização dos judeus da Alemanha que, no seu entender, dava-se ao custo do sacrifício de toda a autenticidade de um grupo que imolava sua personalidade, sua tradição espiritual e sua essência no altar-mor da conquista de posições no interior da sociedade alemã. Assim, ao descrever seus contemporâneos, judeus alemães em processo de assimilação, ou judeus orientais em processo de germanização, ele escreveria, em 1924, no capítulo intitulado “*Der Jude als Orientale*” (“O Judeu como Oriental”) de sua autobiografia (WASSERMANN 1984: 24):

De um só golpe deseja-se tirar de si mesmo tudo o que se foi para sentir-se no presente. O resultado é embriaguez, desorientação, cisão (...). Por excesso de ambição, as pessoas se tornam viciadas. O prazer da vitória as leva a se esquecerem do fato de que, apesar dos direitos conquistados, apenas são toleradas. Tudo o que os judeus têm de excelente degradou-se em vícios e estes vícios, nos judeus, possuem algo de estranhamente penetrante: o judeu autêntico é orgulhoso e cheio de pudor; eles são servis e desavergonhados. Neles a inteligência se transforma em esperteza, o julgamento em falta de respeito. São fracos que se fazem passar por fortes. ³

² cf. WASSERMANN, Jakob *Mein Weg als Deutscher und Jude*, Munique, Deutscher Taschenbuch Verlag, 1994, p. 37: Na roupa, na fala e nas formas de vida a assimilação estava totalmente concluída. A escola que eu freqüentava era estatal e aberta. Vivíamos entre cristãos, relacionávamo-nos com cristãos, e para os judeus modernizados, dentre os quais meu pai se incluía, uma comunidade judaica existia apenas no sentido do culto e da tradição. Este recuava, ante o poderoso e sedutor ser moderno, cada vez mais para a esfera reservada das congregações, em grupos secretos, distantes, frenéticos; aquela tornava-se lenda, e por fim apenas palavra e forma vazia. (*In Kleidung, Sprache und Lebensform war die Anpassung durchaus vollzogen. Die Schule, die ich besuchte, war staatlich und öffentlich. Man wohnte unter Christen, verkehrte mit Christen, und für die fortgeschrittenen Juden, zu denen mein Vater sich zählte, gab es eine jüdische Gemeinde nur im Sinn des Kultus und der Tradition; jener wich vor dem verführerischen und mächtigen modernen Wesen mehr und mehr ins Konventikelhafte zurück, in heimliche, abgekehrte, frenetische Gruppen; diese wurde Sage, schliesslich nur Wort und leere Hülse.*)

³ „Man will in einem Atemzug alles Gewesene abschütteln und sich mit Gegenwart fühlen. Die Folge ist Rausch, Zerrissenheit, Zerrissenheit (...). Man wird durch Übereifer lästigt. Die Siegerfreude lässt vergessen, dass man trotz der errungenen Rechte nur geduldet wird. (...) Alle Vorzüge des Juden sind zu

Mais adiante lemos, no mesmo livro (WASSERMANN 1984: 30):

Nele tudo se torna gesto, calor excessivo, tudo se torna mania. É como se ele tivesse sido privado da noção de seu próprio ser e em decorrência disto ele precisa arrancar cada sucesso, cada efeito, cada desafio de sua personalidade isolada, e assim não possui nada além desta própria personalidade, da qual ele é vítima e escravo (...).

Nós os conhecemos, meu caro amigo, nós os conhecemos e sofremos por causa deles, estes milhares de assim chamados judeus modernos, que minam todos os fundamentos porque eles mesmos não têm fundamentos; que hoje jogam fora o que conquistaram ontem, que hoje emporcalham o que ontem amavam... Eles só se entregam às coisas nas quais podem se perder, e só admiram onde se sentem desprezados. No fundo de seus corações eles crêem apenas no estranho, no outro, no ser diferente.⁴

Para Wassermann, o judeu “modernizado” é o homem que paira suspenso entre dois mundos, alguém que não sabe ao certo quem é, que não se parece com ninguém e que com ninguém parece capaz de relacionar-se com naturalidade. Privado de sua natureza, que o autor implicitamente atribui a um universo *ostjüdisch*, ou judaico-oriental – que, no entanto, à maneira de Kafka e Döblin, Wassermann não chegou a conhecer realmente – esse judeu modernizado vive cercado por uma aura de exotismo e diferença, mas já não é mais capaz de encontrar sua identidade, e assim parece estar sob o poder de uma espécie de maldição, que o acompanha em toda a parte.

A angústia desse judeu modernizado concebido por Wassermann está presente, de maneira exacerbada também em sua ficção e o personagem que representa de forma mais eloqüente essa condição em sua obra é o misterioso Gregor Waremmme, aliás, Georg Warschauer, personagem principal do romance *Der Fall Maurizius*,⁵ publicado pela primeira vez em 1928. A preocupação com a alienação, com a angústia da não-pertinência, é já o assunto central de seu *Kaspar Hauser*, romance de 1907, centrado em torno de um personagem real, que perdeu todo o contato com suas origens, desesperado

Lastern geworden und diese Laster haben bei ihm etwas seltsam Penetrantes: der echte Jude ist stolz und schamhaft, sie sind knechtisch und schamlos. In ihnen wird Scharfsinn zur Klügelei, Urteil zu Respektlosigkeit. Es sind Schwächlinge die sich stark stellen.”

⁴ „Alles wird Gebärde an ihm, alles Überhitzung, alles Manie. Ihm ist sozusagen die Idee seines Daseins geraubt, infolgedessen muss er jeden Erfolg, jede Wirkung, jede Förderung seiner eigenen isolierten Persönlichkeit abzwängen, und so besitzt er auch nichts weiter als eben diese Persönlichkeit, deren Sklave und Opfer er ist (...).”

Wir kennen sie ja, lieber Freund, wir kennen sie und wir leiden an ihnen, diesen tausenden sogenannten modernen Juden, die alle Fundamente benagen, weil sie selbst ohne Fundament sind; die heute verwerfen, was sie gestern erobert, heute besudeln, was sie gestern geliebt.... Sie geben sich nur hin, wo sie sich verlieren können, und bewundern nur dort, wo sie sich verstossen fühlen. Im Grunde ihres Herzens glauben sie bloss an das Fremde, das Andere, das Anderssein.”

⁵ Traduzido para o português sob o título de *O Processo Maurizius*, São Paulo, Abril Cultural, 1975

em sua solidão, sequioso de um encontro com sua história verdadeira tanto quanto de laços autênticos com o mundo que o cerca – e incapaz de encontrar satisfação para qualquer destes seus anseios. Waremme, tanto quanto Kaspar Hauser, é um personagem atormentado pela sensação de estranhamento e por uma busca pela própria identidade que chega às raias do desespero, e que talvez possa ser vista como uma ressonância da tenacidade das próprias angústias de Wassermann, expressas em *Mein Weg als Deutscher und Jude*. Ao mesmo tempo, Waremme é um emblema do desenraizamento na modernidade de uma forma mais ampla, de maneira que sua condição de judeu alienado de suas origens e de sua tradição também pode ser vista como aplicável à sociedade alemã do pós-guerra de um modo geral. Seja como for, a busca desesperada por um vínculo com uma *Heimat*, com um lar físico e espiritual, é o traço de caráter que marca de maneira decisiva Gregor Waremme, esse personagem aberrante de *Der Fall Maurizius*.

2. *Gerechtigkeit*: um incômodo refúgio

Além de tratar da questão da alienação, por meio desse personagem, *Der Fall Maurizius* é, tanto quanto o *Kaspar Hauser*, um romance a respeito da *Gerechtigkeit*, esse conceito de justiça e de retidão moral que é, para o idealismo alemão, o mesmo que a noção de *Diké* significa no universo na filosofia platônica. A *Gerechtigkeit* e sua perversão por uma sociedade e por um estado construídos sobre as bases da violência e da injustiça são as forças opostas cuja interação define os desdobramentos dessa narrativa. O romance, que tem dois tempos ficcionais distintos – 1908 e 1926 – trata da condenação indevida de Leonhart Maurizius por um assassinato que, na realidade, não cometeu, depois de um processo muito comentado em seu tempo, em que um promotor ambicioso, Wolf von Andergast, acaba por conseguir levá-lo ao cárcere. O responsável pela aplicação da justiça, assim, transforma-se em algoz, movido por sua ambição desmedida. Dezoito anos mais tarde, o filho de Andergast, Etzel, de 16 anos, descobre o papel exercido pelo pai, que arroga a si mesmo o papel de baluarte da justiça e da autoridade. Convencido de que houve uma perversão da justiça, parte para uma investigação particular do caso, buscando o pai de Maurizius, que há 18 anos luta com todas as suas forças para conseguir a libertação do filho, bem como Gregor Waremme, que conhece a verdade sobre o caso – um filho de judeus das províncias polonesas

anexadas à Prússia em 1772, cuja promissora carreira política e intelectual na Alemanha foi abortada pela discriminação e pelo anti-semitismo.

Der Fall Maurizius, assim como *Der Prozeß* de Franz Kafka, publicado três anos antes, em 1925, é um romance que se volta contra a complexidade e a ineficiência das grandes burocracias judiciais, desvinculadas daquele princípio universal de justiça que está na base do idealismo alemão, isto é, um romance sobre a perversão da *Gerechtigkeit*. Ao mesmo tempo, na figura de Waremme, este descendente de *Ostjuden*, condensa-se toda a problemática da crise de identidade judaica na Alemanha. Waremme é um homem que vive entre duas culturas e entre dois mundos – a modernidade germânica e a tradição judaica – mas cuja monstruosidade é decorrência de seu abandono dos princípios éticos, substituídos por uma retórica que se baseia na sensualidade, à maneira do retórico grego Górgias – protagonista do diálogo platônico de mesmo nome, do qual Waremme não por acaso teria sido tradutor para o alemão. A perversão da ética e da justiça, portanto, perpassa a narrativa como um todo, e define os dois pólos que a delimitam: o autoritário e poderoso promotor Andergast, de um lado, e o ardiloso e desarraigado Waremme de outro. Se um encarna a rigidez autoritária dos burocratas de estado alemães, seu formalismo, e sua fixação pelas formas estabelecidas da lei, independentemente de qualquer outro tipo de consideração humana, o outro torna-se um emblema da desarticulação de todos os princípios e fundamentos da moralidade num indivíduo que tem na condição de estranho no mundo a definição de sua identidade.

Ao mesmo tempo, o estranhamento e a alienação de Etzel, o filho adolescente de Andergast, ante o rigor implacável de seu pai, e a descoberta, por ele, da injustiça que levou à condenação de Leonhart Maurizius, constitui o conflito central em torno do qual Wassermann constrói essa narrativa complexa, que se aprofunda nos paradoxos e nas aporias do homem moderno, e nas perplexidades da Alemanha do entre-guerras, desestabilizada pela perda de paradigmas tanto quanto pela humilhação sofrida ante seus inimigos na guerra de 1914-1918.

Andergast é essa figura sinistra e ao mesmo tempo aparentemente tão digna e tão segura de si, que representa, no romance, aquele mesmo traço de caráter presente em personagens como o Professor Quandt, do *Kaspar Hauser*: convicto de suas obrigações e de seus deveres para com a ordem constituída, ele encarna aquelas virtudes da obediência total, que são o fundamento de uma eficiência burocrática tão admirável quanto privada de humanidade, e cuja formação está inextricavelmente ligada ao

despotismo esclarecido do século 19. Andergast é, sem saber, vítima da mesma *Trägheit des Herzens* (indolência do coração) que afeta aqueles que precipitam Kaspar Hauser em sua tragédia, e alguém que foi educado para transformar em orgulho sua capacidade de empatia, em arrogância seus sentimentos, em indiferença qualquer sentido de solidariedade, até mesmo com o próprio filho – cuja mãe foi expulsa de casa e proibida de qualquer tipo de contato com ele por ter tido um caso de amor extra-conjugal.

O implacável Andergast regulamenta de forma maquinal todos os horários e todas as atividades de seu filho, como de resto os funcionários oficiais e domésticos sob seu comando, e assim reflete o aspecto militarista de uma mentalidade em que a submissão à ordem se torna o valor supremo, ao mesmo tempo em que qualquer tipo de questionamento ao caráter absoluto dessa ordem é imediatamente visto como sumariamente condenável: o antigo absolutismo esclarecido do Imperador, que se estendia, por meio da lealdade inquestionável dos seus burocratas, a todas as esferas da vida de seus súditos, quer permanecer incólume depois do fim do Império e os burocratas de Estado do molde de Andergast, como heranças de uma outra era, fazem as vezes de longos tentáculos que pretendem penetrar nos espaços mais recônditos das vidas de cidadãos, como uma presença incômoda, permanente e inexorável, capaz de levá-los às raias da paranóia.

Um funcionalismo que arroga a si mesmo o papel de destino e de nêmesis de populações inteiras é o aspecto patológico que Wassermann identifica num Estado que não está construído sobre princípios humanos autênticos e verdadeiros, mas sobre o exercício quotidiano da violência legitimada pela forma da lei. O caráter técnico e maquinal desse aparelho de Estado é também o caráter de Andergast, este funcionário modelar do aparelho judicial: sua maneira de lidar com as pessoas é comparada pelo narrador a um engenhoso e eficiente aparelho elétrico, a um dispositivo industrial cujo objetivo é a eficiência na concretização de resultados, no alcance de metas pré-estabelecidas, perseguidas de maneira obsessiva e implacável: “Era como numa instalação elétrica modelar, um funcionamento confiável de contatos, ligações secretas e interruptores poupadores de tempo.” (WASSERMANN 1928: 15) ⁶

A “objetividade” dessa mentalidade tipicamente oitocentista, obcecada por uma eficiência de caráter industrial, torna-se uma espécie de distorção de caráter epidêmico

⁶ *Es war, wie bei einer musterhaften elektrischen Anlage, ein verlässliches Funktionieren von Kontakten, geheimen Leitungen und Zeitsparenden Schaltapparaten.*

que, segundo o olhar de Wassermann, atinge todas as esferas da sociedade – da família às grandes instituições responsáveis pela produção, justiça, saúde e assim por diante: “Ações autônomas deveriam ser impedidas tanto quanto possível, mas de que maneira? Era preciso domar o espírito, esse perigoso material explosivo do mundo.” (WASSERMANN 1928: 36) ⁷

A substituição da autonomia pela heteronomia, da auto-determinação pela submissão à ordem é, assim, o objetivo da educação e da formação exemplares que Andergast impõe a seu filho – como também a que o Professor Quandt impusera a Kaspar Hauser no romance de mesmo título, publicado pela primeira vez em 1908. Disciplinar, submeter à ordem pré-estabelecida, adaptar ao quadro institucional existente, passa a ser a meta de uma educação que Wassermann representa como opressiva, tolhedora da individualidade, massacrante e, no limite, assassina. Nesse sentido, Andergast torna-se um paradigma de seu tempo, alguém que “é extraordinariamente alemão, isto é, no mais moderno sentido do termo.” (WASSERMANN 1928: 37) ⁸

Para Herr von Andergast o serviço era um chamado e a profissão uma missão. Ele era o encarregado de um senhor absoluto, cujos interesses ele representava, em cujo nome ele trabalhava e cujo absolutismo asiático de poder não poderia ser colocado em xeque por meio de acomodações no rigor das formas de governo. (...) Todos os tipos de laços humanos eram secundários ante as obrigações funcionais. O princípio que o sustenta é o da imutabilidade, seu tempo é todo o tempo, a crença religiosa na hierarquia à qual ele pertence faz dele um monge, um asceta e, sob determinadas circunstâncias, um fanático. (WASSERMANN 1928: 39) ⁹

Esse absolutismo burocrático tão inflexível quanto incompreensível, e tão rigoroso quanto isento de qualquer “contaminação” humana, é a contrapartida da inocência e da ingenuidade – que em Kaspar Hauser aparece na figura do adolescente misterioso que surge, certa madrugada, em Nürnberg – e que reaparece, com uma força redentora, também em *Der Fall Maurizius* na pessoa de Etzel – ele também um

⁷ *Selbstständige Handlungen mußten so lange wie möglich unterbunden werden, aber wie und mit welchen Mitteln? Es war ja der Geist, der zu zähmen war, der gefährliche Explosivstoff der Welt.*

⁸ *Hierin war er außerordentlich deutsch, will heißen, nach dem modernsten Begriff davon.*

⁹ *Herrn von Andergast war der Dienst Berufung, der Beruf Sendung. Er war der Beauftragte eines absoluten Herrn, dessen Interessen er vertrat, in dessen Namen er wirkte und dessen asiatische Machtvollkommenheiten durch Lockerung der Regierungsformen nicht beeinträchtigt werden konnten. (...) Jede menschliche Bindung war der amtlichen gegenüber von untergeordneter Bedeutung. Unwandelbarkeit ist das Prinzip, das ihn trägt, seine Zeit ist alle Zeit, der religiöse Glaube an die Hierarchie, der er angehört, macht ihn zum Mönch, zum Asketen, unter Umständen zum Fanatiker.*

adolescente criado sem a doçura, a compaixão e a proteção maternas. O absolutismo burocrático se afigura, assim, como a face mais sombria de uma tirania racionalista e patriarcal, de resto semelhante à que atormenta tantos dos personagens de Franz Kafka – de Josef K., de *Der Prozeß*, a Gregor Samsa, de *Die Verwandlung*.

Princípio autônomo e desvinculado de quaisquer outras leis – sejam essas as da natureza, sejam as da religião – esse absolutismo torna-se, em si mesmo, criador, administrador e, sobretudo, implementador das leis, e as leis, em *Der Fall Maurizius*, são o único parâmetro, ainda que seu vínculo com um ideal de *Gerechtigkeit* tenha se rompido de maneira irreversível. A rigidez de Andergast lembra a de uma figura de pedra num templo grego e seu próprio filho o vê como tal ¹⁰. Materialização de uma justiça privada de vitalidade e de substância, ele é como um monumento sem vida instalado nos palácios suntuosos erigidos pelo Estado, que funcionam como ícones e representações de um poder absoluto: “Em sua infância, ele (Etzel) imaginava que seu pai ficava sentado no centro do universo, gravando com um formão todos os pecados e todas as transgressões dos moradores da cidade numa placa de mármore.” (WASSERMANN 1928: 42) ¹¹

3. Do autoritarismo à desorientação

Wassermann propõe, em *Der Fall Maurizius*, um olhar profundamente cético sobre a sociedade alemã de seu tempo. Ainda que o romance tenha dois tempos ficcionais distintos, um no período anterior à Primeira Guerra Mundial e o outro no entre-guerras, as existências de seus personagens são, sem exceção, delimitadas pelo mesmo caráter inflexível e imutável dos parâmetros característicos do racionalismo burguês oitocentista: patrimônio e renda, posição social e reputação, bom gosto e relacionamentos. Essas relações de força e de submissão são os vetores que determinam as trajetórias e os destinos dos personagens, enquanto valores superiores como a *Gerechtigkeit*, a dignidade, a virtude, a solidariedade humana, característicos das sociedades tradicionais – e ao menos idealmente fundamentos da sociedade *ostjüdisch* – só estão presentes, em seu universo, de forma residual, em estado de degradação, isto é, na forma de aparências e de simulacros que, evidentemente, deixaram de ser objetivos e

¹⁰ cf. WASSERMANN, 1928: 35

¹¹ *Als Kind hatte er sich eingebildet, daß der Vater im Mittelpunkt des Weltalls saß und sämtliche Sünden und Vergehungen aller Leute in der Stadt mit einem Marmorgriffel auf eine Marmortafel verzeichnete.*

ideais a serem perseguidos em si mesmos para se tornarem imagens falsificadas, signos que parecem legitimados pelo selo da autenticidade, mas que se destinam, não obstante, apenas à aplicação prática no jogo de forças diário de um mercado e de uma política que parecem abarcar tudo.

O estado de corrupção em que se encontra mergulhada a sociedade alemã que Wassermann descreve nesses dois momentos é posto em evidência pelo despertar da consciência de Etzel, que passa a olhar com desconfiança para o temido e orgulhoso promotor, cujos atos de violência estão sempre ocultos sob o manto escuro da legitimidade e da correção, e cujo poder leonino parece abarcar todas as esferas de uma sociedade em que o medo é o cimento que mantém seus membros em seus devidos lugares.

O pragmatismo alemão, assim, apresenta-se como a falsificação daqueles valores que supostamente o legitimariam, e a inocência de um adolescente em que apenas começa a despertar a consciência é o que traz à luz este estado de adulteração. Nesse sentido, também, *Der Fall Maurizius* repete o enredo de *Kaspar Hauser*: em ambos os livros, jovens alheios aos mecanismos da ordem social expõem, por meio de seus atos inocentes, a perversidade da ordem vigente e se tornam, por isso mesmo, elementos perigosos, que a põem em xeque e a ameaçam.

Não são casuais, assim, as referências a Kaspar Hauser que o Professor Förster-Löring, pai de amigos de Etzel, faz, ao expor ao jovem a participação de seu pai em sua veemente e injusta acusação, que levou à condenação de Leonhart Maurizius – uma acusação que ele considera memorável e exemplar, enquanto minimiza as vozes dos críticos de Andergast, igualando-o aos tolos que “ainda hoje consideram que o pobre Kaspar Hauser foi um mártir”. (WASSERMANN, 1928: 101). É esta comparação o que mais provoca a desconfiança de Etzel – ele mesmo é alguém que estudou a fundo a história do jovem encontrado em Nürnberg.¹²

A ordem encarnada pelo pai, assim, afigura-se a Etzel como assentada sobre bases falsas, da mesma forma como são falsas as bases da sociedade que condenou o próprio Kaspar Hauser. E o reconhecimento dessa situação impõe a ele a missão de seu desmascaramento. Uma ética da natureza, portanto, uma *Gerechtigkeit* ancorada em princípios cósmicos como a *Diké* dos gregos arcaicos, representada por Hauser tanto quanto pelo próprio Etzel, é o que se contrapõe à coerção e às imposições da sociedade,

¹² cf. WASSERMANN, 1928: 102: *er hatte sich mit der Geschichte des Findlings beschäftigt und viel darüber gelesen.*

travestidas de justiça, porém, na visão de Wassermann, privadas de qualquer legitimidade.

Os personagens centrais de *Der Fall Maurizius* – Andergast, Maurizius e sobretudo o judeu Waremme – são, ao mesmo tempo, órfãos e desertores de um conjunto de valores e de ideais arruinados pelo tempo e pelos acontecimentos e pela história. Maurizius, Andergast e Waremme emergem das páginas do romance como homens desorientados e confusos, como perplexos e perdidos, como privados de referenciais seguros, como reflexos e aspectos divergentes do esvaziamento de um mesmo ideal e do esfacelamento de uma mesma constelação – aquela de um *Deutschtum* fundamentado nas noções de *Bildung* e de *Gerechtigkeit*, cujo caráter supostamente auspicioso foi, para os judeus de língua alemã, a grande promessa não concretizada do século 19.

4. A história de uma desilusão

A idéia de *Gerechtigkeit*, isto é, de justiça e de retidão moral, que ocupa o lugar central na constelação retratada nesse romance, é também a idéia cujo desmentido, cujo desrespeito, cujo esquecimento, são apontados por Wassermann como os desencadeantes da situação crítica retratada nos desdobramentos da narrativa. Trata-se de um conceito central que ocupa um lugar fundamental, também, em toda a tradição espiritual judaica, desde a bíblia até a literatura talmúdica, e é o conceito-chave da erudição judaica, pressuposto para qualquer tipo de aprofundamento em seus meandros. Mas é também o conceito central, de cuja observância, por parte dos povos entre os quais viveram, dependiam a vida e a morte dos judeus da Europa. O sonho de integração judaica ao universo cosmopolita europeu da *Bildung* tinha como princípio fundamental a subjacente, e como pressuposto básico e inalienável, a crença no triunfo da *Gerechtigkeit* por meio do avanço do *Fortschritt* e da *Bildung* – e do desaparecimento, daí decorrente, dos preconceitos e das superstições que mantiveram os judeus numa situação de marginalidade por séculos a fio.

Por meio do romance, Wassermann dá a entender que a disposição dos antepassados de Waremme, judeus provenientes da Polônia prussiana, em deixar para trás o seu próprio legado, de pronto identificado com a superstição, para ingressar naquele universo que, em seu imaginário, estava construído sobre a noção de triunfo

universal da *Gerechtigkeit* verdadeira, não teve por contrapartida o triunfo generalizado desse princípio constitutivo sobre a totalidade da sociedade alemã. O resultado de sua disposição, isto é, de seu esforço em se integrarem à sociedade alemã, foi que Waremme, como os milhares de descendentes de judeus em busca de assimilação à cultura alemã, por gerações a fio desde os tempos de Heinrich Heine, cresceu em meio a um vácuo de valores, numa família que, do ponto de vista social e espiritual, pairava no ar entre dois mundos, já não mais pertencendo ao mundo da tradição judaica e ao universo consagrado pelos ancestrais, nem tampouco fazendo parte de um universo cosmopolita centrado na noção de *Bildung*, cujas promessas nunca chegaram a se concretizar verdadeiramente. Na verdade, a trajetória de Waremme reproduz, nesse sentido, a dos próprios pais de Wassermann, conforme retratada em seus escritos autobiográficos.

Assim, se a falência da *Gerechtigkeit* é a causa visível da “malaise” generalizada que perpassa esse romance, é também esse mesmo fenômeno que, aplicado ao caso específico dos judeus no universo da cultura germânica, melhor representa a frustração de seu projeto de transformação e de assimilação cultural. É também a idéia de *Gerechtigkeit* que leva Etzel a revoltar-se contra o mundo de seu pai, conduzindo-o à aventura que o leva aos labirintos de um caso judicial cuja elucidação expõe não só a crise da justiça alemã – e das próprias noções centrais do Estado – mas também uma crise generalizada de valores que se torna, ela mesma, o assunto central do romance, em todos os seus desdobramentos, tanto de caráter universal quanto especificamente judaico.

Evidentemente este tema não é uma exclusividade de Wassermann, nem mesmo dos prosadores alemães de origem judaica de seu tempo. A questão do estranhamento e a crítica ao autoritarismo herdado do absolutismo esclarecido, mas que continuaria vigente no período entre-guerras, é um tema corrente na literatura alemã das décadas de 20 e 30, ao mesmo tempo em que a própria problemática do estranhamento e da alienação são centrais a toda a literatura do século 20 – dentro e fora das fronteiras alemãs. Assim, o caso particular narrado em *Der Fall Maurizius*, no qual está inscrita, também, toda a problemática da situação dos judeus na Alemanha, universaliza-se e torna-se, como a obra de Kafka, emblema de um *Zeitgeist*.

A frustrada assimilação de Gregor Waremme à sociedade alemã, assim, pode também ser vista como um retrato da própria incapacidade do homem moderno de chegar a termos com as instituições e os poderes que governam a sua existência. No

entanto, neste artigo, não gostaria de perder de vista a particularidade e a especificidade dos personagens concebidos por Wassermann, e que, de alguma forma, encontram correspondência em sua própria experiência como *Deutscher und Jude*.

A adulteração da *Gerechtigkeit*, o desmascaramento dos responsáveis pela sua má administração, a incapacidade das instituições criadas para executá-la – o retrato que Wassermann propõe da vida na Alemanha de seu tempo já não tem mais como contrapartida ou termo de comparação a vida no antigo gueto ou na aldeia judaica, referências ausentes de seu repertório e de seu horizonte histórico, obliteradas seja pelo desejo de livrar-se de superstições, formulado e levado a cabo ao longo do século 19 pelas gerações que se propuseram a integrar-se na “civilização moderna”, seja pelas idealizações da liberdade proporcionada pela modernidade oitocentista. E a desolação de Waremme está vinculada, também, à perda irreversível dessa perspectiva: no relato que ele faz a Etzel a respeito de sua aventura americana, ele fala, também, de seu encontro com judeus russos e com mestres hassídicos, com a constatação resignada de que perdeu, para sempre, o momento oportuno para absorver os seus ensinamentos, já que, quando os conheceu, sua experiência na Alemanha e posteriormente nos Estados Unidos, um país onde “tudo cheira a sangue” (WASSERMANN 1928: 361) já o tornara irremediavelmente cético.

Bildungsroman às avessas de um mundo cujo principal substrato ético – isto é, a noção de *Gerechtigkeit* – parece ter se desvanecido de forma irreversível, na esfera judaica tanto quanto na sociedade alemã – *Der Fall Maurizius* torna-se, assim como o *Kaspar Hauser*, um *Entfremdungsroman*, isto é, um “romance do estranhamento”, termo que parece adequado para classificar uma parcela significativa da literatura alemã do período entre-guerras. A confrontação com o caráter ilusório dessa *Gerechtigkeit* acaba por atingir o aparentemente inabalável promotor Andergast. Numa visita ao presídio de Kressa, onde está encarcerado Leonhart Maurizius, ele acaba sendo levado ao questionamento e à perplexidade, mas este despertar de sua consciência apenas é desencadeado depois que seu filho Etzel parte do abrigo e da proteção da casa paterna, incitado pela hipótese da condenação injusta de Maurizius, para descobrir que o mundo inteiro está mergulhado na injustiça e na violência.

Por outro lado, se não existe, para Waremme, a referência positiva da tradição como um universo organizado em torno de um padrão válido de *Gerechtigkeit*, nem tampouco um modelo confiável desse mesmo conceito nas sociedades modernas em que viveu, seja na Europa, seja nos Estados Unidos, sua atitude existencial resignada, cética

e algo marcada pela nostalgia por uma tradição espiritual que não chegou a conhecer, o leva a perder inteiramente a fé e a esperança nas promessas – sejam essas da civilização cristã e germânica, das quais ele fora um apóstolo em sua juventude, sejam as da modernidade industrial de molde americano, sejam, ainda, as promessas de um judaísmo que não chegou a ser conhecido.

5. Em busca das origens

As pilhas de livros a respeito da tradição judaica que Etzel encontra em na morada suja e precária de Waremme traduzem sua busca tardia por origens ignoradas – uma busca que parece fadada, de antemão, ao malogro, porque o malogro tem sido o resultado de tudo o que ele se propõe a fazer, não obstante as suas gigantescas capacidades intelectuais, não obstante a sua força mental, que lhe dá a aparência e a aura de um gigante entre os homens.

Os malogros sucessivos de Waremme, que o levaram do epicentro de um movimento pela renovação do *Deutschtum* em direção a uma existência às margens da sociedade, como professor particular e redator ocasional, vivendo num cortiço em Wedding, um bairro do proletariado berlinense, são também a expressão sombria da falência dos ideais de integração judaica à sociedade germânica – senão ao próprio universo da *Bildung*. Mas esse personagem de inteligência tão brilhante, e ao mesmo tempo tão frustrado em suas ambições, é também o retrato sombrio, traçado às vésperas do nazismo, dos resultados de mais de um século de busca por integração social, e a enésima encarnação de um pesadelo recorrente ao longo de todo o século 19. Uma mesma história repetida *ad nauseam*, sempre com o mesmo desfecho sombrio, torna-se uma ladainha trágica e desesperada, um drama sempre idêntico a si mesmo, a consumir gerações de atores condenados a representar um papel fadado, de antemão, à frustração, seduzidos por simulacros cuja falsidade parecem fazer questão de comprovar com a própria experiência.

De super-homem a pária, o caráter demoníaco de Waremme e sua malograda trajetória têm, igualmente, como pressuposto a inexistência da *Gerechtigkeit* numa sociedade cujos valores se decompõem, precipitando os seus membros na vertigem da ausência de referências, que é o pano de fundo de um enredo sórdido, marcado por traições, mentiras, descaso de todos os laços familiares e quaisquer outras lealdades a

instâncias superiores ou transcendentais à esfera dos desejos estritamente individuais. Retrato da dissolução dos fundamentos éticos e metafísicos da sociedade alemã tanto quanto daqueles judeus já desvinculados de suas tradições, e também do triunfo do demoníaco sobre o humano, isto é, da destruição, nos indivíduos, daqueles parâmetros e princípios que são o fundamento de uma existência que supere a condição de bestialidade, *Der Fall Maurizius* retoma um tema ubíquo nas artes e na literatura alemã das décadas de 20 e 30 – do cinema de Fritz Lang à pintura de Georg Grosz; de *Berlin Alexanderplatz* ao teatro de Brecht; de Kurt Weil a *Die Schlafwandler*, de Hermann Broch¹³.

Evidentemente, a crise de valores que contamina nesse romance de Wassermann a sociedade alemã de uma extremidade a outra, encontra barreiras de resistência que só aos poucos vão sendo derrubadas. O moralismo rígido e desumanizado de Wolf von Andergast, representante de um conservadorismo ancorado numa tradição ossificada e fossilizada, e cuja substância foi desgastada pela alienação gradativa da realidade e pela fixação a padrões repetitivos e inflexíveis, que não levam em conta qualquer realidade exterior, isto é, esse conjunto de valores encerrado sobre si mesmo, que corresponde, cada vez menos, a uma realidade social, e a uma *praxis* e a um consenso políticos, é a principal linha de resistência ao desmantelamento ético e espiritual de que trata o romance. Mas a solidez de caráter de Andergast tarda demais a despertar da letargia formalista e burocrática em que se encontra submersa, e demora tanto para divisar o que se passa para além das muralhas intransponíveis que rodeiam os jardins secretos em que se desdobra que, quando isso ocorre, já é tarde demais: sua família, assim como a sociedade em que vive, dissolveram-se, de forma irreversível, num vazio de valores e num formalismo sem substância.

A dissolução de caráter, nos personagens, é também o prelúdio à corrosão generalizada de um tecido social privado de seu substrato ético, do desaparecimento do sentido de dignidade e de orgulho de uma tradição. O caráter farsesco de uma vida social cujas relações estão viciadas pela ausência de fundamento e, de outro lado, de relações familiares que não são capazes de implementar, na realidade, um conjunto de valores aprisionados por uma rigidez castradora é o que promove a sucessão inauspiciosa de acontecimentos retratada aqui: mais do que um crítico de seu tempo,

¹³ Traduzido para o português sob o título de *Os Sonâmbulos*, Lisboa, Editora 70, 1988

Wassermann é também uma espécie de profeta que pressente a inevitabilidade da catástrofe política que se aproxima da Alemanha.

6. O paradigma ausente

Se o entorpecimento ético parece ser a doença do enrijecido Andergast, e se a crise da *Gerechtigkeit* é a principal linha de força desse romance, nela encontra-se inscrito um outro núcleo de sentido, que é o da busca dos judeus por um lugar na modernidade – e o custo de semelhante busca. A perversidade absoluta é encarnada, em *Der Fall Maurizius*, por Waremme, esse filho de *Ostjuden* já desvinculados de seu legado ético, que parece, à maneira de Fausto, compactuar com as forças demoníacas e acaba vitimado por elas. Waremme pretende, na primeira parte do romance, dar um passo a mais no caminho percorrido pelos judeus germanizados a partir de suas aldeias no Leste e de seus guetos em direção ao universo da *Bildung* alemã e européia. Se esse ideal oitocentista de *Bildung* catalisou a vida espiritual de gerações de judeus em busca de assimilação à cultura alemã, o desenvolvimento de uma nova ideologia cultural de viés nacionalista, na Alemanha, a partir do final do século 19, e o concomitante crescimento do anti-semitismo, aos poucos foram minando esta nova fé judaica na *Bildung*, que fora anunciada em termos tão grandiloquentes pelas primeiras gerações da *Haskalá* ou Iluminismo judaico.

Constatando, com resignação, o limitado sucesso da assimilação judaica à sociedade alemã depois de mais de um século de “emancipação”, e escrevendo em 1927, no mesmo ano em que Jakob Wassermann compunha seu *Der Fall Maurizius*, o rabino liberal Benno Jacob afirmou que “os judeus alemães assimilaram os valores culturais da Alemanha, mas não foram assimilados à sociedade alemã”. (MENDES-FLOHR, 1999: 3).¹⁴

Paul MENDES-FLOHR discute o surgimento, no fim do século 19, de dois modelos concorrentes de identidade coletiva na Alemanha: de um lado, um modelo individualista, organizado em torno dos valores de uma *Bildung* que tem por pressuposto o cultivo interminável do indivíduo, e a exploração incessante de aspectos sempre novos do conhecimento e da experiência estética, isto é, um modelo baseado na

¹⁴ *German Jews, however, were painfully aware, as the liberal rabbi Benno Jacob put it in 1927, that they were but “assimilated in the accusative” – that is, they assimilated the cultural values of Germany – and not “assimilated in the dative”, that is they were not assimilated into German society*

noção grega de *Paidéia*, cuja ênfase estava no cultivo da interioridade, numa concepção de cultura como uma atividade primordialmente espiritual, que tinha em vista um aperfeiçoamento constante das características humanas. De outro lado, surgia o modelo de identidade coletiva baseado na noção de *Volk*, ou povo, conforme o modelo criado por Nietzsche, que recomendou, expressamente, a substituição da *Bildung*, com sua ênfase cosmopolita, por uma *Bildung* genuinamente alemã – uma idéia cultural e pedagógica fundamentada naquilo que ele e Richard Wagner denominaram “o renascimento do mito germânico”, isto é, um retorno às origens medievais de uma identidade especificamente germânica, que re-atualizasse seus valores míticos.

Tendo ingressado no caminho da modernidade, os judeus, na Alemanha, sempre foram fiéis à concepção cosmopolita de *Bildung*, inclusive supondo que a participação nesse universo lhes facultaria a plena aceitação por parte da sociedade alemã. Mas na medida em que triunfava, século 20 adentro, um ideal *völkisch* de cultura, cada vez mais os judeus viram-se isolados em sua paixão anacrônica pela *Bildung* cosmopolita – e efetivamente, segundo MENDES-FLOHR, “os judeus foram os últimos guardiões da verdadeira *Bildung* alemã” (MENDES-FLOHR 1999: 12) ¹⁵.

Sua devoção às expressões mais refinadas da cultura alemã – arte, literatura e música – foi, porém, ao final indicativa da ligação singularmente apaixonada da ética da *Bildung*, o ideal humanista, nascido do iluminismo germânico, cultivo das capacidades morais e intelectuais de cada um por meio do estudo da literatura e da filosofia, e do refinamento das sensibilidades estéticas por meio das artes e da música, por parte dos judeus alemães. (MENDES-FLOHR, 1999: 26). ¹⁶

Se a *Bildung* proporcionava respeitabilidade aos antigos residentes do gueto – ao menos em seus próprios olhos – e tornou-se, nas palavras de Berthold AUERBACH, a fonte de uma nova religião – a religião da *Kultur*, da qual se tornaram devotos todos os estratos do judaísmo alemão – com o desencadeamento do movimento em prol de uma cultura *völkisch* alemã, capitaneado pelos ideais de Nietzsche e Wagner, que se tornava

¹⁵ Indeed, the Jews were “the last guardians of the original German idea of *Bildung*.” Yet this focus tends to blur the fact, emphasized in this volume, that upon entering the *Bildungsbürgertum*, Jews laid claim not only to German *Kultur* and thus identity but also to the right to maintain their Jewish identity.

¹⁶ cf. MENDES-FLOHR, Paul. *German Jews - A Dual Identity*. New Haven, Yale University Press, 1999, p. 26: Their devotion to the most refined expressions of German culture – art, literature and music – was, however, at bottom indicative of German Jewry’s uniquely passionate embrace of the ethic of *Bildung*, the humanistic ideal, born of the German Enlightenment, of self-cultivation of one’s intellectual and moral faculties through a study of literature and philosophy, and the refinement of one’s aesthetic sensibilities through the arts and music.

cada vez mais importante e popular, e em que o nacionalismo, com seu culto aos mitos e símbolos germânicos, se afastava dos ideais iluministas, os que permanecerem apegados a uma visão cosmopolita da humanidade, conforme os ideais da razão e da *Bildung*, tornaram-se a cada tanto mais anacrônicos e mais estranhos às tendências que se tornariam dominantes na sociedade, preparando o território, inclusive, para a ascensão do nacional-socialismo.

Waremme é retratado por Wassermann – no que pode ser considerado uma alusão autobiográfica – como alguém que, desde a infância, foi educado para ingressar no universo da *Bildung*. Conversando com Etzel von Andergast, ele afirma:

Aqueles que nasceram por volta de 1880 estavam numa situação incômoda em sua juventude. Em casa e na escola recebia-se tudo o que era necessário para a vida burguesa e para a assim chamada vida elevada: os princípios e os ideais, o rendimento mensal – quem não o tivesse já desde o início não contava – e a *Bildung*. Mas tudo era esburacado e esgarçado. Só o rendimento era algo sólido. O restante era ouro falso e imitação barata, dos presentes de Natal e de casamento até o entusiasmo pela Antiguidade e pelo Renascimento, dos costumes das fraternidades de estudantes até as celebrações patrióticas e o “trono e o altar”. (WASSERMANN, 1928: 207).¹⁷

Ao alcançar a vida adulta, cético com relação à sua formação tanto quanto com relação ao sucesso obtido pelos devotos da *Bildung* em seu projeto de integração à sociedade alemã, ele dá um passo inesperado e pirotécnico ao tornar-se um ideólogo do pan-germanismo, que rompe totalmente com suas origens judaicas e se coloca no epicentro de um movimento nacionalista embriagado pelos ideais da cultura *völkisch*: um movimento que propõe a restauração da Alemanha por meio da ressurreição de seus mitos e de suas tradições medievais, e sua soberania sobre toda a Europa. Íntimo da elite política e econômica, ele aproveita-se de sua aparência pouco semita para ignorar suas raízes, e passa a apregoar idéias que ecoam, evidentemente, as dos idealizadores do renascimento da cultura *völkisch*:

O senhor pode imaginar que um homem minta a si mesmo a respeito de seu nascimento? É uma coisa complicada. Não querer ser o que se é, negar raízes da qual

¹⁷ *Die um achtzehnhundertachtzig Geborenen waren als junge Menschen in einer üblen Lage. Vom Haus und von der Schule bekam man alles mit, was man für das bürgerliche und für das sogenannte höhere Leben brauchte, die Grundsätze und die Ideale, die Monatsrente, wer die nicht hatte, zählte erst gar nicht mit, und die Bildung. Aber es war alles löcherig und fadenscheinig, nur die Rente, die war was Festes, das übrige war Talmi und billige Imitation, von den Weihnachts- und Hochzeitsgeschenken bis zur Begeisterung für Antike und Renaissance, vom studentischen Komment und den patriotischen Feiern bis zu ‚Thron und Altar‘.*

se nasceu significa portar a própria pele como se fosse um casaco emprestado. Eu fui o filho de pais judeus que viviam na segunda geração das liberdades civis. Meu pai ainda não havia se dado conta que a situação de aparente igualdade de direitos na realidade era apenas tolerância. Gente como o meu pai, de resto um homem excelente, pairavam no ar, religiosa e socialmente. Já não tinham mais a antiga fé, e negavam-se, em parte por bons e em parte por maus motivos, a aceitar uma nova fé, isto é, a fé cristã. O judeu quer permanecer judeu. O que é isso: judeu? Não há ninguém no mundo capaz de responder a esta questão de maneira satisfatória. Meu pai orgulhava-se da emancipação, uma invenção astuciosa, essa emancipação, por meio da qual o oprimido perde a prerrogativa de poder se queixar. A sociedade o exclui, o Estado o exclui, o gueto físico tornou-se um gueto espiritual, a gente se golpeia no peito e chama isto de emancipação. (WASSERMANN 1928: 329).¹⁸

Evidentemente Waremme não é mais um *Ostjude*, seja no sentido religioso, seja no sentido puramente étnico, já que se caracteriza por uma adaptação, desde cedo, aos parâmetros e aos ideais da *Kultur* alemã e cosmopolita – aos quais, posteriormente, dá as costas. Ele conhece à perfeição as principais línguas do ocidente “civilizado” e sente-se inteiramente à vontade no universo da literatura e das artes alemãs. Ao tornar-se líder de um movimento pan-germanista, porém, que exorta a Alemanha, aliada à Igreja Católica, a assumir um papel hegemônico na Europa, pretende dar um passo além no projeto de integração cultural proposto pelo Iluminismo. Por sua própria origem, num lar aculturado, ele é alguém que poderia ter percorrido em sua integridade o *ítér* que partia do gueto em direção à Europa. Porém chegar ao extremo de uma assimilação aos ideais *völkisch* da cultura alemã – e não apenas aos ideais da *Bildung* abraçados pelos judeus germanizados em bloco – faz dele uma caricatura, um assimilacionista levado ao paroxismo. E o resultado de seu empenho é, outra vez, como o fora para seus pais, o de ficar pairando entre dois mundos, o que, desde os tempos de Heine, não constitui propriamente uma novidade.

Tradução do malogro de um sonho de germanização dos judeus alemães levado a seu zênite, Waremme acaba, como tantos outros que se deixam levar pelos sonhos impossíveis de suas juventudes, vivendo à margem da sociedade. Ele “dá aulas de

¹⁸ „Können Sie sich vorstellen, daß ein Mensch sich selber über seine Geburt belügt? Komplizierte Sache. Der nicht sein wollen, der man ist, die Wurzel verleugnen, aus der man gewachsen ist, das heißt die eigene Haut wie einen geborgten Mantel tragen. Ich war das Kind jüdischer Eltern, die in der zweiten Generation bürgerlicher Freiheit lebten. Mein Vater war noch gar nicht zum Bewußtsein gekommen, daß der Zustand scheinbarer Gleichberechtigung im Grunde nur Duldung war. Leute wie mein Vater, ein ausgezeichnete Mann sonst, hingen religiös und sozial in der Luft. Den alten Glauben hatten sie nicht mehr, einen neuen, will heißen den christlichen, anzunehmen weigerten sie sich, teils mit guten, teils mit schlechten Gründen. Der Jude will Jude sein. Was ist das: Jude? Volkommen befriedigend kann es kein Mensch erklären. Mein Vater war stolz auf die Emanzipation, eine listige Erfindung das, sie nimmt dem Unterdrückten den Vorwand, sich zu beklagen. Die Gesellschaft schließt ihn aus, der Staat schließt ihn aus, das körperliche Ghetto ist zu einem seelischen und geistigen geworden, man wirft sich in die Brust und nennt es Emanzipation.

inglês, francês, espanhol, italiano, português, redige necrológicos, matérias pagas em jornais, anúncios comerciais e coisas assim.” (WASSERMANN 1928: 109).¹⁹ e faz suas refeições na pensão de Frau Bobinski, freqüentada pelo *demi-monde* berlinense, um verdadeiro bestiário urbano que reúne exemplos de todas as espécies de uma fauna de ociosos e pretensiosos, que mal são capazes de sobreviver, característica da capital alemã nos anos 20: aí encontram-se cantores e pianistas fracassados, solteirões encanecidos e desencaminhados, *barmen* desempregados e vendedores sem ocupação, homossexuais, cocainômanos e jogadores compulsivos – enfim, um ambiente que reflete, em tudo, uma sociedade desorientada e confusa, que faz pensar nas figuras perturbadoras sempre presentes nas obras de arte do expressionismo alemão:

Pessoas de natureza dúbia, descarrilados e vagabundos de todos os tipos, nadadores exaustos pela grande correnteza. Gente de elegância apodrecida e de pobreza mal disfarçada, vendedores desempregados, virtuosos viajantes, pequenos atores de subúrbio sem contrato, agentes que se encontravam às vésperas de golpes ousados, ou depois de golpes malogrados, *barmen* e dançarinas das casas de entretenimento da região, alguns provincianos que tinham vindo para a cidade com as suas últimas esperanças e agora estavam ali, como navios encalhados em bancos de areia, um ou outro indivíduo politicamente suspeito, uma esposa que fugira do lar, uma jovem, filha de pastores do Leste, que queria entrar para o mundo do cinema. (WASSERMANN 1928: 240).²⁰

Este ambiente desolador, característico da decadência urbana, das esperanças frustradas e das promessas não-cumpridas, esse grande atoleiro dos sonhos abortados, é também o lugar ao qual se destina esse Waremme, o descendente de *Ostjuden* que sonhara com os mitos grandiloqüentes de uma cultura *völkisch* germânica da qual os judeus estiveram, por definição e desde o princípio, excluídos. Assim como os demais freqüentadores da pensão de Frau Bobinski, ele parece pertencer integralmente a um universo urbano de desenraizados e frustrados, vítima da desmedida de suas próprias ambições, privados de referências claras, e sobretudo presas fáceis de ilusões urbanas cujo caráter devorador parece revelar-se apenas quando já é tarde demais.

¹⁹ Unterrichtet englisch, französisch, spanisch, italienisch, portugiesisch, verfaßt Nekrologe, Eingesandtes an Zeitungen, Geschäftsreklamen und so.

²⁰ Personen von zweifelhafter Beschaffenheit, allerlei Entgleiste und Strauchelnde, mattgewordene Schwimmer auf dem großen Strom, Leute von angefaulter Eleganz und schlechtverdeckter Armut, stellenlose Kommis, reisende Virtuosen, kleine Vorstadt-Schauspieler und Schauspielerinnen ohne Engagement, Agenten, die vor einem gewagten oder nach einem mißlungenen Coup waren, Barmixer und Eintänzer aus den Vergügensstätten der Umgegend, ein paar Provinzler, die mit ihren letzten Hoffnungen in die Hauptstadt gekommen waren und nud festsäßen wie ein Wrack auf einer Sandbank, ein oder das andere politisch verdächtige Individuum, eine Ehefrau, die aus dem gemeinsamen Haushalt geflüchtet war, ein junges Mädchen, Pfarrerstochter aus dem Osten, das zum Kino wollte.

Se Waremme revela um interesse tardio pelas próprias origens étnicas e culturais, expresso por meio dos livros que se encontram em sua inóspita habitação (WASSERMANN 1928: 235), não existe nada que possa ser considerado judaico em seu estilo de vida. Waremme é alguém que não gostava dos judeus, e sim da cultura e da civilização alemãs ²¹, e que via como suas a língua e a cultura, os heróis e as canções, as paisagens e as cidades da Alemanha, que “amava de maneira mais profunda do que eles (os alemães), e compreendia melhor do que eles” (WASSERMANN 1928: 330). ²². O tema do judeu desenraizado que busca ancorar-se na solidez da tradição germânica – quase um lugar comum na literatura judaica alemã – repete-se aqui, sem grandes surpresas ou variações, apesar do grau extremo a que Waremme leva esse esforço.

Figura característica de uma era de liberdade e de autonomia humana, ele encarna aquela ambição, que é talvez a característica determinante do horizonte cultural daquelas gerações de egressos do gueto que se voltam para as próprias origens com antipatia, e que, em contrapartida, fascinam-se com todas as culturas da Europa – e vê a si mesmo como a quintessência de um espírito europeu, tributário de todos os “gênios” da cultura laica do continente – de Petrarca a Goethe e de Fídias a Giotto, de Ovídio a Nietzsche e de Péricles a Nostradamus. ²³

7. Entre dois mundos

A ambição ilimitada de uma *Bildung* que se propõe a abarcar todos os séculos e todos os meios expressivos da cultura de um continente, assim, faz dele um estereótipo tardio das próprias ambições do humanismo europeu, e também um retrato fiel do caráter ilusório das ambições ilimitadas desse humanismo: ao alcançar a maturidade, o malogrado Waremme é um homem cujo espírito está exaurido pelos seus anos de participação num sonho coletivo inatingível, e cujo horizonte existencial, numa cruel forma de Nêmesis, parece ficar restrito à busca por satisfação de suas necessidades mais básicas.

Nem judeu nem alemão, desvinculado de quaisquer princípios transcendentais ou sociais, Waremme torna-se a enésima encarnação de um dilema caracteristicamente

²¹ cf. WASSERMANN 1928: 330 e ss.

²² “*Ich liebte das alles tiefer als sie selber es lieben und verstand es besser als sie.*”

²³ cf. WASSERMANN 1928: 355

moderno, com o qual o próprio Wassermann se defrontou a vida inteira. Seu destino patético é decorrência direta das aporias próprias a esse dilema: devorado pelos enigmas que não é capaz de decifrar, ele aparece, confinado à pobreza e à desilusão, como mais uma vítima de uma esfinge insaciável, cujos desafios, não obstante, continuam a capturar as idéias e as paixões daqueles que cruzam o seu caminho.

A história do judaísmo alemão é também a longa história de um amor não-correspondido, e Waremme torna-se um símbolo não apenas da falência do ideal judaico de aculturação e de modernização, isto é, de integração a um universo europeu de molde cosmopolita, como do próprio ideal grandiloquente de uma *Bildung* universal. Waremme, assim, representa uma volta a mais no parafuso da construção da imagem daquele judeu que, desvinculado da tradição e incapaz de integrar-se a um sistema de valores que, em si mesmo, se encontra em decomposição, paira sobre o vazio – uma condição propícia à geração e ao florescimento de monstruosidades.

Não é por acaso que esse filho de *Ostjuden* desenraizados aparece, na narrativa, como o autor de uma tradução do *Górgias*, de Platão – um diálogo da filosofia moral entre Sócrates e o retórico asiático Górgias, em que se discute a existência de uma justiça transcendente e absoluta – ponto de vista defendido por Sócrates, com o qual seu interlocutor discorda, alegando que a justiça é uma mera questão de persuasão. O substrato desse diálogo, no entanto, parece escapar ao próprio tradutor: Waremme é, à sua maneira, uma encarnação moderna do próprio Górgias, que faz triunfar a retórica sobre a justiça, com base na idéia de que a verdade e a mentira são apenas questões de persuasão, e de que não existe nenhum princípio ético real subjacente à condição humana. Ao tornar-se o portador da mensagem de Górgias, para quem a justiça nada mais é do que a manipulação bem sucedida de idéias por meio de discursos capazes de persuadir os ouvintes, e de manipular suas opiniões, Waremme aparece como uma criatura monstruosa e como um prenúncio sinistro dos rumos da história alemã na década de 1930.

O caráter aberrante de Waremme, assim, aparece não como uma invenção própria, mas como a reatualização de figuras e de formas de pensamento já presentes na tradição helênica e, igualmente, na tradição judaica: a figura do “apikoires”, quase folclórica na literatura talmúdica, e que está associada aos seguidores da filosofia epicurista, que tem em sua base a negação dos princípios transcendentais e no sensualismo, aproxima-se do modelo filosófico implicitamente adotado por Waremme.

Não parece haver nada de novo, portanto, na figura desse personagem: levando ao paroxismo sua condição de *deraciné*, ele se torna um agente difusor de idéias supostamente modernas que, no entanto, estão na raiz de discussões filosóficas de Sócrates, de Platão, e do Talmude. Waremme, assim, aparece, tanto quanto Górgias, como o avesso de uma idéia de civilização que via na barbárie e na tirania asiática seu contraponto e seu oposto.

Referências bibliográficas

- ASCHHEIM, Steven. *Brothers and Strangers: The East European Jew in German and German Jewish Consciousness, 1800-1923*. Madison, The University of Wisconsin Press, 1982
- ELOESSER, Arthur. *Vom Ghetto nach Europa*. Berlim, Jüdische Buch Vereinigung, 1936
- JASPER, Willi. *Deutsch – Jüdischer Parnass – Literaturgeschichte eines Mythos*. Berlim, Propyläen Verlag, 2004
- MENDES-FLOHR, Paul. *German Jews - A Dual Identity*. New Haven, Yale University Press, 1999
- WASSERMANN, Jakob. *Der Fall Maurizius*. Berlim, G. Fischer Verlag, 1928
- WASSERMANN, Jakob. *Mein Weg als Deutscher und Jude*. Munique, DTV, 1994
- WASSERMANN, Jakob. *Deutscher und Jude*. Heidelberg, Lambert & Schneider, 1984,
- WASSERMANN, Jakob. *Caspar Hauser*. Amsterdã, Querido Verlag, 1939
- WERTHEIMER, Jack. *Unwelcome Strangers*. Nova York, Oxford University Press, 1987
- WOLFF, Larry. *Inventing Eastern Europe – The map of civilization on the Mind of the Enlightenment*. Stanford, Stanford University Press, 1994

A literatura e o cinema como novo *medium* artístico: Hanns Heinz Ewers e *O estudante de Praga* (1913)

Michael Korfmann*
Filipe Kegles Kepler**

Abstract: *The Student from Prague* (1913) is considered to be the first *film d'art* produced in Germany. The film is based on a script by Hanns Heinz Ewers, writer and ardent advocate of this new medium. With roots in German romanticism, particularly in regard to motifs in the works by E.T.A. Hoffmann and Adelbert von Chamisso, *The Student from Prague* explored the optical possibilities offered by the *doppelgänger* character. This literary framework supports the plot, gives credibility to the movie and contributes to the acceptance of films as an art medium. It also marks the rise of German cinema on an international level, which reached its peak in the 1920s with the movement known as 'German expressionism'.

Keywords: The Student from Prague; Hanns Heinz Ewers; German cinema.

Resumo: *O estudante de Praga* (1913) é considerado o primeiro filme de arte produzido na Alemanha. Baseado num roteiro de Hanns Heinz Ewers, escritor e defensor destacado do novo *medium* fílmico, o filme remonta a motivos da tradição literária do romantismo alemão, sobretudo em relação às obras de E.T.A. Hoffmann e Adelbert von Chamisso e à figura do *doppelgänger*. Todo esse arcabouço literário não só dava sustentação à trama como também credibilidade ao filme, contribuindo, junto com a exploração dos recursos técnicos de câmera, para a aceitação definitiva do filme como *medium* de arte, bem como para o início do sucesso do cinema alemão, que atingiria seu apogeu nos anos 1920, com o movimento conhecido como "expressionismo alemão".

Palavras-chave: O estudante de Praga; Hanns Heinz Ewers; cinema alemão.

Stichwörter: Der Student von Prag; Hanns Heinz Ewers; Deutscher Film.

1. Introdução

O estudante de Praga (1913) de Stellan Rye e Hanns Heinz Ewers figura na história do cinema alemão como o primeiro filme de arte produzido no país. Aliando inovações técnicas a um enredo consistente, desenvolvido especialmente de modo a explorar as possibilidades técnicas do cinema, o filme foi aclamado pelo público e pela crítica, sendo considerado, segundo o crítico David ROBINSON, como "*the one really singular pre-war German production, which succeeded in attracting intellectuals and*

* Professor do Departamento de Línguas Modernas da UFRGS. E-mail: michael.korfmann@ufrgs.br

** Bolsista do CNPq. E-mail: filipe.kepler@gmail.com

popular audience alike” (ROBINSON 1973: 88). O filme narra a história do solitário estudante Balduin, que, ingênuo e ébrio de amor pela condessa Margit, assina um acordo com o misterioso Scapinelli no qual consente que, em troca de cem mil moedas de ouro, este tenha total liberdade para levar consigo o que quiser de seu quarto. Scapinelli, então, mediante magia, “liberta” o reflexo de Balduin do espelho, transformando-o num *doppelgänger*, que passa a assombrar e a perseguir o estudante. O roteiro ficou a cargo do escritor Hanns Heinz Ewers, personalidade excêntrica e polêmica, que naquela época encontrava-se no auge de sua fama; a direção é do dinamarquês Stellan Rye, um dos diretores mais influentes na Alemanha pré-Primeira Guerra, que lamentavelmente viria a morrer logo no ano seguinte, em 1914, num hospital militar francês; o papel principal do estudante Balduin e seu *doppelgänger* foram representados pelo conhecido ator de teatro Paul Wegener, que a partir de então atuou ativamente no cenário cinematográfico alemão, trabalhando como ator, diretor e roteirista.

Traçamos, assim, as linhas gerais a serem exploradas neste artigo: primeiro, a figura de Hanns Heinz Ewers, um dos escritores mais famosos da Alemanha do início do século XX e um dos poucos a apoiar incondicionalmente o cinema como novo *medium* artístico. Segundo, o surgimento do novo *medium* filme e a disputa inicial entre este e a literatura como forma artística tradicional e consolidada; como terceira linha, aborda-se o fato de o cinema alemão recorrer a matéria, personagens e motivos do romantismo, o que se dava por dois motivos básicos: o romantismo era um movimento reconhecido mundialmente e, portanto, ideal para atribuir ao filme o *status* artístico, uma vez que o novo *medium* era ainda considerado por muitos como uma forma plebéica de entretenimento. Paralelamente, o romantismo oferecia um vasto campo narrativo que ia ao encontro das novas possibilidades técnicas do cinema, seja com o já citado *doppelgänger* romântico, possibilitando truques óticos através da técnica do *stop trick* (ou “dupla suposição”), desenvolvidas nas cenas mágicas de Méliès, seja com as encenações na tradição fantasmagórica da lanterna mágica. Sintomático é o fato de que, no início e no fim da produção do período do cinema “mudo”¹ alemão mais narrativo e elaborado, encontrem-se *O estudante de Praga* (1913), inspirado, entre outros, por E.T.A. Hoffmann e Adelbert von Chamisso, e *Faust* (1926) de Murnau.

¹ Sabe-se que os filmes raramente eram apresentados sem acompanhamento sonoro, quer de músicas mecânicas, orquestra, diversas máquinas (por exemplo, máquinas de sons como o *Bruitophone*,

2. Hanns Heinz Ewers

Iniciemos nossa abordagem com algumas considerações sobre Ewers (1871-1943). Como muitos outros autores de língua alemã (entre eles Goethe, Novalis, os irmãos Grimm, Heinrich Heine ou Franz Kafka), Ewers estudou Direito, mas logo passou a dedicar-se exclusivamente à atividade de escritor. Após os primeiros sucessos, no início do século XX, colaborou com o *Überbrettl* – o primeiro cabaré literário de Berlim, fundado em 1901 por Ernst von Wolzogen nos moldes do *chat noir* parisiense, e, por um breve período, também o local de trabalho de Arnold Schönberg, mais tarde conhecido por suas composições dodecafônicas ou expressionistas. No mesmo período atuava lá também *Rideamus*, pseudônimo de Fritz Oliven, um dos mais conhecidos humoristas alemães e também libretista de operetas de sucesso, que, em 1939, exilou-se em Porto Alegre, onde veio a falecer em 1956.² Ewers, admirador de Oscar Wilde e Edgar Allan Poe, escreveu muito e depressa: poesia, drama, versos para os cabarés, libretos, contos, romances, tratados científicos populares (por exemplo, sobre formigas), bem como relatos de experiências próprias com drogas como haxixe e mescalina, ou ainda impressões de diversas viagens pelo mundo, entre as quais, uma excursão realizada ao Brasil, Argentina e Paraguai, por volta de 1908. Tornou-se conhecido do grande público tanto por seus textos de horror e elementos fantásticos, com doses elevadas de perversidade, como por sua auto-encenação de *dandy* e boêmio *par excellence*. Seu romance *Alraune* (1911) recebeu, em apenas dois anos, 25 edições, foi traduzido para 28 línguas e filmado quatro vezes. Após um certo declínio profissional e pessoal nos anos 20, aproximou-se de círculos da extrema direita. Encontrou-se com o futuro ministro de propaganda do Terceiro *Reich*, Joseph Goebbels, e, supostamente, filiou-se ao partido nacional-socialista em 1931, num encontro pessoal com Hitler, que lhe encomendaria um livro sobre a luta entre a SA e os comunistas: o romance *Horst Wessel*, publicado em 1932. No ano seguinte, a matéria já virava filme, sob a direção do próprio Ewers, porém Goebbels logo proibiria sua distribuição, alegando “falhas artísticas”. Em seguida, também o regime viria a proibir quase toda a venda da produção

Noiseograph, Soundograph, Dramagraph, Excelsior Sounds Effects Cabinet e Deagan Electric Bells), quer de atores declamando e cantando em voz alta os “diálogos” ou cenas musicais atrás da tela.

² ver: KORFMANN, Michael. RIDEAMUS in Brasilien: Ein nicht ganz so heiteres Leben. In: *TÓPICOS* 4/2002-1/2003, p. 40-41.

literária de Ewers, considerada decadente e doentia. O autor morreu em 1943, em Berlim.³

Evidentemente, esta aproximação de Ewers com os nacional-socialistas paira sobre qualquer avaliação de sua literatura e seu papel como defensor do cinema em sua fase inicial. Porém, o mesmo mal-estar vale para vários outros autores alemães inicialmente fascinados pela nova força política, como Gerhart Hauptmann ou Gottfried Benn. Ao enfatizarmos, nas próximas páginas, o papel central que Ewers desempenhou na configuração do cinema alemão, não visamos a qualquer revisionismo político ou tentativa de ocultar este período de sua biografia, mas apenas destacar seu posicionamento durante a implementação cultural do novo *medium* fílmico.

3. O cinema e a literatura

De uma maneira geral, pode-se dividir o desenvolvimento do filme “mudo” em três etapas: a primeira pode ser considerada um espetáculo técnico, o prazer de ver quaisquer imagens em movimento dentro de apresentações diversas em *variétés* ou feiras populares. Na segunda fase, estabelecem-se lugares fixos para as sessões cinematográficas, primeiras formas básicas de *genre* e padrões de expressão fílmica, bem como uma disputa entre indústrias cinematográficas de diversas nações. Por fim, na terceira etapa, através do refinamento dramático, da inserção de atores e diretores teatrais e a aproximação com a literatura, o cinema se consolida como *medium* artístico, inclusive a assimilação do criador genial, seja ele roteirista, diretor ou ator/atriz – elementos até então desconhecidos dos curtos filmes projetados. Em 1900, os filmes “documentários”, ou melhor, as cenas do cotidiano, representavam ainda 87% da produção total, enquanto já em 1908, em decorrência da criação de salas específicas de projeção e de condições cinematográficas mais estruturadas, esta relação se invertia: 96% dos filmes eram de caráter ficcional e apenas 4% de caráter documental. Vale lembrar que neste contexto não foram mostradas somente as já bem conhecidas cenas do cotidiano ou episódios humorísticos, mas houve também uma utilização intensiva do filme na área científica, sobretudo na medicina, onde logo se reconheceu o valor didático da nova invenção. A revista *Der Kinematograph* já descreve, na sua segunda edição, a aplicação do filme para a “representação do corpo doente e os métodos de

³ Informações básicas online, oferecidas pela Sociedade Hanns Heinz Ewers: <http://www.hanns-heinz->

intervenções medicinais” (*Der Kinematograph* 1907: s.p.). Cenas de epilepsia, operações e amputações são logo exploradas sob perspectiva fílmica. Já em 1898, o médico Eugène-Louis Doyen mostrava em um congresso em Edimburgo suas intervenções, filmadas por Clément Maurice, um ex-*cameraman* da empresa Lumière. Tais filmes também serviam depois como atrações mórbidas em mostras de feiras populares e salas improvisadas de projeção, contribuindo, assim, para a má fama inicial do cinema.

Com o desenvolvimento de filmes mais extensos, desenvolveu-se também uma linguagem cinematográfica mais narrativo-ficcional, apoiada sobretudo em figuras e estruturas literárias. Sintomático aqui é o fato de que havia, já nos primeiros anos da história cinematográfica, aproximadamente 70 cenas baseadas na figura do Fausto, seja por tratar-se de uma personagem conhecida, evocando, assim, a curiosidade do público; seja por tal motivo permitir a exploração de efeitos visuais não realizáveis em palcos de teatro, o que mostraria, no tocante à visualidade, a superioridade do *medium* fílmico em relação às demais formas artísticas existentes. Certos críticos da época, como Béla BALÁZS, viam na “mudez” e na concentração no elemento ótico uma volta ao comportamento original humano, supostamente dominado pelo gesto: “toda humanidade está hoje em processo de reaprender a linguagem esquecida de gestos e mímica”, uma vez que não é a palavra mas a “correspondência visual que representa a alma” (BALÁZS 1962: 60). Em contrapartida, Jurij M. LOTMANN destaca a palavra como elemento indispensável, cuja falta devia ser superada no filme mudo: “A palavra não é uma característica facultativa e suplementar da narrativa fílmica, mas elemento obrigatório. Filmes mudos sem letreiros ou filmes sem diálogos apenas confirmam isso, pois o espectador nota permanentemente a falta do texto falado; nestes casos, a língua funciona como meio artístico negativo” (LOTMANN 1977: 60).

Independentemente de concordarmos ou não com tais afirmações, é seguro afirmar que o filme começa a se diferenciar e, conseqüentemente, a se configurar através de meios próprios: posicionamento e ângulo da câmera, corte, montagem e, na tentativa de visualizar a fala, recorre-se a imagens típicas da boca em movimento e, até, ao grito silencioso. Sobretudo os letreiros, inseridos basicamente a partir de 1907, introduziram a referência escrita e freqüentemente literária, que, por sua vez, foi combatida rigorosamente pelo movimento vanguardista dos anos 20 como sendo um

elemento anti-fílmico. Hans Werner Richter declara em 1925: “ainda não existem filmes, apenas uma forma perversa de literatura fotografada” (*apud* SCHOBERT 1989: 9); e RUTTMANN exclama: “a literatura não tem nada a ver com o cinema, pois o significado de qualquer espetáculo cinematográfico nos é transmitido através da vista e, portanto, apenas pode tornar-se uma experiência artística se for concebido de maneira ótica” (*apud* SCHOBERT 1989: 8).

Voltemos ao nosso ponto central, *O estudante de Praga* e a luta inicial do filme com pretensões artísticas de inserir-se no cenário cultural alemão da época. O filme surge numa época em que o cinema experimentava uma crise: nos anos de 1907-08, em virtude de uma superprodução de filmes, o interesse pelo cinema aos poucos arrefecia, uma vez que “o público mostrava-se cada vez mais enfasiado com os simplíssimos roteiros dos melodramas feitos às pressas e das repetitivas perseguições ‘cômicas’ que dominavam a tela” (DIEDERICHS 1985: 5). De modo a reverter a situação e renovar o interesse do público pelo novo *medium*, Pathé Frères funda, na França, a “*Société cinématographique des auteurs et des gens de lettres*” (S.C.A.G.L.), que visava a elevar o nível dos filmes da época. Para tanto, reuniam-se escritores e teatrólogos renomados para adaptações cinematográficas de peças célebres, bem como para a produção de roteiros originais. Além disso, contava-se também com a participação de atores famosos de teatro, a fim de atrair o público e trazer mais prestígio às produções.

No outono de 1908 há uma tentativa por parte do diretor e escritor Heinrich Bolten-Baecker de se criar uma sociedade semelhante na Alemanha. Ele reúne cento e vinte romancistas e dramaturgos berlinenses para uma assembléia, na qual discorre sobre as grandes possibilidades artísticas e financeiras dos escritores no cinema. Apesar do grande interesse demonstrado pelos participantes, a iniciativa acaba em fracasso. Conforme atesta Helmut DIEDERICHS, “apenas quatro anos mais tarde o modelo dos filmes de arte franceses encontraria seus imitadores na Alemanha” (DIEDERICHS 1985: 6).

A partir de 1913 surgem os chamados “filmes de autor”, dentre os quais estaria *O estudante de Praga*. A proposta desses filmes era primeiramente a de reavivar o interesse do público pelo cinema, mas, ao mesmo tempo, de estabelecer junto à crítica a legitimação cultural do filme como mídia respeitável. Pois, à medida que surgiam mais salas de exibição e aperfeiçoavam-se as técnicas de projeção e filmagem, o cinema ia deixando de ser uma mera curiosidade técnica de feiras populares para tornar-se um verdadeiro “concorrente da literatura reinante” (KAES 1978: 2). Essa progressiva

ascensão da nova mídia chocava-se, na Europa, com a resistência de uma elite burguesa que, educada tradicionalmente no teatro e na literatura, ainda via no cinema uma forma de contracultura que buscava equiparar-se à cultura oficial. “Raramente, na área artística e cultural, travou-se uma luta tão feroz como a atual sobre o valor ou não-valor do cinema”, escrevia o crítico TANNENBAUM, em 1913 (TANNENBAUM 1913: 60).

Thomas MANN, representante máximo da cultura do livro, talvez seja quem melhor sintetize o posicionamento público daqueles que, na melhor das hipóteses, viam o filme como uma mera forma de entretenimento. Ele escreve: “visito cinemas freqüentemente e não me canso de assistir a esta diversão visual e musicalizada” ou “aos jornais vivos chamados reportagens semanais (*Wochenschau*)”. Também se diverte com “as cenas cômicas, as malandrices ou as histórias sentimentais”. “Porém”, continua MANN,

permitam-me dizer, o filme não tem nada a ver com a *arte* e acho errado abordá-lo com critérios emprestados da esfera artística. Esta é uma abordagem feita por mentes humanistas e conservadoras que depois viram as costas, cheios de desprezo e lamento, considerando-o uma diversão baixa e selvagememente democrática das massas. No que diz respeito a mim, também desprezo o cinema, mas também o amo. Não é arte, antes vida e realidade, e os efeitos em sua mudez movimentada são sensacionalmente rudes em comparação com os efeitos espirituais da arte”. Conforme Mann, o filme vive de primeira mão, objetivando impressionar o espectador com matéria direta, não refletida, enquanto a arte “é uma esfera *fria*, (...) um mundo da espiritualização e elevada transposição, um mundo do estilo, da assinatura, da formatação mais individual, mundo objetivo e mundo racional (*apud* KAES 1978: 164-165).⁴

É possível que a decepção com a versão cinematográfica de 1923 de seu romance *Buddenbrooks* (1901) tenha contribuído para esta avaliação de Mann, escrita em 1928 e, portanto, na fase em que o cinema, sobretudo o cinema alemão, já se consolidara com produções prestigiosas como *O Gabinete do Dr. Caligari* (1920) de Robert Wiene, *Nosferatu* (1922) e *Fausto* (1926) de Murnau, ou *Metropolis* (1927) de Fritz Lang. Parece que Mann se serviu da mesma condenação ao cinema em seu então *work in progress*, o romance *A Montanha Mágica* (1924), no qual Hans Castorp deixa-se convencer a acompanhar uma paciente do sanatório, a Senhora Stöhr, a uma sessão do *Bioskop-Theater*, a fim de lá assistir “uma dose de vida cortada em pedacinhos”; e esta “apresentação inumana” deixa-lhe os “olhos doloridos”.

⁴ Esta e todas as citações de fontes em língua alemã foram traduzidas por Filipe K. Kepler.

Todavia, como mostra Peter ZANDER, em seu livro *Thomas Mann no cinema* (2005), a relação de Mann com o cinema era, no mínimo, ambígua. Não apenas apoiou inicialmente a filmagem do romance *Buddenbrooks*, como também esboçou, em 1923, um *script* para uma versão cinematográfica de *Tristan und Isolde* e, posteriormente, trabalhou em mais dois roteiros, todos não concluídos. Ao contrário de suas reclamações sobre a crueza do cinema no artigo citado acima, foram justamente estes filmes artisticamente menos pretensiosos que caíram nas graças do escritor: em seus diários, elogia *Jungle Book* (1942, baseado no livro de Rudyard Kipling e dirigido por Zoltán Korda) pelas belas imagens dos animais e pelos belos corpos apresentados; também assistiu duas vezes ao desenho animado *Bambi*. Portanto, é necessário diferenciarmos aqui entre as manifestações públicas e as anotações particulares de Thomas Mann. E é justamente em relação à discussão pública que surge a figura de Hanns Heinz Ewers; este se destaca nas polêmicas iniciais sobre o *status* artístico ou não do novo *medium* fílmico. Já em 1907, o autor, conhecido na época por seus textos grotescos e fantásticos e por sua vida boêmia, publica sua primeira declaração favorável ao cinema na revista semanal *Morgen*, editada, entre outros, por Hugo von Hofmannsthal. “Será possível que os jornalistas sejam cegos? Não sabem eles que o cinema é um fator cultural tão importante e de um impacto tão grande como nenhum outro? Que pode ser colocado ao lado da invenção de Gutenberg, à qual nós, escritores, devemos a vida?” (EWERS 1907: s.p.). Em 1910, conseguiu inserir uma rubrica permanente na revista *Deutsche Montags Zeitung* sobre assuntos ligados ao cinema, como censura, cinema e teatro ou cinema e ciência. EWERS usa esta rubrica para atacar a censura e o baixo nível das produções alemãs, às quais, segundo ele, faltava coragem para a experimentação, uma vez que tais filmes preocupavam-se tão-somente em agradar à censura e ao gosto duvidoso do público. O autor realizou palestras sobre o “milagre do filme em rolo”, apontando não apenas para seu uso nas ciências, na indústria e também como meio de propaganda comercial, mas já prevendo também o futuro filme sonoro e as possibilidades de divulgar peças teatrais registradas em filme para um público sem acesso a tais estabelecimentos. Criticou a moda das “imagens sonoras” onde “são mostradas cenas de mau gosto de óperas e operetas acompanhadas por um som repugnante de fonógrafo” (EWERS 1911: s.p.).

Não havia, neste momento, uma inclusão de escritores conhecidos na produção cinematográfica na Alemanha. Impulsionados pela insistência de Ewers e de outras pessoas pertencentes a um grupo chamado *reformistas do cinema* – que objetivava

produzir filmes de nível mais elevado e tinha em vista a burguesia como novo público-alvo –, diversas empresas, entre elas a *Deutsche Bioscop-Gesellschaft* ou o *Nordische Films Co.*, anunciavam a integração de escritores renomados em suas equipes, como Ewers, Max Halbe ou Gerhart Hauptmann. Havia, naturalmente, manifestações contrárias a esta união. O poeta Hans Kyser proclama que “o poeta não deve ir ao cinema”, baseando sua posição na falta insuperável da palavra nos filmes, e não hesita mesmo em citar a Bíblia: “Deus falou e assim criou-se o mundo/No início era a palavra”. EWERS responde citando o *Fausto* de Goethe: “Escrito está: ‘Era no início a palavra!’. Apenas começo e já me exacerbo! Como hei de dar à palavra tão alto apreço? De outra interpretação careço” (EWERS 1913a: s.p.). E é na própria figura de Kyser que também se revela o processo da consolidação do filme como forma artística e cultural: após a posição crítica inicial, Kyser aproxima-se gradualmente do novo *medium*. A partir dos anos 1920, ele passa a transformar fontes literárias em cenários para o cinema. O adversário de Ewers e, por conseguinte, do filme *O estudante de Praga* como “marco zero” da produção de ambições artísticas, torna-se mais tarde o autor do *script* para o *Faust* de Murnau (1926), considerado por muitos o auge do cinema mudo alemão. Em 1927, arrisca-se até a dirigir um filme, porém, não passa de uma incursão única; fora isso, continua escrevendo roteiros até meados dos anos 1930, entre eles, ironicamente, um *remake* de 1935 do próprio *Estudante de Praga*, com direção de Arthur Robinson.

Ewers logo transforma seu engajamento teórico em práxis fílmica. Inicia com colaborações no cenário de *O seduzido* (1913), onde trabalha pela primeira vez com o autor Paul Wegener. Porém, ambos ficam tão descontentes com o resultado que a película é afinal destruída. Entretanto, tudo isso muda com *O estudante de Praga*. A idéia central do filme, o motivo do *doppelgänger*, partiu primeiramente de Wegener e foi então desenvolvida por Ewers em um *script* mais extenso. Ele mesmo comenta: “escrevi uma peça para um filme de rolo: *O estudante de Praga* era seu título. Escrevi-a para Paul Wegener e trabalhei com este durante meses na sua versão final, em Praga e aqui, em Berlim. Era para ser uma prova, era para provar para mim que o cinema, assim como o teatro, pode hospedar grande e boa arte” (EWERS 1913b: s.p.). E filmes de arte não precisam apenas elaborar uma narrativa consistente; esta precisa também ser encenada de acordo com as possibilidades mediais. A respeito desta relação entre texto e filme, Rudolf KURTZ declara: “O manuscrito se configurou em direção às possibilidades desta arte. Procuravam-se imagens. Procuravam-se criar efeitos de iluminação. Havia um grande esforço no intuito de congrega atmosferas. O manuscrito

puramente técnico do filme ganhou sem dúvida um ímpeto poético” (KURTZ 1934: s.p.). Todos estes itens ainda podiam contar com uma certa familiaridade do público em relação às referências dos elementos fantástico-românticos do filme: “*O estudante de Praga* abriu para o espectador alemão a porta para o mundo da fantasia, ele tocou as predisposições já existentes no público, uma preferência por uma literatura de atmosfera irreal, adquirida na educação familiar e escolar” (TOEPLITZ 1972: 135).

4. *O estudante de Praga*

Em 22 de agosto de 1913, estreava, em Berlim, *O estudante de Praga*, com o qual teria início, “também na Alemanha, a história dos filmes artisticamente ambiciosos” (PAECH 1988, p. 103). Como praxe bastante comum, *O estudante de Praga* viria a ser refilmado mais duas vezes: em 1926, por Henrik Galeen, e, em 1935, como produção sonora por Arthur Robinson. Mas limitemo-nos aqui à versão inicial. O filme remonta à tradição literária do romantismo, com seus heróis desesperados, a reverência à natureza e a presença sinistra do sobrenatural. Os motivos literários presentes no roteiro dialogam claramente com a obra de E.T.A. Hoffmann, em criações como *Die Doppelgänger* (1812), *Die Geschichte des verlorenen Spiegelbildes* (1815), *Der goldene Topf* (1814), bem como com o romance *Peter Schlemihls wundersame Geschichte* (1813), de Adelbert von Chamisso. Ambos os autores foram reconhecidos e apontados por quase toda a crítica como os principais modelos literários do filme; Chamisso, em particular, era citado com frequência nos jornais da época: falava-se em “balada de Schlemihl” (*Volkszeitung*), “variante de Schlemihl” (*Vossische Zeitung*) e “contrapartida de Peter Schlemihl” (*Berliner Lokalanzeiger*, apud DIEDERICHS 1985: 26). A referência literária era apontada também no jornal *Tägliche Rundschau* de 23 de agosto de 1913: “seus padrinhos ilustres são Goethe, Chamisso, Amadeus Hoffmann e Oscar Wilde (...) Seu sangue corre, de modo bastante elegante e assombroso, nas veias deste drama fantástico” (apud PRINZLER 1986: 262).

Além da influência romântica, o filme remonta igualmente ao universo da lenda e da cultura popular. O trágico desenlace da história do estudante Balduin, assombrado por sua cópia fantasma, não coincide com o destino das personagens de Erasmus Spikher (*Die Geschichte des verlorenen Spiegelbildes*) e Peter Schlemihl, pois, enquanto estas ainda conseguem ao final “libertar-se do mal” (JÖRG 1994: 89), em *O estudante de*

Praga, a história termina com a morte do herói e o triunfo da aparição. O teor pessimista de tal desfecho coaduna-se com as histórias de *doppelgänger* presentes na prosa popular, segundo as quais “a visão de um *doppelgänger* geralmente anunciava a morte da respectiva pessoa” (JÖRG 1994: 103). Da mesma forma, a libertação e o roubo do reflexo de Balduin estão diretamente ligados à crença popular de que a alma humana encontraria na sombra, numa visão e no reflexo do espelho “um substituto do corpo” (MENGIS 1987: 348).

Todo esse arcabouço folclórico-literário não só dava sustentação à trama, como também credibilidade ao filme, contribuindo significativamente para sua aceitação. Graças ao sucesso e reconhecimento de *O estudante de Praga*, muitos filmes nos próximos anos haveriam de seguir-lhe a proposta “literária”. Pois, conforme postula Anton KAES, “através de sua hábil acomodação à literatura da época, o cinema conseguia gradualmente superar o estigma de sua origem plebéia e convencer a burguesia – necessária para a ampliação da base de recepção – de seu potencial artístico” (KAES 1978: 2).

Além de representar a estréia no cinema alemão de um roteiro escrito exclusivamente para um filme, *O estudante de Praga* causou sensação também pela inovação no tocante à música. Ao contrário da prática comum da época de se utilizarem trechos musicais como música de fundo, o projeto de Rye contou com a participação do célebre compositor húngaro Josef Weiss, que não só compôs um acompanhamento musical especialmente para o filme, como o tocou ao piano na sua *première*, em Berlim. Lia-se no jornal berlinense *Tägliche Rundschau* do dia 2 de setembro de 1913: “Sem excessivas surpresas sonoras e sensacionalismos, baseando-se em danças e melodias folclóricas eslavas – também Chopin emerge visivelmente na singular ‘polonaise’ –, o compositor dá às imagens um abaulamento musical sumamente agradável” (*apud* DIEDERICHS 1985: 23).

Stellan Rye foi muito elogiado também pela fotografia do filme, na qual se exploraram as nuances dos efeitos de luz; admiravam-se as cenas de “maravilhoso efeito pictórico” (*Zeit am Montag, apud* DIEDERICHS 1985: 26). A referência da crítica à pintura se deveu em especial ao tipo de iluminação inaugurada no filme, que lembrava os quadros de Rembrandt. Este explorava em suas obras os diferentes matizes obtidos pelo contraste entre luz e sombra: os objetos não se apresentavam na sua cor própria, mas assumiam antes o tom ditado pela incidência de luz, o que resultava num forte contraste entre áreas claras e escuras. Em *O estudante de Praga*, utiliza-se uma técnica

similar de iluminação: em vez de se iluminarem igualmente a frente e o fundo da imagem, como era de praxe nos filmes da época, o fundo permanece escuro, enquanto os atores são iluminados parcialmente; as personagens se destacam, enquanto os cenários deixam-se entrever apenas por contornos – esse jogo de luz e sombra conferia às cenas um clima duvidoso, ambíguo. Criava-se, assim, um mundo de sombras e, dentro da proposta do filme, um ambiente de mistério e horror. Esse estilo de iluminação, que seria adotado em muitos filmes posteriores, vindo a transformar-se na marca registrada do cinema alemão, ficou popularmente conhecido como *german lighting*.

Aliadas à iluminação, contribuíram também para a atmosfera poético-fantasmagórica da trama as cenas das ruas e da natureza de Praga. As belas tomadas externas, filmadas na parte histórica da cidade, não passaram despercebidas aos olhos da crítica, que louvou “a beleza imortal da falecida Praga” (PRINZLER 1986: 262), bem como os efeitos obtidos ao ar livre: “representava-se o vento; podíamos reconhecê-lo em árvores balançando ou então nos cabelos de Wegener” (*apud* JÖRG 1994: 74).

Não obstante todas as inovações acima descritas representarem uma grande realização no quadro da cinematografia alemã da época e terem, de fato, contribuído para a boa recepção do filme, o motivo principal do estrondoso sucesso de *O estudante de Praga* foram realmente as cenas com o *doppelgänger*. Sua realização na tela, a possibilidade de Paul Wegener contracenar com Paul Wegener – com seu próprio reflexo animado –, arrebatou o público e arrancou da crítica elogios dos mais entusiásticos. “O filme conseguiu os atrativos mais intensos a partir do horror de uma figura de *doppelgänger* real, fantasmagórica, impossível no teatro, e de sua enigmática criação técnica” (*Neues Tagblatt für Stuttgart, apud* DIEDERICHS 1985: 25).

Todavia, o truque de câmera por meio do qual Guido Seeber dera vida à cópia fantasma do estudante Balduin não era de todo inédito. Tratava-se do *stop trick*, descoberto acidentalmente, em 1896, pelo francês George Méliès, considerado o pai da arte cinematográfica. Certa vez, enquanto Méliès filmava um objeto em movimento, sua câmera emperrou por alguns segundos, porém logo voltou a funcionar. Ao rever o filme, ele percebeu que, nos *frames* em que a câmera deixara de rodar, o objeto tinha desaparecido. Méliès utilizaria essa técnica em seus filmes para realizar truques de mágica, como, por exemplo, fazer uma garota desaparecer e, após um gesto seu, reaparecer em seguida. Em *O estudante de Praga*, as cenas do *doppelgänger* eram filmadas de maneira semelhante. O momento, por exemplo, de sua primeira aparição –

quando Balduin vê diante dos próprios olhos seu reflexo libertar-se do espelho e vir ao seu encontro – dava-se da seguinte maneira: depois que Scapinelli se afastava do espelho, pausava-se a câmera, e o cenário era preparado para a entrada do *doppelgänger*. A cena, então, era filmada duas vezes: na primeira, com Paul Wegener de um lado, na segunda, do outro.

Essa duplicidade da natureza humana já havia sido experimentada anteriormente no cinema. *O outro*, cujo roteiro fora escrito pelo teatrólogo Paul Lindau e que contara com a participação do célebre ator de teatro da época, Albert Bassermann, foi o primeiro dos filmes de autor, estreando no final de janeiro de 1913, meio ano antes de *O estudante de Praga*. Assim como neste último, no filme *O outro*, também existia um tipo de dilema do *doppelgänger*: um advogado, ao cair do cavalo, passa a transformar-se ocasionalmente num criminoso, porém sem ter consciência do fato. No entanto, o motivo do *doppelgänger* restringe-se aqui a um caso clínico, a um mero distúrbio psicológico, que poderia ser igualmente representado no teatro, ao passo que, no filme de Ewers, assume o caráter místico e sobrenatural, que serve como um ótimo motivo temático para se explorarem as possibilidades técnicas do cinema. Como já dito anteriormente, Ewers escreveu um roteiro exclusivo para o filme, ou seja, um enredo pensado desde o início para o cinema, enquanto o roteiro de *O outro*, em contrapartida, fora escrito por Lindau segundo sua peça de teatro homônima. Enquanto Bassermann fazia mímica e, “como criminoso, torcia seu rosto em uma careta que pareceria hoje quase ridícula” (DIEDERICHS 1985: 29), Stellan Rye desenvolvia uma linguagem consideravelmente mais cinematográfica: intercalava tomadas em ambientes fechados com tomadas ao ar livre, trabalhava com os efeitos de luz e, com o *stop trick*, colocava dois Balduins idênticos em cena simultaneamente. Não surpreende, pois, o fato de ter sido o filme de Ewers aquele a conquistar o público e a crítica. Como afirmara George Lukács, em 1913, “no ‘cinema’ pode-se realizar tudo aquilo que os românticos esperaram, em vão, do teatro: uma movimentação maior e mais livre das personagens, a absoluta vivificação do fundo da cena, da natureza e dos interiores, das plantas e dos animais; uma vivificação que, no entanto, de maneira alguma se liga ao conteúdo e aos limites de uma vida comum” (LUKÁCS 1913: 1). Todo aquele mundo fantástico, místico e assustador do romantismo alemão ganhava vida na tela; transformava-se em imagem o que antes apenas a imaginação era capaz de visualizar.

O motivo temático central de *O estudante de Praga* é a problemática da “dissociação do eu” (JÖRG 1994, p. 75), que, representada no filme pela perda do

reflexo do espelho e, por conseguinte, da própria alma, é característica do romantismo. “A paranóia do ator de, no papel de um outro igual, ser seu próprio par funde-se em *O estudante de Praga* com a paranóia romântica de acreditar que, para a sobrevivência tanto de uma como da outra natureza do homem, a separação de ambas deve ser levada a cabo – um processo acompanhado de grande risco, pois a desintegração custa a alma e a reintegração, a vida” (BRENNICKE/HEMBUS 1983: 29). Balduin, assombrado por seu *doppelgänger*, que, apesar de independente, não deixa de ser uma parte, um estilhaço de sua personalidade, busca desesperadamente libertar-se desse outro eu, de modo que, desvairado, atira na aparição, o que resulta, conseqüentemente, num ferimento fatal a si próprio. A necessidade premente do amaldiçoado de tomar as rédeas do próprio destino, de recuperar a própria identidade é tamanha, que faz com que ele se volte e ataque o *doppelgänger*, ainda que isso signifique atacar a si próprio. Conforme escreve Holger JÖRG:

Este impulso (por fim autodestrutivo) para libertar-se de maneira violenta do sinistro e desagradável alterego pode ser considerado dentre os traços essenciais do motivo do *doppelgänger*. Igualmente constitutiva é a idéia – oriunda do âmbito da crença de muitos povos primitivos na magia do encanto da alma e, respectivamente, da imagem – de que todo ferimento infligido à imagem de uma pessoa deve atingir a ela própria; um motivo que, sobretudo na literatura de *doppelgänger* do século dezenove, estabeleceu-se definitivamente e, assim, provavelmente foi também incorporado ao enredo de *O estudante de Praga* (JÖRG 1994: 84-85).

O caráter inexoravelmente destrutivo do elo que une o estudante a seu alterego deixa-se perceber pela progressiva mudança de comportamento das duas personagens ao longo do filme. No início do filme, quando Balduin, em posse do dinheiro de Scapinelli, passa a cortejar a condessa Margit – mesmo estando esta já noiva do barão de Waldis-Schwarzenberg –, ele está confiante, satisfeito com a nova vida e a possibilidade de felicidade que antevê para si junto da amada. As primeiras aparições do *doppelgänger* são então, de acordo com a distinção proposta por Holger JÖRG, de “caráter passivo-advertivo” (JÖRG 1994: 80): o alterego não age nem dirige a palavra a Balduin; é como se aparecesse apenas para lembrá-lo do acordo, do pacto irrevogável que os une. Ao mesmo tempo, porém, o *doppelgänger* surge sempre nos momentos em que Balduin está com a condessa – na sacada do castelo do conde, quando os dois começam a se aproximar; no cemitério, impedindo o primeiro beijo do casal –, de modo que,

conquanto não haja de sua parte ação propriamente dita, ele frustra toda e qualquer iniciativa do herói em conquistar o objeto de seu desejo.

À medida que Margit passa a corresponder aos sentimentos de Balduin e os dois desenvolvem laços cada vez mais fortes, as aparições de seu alterego tornam-se mais e mais agressivas, adquirindo o que JÖRG chama de “caráter ativo-ameaçador” (JÖRG 1994: 80): o *doppelgänger*, no lugar de Balduin, mata em duelo o barão de Waldis-Schwarzenberg, com quem Balduin, a pedido do pai de Margit, prometera não duelar; senta-se à mesa de jogo com o estudante e desafia-o a jogar pela própria vida; e, por fim, persegue o herói pelas ruas de Praga até o culminante confronto no seu quarto, onde Balduin atira na aparição, matando a si próprio. Vê-se, assim, que o objetivo primeiro do acordo de Scapinelli era já a ruína e a morte do jovem. A possibilidade de felicidade que o dinheiro do acordo proporciona a Balduin traz consigo funestas conseqüências: quanto mais ele se aproxima de seus objetivos, mais se aproxima de sua própria destruição.

Antes, e mesmo depois do acordo com Scapinelli, o jovem estudante de Praga era um solitário, um homem para quem o amor se mostra intangível. Isso aparece representado na interessante figura de Lyduschka, a moça pobre e apaixonada que segue Balduin feito uma sombra, aonde quer que ele vá. Até aproximadamente a metade do filme, a figura jovem e “felina” da moça acompanha os infortúnios e fracassos do estudante, buscando diversas vezes conquistá-lo, a fim de salvá-lo do destino fatal que o aguarda. Entretanto, Balduin reiteradamente despreza seu amor, o que faz com que ela, por fim, passe a fazer intrigas junto à condessa Margit, a fim de envenená-la contra o estudante. De acordo com a sagaz análise de Otto RANK, Balduin “é impedido pelo seu próprio eu corpóreo de amar uma mulher, e assim como seu reflexo do espelho o segue qual um amante, assim Lyduschka segue a condessa como uma sombra, e ambos os *doppelgänger* colocam-se entre o par de heróis a fim de separá-los” (RANK 1914: 100).

Igualmente digna de nota é a misteriosa figura do senhor Scapinelli, com suas habilidades mágicas e sua manifesta charlatanice. A astúcia e persuasão de que se serve para convencer o ingênuo Balduin a assinar o contrato, bem como a data em que este se dá, dia 13 de maio de 1820 (sendo o número treze, na crença popular, definitivamente agouroento), reforçam a idéia de tratar-se de um pacto com o diabo. Todavia, é equivocada a idéia de considerar Scapinelli como sendo o próprio diabo, ou mesmo uma entidade demoníaca, apenas pelo fato de ele possuir poderes mágicos e usá-los com fins malignos. Ele é antes o que dizem os letrados: um velho aventureiro dotado de poderes

mágicos. Em outras palavras, ele representa as pessoas com habilidades sobrenaturais, que são figuras típicas das lendas populares. Como diz PETZOLDT, “bruxas, especialistas em magia, pactuantes com o diabo, maçons (...) são, segundo a superstição popular, possuidores de forças sobrenaturais que os capacitam para a magia branca ou negra” (PETZOLDT 1978: 351). A constituição franzina, o jeito servil, a cartola, os óculos – sua figura é antes ridícula e caricaturesca do que sombria e ameaçadora. Ela não dispõe das características típicas que a caracterizem como uma entidade demoníaca: Scapinelli não traz, por exemplo, a “pena de galo” (JÖRG 1994: 94), marca que identifica o diabo no *Fausto* de Goethe e que também aparece como símbolo do mal nos filmes mudos *Nosferatu* (1922) e *Fausto* (1926), de F.W. Murnau.

Em comparação com o reflexo de Balduin, este ser sem vontade própria cujo único propósito é perseguir e atormentar o estudante – seu eu original, o eu que nele inexistia –, Scapinelli aparece relativamente pouco no filme. Sua participação se dá mais no início do enredo, até o momento da libertação do reflexo, pois, a partir de então, o foco da ação se volta predominantemente para a relação entre Balduin e o *doppelgänger*; a figura de Scapinelli fica em segundo plano, cedendo o lugar a sua criação.

Não obstante, sua participação no curso dos acontecimentos é fundamental para o desdobramento da tragédia. Tomemos como exemplo o afogamento da condessa, ocasião em que ela e Balduin se conhecem e a partir da qual todo o enredo se desenvolve. Poder-se-ia ventilar aí a possibilidade do envolvimento de Scapinelli. Na cena em que Margit passa cavalcando pelos dois, ela perde o controle do cavalo justamente no momento em que estava ao lado *esquerdo* de Scapinelli – de acordo com a superstição popular, o lado mau. Contudo, como diz JÖRG,

Não fica claro se ‘o velho aventureiro’, além do papel de observador atento, forjou, de maneira mágica, o acidente da filha do conde e seu subsequente resgate por Balduin; nem, portanto, até que ponto ele, na sua função de aparente figura secundária, transforma-se no verdadeiro e invisível condutor dos eventos e, por conseguinte, em figura dominante (JÖRG 1994: 95).

Ele poderia igualmente ter apenas aproveitado o ensejo e o sentimento que percebe nos olhos de Balduin pela condessa para atraí-lo e convencê-lo a fazer o pacto. Interessante notar que o mesmo não se dá na segunda versão do filme, dirigida por Henrik Galeen, em 1926 (ironicamente, exatos *treze* anos depois). Neste segundo filme mudo, o diretor optou por dar maior destaque à figura de Scapinelli, mostrando

claramente como este, com seus poderes mágicos, dirige o curso dos acontecimentos que levam à perdição de Balduin.

5. Conclusões

Buscamos mostrar a fase transitória do cinema como novo *medium* em direção a sua inserção e aceitação na vida cultural, exemplificadas pelo filme *O estudante de Praga* como sendo a primeira produção de ambições declaradamente artísticas. A partir deste e outros exemplos pode-se perceber certo padrão no surgimento histórico dos *media*. Num primeiro momento, compara-se o novo *medium* com o antigo, este estabelecido e consolidado. Basta lembrarmos da conhecida rejeição de Platão à escrita, julgando-a como influência negativa sobre a capacidade de memorização; também de denominações como foto-grafia ou cinemato-grafia, que se baseiam na escritura como patamar padrão; ou ainda da já tão gasta profecia do fim da “galáxia de Gutenberg” frente à digitalização. O mesmo se dá com relação à recepção inicial do cinema, visto primeiramente como uma ameaça à literatura e ao teatro. Numa segunda fase, objetiva-se integrar as características então elaboradas deste novo *medium* em teorias mais abrangentes. Pensamos aqui nas reflexões de Balázs ou Eisenstein, focalizando não mais aspectos comparativos, mas antes as propriedades da nova forma medial, sua singularidade e especificidade estética. Numa fase posterior, processam-se então as mudanças históricas mediais num contexto amplo, dentro de teorias sociais de cunho universal. Podemos citar aqui nomes como Walter Benjamin, Theodor W. Adorno, Umberto Eco, Jürgen Habermas ou Niklas Luhmann. Todos eles reservaram um determinado espaço de sua obra para destacar a relevância medial.

No tocante ao *Estudante de Praga*, vale lembrar que o sociólogo Siegfried KRACAUER o incluiu no seu livro de 1947, *De Caligari a Hitler*. O autor apresenta aqui uma argumentação que mais parece o resultado de um *tour de force* histórico da época do Pós-Guerra que busca construir os precursores do horror nazista, do que uma análise coerente. Sua tese parte da convicção de que o *medium* filme funcionaria como o sismógrafo psicológico de uma sociedade, transportando medos, neuroses, sentimentos e ideologias. “Os filmes de uma nação refletem de forma mais direta seu estado histórico do que outros *media* artísticos” (KRACAUER 1988: 53), pois nunca são produtos de um único indivíduo e dirigem-se a uma massa anônima. Ele vê, portanto,

em muitos filmes da época, representações de uma dominação tirânica e, por conseguinte, uma disposição do povo alemão de se submeter a esta. Para apoiar esta análise, Kracauer se baseia em películas como *Dr. Mabuse* (1922), de Fritz Lang, *Nosferatu* (1922), de F.W. Murnau, *O estudante de Praga* (1913), de Rye/Ewers, *O outro* (1913), de Max Macks, e sobretudo o *Caligari*. Todavia, para sua análise sobre o sentimento das massas, escolheu, ironicamente, não os sucessos comerciais de grande apelo popular – entre os quais se encontrava um grande número de comédias, filmes de aventura e de entretenimento –, mas sim os *Autorenfilme*, os filmes de autor, que atingiram um público reduzido (talvez com exceção do *Caligari*), enquanto a “massa” do público alemão da época preferiu os mesmos filmes populares que os americanos ou ingleses. Parece-nos muito mais apropriado destacar a herança romântica como referência central do filme, e, neste contexto, o *doppelgänger* como elemento central da narrativa e configuração a ser explorada pelas possibilidades técnicas do filme. Parecido com *Caligari*, a configuração básica vem do “(...) *doppelgänger, an offspring of a gothic tale, a late descendent of those split personalities of nineteenth-century Romantic literature who are haunted by their shadows and alter egos, form dangerous alliances with magic forces, create artificial beings who eventually escape their control, and usually end in self-destruction*”. Balduin apresenta certo parentesco com “*Cagliostro and Faust, Frankenstein and William Wilson, Dr. Jekyll and Mr. Hyde, and Dorian Gray*” (SCHEUNEMANN 2003, p. 130). Assim, *O estudante de Praga* trouxe uma novidade ao cenário fílmico alemão: a de unir à tradição artística consolidada e respeitada do romantismo as possibilidades técnicas do novo *medium*, resultando, assim, numa produção referencial para a história do cinema.

Referências bibliográficas:

BALÁZS, Béla. Der sichtbare Mensch. In: DIEDERICHS, Helmut H. (org.). *Béla Balázs, Schriften zum Film*. Berlin, Henschel, 1962, v. 1.

BRENNICKE, Ilona/HEMBUS, Joe. *Klassiker des deutschen Stummfilms (1910 bis 1930)*. München, Goldmann, 1983.

DIEDERICHS, Helmut. *Der Student von Prag*. Stuttgart, FOCUS-Verlagsgemeinschaft, 1985.

EWERS, Hanns Heinz. Der Kientopp. In: *Morgen* nr. 1, 11.10.1907, Berlin.

- EWERS, Hanns Heinz. Die Programmfrage. In: *Erste Internationale Film-Zeitung*, nr. 11, 18.3.1911, Berlin.
- EWERS, Hanns Heinz. Antwort an Hans Kyser. In: *B.Z. am Mittag*. Nr. 44, 21.2.1913a, Berlin.
- EWERS, Hanns Heinz. Der Film und ich. In: *Lichtbild-Bühne*, nr. 23, 7.6.1913b, Berlin.
- JÖRG, Holger. *Die sagen- und märchenhafte Leinwand: Erzählstoffe, Motive und narrative Strukturen der Volksprosa im „klassischen“ deutschen Stummfilm (1910-1930)*. Sinzheim, Pro-Universitate-Verl., 1994.
- KAES, Anton (Hrsg.). *Kino-Debatte. Texte zum Verhältnis von Literatur und Film 1909-1929*. München, Deutscher Taschenbuch Verlag; Tübingen, Niemeyer, 1978.
- KINEMATOGRAPH. *Der Kinematograph in der Medizin*. Nr. 2, 1907, s.p., Berlin.
- KORFMANN, Michael. Rideamus in Brasilien: Ein nicht ganz so heiteres Leben. In: *TÓPICOS* 4/2002-1/2003, p. 40-41.
- KRACAUER, Siegfried. *De Caligari a Hitler*. Rio de Janeiro, Zahar, 1988.
- KURTZ, Rudolf. Die Geschichte des Filmmanuskripts. In: *Kinematograph*, nr. 60, 1934, Berlin.
- MENGIS, Carl. „Doppelgänger“; Stichwort in: BÄCHTOLD-STÄUBLI, Hanns/HOFFMANN-KRAYER, Eduard (Hrsg.). *Handwörterbuch des deutschen Aberglaubens* (9 Bde.). Berlin und Leipzig, de Gruyter, 1927-1942 (Repr. Berlin und New York: de Gruyter 1987), Band 2, 1927, p. 346-349.
- LOTMANN, Jurij M. *Probleme der Kinoästhetik. Einführung in die Semiotik des Films*. Frankfurt/M., Suhrkamp, 1977.
- LUKÁCS, George. Gedanken zu einer Ästhetik des Kinos. In: *Frankfurter Zeitung*, Nr. 251, 10.09.1913, p. 1.
- PAECH, Joachim. *Literatur und Film*. Stuttgart, Metzler, 1988.
- PETZOLDT, Leander (Hg). *Deutsche Volkssagen*. München, Beck, 1978.
- PRINZLER, Hans Helmut (Hg). *DIF-Verleihkatalog Nr. 1. Hrsg. Vom Deutschen Institut für Filmkunde und von der Stiftung Dte. Kinemathek unter der Redaktion von H. H. Prinzler*. Frankfurt, Wiesbaden und Berlin, Ludwig Vogt, 1986.
- RANK, Otto. Der Doppelgänger. In: *Imago. Zeitschrift für Anwendung der Psychoanalyse auf die Geisteswissenschaften*, 3. Band, 1914, p. 97-164.
- ROBINSON, David. *History of World Cinema*. New York, Stein & Day, 1973.
- SCHEUNEMANN, Dietrich. *Expressionist Films*. Rochester, Camden House, 2003.

SCHOBERT, Walter. *Der Deutsche Avant-Garde Film der 20er Jahre*. München, Goethe-Institut, 1989.

TANNENBAUM, Herbert. Probleme des Kinodramas. In: *Bild und Film* (M.Gladbach), Nr. 3/4, 1913/14, p. 60.

TOEPLITZ, Jerzy. *Geschichte des Films*. Berlin, Henschelverlag, 1972, v. 1.

ZANDER, Peter. *Thomas Mann im Kino*. Berlin, Bertz und Fischer, 2005.

Natureza e Linguagem em *Os Discípulos em Saïs*, de Novalis

Natália Corrêa Porto Sanches Fadel¹

Abstract: This paper examines the novel *Die Lehrlinge zu Saïs* by Novalis and aims to identify features of a language theory which is based on German Idealism. For Novalis, who has witnessed the establishment of modern linguistics and was himself a reputed researcher on philology, language reflects a potential relation between spirit and world. This suggestion is the opposite of today's classic concept of the arbitrariness of signs. Considered by critics as unfinished, this novel contains a rich range of material which may serve as the basis of a symbolic-poetic language theory. The approach therefore looks at *Die Lehrlinge zu Saïs* with a view to identifying features of a romantic philosophy or theory of language.

Keywords: Novalis; *Die Lehrlinge zu Saïs*; German Early-Romanticism; Language philosophy.

Resumo: A seguir, procuraremos identificar na obra *Die Lehrlinge zu Saïs*, de Novalis, um dos autores mais significativos do assim chamado Primeiro Romantismo Alemão, os pressupostos de uma teoria da linguagem que se sustenta no Idealismo Alemão. O problema se delineia à medida que, para Novalis, contemporâneo do estabelecimento das bases da lingüística moderna, e, ele próprio, estudioso de filologia, observar-se-ia no fenômeno da linguagem uma possível relação entre espírito e mundo, o que, por sua vez, se opõe ao conceito hoje clássico da arbitrariedade do signo. Considerada pela crítica como um fragmento de romance, a narrativa de Novalis em questão apresenta um elenco bastante rico no que se refere aos pressupostos de uma possível teoria da linguagem de caráter simbólico-poético e messiânico. Assim sendo, a abordagem a *Os Discípulos em Saïs* terá como perspectiva a possível identificação, no texto literário, de características desta filosofia ou teoria romântica da linguagem.

Palavras – chave: Novalis; *Os Discípulos em Saïs*; Primeiro Romantismo Alemão; Filosofia da Linguagem.

Zusammenfassung: Das Ziel dieser Arbeit ist es, die Eigenschaften einer Sprachtheorie, die auf der Grundlage des deutschen Idealismus basiert, in einem der fragmentarischen Romane Novalis, *Die Lehrlinge zu Saïs*, zu identifizieren. Laut Novalis, Zeitgenosse der modernen Linguistik und selber Philologe, gäbe es eine Verbindung zwischen Geist und Welt auf der Ebene der Sprache, eine Konzeption, die dem modernen Konzept der Arbitrarität des Zeichens entgegensteht. Unser Hauptziel ist somit die Identifizierung der Merkmale dieser romantischen Sprachphilosophie oder -theorie.

Stichwörter: Novalis; *Die Lehrlinge zu Saïs*; Frühromantik; Sprachphilosophie.

¹ Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UNESP- Universidade Estadual Paulista- Araraquara. Email: natifadel@hotmail.com

Ao início da segunda parte da obra *Die Lehrlinge zu Saïs*, intitulada “die Natur”, a narrativa remete-nos ao episódio bíblico da criação do mundo, o “Mundo Original” criado por Deus. Na assim chamada ‘Idade de Ouro’, o homem teria vivenciado o dom do conhecimento total, em comunhão plena com a natureza e com Deus. Ao “homem caído” caberia a tarefa de recobrar tal dom divino, recuperando a Linguagem Original por meio da poetização do mundo.

Cabe dizer que o mito da Idade de Ouro há muito permeia o imaginário humano, como na cultura dos Sumérios há mais de quatro mil anos, cuja história contava a trajetória de Dilmun, ou no Egito, conhecido como “Rê e Ísis”. De acordo com Marie Josette BÉNÉJAM-BONTEMPS:

Se o mito é uma narrativa que depende da tradição oral ou escrita, capaz de despertar no ouvinte ou no leitor representações coletivas ligadas a aspirações e a fatos contemporâneos, então a Idade de Ouro é o mais representativo dos grandes mitos da humanidade. Presente em várias culturas, do passado longínquo ao tempo presente, oferece, na sua permanência, a imagem da felicidade do homem, sob o olhar de deuses ou de Deus, como realização feliz do destino universal. (*apud* BRUNEL 2004: 474)

Desta forma, para Novalis, o homem sábio seria aquele que conseguiria perceber a natureza em sua essência, de maneira a entrar em comunhão com ela. A natureza seria, então, a maior expressão da força divina, uma vez que nela permaneceriam os resquícios do Mundo Original. Em sua ânsia de descobrir as coisas do mundo racionalmente, o homem teria se distanciado de si mesmo, de seu interior, o que o teria afastado cada vez mais de seu passado mítico, o qual o levaria ao verdadeiro conhecimento: “Talvez se trate apenas de uma aptidão doentia dos homens recém-chegados, que lhes fez perder a faculdade de voltar a misturar as cores internas do seu espírito e recuperar, à vontade, o estado natural primitivo e simples.” (NOVALIS 1989: 39). Desta maneira, o homem deixou o mundo original em busca do conhecimento, encontrando-se cada vez mais distante do verdadeiro conhecimento, que reside no mundo do qual partiu, na Idade de Ouro: “O trabalho imenso foi distribuído: enquanto uns tentaram acordar os sons calados que se tinham perdido pelo ar e pelos bosques, outros depositaram no bronze e na pedra o pressentimento e a idéia que tinham sobre as raças mais perfeitas.” (NOVALIS 1989: 44).

Na Idade de Ouro vivíamos como essas ondas; as raças humanas amavam e geravam-se em eternos jogos nas nuvens multicores, em mares flutuantes e mananciais de tudo o que na terra existe; e os filhos do céu lá apareciam a

visitar os homens. Esse mundo florescente desapareceu ao dar-se o grande sucesso que as lendas sagradas chamam de dilúvio. Uma potência inimiga derrotou a terra e só alguns homens, agarrados aos rochedos das novas montanhas, subsistiram num estranho mundo. (NOVALIS 1989:74)

A partir da passagem acima, percebemos que nem todos os homens se afastaram completamente do mundo do qual partiram, alguns permaneceriam em busca de seu passado: o poeta seria aquele capaz de promover o reencontro com seu passado original, uma vez que a poesia seria a linguagem de tal mundo. A poesia seria a linguagem divina, a qual mais se aproximaria da natureza, capaz de unir todas as coisas, tendo o universo inteiro transformado em música:

O caráter accidental da Natureza parece que também se liga, só por si, à idéia da personalidade humana, e ao ser considerada assim, como criatura humana, pôde a Natureza ficar mais inteligível. Por isto mesmo foi a poesia o instrumento favorito do amigo da Natureza; e nos poemas é que mais claramente surgiu seu espírito. (NOVALIS 1989: 41)

Faz-se necessário esclarecer que tal concepção acerca da natureza, de Deus, do homem e da arte, parte da teoria romântica segundo a qual o universo constituiria um macrocosmo composto de diversos microcosmos, sendo que cada parte desse Todo perfeito constituiria em si um Todo. Desta maneira, no mundo original, todas as coisas e os seres estariam profundamente interligados, em comunhão plena. A natureza seria, então, nada mais do que o espelhamento do homem e vice-versa: “Ao conjunto do que nos toca se chama Natureza, e assim esta se encontra em relação direta com as partes do corpo chamadas sentidos. As desconhecidas e misteriosas relações do nosso corpo pressupõem as desconhecidas e misteriosas relações da Natureza.” (NOVALIS 1989: 63).

A partir daquilo que concebe como “conhecimento”, o homem encontrou-se desligado do Todo Orgânico, distante da verdade original. A tarefa do poeta romântico seria, assim, resgatar seu passado mítico, de maneira a reunir-se ao todo original. No entanto, uma vez que ele também faria parte deste Todo inexplicável, teria de encontrar dentro de si mesmo sua verdade, pois contém dentro de si o Todo pelo qual anseia:

Em nós, no fundo desta fonte, vive um mundo mais puro. Manifesta-se aqui o verdadeiro sentido do complexo, imenso e multicolor espetáculo; e se entrarmos na Natureza com os olhos cheios deste espetáculo, parece-nos tudo familiar; e reconhecemos todos os objetos (...). Tudo se transforma num criptograma imenso, do qual temos a chave; nada nos parece inesperado por já conhecermos, de antemão, a marcha do grande relógio. (NOVALIS 1989: 51)

Ao enxergar sua verdade interior, o homem passaria a ter, então, o domínio dos dois mundos, o interior e o exterior, o que constituiria o verdadeiro conhecimento: “o mundo exterior faz-se transparente, e o interior complexo e cheio de significado. Deste modo o homem passa a um vivo estado íntimo entre dois mundos, na mais completa liberdade e em suave consciência da força que tem.” (NOVALIS 1989: 62).

Também a Arte possuiria papel fundamental nessa busca do poeta, pois ela seria a forma de expressão que mais se aproximaria da natureza, perfeita em suas imperfeições: “quem quiser participar neste desbravar da natureza, deverá freqüentar o estúdio do artista, ouvir a insuspeitada poesia que se filtra por todas as coisas, nunca se mostrar cansado de contemplar a natureza nem manter com ela relações.” (NOVALIS 1989: 46). Assim sendo, a Arte não apenas mediará o racional e o sensível, como também finito e infinito. Tal mediação estético-sensorial constituiria, então, um paralelo aos movimentos incessantes do fluxo de consciência, os quais estariam diretamente ligados ao corporal, ou seja, à forma. De acordo com Laurie JOHNSON, “*Art also indicates and makes productive (in that it brings to our awareness) a tension between the individual and the absolute; its creation and apprehension entail the realization that expression is limited to individual, finite units, yet must attempt simultaneously to convey infinity.*” (JOHNSON 2002: 122).

Desta forma, aquele que se julgasse conhecedor de todas as coisas – leia-se aqui, pautado pela Razão - , estaria mais distante da Verdade do mundo, pois jamais seria possível encontrar uma resposta para tudo, uma vez que esta residiria no infinito, no Todo Orgânico do qual todos teriam vindo:

Há quem julgue que não vale a pena estudar as infinitas subdivisões da Natureza e, por outro lado, será mesmo perigosa empresa, sem saída. Nunca se descobrirá a partícula mais pequena dos corpos sólidos, nem a sua fibra mais tênue, já que a grandeza se resolve toda no infinito, com avanço ou com recuo. (NOVALIS 1989: 47)

Acompanhando o processo de não-sintonia do homem com a natureza, na medida em que este for se afastando do verdadeiro conhecimento, a linguagem adâmica, aquela capaz de fundir signo e o que este representa (*darstellen*), deixa de existir, passando à abstração, ou seja, ao conceito, à linguagem da lógica. Uma vez esvaziada, ao poeta resta a tarefa de reconstituição da linguagem adâmica, já que apenas a poesia poderia aproximar-se dela. Restabelecendo tal “Linguagem Originária”, o poeta

aproximar-se-ia do conhecimento universal, restituindo a harmonia com a natureza e com o Todo-Uno. Tal tarefa seria caberia apenas ao Gênio.

Após a criação do mundo, os homens tornaram-se seres “inteligentes”, o que os tornou incapazes de compreender o universo plenamente em sua essência, uma vez que se encontram distantes da natureza, a qual os guiaria de volta ao Mundo Original. A reaproximação com a natureza levaria o homem ao reencontro consigo mesmo, e a partir disso, à revelação do conhecimento total. Quanto mais próximo estiver o homem da natureza, maior será sua capacidade de compreendê-la:

Je vereiniger sie sind, desto vollständiger und persönlicher fließt jeder Naturkörper, jede Erscheinung in sie ein: denn der Natur des Sinnes entspricht die Natur des Eindrucks, und daher musste jenen früheren Menschen alles menschlich, bekannt und gesellig vorkommen, die frischeste Eigentümlichkeit musste in ihren Ansichten sichtbar werden, jede ihrer Äußerungen war ein wahrer Naturzug, und ihre Vorstellungen mussten mit der umgebenden Welt übereinstimmen, und einen treuen Ausdruck derselben darstellen. (NOVALIS 1981: 99)

Na passagem acima fica evidente a idéia de comunhão total entre homem e natureza. Desta forma, o homem, num passado distante, teria sido parte da natureza, de maneira a formar um Todo-Uno, o qual, por sua vez, fora aos poucos se desgastando, ao culminar no estágio em que homem e natureza não mais poderiam se compreender e se comunicar mutuamente. O Todo-Uno parece ter-se dividido como que numa explosão cósmica, permanecendo apenas o jogo de espelhamento recíproco.

Para Novalis, ao contrário da prática científica, não caberia apenas ao cientista desvendar os mistérios da natureza, pois muito mais do que a mera observação, seria necessária a simbiose entre homem e natureza para compreendê-la: compreender o Todo, e nele suas partes. Para isso, tal homem deveria ser dotado de sensibilidade extrema e reflexão aguçada, filosófica. A junção do cientista e filósofo culminaria, então, no poeta:

Resembling the poet or enraptured lover in their ardent commitment to nature (rather than the merely curious and selfish analytic scientist) the true adepts are ‘poeticized’ scientists attempting to understand or to interpret the meaning of the whole without first needing to analyze the structure of the parts. The true philosopher of nature approaches his subject synthetically rather than analytically. For only in this fashion can the meaning of the whole, which is its spirit, be grasped. Understanding the whole before he knows the parts, the true philosopher of nature understands the parts properly: he knows their relation to the whole as well as to each other and, therefore, can fully appreciate the role they play and the significance they have. (PFEFFERKORN 1988: 114)

Assim, Novalis sugere-nos que apenas o poeta teria entendido e cantado o espírito uno da natureza, enquanto os cientistas, controladores da natureza, nada mais teriam feito do que ignorá-lo:

Unter ihren (Naturforscher) Händen starb die freundliche Natur, und ließ nur tote, zuckende Reste zurück, dagegen sie vom Dichter, wie durch geistvollen Wein, noch mehr beseelt, die göttlichsten und muntersten Einfälle hören ließ, und über ihr Alltagsleben erhoben, zum Himmel stieg. (...). So genoss sie himmlische Stunden mit dem Dichter, und lud den Naturforscher nur dann ein, wenn sie krank und gewissenhaft war. (NOVALIS 1981:101).

Deste modo, a poesia seria a chave para se compreender os mistérios naturais, reunindo em si linguagem e cognição, característica que se perdeu na medida em que a linguagem foi se aproximando apenas de sua função comunicativa. Nas belas palavras de ESTERHAMMER:

It's [poetry] the mode of language in which the natural connection between signifier and signified, which is gradually lost from sight as language becomes conventional, may be regained and re-experienced. Since language itself is a poem of the entire human race, ever becoming and changing, never complete, literature is really meta-poetry, or poetry of poetry. (ESTERHAMMER 2000: 103)

Seguindo o raciocínio de Novalis, não é de se estranhar a primazia de gêneros aparentemente simples, como o conto de fadas, em detrimento de tratados científicos, bem como da exaltação da criança em comparação à figura do cientista. Tanto o conto de fadas quanto a criança remontariam ao passado mítico humano - “Onde há crianças, ali é uma idade de ouro” (NOVALIS 2001: 90) - , de forma que na pureza e inocência da criança verificar-se-ia o conhecimento total, enquanto que no *Märchen* o homem experienciaria tal passado: “A doutrina da fábula² contém a História do mundo arquetípico, ela compreende Antigüidade, presente e futuro”(NOVALIS 2001: 90). Os personagens dos contos de fadas apresentam-se em plena comunicação com o mundo, remetendo-nos à situação ideal de comunhão plena entre a natureza e o homem que se verificava na “Idade de Ouro” sugerida por Novalis:

Noch früher findet man statt Wissenschaftler Erklärungen, Märchen und Gedichte voll merkwürdiger bildlicher Züge, Menschen, Götter und Tiere als gemeinschaftliche Werkmeister, und hört auf die natürlichste Art die Entstehung der Welt beschreiben. Man erfährt wenigstens die Gewissheit eines

²A partir dos escritos de Novalis a esse respeito, entende-se aqui a fábula equiparada ao conto de fadas.

zufälligen, werkzeuglichen Ursprungs derselben, und auch für den Verächter der regellosen Erzeugnisse der Einbildungskraft ist diese Vorstellung bedeutend genug. (NOVALIS 1981, 100)

Ainda no tocante à criança em *Die Lehrlinge zu Saïs*, é importante ressaltarmos a representação do poeta pela figura de um menino descrito à semelhança da imagem bíblica de Jesus Cristo. Este menino seria um dos poucos capazes de compreender o mundo em sua essência: “Tinha belos olhos escuros de azulínea profundidade; pele que resplandecia como as açucenas; e cabelos a brilhar como as velhas nuvens do entardecer”. (NOVALIS 1989: 34).

Para Novalis, de acordo com sua teoria das *Wechselrepräsentationen*, isto é, o jogo de espelhamentos, o Homem, enquanto criação divina, seria a imagem reversa de Deus. Ao mesmo tempo, a Criança consistiria na imagem reversa do Homem, o que a aproximaria de Deus. Tem-se então: Criança- reverso do homem. Homem- reverso de Deus. Logo: Criança semelhante a Deus.

Partindo-se desta mesma seqüência lógica de espelhamentos ou “representações inversas”, a História, ao representar a realidade, seria o reverso desta. Assim, o conto de fadas, ao constituir uma representação da História, estaria mais próximo da realidade, do mundo real. De maneira sucinta: O conto de fadas- espelha (inverte) a História. A História- espelha (inverte) a realidade. Portanto: conto de fadas semelhante à Realidade.

Por meio desta seqüência de espelhamentos, dentro da lógica de Novalis, percebemos melhor o por quê da elevação da figura da criança em detrimento do Homem, já que aquela estaria mais próxima do divino. Entende-se também a posição de primazia do conto de fadas em relação à História, pois representaria a realidade de maneira mais eficiente.

Assim, compreende-se melhor a importância da Criança e do Conto de fadas não apenas para Novalis, como para toda a geração de poetas românticos de Jena. As palavras de PFEFFERKORN poderão esclarecer-nos eventuais dúvidas:

In its games the child imitates, that is, mirrors the adults and thus presents an inverse and reversed image of them. The greater wisdom of the child, then, is due to its being a reversal of God's reversed image: man. In the child, God's nature is presented more directly. Similarly, if man is to reverse history's reversal of true Being, history must become Märchen. (PFEFFERKORN 1988: 178-9)

Partindo-se deste mesmo princípio do *Ordo Inversus* novalisiano, ao qual pertencem as *Wechselrepräsentationen* (jogo de espelhamentos ou representações

inversas), podemos compreender também a supremacia da Arte em detrimento da Natureza, já que a Arte seria a imagem reversa da Natureza, a qual, por sua vez, é fruto da criação divina. Tem-se, portanto: Arte - Natureza - Deus. Arte e Deus são semelhantes, já que cada um em seu pólo reflete a Natureza de maneira inversa. Assim sendo, a Arte estaria mais próxima de Deus, constituindo seu universo autônomo- a Arte não mais é encarada como mera imitação:

Art, language, or mathematics- in fact any representational system that has a formal structure- thus is a world in itself: as mirror image it is other than what it mirrors because it is a reversal of it.[...]Insofar as we ourselves are representations of the world-soul or are created in God's image, we must then be in every respect the inverse and opposite of the divine attributes.
(PFEFFERKORN 1988: 176-7.)

A idéia de inversão, isto é, do *Ordo Inversus*, perpassa todos os objetos de estudo de Novalis, estendendo-se, assim, também ao âmbito da linguagem.

A partir da intensa investigação dos tratados de Fichte acerca da linguagem, Novalis trabalhou alguns de seus conceitos, escrevendo os *Fichte-Studien*, reflexões que, para os primeiro-românticos, constituiriam um aperfeiçoamento das idéias de Fichte.

Em linhas gerais, de acordo com Fichte, a linguagem original (*Ursprache*) não teria surgido a partir dos sons, ou melhor, da fala, mas sim da necessidade do homem de comunicar-se por meio de sinais, isto é, de signos: *Daher die Aufgabe zur Erfindung gewisser Zeichen, wodurch wir anderen unsere Gedanken mitteilen können. Bei diesen Zeichen wird indessen einzig und allein der Ausdruck unserer Gedanken beabsichtigt.*(FICHTE 1846: 308).

Assim, os primeiros passos do homem em direção ao estabelecimento de uma linguagem comum teriam surgido a partir de hieróglifos (*Hyeroglyphensprache*), os quais, segundo Fichte, seriam arbitrários. Para o filósofo, os primeiros signos constituiriam imitações (*Nachahmung*) da natureza, de maneira que o desejo de comunicá-los teria sido voluntário (motivado), mas a maneira como eram representados não. Poder-se-ia escolher qualquer coisa para representar o que se quisesse comunicar, já que “*im Zeichen selbst war keine Willkür.*” (FICHTE 1846: 310). Tal aspecto levou Novalis a discordar de Fichte, já que, para o poeta, a linguagem teria sim partido de signos motivados, uma vez que o homem teria sido impulsionado (*Trieb*) a criá-la movido por uma sensibilidade profunda despertada nele pela natureza: “*the origin of*

*language is found in each being's desire and drive to give outer expression to its inner truth. The relation between words and what they stand for, then, is anything **but arbitrary***" (PFEFFERKORN 1988: 91. Grifo nosso.).

Assim, Fichte ignora em sua concepção de linguagem algo que para Novalis seria fundamental: a sinergia existente entre as palavras e o que elas significam. Cada um desses pares (palavra e significado) formariam um universo infinito dentro do universo próprio da linguagem, o que só se concretizaria no ato do falar. Essa energia inexplicável poderia ser apreendida por poucos, mas jamais plenamente compreendida. Fundamenta-se, assim, o "Idealismo Mágico" dos primeiros românticos. De acordo com MENNINGHAUS,

Das Prinzip der Sprache', so F. Schlegel, 'ist die Energie'. Diese magische Energie wiederum realisiert sich nicht vermöge der transportierten Bedeutungen, sondern in der ,Bewegung', in ,Form und Geist' des Sprechens selbst: ,Der lächerliche Irrtum ist nur zu bewundern, dass die Leute meinen – sie sprächen um der Dinge willen. Gerade das Eigentümliche der Sprache, dass sie sich bloß um sich selbst bekümmert, weiß keiner. (MENNINGHAUS 1995: 218)

Em concordância com Herder, e não com Fichte, Novalis acredita que a criação da linguagem teria partido da vontade do homem de responder à natureza. Por meio deste 'grito' repleto de musicalidade e sentimento, a linguagem teria surgido como que em sinal de oração à grandeza da natureza, externando o espírito, a verdade humana. Nas palavras de HERDER,

*Die geschlagne Saite tut ihre Naturpflicht: sie klingt, sie ruft einer gleichfühlenden Echo (...). Hier ist ein empfindsames Wesen, das keine seiner lebhaften Empfindungen in sich einschließen kann, das im ersten überraschenden Augenblick, selbst ohne Willkür und Absicht, **jede in Laut äußern muss.***(...) *Diese Seufzer, diese Töne sind Sprache. Es gibt also eine Sprache der Empfindung, die unmittelbares Naturgesetz ist.* (HERDER 2002: 5-6. Grifo nosso.)

Enquanto para Fichte, a criação da linguagem estaria diretamente relacionada à razão, de maneira que sem o pensamento, não haveria linguagem, -*"Sprache, im weitesten Sinne des Wortes, ist der Ausdruck unserer Gedanken durch willkürliche Zeichnen."*(FICHTE 1846: 301), Novalis acreditava ter sido o sentimento do homem o que deu o impulso para que a linguagem se estabelecesse, de maneira que os conceitos de sentimento e imaginação (*Einbildungskraft*) irão se confundir ao longo do desenvolvimento da teoria novalisiana acerca da linguagem.

No que se refere ao hieróglifo, é importante dizer que, segundo Novalis, todo e qualquer elemento da natureza constituiria um símbolo – ou signo -, isto é, tudo seria linguagem. Desta forma, o mundo estaria em comunicação constante com o homem pelo simples fato de ‘estar lá’, cabendo ao homem decifrar essa linguagem aparentemente oculta, restabelecendo, então, a comunicação plena observada na Idade de Ouro.

A linguagem enaltecida por Novalis, portanto, só poderia remeter-nos à verdade quando não houvesse nela a intenção da comunicação, ou seja, quando por meio da linguagem nada se quisesse dizer, de maneira que as palavras estariam relacionadas entre si como fórmulas matemáticas, como na música: “*Sprache wie mit den mathematischen Formeln sei - Sie machen eine Welt für sich aus - Sie spielen nur mit sich selbst, drücken nichts als ihre wunderbare Natur aus, und eben darum sind sie so ausdrucksvoll - eben darum spiegelt sich in ihnen das seltsame Verhältnisspiel der Dinge*” (NOVALIS 1978: 438). Não há o que entender, já que “*man versteht die Sprache nicht, weil sich die Sprache selber nicht verstehe, nicht verstehen wolle*”. Desta maneira, caberia à Poesia a recuperação de tal linguagem, já que aquela constituiria um sistema único, próprio, hermético, que se explica por si mesmo, ao contrário da linguagem utilitarista, designativa e lógica que visa meramente a comunicação.

É válido notar que já em Herder encontramos observações a respeito do efeito de esvaziamento da linguagem devido à gradativa perda de sensibilidade humana: „*Unsere künstliche Sprache mag die Sprache der Natur so verdrängt, unsre bürgerliche Lebensart und gesellschaftliche Artigkeit mag die Flut und das Meer der Leidenschaften so gedämmt, ausgetrocknet und abgeleitet haben, als man will.*“ (HERDER 2002: 6-7).

Diante de todo o exposto, fica evidente o papel da poesia na recuperação da linguagem originária, aproximando, assim, o homem do mundo. É válido reproduzir também as palavras de BERMANN, tão bem colocadas sobre esse assunto:

Se tudo é linguagem, não há linguagem no sentido específico. A linguagem humana encontra-se perpetuamente em falta com relação a essa linguagem do tudo. O sistema dos signos precisamente lingüísticos parece que como atingido pela pobreza em relação a essa incessante comunicação do mundo. **A tarefa da poesia é a de reaproximar a linguagem humana da linguagem universal.** Mas isso não significa de forma alguma naturalizar a poesia e suas formas: ao contrário, na medida em que a linguagem das coisas é puro mistério, pura significância vazia, a tarefa da poesia será criar uma *Kunstsprache* possuindo as

mesmas características: “Narrativas, sem conexão, entretanto providas de associação, como sonhos.” [Novalis] (BERMANN 2000,167-8. Grifo nosso.)

Sendo assim, retomemos o conceito de *romantização do mundo* pregado pelos românticos de Jena. De acordo com Fichte, o Eu só poderia se reconhecer enquanto ser no mundo à medida que se põe nele (*sich setzen*), isto é, em contrapartida com um Não-Eu fora do Eu. Desta forma, para que haja o auto-reconhecimento, ou, mais do que isso, para que o Eu possa se afirmar enquanto tal, não basta apenas que tenha em mente sua existência, mas que se reconheça pelo Sentimento (*Selbstgefühl*). Neste processo paradoxal entre Sentimento e Pensamento encontrar-se-ia, assim, o Eu. Ao contrário de Fichte, Novalis acredita que a identificação do Eu não se estabelece a partir do externo, do Não-Eu, já que ambos (Eu e Não-Eu) estariam dentro do Eu. Isto se explicaria pelo fato do mundo exterior ser apreendido por cada um de maneiras diferentes, já que a imagem que depreendemos de fora precisa passar por nossos sentimentos, nossos pré-conceitos para, então, ser constituída dentro de cada um. Resumidamente, cada um enxerga o mundo à sua maneira, e, portanto, cada um concebe a si mesmo em comunhão com a imagem que se tem do externo, a qual, por sua vez, é formada no interior do Eu. De acordo com UERLINGS, “*Anders als bei Fichte setzt sich das Ich nicht mehr ein Nicht-Ich entgegen, sondern Thesis und Antithesis sind beide im Ich, im Prozess seiner Selbstvermittlung durch die Wechselrelation, den Ordo inversus von Gefühl und Reflexion.*” (UERLINGS 1998: 63).

Este *Ordo inversus*, isto é, o processo constante de inversão e representação do Eu no outro, bem como do outro no Eu, do reconhecimento da parte pelo todo e do Todo em cada parte, da aceitação do infinito por meio do finito, estabeleceria a idéia da ‘romantização do mundo’, já que, segundo NOVALIS:

O mundo precisa ser romantizado. Assim reencontraremos o sentido originário. Romantizar nada é, senão uma potenciação qualitativa. O si-mesmo inferior é identificado com um si-mesmo melhor nessa operação. Assim como nós mesmos somos uma tal série potencial qualitativa. Essa operação é ainda totalmente desconhecida. Na medida em que dou ao comum um sentido elevado, ao costumeiro um aspecto misterioso, ao conhecido a dignidade do desconhecido, ao finito um brilho infinito, eu o romantizo - Inversa é a operação para o superior, desconhecido, místico, infinito – através de uma conexão este é logaritimizado – adquire uma expressão corriqueira. Filosofia romântica. Língua romana. Elevação e rebaixamento recíprocos. (NOVALIS 2001: 142)

Fica, então, evidente a necessidade de se retornar ao interior de si para a compreensão da natureza, do mundo, de si mesmo, e assim, para o restabelecimento da

linguagem originária capaz de colocar ser e mundo em comunicação plena. A esse respeito, citaremos uma passagem de *Die Lehrlinge zu Saïs* em que o poeta evidencia a necessidade do homem de olhar para dentro de si, mas olhar para si de maneira consciente, de forma que sentimento e reflexão devem caminhar juntos. Ao mesmo tempo em que o homem adentra seu Eu, ele deve refletir sobre ele, ou seja, deve haver primeiramente o estímulo da sensibilidade seguido da reflexão:

Empfinden und denken zugleich (...) Dadurch gewinnen beide Wahrnehmungen: die Außenwelt wird durchsichtig, und die Innenwelt mannigfaltig und bedeutungsvoll, und so befindet sich der Mensch in einem innig lebendigen Zustand zwischen zwei Welten in der vollkommensten Freiheit und dem freudigsten Machtgefühl (...) Unbekannte und geheimnisvolle Verhältnisse der Natur vermuten, und so ist die Natur jene wunderbare Gemeinschaft, in die unser Körper uns einführt, und die wir nach dem Masse seiner Einrichtungen und Fähigkeiten kennen lernen. (NOVALIS 1981: 114-5)

Uma outra maneira de se resgatar a Idade de Ouro evidenciada em *Die Lehrlinge zu Saïs* seria por meio da morte, já que esta levaria à libertação. Tal idéia encontrar-se-ia, de certa forma, relacionada à dimensão cíclica do tempo, já que todos retornam para o lugar de onde vieram: “por todo o lado brotam as chamas da vida; reconstroem-se antigas moradas, renovam-se os antigos tempos e a história transforma-se em sonho de um presente sem limites.” (NOVALIS 1989: 46).

Ainda no que se refere à dimensão espaço-temporal, é válido ressaltar o fato de que, para Novalis, ao atingirmos o estado adâmico verificado na Idade de Ouro, não haveria distinção entre tempo e espaço, de maneira que um perpassaria o outro, isto é, o tempo se tornaria espaço e vice-versa. Da mesma forma, presente, passado e futuro se fundiriam em um só, de modo que o que ocorrera no passado retornaria no futuro, tornando o presente ao mesmo tempo chave para o passado e olhar para o futuro:

Nichts ist poetischer, als Erinnerung und Ahndung, oder Vorstellung der Zukunft. Die gewöhnliche Gegenwart verknüpft beide durch Beschränkung- es entsteht Kontiguität, durch Erstarrung- Kristallisation. Es gibt aber eine geistige Gegenwart- und beide durch Auflösung identifiziert - und diese Mischung ist das Element, die Atmosphäre des Dichters. Nicht Geist ist Stoff. (NOVALIS 2006: 36)

O ambiente descrito na passagem acima poderia ser resgatado na poesia, bem como no conto de fadas e no sonho, remetendo-nos, ainda, à morte vista como um meio para o retorno à Idade de Ouro. No entanto, percebe-se no texto certo receio da morte, o

narrador teme a morte, ao mesmo tempo em que enxerga nela o caminho que o levaria ao Todo Original. A passagem de *Die Lehrlinge zu Saïs* remete-nos ao mito bíblico do Apocalipse:

Porque a Natureza, mesmo que andemos muito e cheguemos a alguma parte, continua a ser o moinho aterrador da morte (...) mas não tardará o grande dia em que serão todos levados a uma geral decisão imensa e acabem com esta miserável conjuntura e evadam deste terrível cárcere e libertem da dor para sempre a sua raça, por renúncia voluntária à permanência na terra, e se refugiem num mundo melhor, ao pé dos antepassados. (NOVALIS 1989: 48/9)

Diante do receio da morte, restaria ao homem recorrer à poesia ou ao sonho, já que ambos interromperiam o fluxo comum do cotidiano, transpassando os limites da consciência para chegar ao verdadeiro Eu interior: “*While we sleep the dream functions as opening or gateway to realm beyond that in our normal state of walking consciousness is opened to us by poetry.*” (PFEFFERKORN 1988: 173). Por se tratar o sonho de um ato involuntário, torna-se a poesia o melhor caminho para se adentrar os mistérios do inconsciente. Assim, nesse ritmo dissonante que nos remete ao fluxo de consciência, encontraria o homem a sua Verdade. Fica, então, evidente a importância de Novalis ao antecipar a reescritura da história da poesia na França por Baudelaire, Rimbaud, Mallarmé e Valéry:

Interioridade neutra em vez de sentimento, fantasia em vez de realidade, fragmentos do mundo em vez de unidade do mundo, mistura daquilo que é heterogêneo, caos, fascinação por meio da obscuridade e da magia lingüística, mas também um operar frio análogo ao regulado pela matemática, que alheia o habitual: esta é exatamente a estrutura dentro da qual se situarão a teoria poética de Baudelaire, a lírica de Rimbaud, de Mallarmé e a dos poetas hodiernos. (...) Tudo isto se poderia completar com as expressões de Fr. Schlegel sobre a exigência de separar o belo do verdadeiro e do moral, sobre a necessidade poética do caos, sobre o “excêntrico e o monstruoso” como pressuposto da originalidade poética. Novalis e Schlegel foram lidos na França e fomentaram os pensamentos fundamentais do Romantismo francês (FRIEDRICH 1991: 29)

Ainda no que se refere à idéia de que o homem deve buscar em si mesmo o caminho para a Verdade, vale ressaltar que em determinado momento, percebemos outra voz narrativa que se contrapõe ao narrador principal, questionando todas as suas teorias. Mais adiante, temos a impressão de que, na realidade, a voz antagônica representada por um forasteiro estaria presente dentro do narrador, isto é, dentro do próprio Eu. Este estaria, então, em contradição consigo mesmo, procurando buscar em seu interior a sua Verdade, a qual residiria ora na razão, ora no sensível:

Glaubst du nicht, dass es gerade die gut ausgeführten Systeme sein werden, aus denen der künftige Geograph der Natur die Data zu seiner großen Naturkarte nimmt? Sie wird er vergleichen, und diese Vergleichung wird uns das sonderbare Land erst kennen lehren. (NOVALIS 1981: 116)

Die Natur wäre nicht die Natur, wenn sie keinen Geist hätte, nicht jenes einzige Gegenbild der Menschheit, nicht die unentbehrliche Antwort dieser geheimnisvolle Frage, oder die Frage zu dieser unendlichen Antwort.“ (NOVALIS 1981: 117).

Tem-se, portanto, a imagem do homem em contradição, dividido entre a verdade mundana convencional, racional, e a verdade romântica que o leva ao encontro de seu espírito. Tal aspecto em *Die Lehrlinge zu Saïs* remete-nos à trajetória do próprio Novalis, constantemente dividido entre os estudos de tratados filosóficos de autores diversos, sua vida pessoal repleta de perdas irreparáveis como a de Sophie e de seu irmão, as indecisões profissionais, enfim, entre Razão e Beleza. Ao estabelecer o diálogo, seja ele interno ou entre outros personagens, o poeta leva-nos a refletir, cumprindo o papel de leitores ativos almejado por Novalis. Uma vez que o romance permanece fragmentado, cabe-nos, por fim, concluí-lo de acordo com nossa própria verdade interior e percepção do mundo:

O verdadeiro leitor tem de ser o autor amplificado. É a instância superior, que recebe a causa já preliminarmente elaborada da instância inferior. O sentimento, por intermédio do qual o autor separou os materiais de seu escrito, separa novamente, por ocasião da leitura, o que é rude e o que é formado no livro – e se o leitor elaborasse o livro segundo sua idéia, um segundo leitor apuraria ainda mais, assim, pelo fato de a massa elaborada entrar sempre de novo em recipientes frescamente ativos, a massa se torna por fim componente essencial – membro do espírito eficaz. (NOVALIS 2001: 103)

Referências bibliográficas

- BERMAN, Antoine. *A prova do Estrangeiro. Cultura e Tradição na Alemanha romântica*. Trad. Maria Emília Pereira Chanut. São Paulo, EDUSC, 2002.
- BÉNÉJAM-BONTEMPS, Marie Josette. Idade de Ouro. In: BRUNEL, Pierre (org). *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 2004. p. 474-6.
- ESTHERHAMMER, Angela. *The romantic performative. Language and Action in British and German Romanticism*. Stanford, California, Stanford University Press, 2000.

- FICHTE, J.G. Von der Sprachfähigkeit und dem Ursprunge der Sprache. In: *Gesamte Werke*. Berlin, Verlag von Veit und Comp, 1846.
- FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da Lírica Moderna (da metade do século XIX a meados do século XX)*. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1991.
- HERDER, Johann Gottfried. *Abhandlung über den Ursprung der Sprache*. Stuttgart, Reclam, 2002.
- JOHNSON, Laurie Ruth. *The art of recollection in Jena, romanticism, memory, history, fiction and fragmentation in texts of Friedrich Schlegel and Novalis*. Tübingen, Niemeyer, 2002.
- MENNINGHAUS, Winfried. *Walter Benjamins Theorie der Sprachmagie*. Frankfurt am Main, Suhrkamp Taschenbuch, 1995.
- NOVALIS (Friedrich von Hardenberg). Die Lehrlinge zu Saïs. In: *Novalis Werke*. Herausgegeben und kommentiert von Gerhard Schulz. München, Verlag C. H. Beck, 1981. p. 96-127.
- NOVALIS. *Os discípulos em Saïs*. Tradução de Luís Bruhein. Lisboa, Hiena, 1989.
- NOVALIS. Fragmente und Studien. In: NOVALIS. *Fragmente und Studien. Die Christenheit oder Europa*. Stuttgart, Reclam, 2006. p. 05-66.
- NOVALIS. *Pólen*. Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo, Iluminuras, 2001.
- NOVALIS. *Werke, Tagebücher und Briefe*. Organizado por Hans-Joachim Mähl e Richard Samuel. München, Karl Hansen Verlag, 1978ss. v. 1-3.
- PFEFFERKORN, Kristin. *Novalis: A Romantic Theory of Language and Poetry*. Yale, Yale University Press, 1988.
- PIKULIK. *Frühromantik- Epoche- Werke- Wirkung*. München, Verlag C.H. Beck, 1992.
- UERLINGS, Herbert. *Novalis (Friedrich von Hardenberg)*. Stuttgart, Reclam, 1998.

O Brasil de Ulrich Becher no *Romanceiro Brasileiro*: a harmonia em questão

Ruth Bohunovsky¹

Abstract: *Brazil – a country of the future (Brasilien – ein Land der Zukunft)*, written by Stefan Zweig in the 40s, is one of the few books to portray Brazil as a harmonious country. However, although the book is widely acknowledged as a fine piece of work, one cannot afford to ignore that some other German authors from the same period presented other entirely different views of Brazil. This paper focuses on the novel *Romanceiro Brasileiro* by Ulrich Becher, an author relatively neglected in the Germanic studies. The primary aim is to examine some aspects of the image of Brazil. Unlike Zweig, who shows a tendency to conceal potential conflicts which could threaten his idea of a harmonious Brazil, Becher points out the contradictions and disparities of the country, focusing on aspects which contradict the idyllic image suggested by Zweig, such as Brazil's serious social problems and injustice. By doing so, Becher may have created a more plausible image of Brazil.

Keywords: Ulrich Becher, Stefan Zweig, the image of Brazil in German literature.

Resumo: Poucas obras marcaram tanto o imaginário acerca do Brasil como o livro de Stefan Zweig intitulado *Brasil – um país do futuro*, escrito nos anos 1940. No entanto, não obstante a fama desse livro e de sua visão de um Brasil harmonioso, não se deve esquecer que existem livros de outros autores de língua alemã, escritos nessa mesma época, com visões e interpretações acerca do Brasil divergentes daquelas reveladas por Zweig. Neste artigo, são abordados alguns aspectos da imagem do Brasil presentes no *Romanceiro Brasileiro*, de Ulrich Becher – um autor relativamente negligenciado pelos estudos germânicos. Zweig, na procura por benesses do governo de Getúlio Vargas, demonstra uma tendência de ocultar possíveis conflitos que poderiam ameaçar a harmonia que ele acredita ter encontrado no Brasil. Ao contrário disso, Becher – para quem esse país foi apenas um lugar de passagem – destaca justamente as contradições e dissonâncias presentes, focalizando aspectos conflitantes com uma imagem idílica, como os grandes problemas e injustiças sociais, e chega, assim, a elaborar uma imagem talvez mais plausível do Brasil.

Palavras-chave: Ulrich Becher; Stefan Zweig; imagens do Brasil na literatura de língua alemã.

Zusammenfassung: Kaum ein literarisches Werk hat das Brasilienbild so geprägt wie das in den 40er Jahren verfasste Buch von Stefan Zweig *Brasilien – ein Land der Zukunft*. Trotz des großen Bekanntheitsgrades dieses Buchs und seines harmonischen Brasilienbildes, sollte man nicht übersehen, dass es Bücher von anderen deutschsprachigen Autoren aus derselben Zeit gibt, die uns teilweise gänzlich unterschiedliche Betrachtungen und Interpretationen Brasiliens vermitteln. Im folgenden Artikel behandle ich einige Aspekte des Brasilienbildes im *Brasilianischen Romanzero* von Ulrich Becher – ein von der Germanistik relativ unbeachteter Autor. U. a. auf Grund seines Bemühens um gute Beziehungen zur Regierung von Getúlio Vargas, tendiert Zweig dazu, mögliche Konflikte zu ignorieren, die die Harmonie, die er in Brasilien gefunden zu haben glaubt, bedrohen könnten. Im Gegensatz dazu hebt Becher – für den dieses Land nur ein vorübergehender Aufenthaltsort war – die Widersprüche und

¹ Doutora em Linguística Aplicada (Tradução) pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); atualmente docente na área de alemão na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Endereço eletrônico: ruth.bohunovsky@uol.com.br.

Gegensätze hervor und betont damit Aspekte, die mit einem Bild der Idylle nicht vereinbar sind, wie die großen sozialen Probleme und Ungerechtigkeiten, und kommt so vielleicht zu einer etwas plausibleren Darstellung Brasiliens.

Stichwörter: Ulrich Becher; Stefan Zweig; Brasilienbild in der deutschsprachigen Literatur.

1. Introdução²

O livro de Stefan Zweig, *Brasil – um país do futuro*, publicado pela primeira vez no Brasil em 1941, continua sendo uma referência à qual sempre se recorre quando o tema é este país ou a imagem que dele se faz tanto aqui quanto no exterior. Assim, por exemplo, um documentário sobre o Brasil na importante emissora de rádio austríaca Ö1, em fevereiro de 2008³, utilizou esse livro como a mais importante referência literária durante as várias horas de sua duração. Como destaca Alberto Dines, no prefácio da última reedição de *Brasil – um país do futuro* (2006), esse “canto de louvor”, condizente com o projeto de civilização e cultura do seu autor, seria “o mais famoso de todos os textos que se escreveram sobre o Brasil” (DINES, *apud* ZWEIG 2006: 7 - 9). Entretanto, não se deve entender o imaginário acerca do Brasil descrito nesse livro como sendo representativo para toda a literatura de exílio em língua alemã escrita aqui, principalmente nos anos 1940.

Outros autores de língua alemã, além de Zweig, ficaram no Brasil durante muito tempo, ocuparam-se intensamente com a cultura, a história e outros aspectos marcantes do seu país de exílio, escreveram livros sob a sua influência e, muitas vezes, tiveram impressões e chegaram a conclusões bastante divergentes daquelas que encontramos no famoso livro de Zweig. A seguir – fazendo uma comparação com a imagem do Brasil feita por Zweig -, teço alguns comentários sobre a imagem do país num livro de um desses outros autores: *Romanceiro Brasileiro (Brasilianischer Romanzero)*⁴ de Ulrich Becher, publicado apenas em 1962, mas escrito quase integralmente nos anos 1940, durante o exílio do seu autor em território brasileiro. Becher é, hoje, um autor pouco lido, raramente discutido e que nunca foi traduzido para o português, mas sua obra não deve ser descartada ao se refletir sobre a construção e a manifestação das diversas imagens do Brasil na literatura de língua alemã, sobretudo porque sua experiência de

² Agradeço a Klaus Eggensperger pelos valiosos comentários, que ajudaram na elaboração deste trabalho.

³ <http://oe1.orf.at/>

⁴ Todas as traduções citadas neste trabalho cujo tradutor não for mencionado nas referências bibliográficas foram feitas pela autora.

exílio marcou não apenas seus (poucos) trabalhos literários feitos aqui, mas também toda sua obra produzida depois da volta à Europa. Nesse sentido, ao presente artigo interessa menos uma avaliação do valor literário da obra de Ulrich Becher; o maior interesse é dar início a discussões sobre a imagem do Brasil evocada no referido livro.

Ao se propor uma comparação das imagens do Brasil sugeridas em *Brasil – um país do futuro*, de Stefan Zweig, e no *Romanceiro Brasileiro*, de Ulrich Becher, não se pode ignorar o fato de que se trata de dois gêneros textuais diferentes (relato de viagem vs. poesia narrativa) e que seus autores vêm de tradições literárias diferentes (humanismo europeu vs. expressionismo). Levando em consideração essas diferenças, parece-me conveniente analisar não apenas os poemas de Becher, mas abordar também as suas “Notas sobre o Romanceiro” (*Notizen zum Romanzero*) que se encontram no final do referido livro. Nessas “Notas”, o autor oferece – assim como Zweig – explicações, descrições e previsões bastante reveladoras no que tange à sua visão particular acerca do Brasil. É na comparação do relato de Zweig com essas exposições de Becher sobre o Brasil que os entrecruzamentos e as divergências entre as imagens do país de exílio construídas pelos dois autores se mostram claramente.

2. O Brasil em harmonia

Na introdução de *Brasil – um país do futuro*, Stefan Zweig – um autor austríaco que, ao longo da sua vida, tratara praticamente apenas de assuntos da história e da cultura européias – confessa que, antes da sua primeira vinda ao Rio de Janeiro, em 1936, suas “expectativas não eram muito altas” (ZWEIG 2006: 13). O autor reconhece que tinha “a mesma imagem algo pretensiosa” do “europeu ou o norte-americano medianos” da época, ou seja, imaginava um país com clima quente e insalubre, politicamente instável e civilizado apenas no litoral – resumindo, “um país, portanto, para emigrados desesperados, mas de modo algum um lugar” do qual se pudessem “esperar estímulos intelectuais” (ibid.). Destaca ainda que “essa imagem” era aproximadamente aquela que vigorava nesses anos “em nossos círculos europeus e norte-americanos” (ibid.). A forma como Zweig escreve não deixa dúvida de que a sua “pequena descrição” (ibid.: 16) do Brasil deve ser entendida como uma tentativa de mudar a suposta ignorância acerca desse país na Europa. Além disso, tem-se especulado muito sobre a relação entre a facilidade com a qual o escritor conseguiu os vistos

brasileiros para ele e sua esposa e a descrição exageradamente positiva deste país no referido livro. Apesar de ser relevante mencionar mais uma vez o contexto do referido livro, esse aspecto não será abordado neste trabalho⁵.

O Brasil apresentado por Zweig é, em primeiro lugar, um país belo. Logo no início do livro, o autor afirma que, quando chegou ao Rio pela primeira vez, ficou “possuído por um torpor de beleza e de felicidade que excitava os sentidos, crispava os nervos, dilatava o coração, ocupava o espírito”, e quanto mais ele via, “nunca era o bastante” (ZWEIG 2006: 14)⁶. O mesmo livro termina com a frase: “Quem realmente é capaz de sentir o Brasil viu beleza suficiente para a metade da vida” (ibid.: 248).

Aos olhos de Zweig, além de belo, o país é também marcado pela harmonia. Como aponta Dewulf, nesse sentido a descrição do escritor austríaco acerca do Brasil prossegue a tradição “tão típica” (DEWULF 2005: 603) que remonta a Alexander von Humboldt, de relatos de viagem escritos especificamente por autores de língua alemã: ao se referirem ao Brasil, associam descrições de paisagens paradisíacas com o conceito de “harmonia” (ibid.). Ainda na introdução do livro de Zweig podemos ler, por exemplo, que “a disposição harmônica da natureza” no Brasil “passou a ser o modo de vida de uma nação inteira” (ZWEIG 2006: 20). Em outra passagem na qual se refere à cidade do Rio de Janeiro, ele afirma que ali “os extremos divergem muito”, mas, “mesmo assim, misturam-se em uma harmonia especial” (ibid.: 178). Ou, como explica logo depois, “os contrastes entre o velho e o novo, entre a cidade e a natureza, entre ricos e pobres, trabalho e ócio” seriam contrastes presentes na cidade do Rio de Janeiro com os quais “podemos [nos] deleitar em uma harmonia única” (ibid. 179). No trecho em que descreve a sua chegada ao Rio de Janeiro, Zweig repete três vezes o termo “harmonia”:

Tudo é harmonia, a cidade e o mar e o verde e as montanhas, tudo se mescla sonoramente, nem mesmo os edifícios, os navios, os letreiros de néon atrapalham, e essa harmonia se repete em acordes sempre variados: a cidade é diferente quando vista a partir dos morros, do mar, mas é sempre harmônica, diversidade dissolvida em unidade sempre completa (...). ZWEIG (2006: 158).

Em outras passagens, pode-se perceber a tendência do autor de ocultar potenciais fontes de conflitos e restabelecer a sensação de harmonia, como num

⁵ Sobre outros livros de Zweig e sobre os possíveis motivos que o levaram a escrever *Brasil – um país do futuro* e as diversas especulações acerca do contexto pessoal e político desse livro, cf., por exemplo, KESTLER (2003) ou DINES (1981).

⁶ Todas as citações do livro *Brasil – um país do futuro* são provenientes da sua última edição no Brasil, no ano 2006, na tradução de Kristina Michahelles.

parágrafo sobre as favelas e as diferenças sociais na sociedade brasileira transcrito a seguir:

Às vezes quando, curioso, andava pelas favelas, esses pitorescos casebres dos negros que ficam nas encostas dos morros no meio da cidade como gaiolas de pássaros, tive a consciência pesada e um mau pressentimento. Pois afinal eu fora lá por curiosidade para ver o degrau mais primitivo da vida e observar nos barracos de barro e de bambu, indefesos contra todo olhar, as pessoas em sua condição mais primitiva e, com isso, indevidamente espiar para dentro de suas casas e sua vida particular. No início, eu sempre esperava receber um olhar raivoso ou um palavrão pelas costas, como num bairro proletário na Europa. Mas, ao contrário, para essa gente de boa-fé o estrangeiro que se perde naqueles cantos é um hóspede bem-vindo e quase um amigo. O negro que carrega água em baldes sorri com seus dentes brilhantes e ainda ajuda o estrangeiro a subir os degraus de barro escorregadios. (ZWEIG 2006: 131-132).

Zweig não vê – ou não quer ver – aspectos que podem por em perigo seu imaginário de um Brasil sempre harmonioso. Isso se mostra não só na inobservância das grandes diferenças entre as diversas classes sociais, como também quando o tema é a natureza. O mato virgem é mencionado por ele apenas tangencialmente, já que não corresponde à imagem que pretende apresentar do país. Ou seja, quando se refere à suposta harmonia entre homem e natureza e a paisagens paradisíacas, o autor comenta apenas aquela natureza já dominada ou cultivada pelo homem. Certamente esta é a parte da natureza do país que mais interessa a Zweig, e a que ele apresenta como paradisíaca e harmoniosa. No pequeno capítulo “Jardins, morros e ilhas”, Zweig discorre sobre a “floresta virgem” que ficaria a “apenas uma hora de distância da cidade” do Rio de Janeiro (ZWEIG 2006: 184) e nos apresenta a seguinte descrição:

A mata aqui não permite, como entre nós, a visão, mas é uma massa compacta e escura e se tentarmos penetrar nela – apenas alguns passos – nos sentiremos presos, isolados como sob um sino de mergulhador; a respiração sente o ar estranho e concentrado como se fosse o hálito quente e úmido de um animal gigantesco e perigoso. (ZWEIG 2006: 184).

A harmonia que procura, Zweig encontra nos jardins, especialmente no Jardim Botânico – que, nas suas palavras, seria “um museu” e, ao mesmo tempo, “um pedaço completo de natureza” que permitiria “a ilusão de que essa vegetação continua daqui, do meio de um parque e de uma metrópole, mais e mais para o interior” (ZWEIG 2006: 185). A imagem que o autor constrói da natureza brasileira enfatiza essa “ilusão” de uma paisagem perfeita na qual “existe tudo que a mata virgem contém, mas sem sustos – sua infinitude, a impenetrabilidade, seus perigos” (ibid.: 184). O escritor não se

interessa pelos possíveis “perigos” e “sustos” que a natureza selvagem poderia lhe causar e exalta, muito mais, os projetos paisagísticos e a natureza cultivada, a “aléia de palmeiras” que seria “magnificamente simétrica e firme como as colunas de um templo grego milenar” (ibid.: 185), os lagos e terraços dos jardins e, por fim, um aspecto que provavelmente não encontraria nem na cidade, nem na mata virgem: o “grande silêncio” (ibid.: 186).

Além dos jardins, Zweig vê beleza também na paisagem carioca quando vista de longe – dos topos dos morros e dos barcos –, e nas pequenas ilhas. São distâncias e tamanhos que permitem a impressão de se poder controlar o que se enxerga e fugir dos “sustos” da mata virgem (ibid.: 186-187). Assim, os poucos momentos nos quais Zweig menciona a natureza selvagem do Brasil e seus possíveis perigos não chegam a pôr em dúvida o imaginário que ele cria acerca desse país e da sua natureza.

A suposta harmonia que Zweig acredita ter aqui encontrado entre “uma nação inteira” e a natureza – assim como a suposta harmonia racial – não pode ser abordada sem que sejam lembradas as lamentações que o autor formulou simultaneamente sobre a destruição irreversível do seu “mundo de ontem” europeu. Apesar disso, o olhar de Zweig acerca do Brasil pode ser entendido também na tradição dos “mitos de paraíso” (SOUSA 1996: 48), que se caracterizariam, entre outros aspectos, pela procura de completude, pelo destaque da beleza ímpar das paisagens, da tranquilidade, das imensas riquezas potenciais e, por fim, pela oposição às características da Europa (SOUSA 1996: 209).

De acordo com SOUSA (1996), descrições de paisagens brasileiras baseadas em “mitos do paraíso/idade de ouro e Eldorado” são freqüentes na literatura de língua alemã que aborda o Brasil, assim como também, na literatura dos imigrantes alemães cujos primeiros representantes chegaram ao Brasil na virada do século XIX para o século XX. De acordo com Valburga Huber (2005), na produção literária desse grupo étnico, desde a primeira geração (ainda nascida na Alemanha) até a terceira, a imagem do Brasil é freqüentemente edênica. No seu artigo, Huber cita, por exemplo, a seguinte passagem do poema “No planalto” (*Im Hochland*), de Georg Knoll, para ilustrar esse imaginário – uma passagem que dá a entender, também, uma adaptação pouco refletida da tradição discursiva acerca de características da primavera européia numa realidade climática tão diferente como a do Brasil:

Docemente corre o rio pelas verdes
Campinas
E em toda a parte, os rastros da primavera
Um ressuscitar no campo e no mato.
O ar é puro, o céu azuleja.

*Sanft fließt der Bach durch grüne
Fluren
Und überall des Frühlings Spuren
Eine Aufersteh'n in Feld und Hain.
Die Luft ist rein, der Himmel blauet.*

(KNOLL 1923; in: HUBER 2005: 655).

3. A harmonia em questão: o Brasil de Ulrich Becher

Apesar da predominância de descrições paradisíacas do Brasil na literatura alemã de exílio e/ou de imigração (SOUSA 1996), seria incorreto supor que essa seja a única tendência de representação desse país nesse gênero literário. Vale ressaltar desde já que, nesse contexto, a imagem do Brasil talvez não seja o único aspecto que mereceria uma atenção maior. Há outras particularidades que poderiam ser estudadas, ainda que, às vezes, estejam presentes em textos de escritores pouco conhecidos tanto nos países de língua alemã quanto no Brasil, onde quase nunca se encontram traduções de seus livros. A potencial relevância dessa literatura de exílio para os estudos germânicos já foi destacada, por exemplo, por Jeroen DEWULF (2007), em seu artigo “*Hubert Fichte vorweggenommen. Die afrobrasilianischen Religionen bei den Exilautoren Richard Katz und Ulrich Becher*”. De acordo com esse germanista, embora nenhum outro autor alemão tenha conseguido descrever de maneira tão convincente como Hubert Fichte o momento “mágico” do transe no candomblé brasileiro, não se deve esquecer que

dois autores alemães exilados, Richard Katz e Ulrich Becher, que tiveram bastante sucesso durante suas vidas, mas cujas obras têm sido negligenciadas desde sempre pelos estudos germânicos, enfrentaram esse mesmo desafio de Fichte muito tempo antes e apresentaram soluções que anteciparam duas das idéias básicas dos “*ethno-poetics*” de Fichte (DEWULF 2007: 31).

Em outro trabalho, DEWULF salienta a “imagem divergente do Brasil” (2005: 603) que Richard Katz elaborou em vários livros durante os anos em que esteve no Brasil. O conceito de “divergente”, no caso, refere-se justamente à postura crítica de Katz em relação à suposta “harmonia” presente, por exemplo, no referido livro de Stefan Zweig. Nos seus primeiros textos feitos no Brasil, Katz ainda parece ter sido

marcado por um imaginário baseado no conceito de harmonia entre natureza e cultura, mas sua percepção foi mudando ao longo do tempo (DEWULF 2005). Depois de exilar-se no Brasil com planos de ficar e, mais tarde, adotar a nacionalidade brasileira, Katz apresenta descrições mais diferenciadas do país e adverte sobre os perigos do racismo que, aqui também, existiria (DEWULF 2005: 605). Desse modo, Katz alcança “uma maturidade (...) que falta no estudo de Zweig sobre o Brasil” (DEWULF 2005: 604), sobretudo no que diz respeito à sua visão da “democracia racial” do país (ibid.).

Dewulf chama a atenção também para a ausência do nome de Richard Katz mesmo em muitas obras de consulta sobre literatura de exílio (DEWULF 2005: 608), apesar de esse autor ter sido um dos mais lidos da Alemanha (ibid.: 604) nos anos 1920 e 1930. Embora tenha sido considerado, por Erich Maria Remarque, um autor que “revolucionou” a literatura de viagem e “renovou clichês gastos” (ibid.: 608), depois da sua morte, poucos têm lembrado o seu nome.

Há alguns paralelos entre o destino de Richard Katz e o de Ulrich Becher, tanto na vida quanto na literatura sobre o Brasil e também no que tange ao esquecimento de seus nomes. Filho do advogado alemão Richard Becher e da pianista suíça Elisabeth Ulrich, Becher, ainda jovem, casou-se com Dana, a filha do autor austríaco Alexander Roda Roda, e se mudou para Viena. Mudou também de nacionalidade, tornando-se austríaco. Sua esperança de poder fugir do nazismo e exilar-se na Suíça devido ao fato de ser filho de uma suíça não se realizou, pois sua postura claramente antinazista infringiu o princípio de neutralidade daquele país. A polícia de emigração negou-lhe a permissão de trabalho e sugeriu que ele emigrasse para outro lugar. Em 1941, Ulrich Becher e sua esposa conseguiram fugir do nazismo via França, Espanha e Portugal, instalando-se finalmente no Brasil. Aqui, além de publicar alguns artigos jornalísticos no *Estado de São Paulo*, em 1943, Becher escreveu quatro das cinco baladas da narrativa em verso *Romanceiro Brasileiro* (*Brasilianischer Romanzero*) e também a maior parte do romance em versos *Franz Patenkindt: Romance de um Afilhado Alemão de François Villon* (*Franz Patenkindt: Romanze von einem deutschen Patenkind des François Villon*), publicado apenas em 1979. Diferentemente de Zweig, Becher viu no Brasil apenas um lugar de passagem e, durante três anos, tentou um visto para os EUA, onde finalmente se estabeleceu com sua esposa, em 1944, e onde nasceu seu filho Martin Roda Becher (hoje também escritor). Depois da guerra, o casal voltou para a Europa e morou em Basel, onde Becher faleceu em 1990.

Em 1957, Becher foi definido como um escritor “de peso médio” pela revista alemã *Der Spiegel* (1957), mas hoje, assim como Katz, está “injustamente esquecido e raramente [é] mencionado em histórias da literatura” (KESTLER 2003: 76). Uma das suas obras, porém, ficou inesquecível, pelo menos para a população austríaca: *Der Bockerer*, originalmente uma peça teatral de sua autoria em conjunto com Peter Preses, que entre os anos 1981 e 2003 foi levada às telas do cinema por Franz Antel, numa série de filmes com o mesmo nome. Apesar do grande sucesso desses filmes, raramente associa-se *Der Bockerer* ao nome de Ulrich Becher; os nomes sempre lembrados em relação a esse título são os de Franz Antel, diretor da filmagem, e Karl Merkat, o ator que representou o personagem principal nas telas.

A relevância do exílio na obra de Ulrich Becher é inegável. Suas experiências desse período transparecem não apenas nos livros que escreveu durante a época em que viveu distante da Europa. Mais do que uma influência natural e até inevitável, essas vivências devem ser vistas como a “força matriz” (KESTLER 2003: 213) para seus trabalhos durante muitos anos depois. É pertinente mencionar também que o herói nos seus livros é, muitas vezes, um “peregrino que se lança em aventuras e ao mesmo tempo teme o mundo e a natureza desconhecida” (ibid.: 219) e geralmente possui “evidentes traços autobiográficos” (ibid.). Como um “peregrino” Becher deve ter-se sentido durante sua estada no Brasil, já que vivia tentando obter um visto para os Estados Unidos, um país considerado mais “civilizado”. Essa situação de Becher – tão diferente daquela de Zweig – certamente influenciou o seu olhar e a sua produção literária acerca do país. Nesse sentido, vale citar uma passagem do poema “Romance do Encontro com João Damasceno Baunilha” que termina o primeiro parágrafo com as seguintes palavras:

(...) nesse país, fui um andarilho cansado do cansaço.
Fui um andarilho no país, jamais alguém que ficou.

(...) war in dem Lande ein Müdeseins müder Wanderer.
War in dem Land ein Wanderer, ein Bleibender nie. (BECHER 1962: 85).

O livro *Romanceiro Brasileiro*⁷ é um poema narrativo, dividido em cinco romances de diferentes extensões: o primeiro, “Romance dos Cães Raivosos do Rio” (“*Romanzero von den tollen Hunden zu Rio*”⁸), e o último, “Romance do Encontro com João Damasceno Baunilha” (“*Romanze der Begegnung mit Johann Damaszener Vanille*”), são mais longos; os restantes ocupam apenas poucas páginas: “Romance da Floresta Estranha” (“*Romanze vom fremden Wald*”), “Romance da Árvore Vermelha, Pau-brasil” (“*Romanze vom roten Baum*”) e “Romance da Morte do Beija-flor” (“*Romanze vom Blumenküssertod*”). A linguagem das poesias é, em sua maior parte, barroca e de estilo nervoso, desafia a ordem sintática do alemão e está carregada de neologismos. Além disso, contém muitos empréstimos (*vira-lata*, *pinga*, *morro*, *Cantagallo* etc.) e traduções “literais” do português brasileiro para o alemão (*Schwarzes Gold* [Outro Preto], *Richter-von-draußen* [Juiz de Fora]), com respectivas explicações didáticas nas “Notas sobre o Romanceiro”, no final do livro. Essas características da linguagem usada em suas poesias parecem ter se fortalecido em obras mais tardias, haja vista as críticas da época. A linguagem de seu romance *Logo depois das quatro* (*Kurz nach Vier*), de 1957, foi qualificada como “intencionalmente desarmônica e de um barroco esnobe” (in: *Der Spiegel*, 1957⁹) e a de *Caça às bolinhas de gude* (*Murmeljagd*), de 1969, como “exótica” (Martin GREGOR-DELLIN, in: *Die Zeit*, 1969). Embora se possa afirmar que no *Romanceiro Brasileiro* Becher também seja “apaixonado no seu vocabulário e na sua exótica febre narrativa” – como Gregor-Dellin comenta em relação ao estilo de *Caça às bolinhas de gude* (1969) –, ele não perde “o chão embaixo de seus pés” (ibid.) e a leitura não se torna excessivamente “cansativa e semelhante a um trava-língua” (ibid.). KESTLER frisa que nas obras anteriores ao exílio, o estilo de Becher, “apesar da influência expressionista”, era “relativamente descolorido” (2003: 221). Depois da sua vinda ao Brasil, sua escrita “caracteriza-se pela

⁷ Com este título, *Romanceiro Brasileiro* (*Brasilianischer Romanzero*), Becher talvez tenha pretendido remeter à coletânea de poemas *Romanceiro* (*Romanzero*) de Heinrich Heine, publicada pela primeira vez em 1851. Esta coletânea contém, entre outras “histórias”, um poema narrativo cuja temática é o Novo Mundo: “*Vitzliputzli*”, que trata, especificamente, do fim do império asteca depois da invasão dos espanhóis na península Yucatán. Além deste, há outros paralelos que permitem pensar em uma possível referência intertextual. Como salienta Kestler, Becher costuma seguir modelos ao elaborar os próprios livros (KESTLER 2003: 214). No âmbito deste artigo não há possibilidade de se fazer uma discussão mais aprofundada sobre esse ponto, mas gostaria de chamar a atenção, por exemplo, para o enfoque dado, pelos dois autores, às dissonâncias, às contradições, aos contrastes (ascensão vs. decadência, vida vs. morte, o mau vs. o bom, o bonito vs. o feio) e para a crítica social que os dois escritores – ambos fora dos *mainstreams* literários dos seus tempos – empreendem.

⁸ Para os títulos dos romances do referido livro de Becher, siga aqui as traduções de Kestler (2003: 217).

⁹ Não consta o nome do autor deste artigo no site onde ele se encontra disponível (cf. referências).

inclusão do ambiente colorido, exuberante, da floresta virgem brasileira, e sua linguagem adquiriu novas intensidades de expressão, descritas por Becher e pela crítica como *Urwaldbarock* [barroco da floresta virgem]” (ZELLER 1983: 58, *apud* KESTLER 2003: 221).

Assim, o *Romanceiro Brasileiro*, mais que qualquer outro trabalho de Becher feito no Brasil e sob a influência tropical, é o resultado de uma “aproximação profunda, lingüística e espiritualmente, com uma paisagem cultural completamente diferente” (KESTLER 2003: 217). Dewulf concorda com o pensamento de Kestler de que, de todos os autores exilados, Becher seria aquele que mais se inspirou nas experiências brasileiras para criar temas e motivos para sua obra (DEWULF 2007: 39). No *Romanceiro Brasileiro*, Becher não esconde sua fascinação pelo país: “Ainda sonho todo dia, toda noite, com esse país. Nunca vi outro tão inesquecível” (“*Träume noch jede Nacht, jeden Tag von dem Land. Hab ein so unvergeßliches nimmer gekannt*”) (BECHER 1962: 111). Mas, Becher deixa também a impressão de não conseguir entender tudo do que viu nesse país denominado por ele de maneira significativa “Nunca-me-conheces-inteira-mente” (“*Kennst mich nie ganz*”) (BECHER 1962: 83), onde tudo seria estranho e diferente, como podemos ler em seu comentário nas “Notas sobre o Romanceiro”: “No Brasil, quase tudo é diferente!” (“*In Brasilien ist fast alles anders!*”) (ibid.: 120). O autor menciona também repetidamente o fato de que, no Brasil, o galo canta antes de meia-noite – o que seria um fenômeno “sem sentido” e “enigmático” (ibid.: 121). É justamente esse fenômeno “sem sentido” e “enigmático” que o autor utiliza em vários momentos para caracterizar e simbolizar o Brasil, isto é, o país onde “o galo canta antes de meia-noite” (ibid.: 83, 84, 120).

Na tradição do expressionismo alemão, Becher aborda em seus poemas temas como a morte, a solidão, doenças, a destruição, a decomposição, o feio e o cruel. Na interpretação do *Romanceiro brasileiro* feita por SOUSA, apenas a paisagem urbana – em claro contraste com a natureza – foi apresentada pelo autor como “lugar infernal, em que a miséria prolifera” (1996: 74). Desse modo, ainda de acordo com SOUSA, a imagem que Becher apresenta da natureza brasileira representaria, como em tantos outros livros de diversos autores de língua alemã, uma manifestação dos “mitos da conquista”, evocando “a imagem do Jardim do Éden” (ibid.: 74). Embora o mencionado livro de Sousa seja, sem dúvida, uma referência fundamental e uma leitura obrigatória para quem pretenda pesquisar a imagem do Brasil na literatura de língua alemã, tendo a discordar da argumentação da autora nesse ponto. No meu entender, Becher realmente

utiliza imagens recorrentes de caráter paradisíaco para descrever a natureza brasileira, mas utiliza adjetivos que não remetem necessariamente a um imaginário paradisíaco. A título de ilustração desse argumento, cito uma passagem do início do primeiro poema:

Nos Estados Unidos do Brasil,
Os cães selvagens passam ao longo dos rios
Vadiam ao longo dos rios amarelos de lama, marrons de excrementos,
Caçando impiedosamente em matilhas conspiradoras.

*In den Vereinigten Staaten Brasiliens
Ziehen die wilden Hunde den Flüssen,
streunen den lehmgelben kotbraunen Flüssen
wildernd entlang in verschworenen Rudeln.* (BECHER 1962: 9).

Além dos verbos que dizem respeito aos cães, “vadiam” (“*streunen*”) e “caçando” (“*wildern*”), são também os adjetivos que informam sobre a qualidade dos rios, “amarelos de lama” (“*lehmgelb*”) e “marrons de excrementos” (“*kotbraun*”) que não combinam com descrições de uma paisagem supostamente edênica. Não seria apenas o meio urbano que é atravessado pelos rios “amarelos de lama” e “marrons de excrementos”, mas o país inteiro, até a selva (ibid.: 10). Nas imagens evocadas pela poesia de Becher, a degradação nas cidades é certamente maior, mas o impacto negativo da ação humana se faz sentir também nas áreas rurais, ou seja, na natureza do país, em todos os “Estados Unidos do Brasil”. A própria expressão “Estados Unidos do Brasil” já sugere que a “civilização” tenha se sobreposto à natureza intacta que aqui um dia, talvez, tenha existido. Nesse sentido, parece-me interessante também o fato de Becher dedicar a maior parte do seu livro a cães, ainda mais a cães famintos, raivosos, doentes e sujos – e não a um animal tradicionalmente associado a imagens paradisíacas. Embora os cães sejam, geralmente, animais associados com a paisagem urbana no Brasil, Becher estende o espaço habitado por eles e os apresenta como moradores “mesquinhos, magros, depravados” da selva (ibid.: 10).

Ainda no mesmo poema, Becher retrata mais detalhadamente também outros moradores da selva brasileira. Considerando a análise feita por SOUSA, sem dúvida alguma, essa floresta de Becher seria o habitat de uma variedade de animais (de tucanos, araras, pica-paus, cobras, coelhos, jacarés e pássaros), que poderiam evocar “a imagem do Jardim do Éden” (SOUSA 1996: 74). No entanto, são novamente os verbos e adjetivos que acompanham esses nomes que sugerem uma sensação de ameaça, de uma harmonia enganadora e de lutas injustas entre representantes da fauna brasileira com forças desiguais. Assim, os bicos dos tucanos seriam “colossais” (“*ungeheuer*”), a arara chama de maneira “estridente como conversa de comadre” (“*altweiberschrill*”), os ruídos feitos

pelo pica-pau “ribombam” (“*dröhnen*”) pela selva, as cobras com cinco metros de tamanho “cercam” (“*umzingeln*”) os coelhos que dormitam e, portanto, não suspeitam de nada, e os jacarés nadam “de barriga para cima” (“*rücklings*”), se incham ou chocam no canavial fumegante, catados por pássaros. As primeiras linhas do “Romance do encontro com João Damasceno Baunilha”, que lembram o início do “Romance dos Cães Raivosos do Rio”, também reforçam minha argumentação:

Muitos rios amarelos atravessam o país sem fim.
Sempre quando vinha a chuva, eles levavam um amarelo de estrume.
Dentro deles boiavam hortênsias murchas e ratos bem mortos
e cadáveres de cães, cor de laranja.

*Viele gelbe Flüsse durchwallen das Land ohne Ende.
Stets wenn der Regen kam, führten sie jauchiges Gelb.
Drin trieben welke Hortensien und maustote Ratten
und orangefarbene Hundekadaver.* (BECHER 1962: 85).

Ao referir-se à degradação da natureza em todas as áreas do país, já que os “rios amarelos” não se encontram apenas nas cidades, mas “atravessam o país sem fim”, essa passagem – assim como muitas outras no mesmo livro – certamente não faz lembrar cenários paradisíacos, mas evoca imagens destrutivas no sentido expressionista. No “Romance da Morte do Beija-flor”, o eu lírico até associa a selva com a “loucura”, ou seja, com a perda da memória, ou, talvez mesmo, com uma ameaça à própria saúde mental:

Como numa peneira, minha memória se foi.
Mariposas noturnas enormes sussurraram para mim: “Fique e se acomode!”
Mariposas diurnas enormes, azul como o céu, pó de ouro no meio,
Arrepelam um véu em frente do pulular e da espreita da selva,
Que me enrosca com flores ardentes de loucura.

*Wie durch ein Sieb, so rann mir Erinnerung aus.
Riesennachtfalter beraunten mich: „Bleib und versäume!“
Riesentagfalter, himmelblau, Goldstaub die Mitte,
zupften mir Schleier von Dschungels Wuchern und Lauern,
der mich umrankte mit flammenden Blumen des Wahns.* (BECHER 1962: 83).

Ainda no mesmo poema, o narrador descreve um beija-flor com as seguintes palavras: “o companheiro mais gracioso criado até hoje pela lenda que canta a beleza” (“*ziersten Gespielen, den je ein Schönheit besingendes Märchen erschuf*”) (BECHER 1962: 83). E continua a descrever a cena, relatando que, de repente, “avança Aquilo do céu” (“*stieß Das vom Himmer*”), um saltador, quase invisível, com um grasnido

estridente – e do beija-flor sobra apenas “uma pena minúscula” que cai, suavemente, na mão do narrador, “como uma súplica por memória” (“*Und aus dem Himmel sank mir wie ein Flehn um Gedenken so ein ganz winziges Federchen sanft auf die Hand*”) (ibid.: 83-84). Depois de encantar o leitor com a beleza e o encanto do beija-flor, o autor termina assim o poema sobre a morte súbita do beija-flor, mais uma vez, com uma alusão ao absurdo do Brasil, isto é, ao fato de que, no Brasil, o galo canta bem antes de meia-noite (ibid.: 84).

O “Romance da Árvore Vermelha, Pau-brasil” é, em minha opinião, o único no referido livro de Becher que, nos primeiros versos, permite uma associação com um imaginário enraizado em mitos paradisíacos do Brasil, como ilustra a seguinte citação:

Tivemos um sonho:
conhecemos uma árvore
com plumagem púrpura,
com um corpete de cipó.

Conhecemos um arbusto,
sua folhagem fumaça azul,
sua flor enfeite dourado
brinco de ouro de menina bonita.

(...) Circulam gaivotas
no traje ocre do leão
nas serpentes verdes das ondas.
Um suspiro sonolento
duvidando se a tanta beleza
se acostuma o olhar sonhador!

*Wir hatten einen Traum:
wir kannten einen Baum
mit purpurnem Gefieder,
Lianenhang sein Mieder.*

*Wir kannten einen Strauch,
sein Blattwerk blauer Rauch,
die Blüte Goldgepräg,
Schönmädchenohrgehäng.*

(...) *Vagabundieren Möwen
im ockern Kleid des Löwen
auf grünen Wellenschlangen.
Ein Seufzen, schlafbefangen*

*Zweifelnd, daß soviel Schöne
Dem Traumblick sich gewöhne!* (BECHER 1962: 80-81).

Porém, a impressão de beleza natural deslumbrante e pacífica é enganadora, parece ser apenas uma superfície de um sonho abaixo da qual se esconde um pesadelo, como sugerem os versos da segunda parte desse curto romanceiro:

Pois abaixo do mimo
oculta-se a fúria,
um turbilhão sem piedade,
um cardume de peixes de dentes afiados.

(...) Mão de mouro esticada!
Que acena-acena-acena à terra ...
Quem ousa salvar a mão?
Pulamos assustados da cama.

Saímos do sonho
e – olhamos de verdade a árvore
com plumagem púrpura,
com um corpete de cipó.

*Denn unter Tändelei
verbirgt sich Raserei,
erbarmungsfremder Strudel,
scharfzähnger Fische Rudel.*

(...) *Gereckte Mohrenhand!*
Die winkt-winkt-winkt dem Land ...
Wer wagt, die Hand zu retten?
Es schreckt uns aus den Betten,

*Wir fahren aus dem Traum
Und – schauen wahr den Baum
mit purpurnen Gefieder,
Lianenhang sein Mieder.* (BECHER 1962: 81-82).

Em relação à população brasileira, Ulrich Becher focaliza sua atenção nos pobres, nos negros, nos andarilhos e vagamundos, nos índios, nos moradores de favela que – muito diferentes do negro que “sorri com seus dentes brilhantes e ainda ajuda o estrangeiro a subir os degraus de barro escorregadios” (ZWEIG 2006: 132) – são vítimas da raiva (BECHER 1962: 13-25), da fome e de muitas doenças, e cuja existência se assemelha com as vidas de cães vira-latas (ibid.: 116). Conforme já apontou Sousa, a paisagem urbana em geral é associada por Becher às características de um “lugar infernal” cheio de miséria (1996: 74), um lugar decadente pela ação humana - que, porém, estende essa decadência país afora. A seguinte passagem ilustra bem essa afirmação:

No morro da Babilônia
vivem os pobres em casas de abelha.
Na verdade, uma colméia abandonada,
na qual se aninhou um bulício não alado.
Olhem. Como um asilo de minhocas, apresenta-se
o morro babilônico para o observador nas profundezas
do colégio militar. Mas ao subir lá,
ele precisa pedir muitas desculpas
ao seu nariz
e admitir: mas aqui vivem seres humanos.

*Auf dem Morro der Babylonier
hausen die Armen in Bienenwaben.
Wahr, als verlassener Bienenkorb,
drein sich unflüggewimmelter genistet,
seht, als Würmerasyl präsentiert
sich der Babylonische Hügel
dem sinnierenden Betrachter in Tiefen
des Militärkollegiums. Doch klimmt
jener empor, muß er ach seine Nase
vielmals um Entschuldigung bitten
und sich gestehn: Hier wohnen ja Menschen.* (BECHER 1962: 25-26).

Nas “Notas sobre o Romanceiro”, Becher descreve a composição da população brasileira apontando que a sua grande maioria seria composta de “pequenos camponeses de pobreza inimaginável” (BECHER 1962: 116) e toca em assuntos como o grande analfabetismo (ibid.: 117), a malária (ibid.: 118), a grande mortalidade infantil que, na época, chegava a 40%, ou mais, no Rio de Janeiro (ibid.: 119), a sífilis (ibid.: 121), a peste (ibid.: 122) e a miséria (ibid.: 123). São esses assuntos que predominam tanto nos seus poemas quanto nas notas explicativas no final do livro.

Como já argumentei acima, o desejo de Stefan Zweig de ver harmonia manifesta-se não apenas em passagens que tratam da natureza brasileira e do convívio entre homem e natureza, mas também nas suas interpretações da convivência humana em geral. De acordo com esse escritor, no Brasil, mais que em qualquer outro país do mundo, concretizou-se uma harmonia racial, “uma convivência pacífica entre as pessoas apesar da diversidade de raças, classes, cores, religiões e convicções” (ZWEIG 2006: 17). De acordo com Dewulf, essa suposta harmonia é colocada em questão por Katz, que apresenta uma “visão da democracia racial brasileira bem mais diferenciada do que aquela que encontramos em Zweig” (2006: 606). A visão de Katz é mais pessimista e adverte sobre os perigos do racismo, que no Brasil também existe (DEWULF 2006). Nesse contexto, é surpreendente observar que Ulrich Becher, apesar de focar com frequência vários aspectos da miséria brasileira nos seus poemas, quando se refere

explicitamente ao problema racial, nas “Notas sobre o Romanceiro”, destaca que aqui “não existem presunções ou preconceitos raciais”, o que “na história futura das duas Américas” ainda se mostrará como “um grande ponto positivo do Brasil” (BECHER 1962: 121). Algumas linhas depois, ele repete: “Mais uma vez, o problema racial, do qual sofrem os Estados Unidos, é inexistente no Brasil” (ibid.: 123). Pode-se concluir que, para Becher – assim como para Zweig, porém diferentemente de Katz –, a existência de enormes conflitos raciais em outros lugares do mundo parece tornar insignificantes os problemas raciais que certamente existiam (e ainda existem) no Brasil. As diferenças sociais entre os diversos grupos étnicos do país transparecem tanto no referido livro de Zweig quanto no de Becher, no entanto não são abordadas de maneira crítica pelos autores.

Em geral, Becher mostra claramente o fascínio que sente pelo país, que seria “inesquecível” (BECHER 1962: 111). Ele não revela, porém, o que mais lhe provocava tal fascínio, se os fatores positivos ou os negativos – ou talvez justamente a coexistência dos extremos. É importante ressaltar também que, muito diferente do que faz Zweig, Becher não se propõe a apresentar uma imagem clara ou uma descrição pretensamente objetiva do Brasil. O caráter poético do livro acentua ainda mais a ambigüidade e dá relevo à possibilidade de interpretações diversas.

No meu entender, Becher está longe de oferecer uma visão harmoniosa, pacífica ou edênica do Brasil, nem mesmo da natureza e de lugares rurais, conforme sugere SOUSA (1996). Ao contrário, a harmonia e a beleza do país parecem estar em permanente perigo, nunca plenas e sem ressalvas. Nesse mesmo sentido pode-se entender também a seguinte passagem do livro (mais uma vez nas “Notas sobre o Romanceiro”), na qual Becher descreve as flores dos ipês caracterizando-as como “fantásticas” e “maravilhosas”, mas associando-as também ao adjetivo “doentio”:

Essas ‘flores enormes’ que, em seu esplendor de contos de fada verdadeiramente maravilhosas, parecem ao europeu como degeneradas, quase doentias, simbolizam aqui, na memória do autor deste romanceiro, o país gigantesco, apenas uma parte daquilo que ‘virá a ser’, no qual o galo canta antes de meia-noite.

Diese den Europäer unwahrscheinlich und in all ihrer wahrhaft wunderschönen [sic.] Märchenpracht wie entartet, fast krankhaft anmutenden ‘Riesenblumen’ stehn im Gedenken des Romanzenschreibers als Sinnbild des riesengroßen, erst zu einem Bruchteil ‘gewordenen’ Landes, wo der Hahn vor Mitternacht kräht. (BECHER 1962: 120).

É interessante observar que, dependendo do entendimento sobre o fato de Becher se incluir – ou não – no grupo de “europeus” ao qual se refere, há duas interpretações possíveis para esse trecho. Ou ele se vê como europeu e entende as flores – enigmáticas entre seu “esplendor de contos de fada verdadeiramente maravilhosas” e sua natureza - “degeneradas, quase doentias” – como um símbolo desse país absurdo, onde o galo canta antes de meia-noite; ou ele faz questão de se distanciar da visão comum ao “europeu”, ressaltando o “esplendor maravilhoso” das flores e, ao mesmo tempo, do Brasil. As duas leituras podem ser feitas, e, no meu entender, é justamente essa dualidade que o autor vive que o faz enxergar contrastes em tudo e que permeia os poemas do *Romanceiro Brasileiro*.

4. Comentários finais

Zweig e Becher escreveram sobre o Brasil durante o período em que viveram no país, o que ocorreu praticamente na mesma época, porém em circunstâncias diversas. Os livros *Brasil – um país do futuro* e *Romanceiro Brasileiro* nos apresentam dois “Brasis” diferentes. Nenhuma dessas imagens deve ser entendida como um “retrato fiel” da “realidade” do país. No entanto, elas nos revelam muito sobre as concepções de mundo e sobre as tradições literárias dos autores. Apesar das diferenças que foram apontadas ao longo deste artigo, é interessante que sejam mencionadas também as semelhanças entre dois imaginários: assim como Zweig, Becher define o Brasil como um país onde não existem conflitos raciais e, além disso, denomina o Brasil um país do futuro, ou seja, como um país pronto apenas em parte (*“erst zu einem Bruchteil ‘gewordenen’*) (BECHER 1962: 120). Certamente, o porvir antevisto por Becher é bastante diferente daquele com o qual sonha Zweig acreditando na natureza pacífica do brasileiro e confiante em um futuro promissor e sem violência do país. Nas “Notas sobre o Romanceiro”, ao versar sobre a grande pobreza da população rural e os movimentos de *sem-terra* da época, Becher menciona que acredita na iminência de uma revolução social e agrária: “àquele que, nos anos quarenta, redigiu este romanceiro, parece hoje que a proverbial paciência do povo brasileiro esteja, lentamente, chegando ao seu fim” (*“Dem, der in den Vierziger Jahren diesen Romanzero verfaßte, will heute scheinen, daß paciência, die sprichwörtliche Geduld des brasilianischen Volkes, langsam am Erlöschen sei”*) (BECHER 1962: 116). Tanto Zweig quanto Becher parecem

ver um futuro promissor para o Brasil. No entanto, baseados em posturas ideológicas distintas, entendem algo diferente com isso.

Como exclama o próprio Becher, nas “Notizen zum Romanzero” (*Notas sobre o Romanceiro*): “No Brasil, quase tudo é diferente!” (“*in Brasilien ist fast alles anders!*”) (BECHER 1962: 120). Cabe aqui ainda a pergunta: Diferente de quê? Da Alemanha? Da Áustria? Da Suíça? Da Europa? A meu ver, não é apenas nesse sentido que o poema de Becher pode ser entendido, ou seja, como mais um testemunho de que no Brasil tudo seria diferente do velho mundo. Apoiado na tradição literária do expressionismo e nas próprias observações e vivências, Becher nos apresenta um Brasil que é diferente daquele imaginado por Zweig e por outros autores orientados por imaginários mais idílicos e paradisíacos. As incongruências em relação aos imaginários acerca do Brasil parecem ser justamente o tema da peça de teatro *Samba*, escrita por Becher depois da sua volta à Europa. De acordo com Sousa, nessa peça,

[o] Brasil funciona (...) como o espaço onde poderia ser possível viver em segurança, isto é, fora do alcance dos nazistas, longe da atmosfera de guerra e falta de liberdade que marcam a Europa. É assim que o começo da peça deixa entrever a imagem do Brasil, projetada através das personagens e do cenário. (...) As personagens, por sua vez, mostram não ter tido uma idéia clara do Brasil, antes de aqui aportarem. Parecem, pelas declarações que fazem, presas a uma imagem fantasiosa de nosso país, cuja realidade, no entanto, as decepciona. (SOUSA 1996: 96-97).

Por fim, gostaria de ressaltar ainda que, até hoje, há poucas pesquisas sobre a vida e a obra de Ulrich Becher, tanto no Brasil quanto nos países de língua alemã. Certamente, traduções dos seus livros e a realização de pesquisas acadêmicas mais aprofundadas sobre a influência do contato com o Brasil em sua obra, assim como sobre as implicações de seus textos para a construção do imaginário sobre o Brasil, poderiam ser não apenas um interessante desafio para um tradutor ou pesquisador, mas também de interesse para os estudos germanísticos no Brasil.

Referências bibliográficas

- s.n. „Ulrich Becher: Kurz nach 4“. In: *Der Spiegel*, Hamburgo, 27/03/1957, 52.
<http://wissen.spiegel.de/wissen/dokument/dokument.html?id=41120911&top=SPIEGEL>
(03/07/08).

- BECHER, Ulrich. *Franz Patenkindt: Romanze von einem deutschen Patenkind des François Villon in fünfzehn Bänkelsängen*. Munique, Universitas, 1979.
- BECHER, Ulrich. *Murmeljagd*. Reinbek, Rowohlt, 1969.
- BECHER, Ulrich. *Brasilianischer Romanzero*. Hamburgo, Rowohlt, 1962.
- BECHER, Ulrich. *Kurz nach 4*. Hamburgo, Rowohlt, 1957.
- BECHER, Ulrich. *Samba*. Viena: Universal Edition, 1950. In: *Spiele der Zeit*. Hamburgo, Rowohlt, 1957.
- DEWULF, Jeroen. Hubert Fichte vorweggenommen: Die afrobrasilianischen Religionen bei den Exilautoren Richard Katz und Ulrich Becher. In: *Monatshefte*, Vol. 99, No. 1, Wisconsin, 2007, 31-51.
<http://muse.jhu.edu/demo/monatshefte/v099/99.1dewulf.html> (12 /06/ 2008).
- DEWULF, Jeroen. Brasilien sollte kein Land der Zukunft werden. Das abweichende Brasilien-Bild bei Richard Katz, dem ‘vergessenen’ Exilschriftsteller. In: *Blickwechsel: Akten des XI. Lateinamerikanischen Germanistenkongresses*, São Paulo, Paraty, Petrópolis 2003, Band 2 / Hrsg. Ulrich J. Beil, Claudia S. Dornbusch, Masa Nomura. São Paulo, Edusp / Monferrer Produções, 2005, 603 – 609.
- DINES, Alberto. Prefácio. In: ZWEIG, Stefan. *Brasil – um país do futuro*. Tradução de Kristina Michahelles. Porto Alegre, L&PM, 2006, 7-9.
- DINES, Alberto. *A Morte no Paraíso: A Tragédia de Stefan Zweig*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.
- GREGOR-DELLIN, Martin. Jeder Satz exotisch. In: *Die Zeit*, Hamburgo, 29/08/1969, 17.
<http://www.zeit.de/1969/35/Jeder-Satz-exotisch> (03/07/2008).
- HUBER, Valburga. “A imagem edênica do Brasil perenizada na literatura dos imigrantes alemães”. In: *Blickwechsel: Akten des XI. Lateinamerikanischen Germanistenkongresses*, São Paulo, Paraty, Petrópolis 2003, Band 2 / Hrsg. Ulrich J. Beil, Claudia S. Dornbusch, Masa Nomura. São Paulo, Edusp / Monferrer Produções, 2005, 655-659.
- KESTLER, Izabela Maria Furtado. *Exílio e Literatura: Escritores de fala alemã durante a época do nazismo*. Tradução de Karola Zimmer. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- SOUSA, Celeste H. M Ribeiro de. *Retratos do Brasil – Hetero-imagens literárias alemãs*. São Paulo, Arte e Cultura, 1996.
- ZWEIG, Stefan. *Brasil – um país do futuro*. Tradução de Kristina Michahelles. Porto Alegre, L&PM, 2006.

Aspectos de pragmaticalização de marcadores discursivos no alemão e no português

José da Silva Simões*

Abstract: In this article, I discuss the syntactic, semantic and discursive roles of conjunctions as discourse markers in German and Portuguese (*wobei*, *weil* and *obwohl*; *porque* and *que*). I also provide some evidence for the process of grammaticalization/ pragmaticalization in which these markers are involved. This study is part of a broader contrastive-analysis project which aims to investigate the grammaticalization process of complex sentences in German and Portuguese from a cognitive-discursive perspective.

Keywords: Discourse markers; linguistic change; German; Brazilian Portuguese; Pragmaticalization

Resumo: Neste artigo, discute-se o papel discursivo, semântico e sintático dos marcadores discursivos de origem conjuncional do alemão e do português (*wobei*, *weil* e *obwohl*; *porque* e *que*) e enumeram-se algumas evidências a respeito do processo de gramaticalização/ pragmaticalização desses marcadores em ambas as línguas. O estudo faz parte de um projeto de análise contrastiva dos processos de gramaticalização das sentenças complexas do alemão e do português e toma como base uma perspectiva teórica cognitivo-discursiva.

Palavras-chave: Marcadores discursivos; mudança lingüística; alemão; português brasileiro; pragmaticalização.

0. Introdução

Com o desenvolvimento da Pragmática Lingüística, há muito tempo os *marcadores discursivos* (doravante, MD) têm sido foco de vários estudos. Entre os trabalhos que se destacam nesta área estão o livro de Deborah SCHIFFRIN (1987) e os trabalhos de FRASER (1988, 1990 e 1998). Estes estudos iniciais destacavam o caráter discursivo desses itens. Posteriormente, desenvolveram-se análises sobre o seu estatuto sintático-semântico, tentando separá-los em categorias distintas entre partículas discursivas (marcadores conversacionais e partículas modais) e advérbios de sentença.

Recentemente, com a ampliação do escopo dos estudos sobre gramaticalização, os mesmos MD têm sido alvo de novas análises. Romanistas alemães vêm discutindo bastante o estatuto dos mesmos na língua falada (KOCH/OESTERREICHER 1990) e sua evolução na diacronia das línguas românicas (WALTEREIT 2002 e 2006; DETGES 2001;

* Professor Doutor do Departamento de Letras Modernas/FFLCH/Universidade de São Paulo
jssimoes@uol.com.br.

WALTEREIT/DETGES 2007). TRAUGOTT (1995 e 2007) tem depositado especial atenção ao desenvolvimento desses itens no canal de gramaticalização sob uma perspectiva da propalada unidirecionalidade do vetor da mudança lingüística, enquanto outros, como o grupo de Susanne GÜNTNER do departamento de Germanística da Universidade de Münster (*GIDI-Projekt – Grammatik in der Interaktion*), defendem uma visão pancrônica da língua, observando os MD como elementos que evoluem segundo o resultado da somatória de suas propriedades sintáticas, semânticas e discursivas e em função de seu contexto de produção. GÜNTNER (1999, 2000 e 2001) publicou vários trabalhos sobre o uso de itens conjuncionais que no alemão evoluíram para MD, como é o caso de *obwohl*, *weil* e *wobei*.

É unânime na literatura sobre o assunto a idéia de que os MD desempenham um papel fundamental na construção dos textos orais, pois no nível do discurso acumulam as funções de a) elementos de coesão intra- e intertextual, b) atuam como elementos de negociação de turnos e tópicos que regulam a ação dos interlocutores, e c) são índices de modalização do discurso.

Esse cenário confirma a necessidade de estudar a relação existente entre o papel polissêmico e multifuncional dos MD nos planos da Sintaxe, da Semântica e do Discurso tanto como itens extra-sentenciais e como elementos que atuam na ligação intersentencial (parataxe/hipotaxe). Se observarmos que esses itens conjuncionais, tanto em alemão como em português, desempenham funções equivalentes, é possível afirmar que esse processo de gramaticalização está submetido a universais cognitivos comuns a várias línguas.

Defende-se aqui que uma análise contrastiva dos processos de gramaticalização das sentenças complexas do alemão e do português pode ajudar no reconhecimento desses universais. Para a investigação do processo de gramaticalização dos MD do alemão e do português, é necessário tomar como base uma análise dos diferentes graus de agregação e integração sintática (cf. RAIBLE 1992) das estruturas sentenciais do alemão e do português em textos falados e escritos.

Neste estudo, pretende-se a) traçar um panorama inicial a respeito do papel discursivo, semântico e sintático dos marcadores conversacionais de étimo conjuncional do alemão (*wobei*, *weil* e *obwohl*) e do português (*porque* e *que*), e b) enumerar algumas evidências a respeito do processo de gramaticalização/pragmaticização desses marcadores em ambas as línguas.

Na primeira seção (1.), apresento uma discussão prévia respeito da delimitação do conceito de MD, historiando como os mesmos vêm sendo tratados nos domínios da Análise da Conversação. Nas seções seguintes, discuto primeiramente (2.) como os mesmos têm sido estudados segundo a perspectiva da mudança lingüística, observando os pressupostos da Teoria da Gramaticalização, e (3.) introduzo a discussão acerca da diferenciação entre os conceitos de Gramaticalização e Pragmaticalização e como essa distinção tem colaborado para a análise de MD de línguas como o francês e o alemão, procurando evidenciar como isso pode ser aplicado também a MD do português. Na seção (4.) discorro a respeito do grau de sentencialidade de construções introduzidas pelos MD em questão. Finalmente, em (5.), reúno algumas conclusões a respeito da utilização dos MD *wobei*, *obwohl* e *weil* do alemão e *porque* e *que* do português.

1. Os marcadores discursivos: uma proposta de releitura

Inicialmente, Deborah SCHIFFRIN (1987:31) já havia proposto que MD são “*sequentially dependent elements which bracket units of talk*”, itens que devem ser vistos como elementos lingüísticos, paralingüísticos ou não-verbais que sinalizam relações entre as unidades de conversação através de suas propriedades sintáticas e semânticas, se assim a possuírem, e através de sua posição seqüencial inicial ou final, demarcando as margens destas unidades. FRASER (1990) e REDEKER (1991), ao fazerem uma análise crítica da abordagem de SCHIFFRIN, propuseram uma reordenação nos planos de análises apontados pela autora.

REDEKER (1991) propõe, por sua vez, a seguinte reformulação do conceito de MD:

“a discourse operator is a word or phrase - for instance, a conjunction, adverbial, comment clause, interjection - that is uttered with the primary function of bringing to the listener’s attention a particular kind of linkage of the upcoming utterance with the immediate discourse context. An utterance in this definition is an intonationally and structurally bounded, usually clausal unit” (REDEKER 1991:1168)

FRASER (1990 e 1998) foi outro autor que se preocupou com a questão da delimitação do campo de estudo dos MD. O autor propõe uma análise em dois níveis: o **nível do conteúdo** e o **nível pragmático**. No nível do conteúdo, o estado de coisas se reflete nas proposições, sejam elas de quais tipos forem, ou seja, apesar das formas diferenciadas de enunciado, o conteúdo proposicional é o mesmo. No nível pragmático,

estão expressas as intenções comunicativas dos falantes, através do que chama de *marcadores pragmáticos*, indicando os tipos de mensagens diretas (em oposição às indiretas) que o falante pretende usar ao enunciar a sentença.

Ecos destas discussões podem ser notados em SCHIFFRIN (1992), em uma revisão de seu modelo (SCHIFFRIN 1987), ao analisar o uso anafórico do marcador *então*. Mais uma vez, a autora retoma a noção de MD e, levando em consideração as críticas ao seu modelo, dá um novo enfoque no estudo destas marcas. SCHIFFRIN (1992) reconhece para os MD os dois níveis de análise propostos pelos outros autores (o ideacional e o pragmático).

Nessa perspectiva, em SIMÕES (1997) fiz uma distinção entre os MD pragmáticos (interacionais) que atuam na organização dos turnos, como em (1)¹ e (2), e na organização dos tópicos, como (3) e (4), em oposição aos MD ideacionais (modalizadores), como em (5) e (6), introdutores de valores de relações proposicionais sem que se estabeleçam como elos sintáticos de orações complexas:

- (1) Doc. a localização da escola ... no centro da cidade ... né? os
alunos ... ahn ... moram aqui perto ... **ou não?**
L1 (segue a resposta de L1)
(D2SP-255:1393-1395)
- (2) L3 (ja) . / ich meine s+ ich kann das ich kann das schlecht für ne große Gruppe
sagen +s .aber ich ich glaube schon ,+ daß daß die +g+ Bereitschaft vorhanden
ist +, i+ dem Mädchen hier die gleiche Rolle und eine (ja) +g+ entsprechende
Rolle eben in der Sexualität +g+ zu überlassen +i (**ja**)+.
M sie sind Erziehungswissenschaftler . wie sind da die Ergebnisse etwa ?
(FK-577, p.316)
- (3) L1 {1} eu fui:: quinta-feira... não foi terça-feira à noite fui lá
no () né? lá na Celso Furtado
L2 éh::
L1 {2} passei ali em frente à:: Faculdade de Direito {3} [...**então**
estava lembrando... que eu ia muito lá quando tinha sete
nove onze...(com) a titia sabe?...] {4} **e::** está muito pior a
cidade... está... o aspecto dos prédios assim é bem
mais sujo... tudo acinzentado né?
(D2SP-343:10-24)
- (4) L3 {1}+g+ Herr Professor z+ Schulte +z sprach eben davon ,+ daß +g+ eine ganze
Reihe von +g+ Kräften in der Psychiatrie tätig sind und rührig sind und das
beste tun . / {2} [**und** +g+ mir wurde gerade im Zusammenhang mit meinem
Bericht vorgeworfen ,+ daß ich durch Berichte dieser Art +g+ die Kräfte ,+die
+g+ die möglich +g+ die * potentiell zu gewinnen wären für die Arbeit +, daß
ich die also in einer +g+ drastischen Weise verprellt habe +, .] {3} **nun würde**
ich die Frage +g+ stellen ,+ ob es denn +g+ sinnvoll ist +, i+ zu verheimlichen

¹ Exemplos retirados de SIMÕES (1997).

+i ,+ welche Situationen in den Landeskrankenhäusern {4} [(**und** das ist nun das größte +g+ therapeutische Potential ,+ was für die Kranken k+ da ist +,)]
(FK-334, p.144-145)

- (5) (...) ... **é óbvio que** ... assim como ...
falando-se apenas em termos de São Paulo ... *Notícias Populares* ... com o seu sensacionalismo tem o seu público
... *o Jornal da Tarde* também tem o seu público dentro
de outra linha ...
(D2SP-255:968-972)

- (6) L6 (ja) darf ich mal +k +g+ den Begriff Partnerschaft hier einführen ? . und
Partnerschaft heißt **ja** nun **wirklich** nicht ,+ daß jeder die gleiche Rolle spielt
(FK-557, p. 317)

Determinadas ocorrências de MD, tais como nos exemplos de (3) a (6), demonstram que tais elementos apresentam propriedades que os aproximam ora da categoria dos advérbios, ora das conjunções coordenativas ou também das conjunções subordinativas. Por esse motivo, não é de surpreender que muitos itens lexicais dessa categorias são utilizados pelos falantes como MD. Nesse sentido, também as estratégias de conexão intersentencial são afetadas pela atuação dos mesmos MD, daí o fato de também no português existirem MD de valor conjuncional como *porque*, *que*, além de outros, como *se bem que* e *apesar que*.

Em um estudo contrastivo inicial a respeito dos MD do alemão e do português falados (SIMÕES, 1996), falei sobre o papel desempenhado pelos mesmos nos diferentes planos do discurso oral. Nesse trabalho, apresentei uma possibilidade de análise das funções desempenhadas por estes elementos nas margens da unidade conversacional; a sua atuação para a organização do turno conversacional e do tópico discursivo e, por último, o valor argumentativo inerente a estas marcas que regulam a interação entre os falantes. Defendi a idéia de que a análise poderia ser feita em dois planos distintos: a análise do plano **interacional**, no qual poderiam ser observados elementos pragmáticos específicos da interação verbal, e a análise do plano **ideacional** (argumentativo/modalizador), no qual seriam detectadas marcas mais ou menos explícitas da intenção pretendida pelos interlocutores. Inicialmente, propus-me a analisar os MD separadamente, nos dois planos ali descritos; previ, no entanto, a possibilidade de que fossem aceitas ocorrências de um mesmo marcador atuando simultaneamente nos planos interacional e ideacional.

Posteriormente, em SIMÕES (1997), ampliei o espectro de minha análise sobre os MD como elementos organizadores da interação verbal, estabeleci o lugar ocupado

pelos MD nos fundamentos da Pragmática e, em seguida, procedi a um recorte, concentrando-me em tópicos específicos da Análise da Conversação. Em seguida, propus um esquema de categorização dos MD, encaixando-os em dois grupos básicos: **a) marcadores interacionais** e **b) marcadores modalizadores**. Os primeiros subdivididos em **(i) marcadores de gestão do turno** e **(ii) marcadores de gestão dos tópicos**. Os **marcadores modalizadores** foram subdivididos em *epistêmicos*, *deônticos* e *afetivos*, segundo o modelo proposto por CASTILHO e MORAES DE CASTILHO (1992) para os advérbios modalizadores. Essa proposta de subdivisão dos MD em interacionais e modalizadores funcionava apenas para diferenciar funções cumulativas que os mesmos desempenham durante o evento conversacional. Assim, entendemos que os articuladores como *e*, *mas*, *porque* e *agora*, no português, e *also*, *weil*, *nun* e *und*, no alemão, atuam simultaneamente como elementos que organizam os turnos e os tópicos, e que podem co-ocorrer com outras formas de MD.

Dessa análise tripartida, podemos enumerar algumas constatações que importam para a pesquisa a que me proponho:

a) Em SIMÕES (1997), verificou-se a ocorrência de articuladores e MD nas margens de construções paratáticas (de continuidade tópica linear e de continuidade tópica hierárquica), e, de outro lado, observou-se a presença de articuladores e MD nas margens de construções hipotáticas (de descontinuidade tópica linear), tais como as digressões, que podem ser ampliadas em algum outro ponto do evento, e os parênteses, como breves interrupções que não estabelecem relações de concernência e relevância com outras unidades discursivas, e que não são pontualizadas em outro lugar da conversação. Constatou-se, ainda, a existência de marcadores de superordenação tópica, em português e em alemão (*mas*, *agora*, *então*; *nun*, *aber*, *also*), que exercem uma função organizadora em nível mais alto no plano hierárquico dos tópicos, tal como mostram os exemplos (3) e (4) acima.

Essas constatações permitem afirmar que itens lingüísticos que canonicamente são reconhecidos como conjunções coordenativas ou subordinativas podem apresentar propriedades semântico-discursivas distintas nos enunciados negociados *on-line*. Pode-se falar, portanto, de parataxe sintática (canônica, p.ex. *e* > conjunção coordenativa) e de parataxe discursiva (p.ex. *porque* > marcador discursivo de continuidade tópica linear), e de outro, de hipotaxe sintática (p.ex. *porque* > conjunção subordinativa canônica) e de uma hipotaxe discursiva (p. ex. *e* > marcador de descontinuidade tópica

linear). O estatuto sintático-semântico-discursivo de um item lexical somente se estabelece a partir de suas propriedades funcionais articuladas pelos falantes em um determinado enunciado (pró-sentença, sentença, sentença complexa, texto, intertextos).

b) SIMÕES (1997) revela também que, em alemão, o maior número de falantes e a fixidez temática das conversações analisadas regulam a argumentação dos interlocutores de forma a que as inserções, sob forma de digressão ou parênteses, apresentam um caráter argumentativo mais próximo da exemplificação, da avaliação e da síntese, dado que os protagonistas são especialistas do assunto. Por outro lado, SIMÕES (op. cit.) também constatou que, em português, o grau mais alto de privacidade e de familiaridade entre os interlocutores e a baixa fixidez temática permitem que haja transições mais constantes e que as mesmas possam facilmente ocupar o *status* de novo subtópico da conversação. No que se refere ao contraste específico entre o português e o alemão falados, verifiquei que a tipologia dos corpóra, diferenciada em alguns pontos, provoca usos e realizações diferentes nas duas línguas, tornando determinadas formas de modalizadores mais ocorrentes numa língua do que em outra, como é o caso do grande número de deônticos em alemão e de quase-asseverativos em português.

c) A partir da análise dos MD sob a perspectiva da modalização, categorizando-os em epistêmicos, deônticos e afetivos segundo a perspectiva adotada por CASTILHO (2006 e 2007), verificou-se, nesse mesmo estudo (SIMÕES 1997), que a co-ocorrência de marcadores modalizadores determina as estratégias de negociação postas em prática pelos interlocutores. De um lado, temos ocorrências de marcadores epistêmicos asseverativos com quase-asseverativos (*heute ist es doch so, wahrscheinlich doch, ich finde man vertuscht eben doch; eu tenho impressão que [...] na verdade, sobretudo parece que*) ou juntamente com deônticos (*gerade bezüglich des letzten Begriffs muß ich nur noch ganz kurz sagen; eu acho que é a única coisa que eu devo assinalar*). Tal recurso confirma o papel preponderante dos marcadores modalizadores como mecanismos de preservação da face e de exteriorização da polidez dialógica. De outro lado, encontramos a ocorrência redobrada de epistêmicos asseverativos e deônticos, usados para marcar a intensificação do enunciado (*doch wirklich, ja nun wirklich; sim naturalmente nem há dúvida*). Os epistêmicos delimitadores mostraram-se bastante produtivos nos textos dos especialistas (*biologisch gesehen, politisch; geograficamente, de um ponto de vista biológico*) e funcionam como elementos que estabelecem relações

de figura e fundo (*figure and ground* na Semântica Cognitiva) na delimitação de domínios.

Estas evidências levam ao seguinte questionamento: de que forma as propriedades semânticas desses itens contribuem para a gramaticalização de novas conjunções (lexicalização) ou para a sintaticização de novas estratégias de agregação e integração sintáticas.

Em SIMÕES (2007), ao estudar as propriedades sintáticas das orações de gerúndio (OG) no português brasileiro (PB), o levantamento estatístico revelou aspectos interessantes a respeito da gramaticalização das orações de gerúndio no PB. Entre eles, destacam-se (a) a questão da redução significativa dessas orações do séc. XVIII ao XX, o que mostra que estas estruturas devem estar em competição com outros recursos sintáticos (orações conjuncionais e outros processos de junção de enunciados), e (b) a problemática que envolve a redução das OG adverbiais e o aumento das perífrases de gerúndio.

Na análise do gerúndio no subsistema do Discurso, observou-se que as orações de gerúndio exibem a propriedade pragmática de articulação tópica. Além disso, notou-se, através dos procedimentos estatísticos, que as orações adverbiais (orações gerundiais adverbiais (doravante, OGadv) e construções absolutas (doravante, CA) são mais freqüentes em textos de maior planejamento, como as *memórias*, as *cartas da administração privada* e as *cartas oficiais*, enquanto as perífrases são mais usadas em textos menos formais, como as *cartas particulares*, e textos mais próximos da oralidade, como os diálogos de *teatro*, bem como os *inquéritos de língua falada* (séc. XX).

Investigadas a partir da ótica do subsistema da Semântica, observamos que as OGadv apresentam-se num processo de dessemantização, por exibirem menos relações proposicionais, se comparadas às CA. Notamos que estas últimas mostram uma maior produtividade de relações proposicionais e que nelas mantêm-se mais preservadas as propriedades semânticas estudadas.

Esses resultados abrem caminho para novas pesquisas sobre a gramaticalização de orações complexas e de seus elementos constitutivos.

2. Pressupostos da teoria da gramaticalização na análise dos marcadores discursivos

Numa primeira abordagem sobre os MD, TRAUGOTT (1995) discute em seu trabalho a interação entre Sintaxe, Pragmática e Semântica a partir do desenvolvimento dos MD *indeed*, *in fact* e *besides* e na qual analisa o papel que eles podem desempenhar na teoria da gramaticalização, segundo os parâmetros defendidos por LEHMANN (1995 [1982] *apud* TRAUGOTT 1995:3). A autora defende a interpretação da unidirecionalidade da gramaticalização no seguinte esquema:

advérbio intrasentencial > advérbio sentencial > partícula discursiva (entre elas, os MD)

Para esta autora, os MD responderiam aos processos de *condensação*, *coalescência* e *fixação* de mudança lingüística defendidos por LEHMANN (1982):

Quadro 1. Parâmetros de gramaticalização de LEHMANN (1982 *apud* TRAUGOTT 1995:3)

parameter	weak GR	process	strong GR
scope	item relates to constituent of arbitrary complexity	<i>condensation</i>	item modifies word or stem
bondedness	item independently juxtaposed	<i>coalescence</i>	item = affix, phonol, feature or carrier
syntagmic variability	item can be shifted around freely	<i>fixation</i>	item occupies fixed slot

Os conceitos expostos neste quadro respondem ao postulado inicial de MEILLET (1922 *apud* TRAUGOTT 1995) e retomados posteriormente por HEINE/ CLAUDI/ HÜHNEMEYER (1991) e HOPPER/TRAUGOTT (2003), de que, no canal de gramaticalização, um item lexical que desfruta de certa mobilidade sintática e que pode modificar uma palavra evolui em direção a um estágio mais avançado em que pode se tornar um afixo, portanto, uma palavra mais gramatical.

Num enquadramento maior dos MD na Teoria da Gramaticalização, TRAUGOTT (2007) enumerou para os MD do inglês alguns dos processos de mudança tidos por ela como unidirecionais:

- (i) **Decategorização:** os MD desenvolvem-se a partir de categorias lexicais plenas e são decategorizados progressivamente;
- (ii) **Redução fonológica:** MD podem assumir uma entonação especial e podem eventualmente ser reduzidos fonologicamente.
- (iii) **Aumento de função pragmática:** com a evolução dos MD, a mudança ocorre de uma função sintática para uma função pragmática;
- (iv) **Aumento do escopo:** com a evolução para um MD, aumenta o escopo de atuação do item – de elemento integrado à sentença (*satzintern*) passa a elemento referencial (*satzbezogen*) e daí a elemento que toma por escopo a sentença toda (*satzübergreifend*);
- (v) **Polissemia e polifuncionalidade:** a par das novas funções de um elemento como MD, os significados e funções originais (advérbios, conjunções, etc.) ainda permanecem preservados, de forma que um elemento denota vários significados e cumpre variadas funções que se correlacionam entre si. Essa característica demonstra que os MD não têm “*clear-cut internal boundaries*” (HEINE/CLAUDI/HÜNNEMEYER 1991:67). Ao invés de entidades discretas, trata-se de formas híbridas que possuem propriedades contínuas e sobrepostas, formando, assim, elementos ambíguos em significado e função.

As evidências enumeradas acima, por um lado, confirmam em parte a postura de entender a gramaticalização como um processo que se dá de forma unidirecional, mas, ao mesmo tempo, as propriedades descritas para os MD demonstram que o processo de evolução de uma conjunção para um MD pode ser descrito sob uma perspectiva multidirecional. Prova disso são as propriedades (iii), (iv) e (v).

3. Gramaticalização vs. pragmaticalização: conjunções ou marcadores discursivos?

GÜNTHER (1999) discute que nas línguas a mudança nem sempre se dá de forma linear. Ela verifica que na língua falada não se verifica a tendência estabelecida para a ligação intersentencial, que vai do pólo de agregação para o pólo de integração. Ao contrário, na oralidade, a tendência é maior agregação, o que não significa exatamente que esse tipo de ligação intersentencial seja mais pobre. Trata-se apenas de um recurso diferenciado.

Estas reflexões levam essa autora a entender esse mecanismo de evolução e mudança de estruturas sintáticas como um processo de pragmatização (*Pragmatisierung*). Esse conceito foi assim cunhado primeiramente por ERMAN / KOTSINAS (1993), que a esta altura entendiam a gramaticalização e a pragmaticalização como processos distintos pelos quais os itens lexicais da língua podem evoluir. Nessa mesma linha, Eva BUCHI (sem data) estudou o caso da (poli)pragmaticalização do *déjà* do francês. DETGES (2001) chega a propor, em sua tese de doutorado, o que chama de uma teoria cognitivo-pragmática da gramaticalização. Mais recentemente, alguns autores têm defendido a adoção do modelo cognitivista de análise (FILLMORE 1989, CROFT 2001) numa interface com a Análise da Conversação, como é o caso de DEPPERMAN (2006), GÜNTNER (2005 e 2007) e IMO (2005). Augusto SOARES DA SILVA (2006) analisou o caso do MD *pronto* do português em seu livro sobre a polissemia dos itens lingüísticos.

A gramaticalização tem sido entendida como o resultado da evolução de um item lexical a uma nova categoria gramatical. Segundo esta perspectiva, que remonta às reflexões de HUMBOLDT (1822) sobre a evolução das formas gramaticais, o processo de mudança lingüística consiste na atribuição de um caráter gramatical a um item cada vez mais autônomo (MEILLET 1912), desenvolvendo-se de um forma derivada para uma forma flexional (KURYLOWICZ 1965), mudando de uma categoria sintática para outra. Na perspectiva que analisa o percurso do Léxico para a Gramática, entende-se a mudança sob uma trajetória empreendida pelos itens lexicais que segue o seguinte esquema: *Léxico* > *Sintaxe* > *Morfologia* > *Morfofonêmica* > *zero*. Sob este prisma pôde-se estudar a gramaticalização de substantivos, pronomes e expressões de tratamento, verbos, advérbios, conjunções e preposições.

Em contrapartida, a pragmaticalização refere-se ao processo que promove a evolução de um item lexical diretamente como elemento que organiza o discurso:

we argue that it is possible (but not necessary) for a lexical element to develop directly into a discourse marker without an intermediate stage of grammaticalization. As a consequence, we suggest that lexical items on their way to becoming function words may follow two different paths, one of them resulting in the creation of grammatical markers, functioning mainly sentence internally, the other resulting in discourse markers mainly serving as textstructuring devices at different levels of discourse. We reserve the term *grammaticalization* for the first of these two paths, while we propose the term *pragmaticalization* for the second one (ERMAN/KOTSINAS, 1993:79-80 *apud* DOSTIE 2004:28).

DOSTIE (2004) aplica o conceito de pragmaticalização na análise de MD do francês e redefine o conceito da seguinte forma:

Un des objectifs de l'étude est de souligner l'existence de deux trajectoires menant à la genèse d'unités qui n'appartiennent pas aux classes majeures de mots (c'est-à-dire aux noms, aux verbes, aux adjectifs ou aux adverbes). D'une part, une unité lexicale peut développer des emplois grammaticaux; elle aura alors été soumise à un processus de "grammaticalisation". D'autre part, une unité lexicale/grammaticale peut développer des emplois où elle ne joue pas un rôle sur le plan référentiel, mais bien, sur le plan conversationnel; elle sera alors le résultat d'un processus de "pragmaticalisation" (DOSTIE 2004:27).

Entendida dessa forma, a pragmaticalização representa uma das direções tomadas pelo item lexical no processo de mudança lingüística. Nesse sentido, nada impede que um item que passa de um estágio a outro como elemento gramatical não possa evoluir para um uso menos gramatical, como é o caso dos MD.

Provas dessa evolução podem ser encontradas no estudo de Susanne GÜNTNER (1999) sobre a gramaticalização das construções com *obwohl* em textos orais alemães, no qual investiga se o uso desse item, nas variantes com posição do verbo V2 e final, está associado a diferentes funções discursivas. Além disso, ela questiona se se podem considerar como construções concessivas as estruturas em que *obwohl* encabeça uma sentença V2. Em linhas gerais, discute-se nesse trabalho se a reinterpretação de *obwohl* com V2 pode ser considerada como resultado de um processo de gramaticalização, ou seja, "*repräsentieren die synchron vorhandenen Verwendungsweisen und Funktionen von obwohl verschiedene Stadien eines Grammatikalisierungsprozesses?*" (GÜNTNER 1999:3).

Vejamos alguns exemplos que ilustram o estudo de GÜNTNER (1999) em que *obwohl* aparece como MD de correção:

(7) WEIHNACHTSESSEN

33Willi: brauchst du noch en KISSEN?

34Nora: hm. ne. das reicht.

35 (0.5)

36Nora: **obWOHL** (.) des isch DOCH unbequem.

37Willi: ((wirft ihr ein Kissen zu))

(GÜNTNER 1999:2)

(8) EHEGATTEN

18Anne: ganz selten is=er mit.

19 weiß=der=Teufel,
 20 wenn Agnes Heller da war,
 21 und Manfred geKOCHT hat,
 22 ne **obwohl** da ist Hans auch nicht mitgegangen.
 23 (0.5)
 24 ach Herbert hat mal bei Fritz (.) für en für diesen für den
 25 (-) Michael Witzenski gekocht,
 26 da is Hans mal mitgegangen.
 (GÜNTNER 1999:8)

(9) KRANKHEITEN

36Ulla: do: kann man bis=jetzt=no=eigentlich (-)
 37 TOI. TOI. TOI (.) no ganz FROH sei. gell?
 38 (0.5)
 39 **OBWOHL** man weiß jo gar net was in oim SCHLUMMERT.
 40 (1.5)
 41 vielleicht sen mir au scho bald mol DO.GWESE.
 42 (1.5)
 43Rolf: des weiß mer halt [nie:..]
 44Ulla: [hajo]
 45Rolf: do steckt mer halt net drinne.
 (GÜNTNER 1999:8)

(10) MORALPREDIGT

65Kati: [der] hopft nur en bißchen,
 66 der will mich ja nich abschmeißen,
 67 der will ja bloß umdrehn.
 68Eva: 'hh des is doch ega:..l.
 69 stell dir mal vor, (.)
 70 da kommt irgendwie en Hund der abgehaun is,
 71 und des Pferd scheut und na biste unten. 'hhhh
 72 (1.0)
 73 **obwohl** (.) wenn de dann im Krankenhaus liegst,
 74 kann ma wenigstens gleich deine Schulter und deine Hände
 [mitreparieren.]
 75Kati: [HEHEHEHEHE ja.]
 76Eva: [und den Rücken gleich auch noch,]
 77Kati: [is doch praktisch HEHEHEHE]
 (GÜNTNER 1999:9)

O estatuto de *obwohl* como MD confirma-se nos exemplos seguintes com base nas pausas verificadas:

(11) DIÄT

42Hans: der joggt ja auch jeden=Tag.
 43 (-)
 44 **obwohl** (.) Joggen is ja auch kein K- Kunststück.
 45Bert: (find ich auch)
 (GÜNTNER 1999:12)

(12) NUDELSUPPE

9Sara: Nudelsupp (find i) schlecht.
 10Kay: Nudelsupp (sind) schlecht?
 11Sara: na: (.) **obwohl** (.) in Vietnam (-) gabs ganz tolle

Nudelsuppen.

12K/R?: und isch trotzdem schlecht (oder was)

13Sara: die (hier) is so:::was hihi von langweilig.

(GÜNTNER 1999:12)

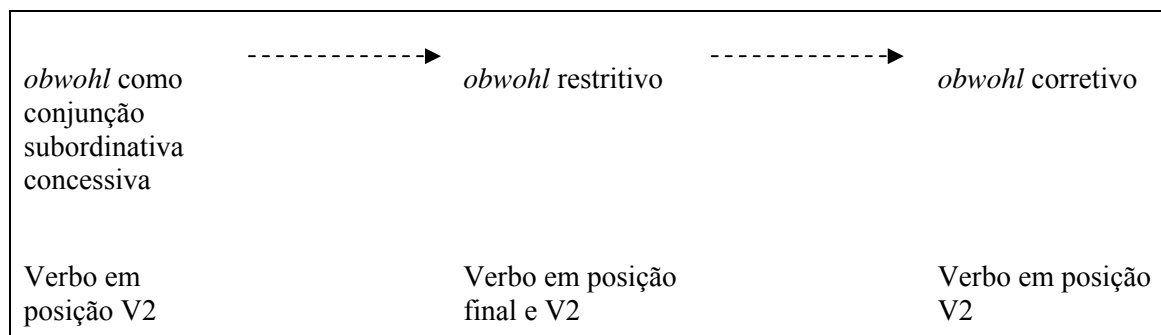
O quadro abaixo apresenta de forma constrativa os achados da autora a respeito das duas realizações de *obwohl* no alemão:

Quadro 2. Função discursiva e propriedades formais do *obwohl* concessivo e do *obwohl* corretivo (GÜNTNER 1999:18-9)

	<i>obwohl</i> concessivo	<i>obwohl</i> corretivo
Função discursiva	(p, <i>obwohl</i> q) apesar de informações aparentemente contraditórias, “p” é apresentado como válido; i.e. confirmação de “p” (“p” tem o peso argumentativo mais forte)	(p, <i>obwohl</i> q) mudança de perspectiva: mudança parcial ou completa de “p” (“q” tem o peso argumentativo mais forte)
propriedades formais		
A afirmação de “p”	permanece preservada	é corrigida parcial- ou completamente
propriedades de integração sintática	sintaticamente integrado (verbo em posição final, testes operacionais de subordinação são possíveis)	sintaticamente não-integrado (verbo em posição V2, podem ocorrer fenômenos de orações matriz, testes operacionais de subordinação não são possíveis)
Posição do sintagma <i>obwohl</i>	anteposição posposição	posposição
propriedades prosódicas	tanto a integração prosódica como também a não-integração prosódica são possíveis	não-integração prosódica
propriedades pragmáticas	a oração com <i>obwohl</i> integra o escopo da força ilocutiva da oração matriz	forças ilocucionárias separadas; além de outras possibilidades, <i>obwohl</i> pode introduzir orações interrogativas e imperativas autônomas
Opções de conexão	conexão de dois enunciados	conexão de dois sintagmas, ou de unidades discursivas maiores (dos mesmos falantes ou de diferentes falantes)

A partir de várias evidências, a autora propõe uma escala de evolução das construções com *obwohl* concessivo e *obwohl* corretivo num eixo que vai das construções hipotáticas para construções paratáticas que obedece o seguinte esquema:

Quadro 3. Usos sincrônicos de *obwohl* no alemão falado (GÜNTNER 1999:21)



Essa análise levanta questionamentos referentes a aspectos centrais da Teoria da Gramaticalização (TG), como (a) a questão da evolução de marcadores discursivos dentro de uma TG, (b) a tese da crescente “subjativização” na evolução das funções gramaticais, (c) a questão da tese de unidirecionalidade, especificamente das conexões sintáticas de “*lose und nicht-integriert*” para “*eng und integriert*”, (d) a questão dos mecanismos cognitivos e pragmáticos que regulam os processos de evolução envolvidos, e (e) a questão acerca do valor semântico dos diferenciados usos e funções de *obwohl*, especificamente a questão em torno do possível “esvaziamento” do conteúdo semântico no caso do *obwohl* corretivo.

GÜNTNER / GOHL (1999) também analisaram o uso de *weil* e de *wobei* (GÜNTNER 2001) como MD, de onde foram coletados os seguintes exemplos:

- (13) FREUND (25.01/22.02, B)
 Kotext (Band 5:15)
 01 P: wer hat dich heRABgesEtzt?
 02 (1.5)
 03 A: Also (–) beWUSST (–) kann ich dazu nIchts sagen;
 04 **weil** meine KINDheit hab ich eigentlich (2 Silben) von
 meinem fAmIlien und Elternhaus her–
 05 h. ich bin zwar (.) zu einem drittel (.) sag ich mal zu
 beGINN ohne vAter aufgewachsen,
 06 ABer (–) ähm–
 07 grade auch die beZIEhung zu meiner MUTter,
 → 08 oder das verhÄltnis zu hause würd ich als äußerst INNich
 bezeichnen;

→ 09 AUch als harMONisch;
 10 P: HMhm,
 (Band 6:30)

(14) ESSENSEINLADUNG

11Bert: ja KÖNNT Ihr?
 12Karl: ja. (-) **wobei** ich hab am frühen abend ne univeranstaltung,
 13 und weiß nicht genau wann die zuENDE ist.
 14Bert: na kannst DU [ja später nachkommen.]
 15Karl: [(ich komm) dann gegebenen]falls später.

Também no português o processo de pragmaticalização pode ser evidenciado para algumas conjunções que evoluem a MD. Ataliba CASTILHO (2006) alerta que a *discursivização* consiste no processo de criação do texto, resultado de um conjunto de atividades de negociação conversacional no qual estão envolvidos o locutor e o interlocutor e através das quais “(i) se instanciam as pessoas do discurso e se constroem suas imagens, (ii) se organiza a interação através da elaboração do tópico conversacional (...), (iii) se organiza essa interação através dos procedimentos de correção sociopragmática, (iv) se abandona o ritmo em curso através de digressões e parênteses (...), e (v) se estabelece a coesão textual por meio de expedientes vários” (CASTILHO 2006:274-275).

Os exemplos seguintes de *porque* como MD no português falado culto do Brasil² referendam essa postura:

- (15) [D2 SP 360] L2 **porque**::já pensou que que eu vou dizer para ele se ele não for eu não sei realmente eu chego na eu fico::indecisa...**porque** acho muito cedo para impor mas também se ele aprender a que dizendo que não quer ir não vai...eu estou criando um precedente muito sério...
- (16) [D2 SP 360] L2 é...e outra coisa eles estão na escola de manhã provocado por alguma coisa **porque** como eu trabalho de manhã
- (17) [D2 SP 360] L2 (que) eles acordam cedo mesmo...e agora realmente ele não gosta muito e e e a gente cria um impasse para a gente (**porque**)...ele não eu pus em uma escola ele não gostou daquela...aí eu achei que realmente a escola não preenchia tudo...que eu gostaria (que) preenchesse então eu tirei...
- (18) [D2 SP 360 74] L2 de eu poder trazer para casa **porque** aí eu fico trabalhando em casa mas tomando conta toda hora preciso interromper no meio de um negócio para:...levar um ao banheiro para dar uma comida para outro:...e as coisas de casa que a gente aten/ tem que atender normalmente com crianças BRIGas que a gente tem que repartir
- (19) [D2 SP 360] L2 **porque** diSSeram não sei se é mesmo...**que** enquanto existe um projeto nosso...e::provavelmente ele deve ter falado com você

² A notação aqui utilizada segue aquela acordada dentro do Projeto da Norma Urbana Culta no Brasil (Projeto NURC) e da Gramática do Português Falado Culto no Brasil, registrando-se o tipo de texto, a origem e o endereço numérico do inquérito no NURC: donde, D2 representam conversações entre dois informantes e EF são elocuções formais.

- (20) [D2 SP 360] L2 (**porque**) o::pessoal que está agora começa com vinte a::vinte bê::e assim vai indo
- (21) [D2 SP 360] L2 **porque** o::o ganho é POU::co e tem que manter...um certo STA::tus...e há realmente dificuldade...então a não ser que saia da dedicação e continue advogando por fora
- (22) [D2 SP 360] L1 então na hora de lutar pelos vencimentos elas...são /L1 quase que ausentes **porque** para elas é muito bom...não é? para elas aquele...eh::ordenado é ótimo...MAS PAra um homem não é então quer dizer que há uma certa...ah pressão no sen/ah da parte dos homens no sentido de não deixar as procuradoras...ah::

Também nas elocuições formais o *porque* pode ser utilizado como MD:

- (23) [EF SP 405] agora a fi-na-li-da-de com que ela foi feita não impede... que elas tenham um valor estético quer dizer que elas se mantenham até hoje... que a gente Olhe e ache que é obra de arte... **porque** hoje para nós... não influi mais o fato... delas terem sido feitas com uma finalidade mágica **porque** nós não dependemos da caça mais...
- (24) [EF SP 405] mas é possível a gente olhar para elas e ainda se espantar com a QUALidade da representação então são dois fatos diferentes... a finalidade (para o que) ela foi feita... e a ca-pa-ci-da-de artística de quem a fez... certo? **porque** se eu (fizer) este gato e deixasse durante doze mil anos... ele vai continuar sendo um gato sem valor... não tem:: nenhuma... um valor artístico esta representação mesmo **porque::** é usada por todas as crainças acho que quase que do mundo inteiro para desenhar gatos...

O exemplo abaixo demonstra que o uso de *porque* como MD também é usual na língua falada não-culta:

- (25) [Inquérito do Projeto Filologia Bandeirante] Inf. ai eu nu sei...isso comigo nu sei **porque**...eu nem nu acredito isso ((ri))

Os exemplos seguintes, retirados do *corpus* diacrônico de SIMÕES (2007), evidenciam seu uso também na língua escrita:

- (26) [Carta de Washington Luís] Só um Tacito ou um Juvenal saberia encontrar || [2 v.] as tintas adequadas ao debuxo do quadro sinistro | destes dias sem grandeza. **Porque** tudo é aqui | mesquinho e vergonhoso.
- (27) [Carta de Washington Luís] Em- | quanto isso, a Gironda dorme. Falta-lhe um | chefe. Talvez seja melhor assim. Mas não ha du- | vida que, se ninguém se mexer, continuará | a imersão da patria no lodo e talvez no | sangue. **Porque** Damaso continua a ameaçar. | E não faz mysterio dos seus propositos.
- (28) [Carta de Mário de Andrade] Deve ser seqüestro de vaidade, que está ocultando o seu poema pra que o meu se sustente. **Porque** sei, desde o princípio que verifiquei o seu ser muito melhor. Mas não nego que acho o meu também muito bom. Talvez isto seja porque a notação me lembra perfeitamente o momento, não sei, mas tenho a impressão que despertará nalguns outros, sensação idêntica.

Em todos os casos acima não é possível atribuir ao item *porque* o papel sintático de conjunção hipotática. Nesses enunciados, *porque* é utilizado como item pragmático

que insere o valor de explicação de forma *syntax-loose*, assim como é caso das ocorrências de *wobei*, *obwohl* e *weil* estudadas por Susanne Günthner e acima citadas. Em ambas as línguas, trata-se de elementos que não integram sintaticamente os enunciados precedentes àqueles que os seguem.

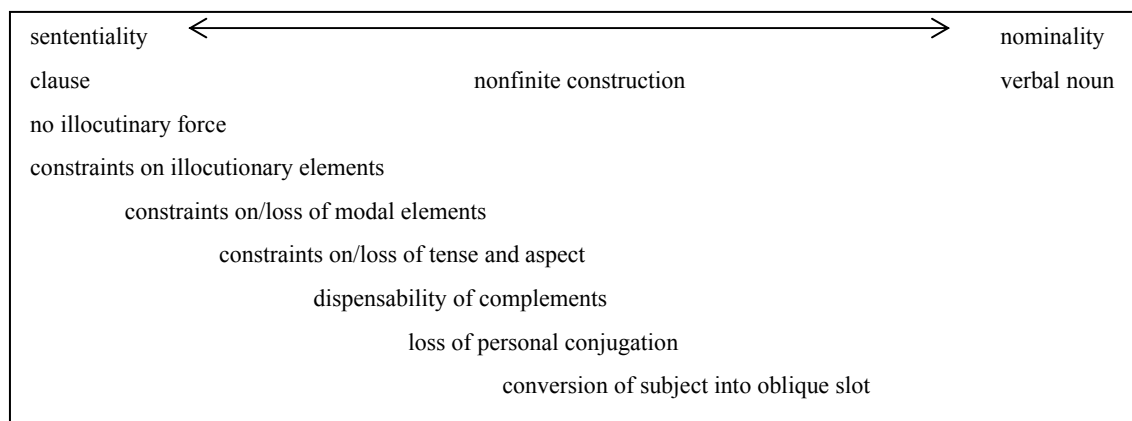
No âmbito dos estudos sobre o eixo parataxe-hipotaxe, muito se tem falado a respeito da dificuldade de estabelecer parâmetros fixos e delineáveis para os enunciados complexos da língua falada e também daqueles textos escritos que exibem maior caráter de oralidade no eixo de proximidade e distância comunicativas (cf. KOCH e OESTERREICHER 1990, como é o caso de cartas, bilhetes, diários etc.). Na seção seguinte, discuto o estatuto sintático dessas construções a partir de alguns conceitos de sentencialidade propostos, entre outros, por LEHMANN (1988), RAIBLE (1992) e TALMY (2000), procurando identificar nesse plano o trajeto percorrido pelos MD aqui analisados.

4. Marcadores discursivos: do pólo da integração para o pólo da agregação sintática

Em seu estudo sobre as ligações sentenciais, LEHMANN (1988:217) apresenta seis escalas de gramaticalização, nas quais se podem dispor as várias ligações sentenciais:

1. “degradação” hierárquica das orações subordinadas (*parataxis : embedding*);
2. nível sintático do constituinte ao qual a oração se liga (*sentence : word*);
3. “dessentencialização” da oração (*clause : noun*);
4. gramaticalização do verbo principal (*lexical verb : grammatical affix*);
5. entrelaçamento das orações (*clauses disjunct : clauses overlapping*);
6. grau de explicitude do elo (*syndesis : asyndesis*).

O autor entrevê um *continuum* de dessentencialização, a escala que se estende do pólo da sentencialidade [*clause*] ao pólo da nominalização [*verbal noun*], como mostra o quadro a seguir:

Quadro 4. Escala de dessentencialização proposta por LEHMANN (1988:200)

Wolfgang RAIBLE (1992) discute esta questão a partir da evolução dos recursos de ligação intersentencial disponíveis para as línguas. No modelo de *Junktion*, este autor dispõe uma escala de técnicas de junção organizada verticalmente. No nível mais superior, encontra-se o pólo da agregação [*Aggregation*], no nível mais inferior o pólo da integração [*Integration*]. Entre o pólo da *agregação* para a *integração*, RAIBLE identifica oito segmentos distintos, que correspondem a determinadas técnicas de junção, o chamado eixo-sintático, que delimita os graus de sentencialidade dos itens que compõem as sentenças simples ou complexas:

- (I) simples justaposição de orações sem juntores (parataxe assindética);
- (II) junção através de retomada correferencial de um item da oração anterior;
- (III) ligação de orações principais através de juntores explícitos (parataxe sindética);
- (IV) ligação de orações através de conjunções subordinativas;
- (V) ligação de orações através de construções gerundiais e participiais;
- (VI) junção de relações através de construções com grupos preposicionais (locuções prepositiva);
- (VII) junção de relações através de preposições e/ou morfemas de caso, e finalmente
- (VIII) junção através de morfemas marcadores de caso ou papel temático.

A este eixo sintático, RAIBLE (1992) apõe um eixo semântico (quadro 5), no qual reconhece 18 grandezas de valores proposicionais (causa, consequência, concessividade etc.) que podem ser expressos pela junção de itens, sejam eles sentenças ou constituintes. O autor oferece um quadro geral com as diversas possibilidades para o francês, do qual se pode depreender que nas línguas em geral nem sempre se pode projetar todos os

valores semânticos através de todas as técnicas de junção. Segundo ele, para o francês não se pode obter o sentido de *modo/instrumento* através dos recursos sintáticos dos níveis (I), (III), (IV) e (VIII), mas tal relação entre eventos pode ser expressa através de (V), (VI) e (VII). Adaptando-se esse esquema ao português, verifica-se que essa língua não tem uma conjunção lexicalizada para a expressão de *modo*. Exatamente por este motivo é que outras técnicas são utilizadas para expressar esse valor proposicional.

Quadro 5. As técnicas de junção segundo RAIBLE (1992), adaptado por SIMÕES (2007)

← EIXO SEMÁNTICO →																	
I	junção por justaposição junção pronominal junção com conectivo junção com conjunção junção com gerúndios e participípios junção com grupos preposicionais																
II																	
III																	
IV																	
V																	
VI																	
← EIXO SINTÁTICO →	condição	<i>en cas de</i>	<i>à l'occasion de</i>	<i>(de, par)</i>	<i>en présence de</i>	<i>par l'intermédiaire</i>	<i>à cause de</i>	<i>en dépit de</i>	<i>à l'intention de</i>	<i>en faveur de</i>		<i>au temps de</i>	<i>hors de</i>	<i>à proximité de</i>	<i>sous l'influence de</i>	<i>en guise de</i>	<i>en comparasion de</i>
	ocasião																
	causador																
	inclusão/exclusão																
	meio/instrumento																
	causa																
	concessividade																
	finalidade/razão																
	consequência																
	resultado																
	tempo																
	lugar																
	influência																
	igualdade/desigualda																
	conformidade																
	comparação																
	quantidade																
	origem/fonte																
VII	junção com preposições																
VIII	junção por morfologia de caso (papéis temáticos)																

O quadro de RAIBLE (1992) exhibe uma gama muito ampla de relações proposicionais que podem ser expressas através das várias técnicas de junção, o que demonstra que as línguas são bastante criativas, ou melhor, os seus falantes, pois procuram encontrar meios de reproduzir nas línguas em particular o sentido específico

que querem atribuir a determinados conteúdos informacionais. É de supor-se, portanto, que o elenco de valores proposicionais de Raible possa ser ampliado, pois as relações entre enunciados não devem esgotar-se nas 18 possibilidades por ele arroladas. TALMY (2000) é um dos autores que também se preocuparam em verificar como as línguas desenvolvem estruturas que relacionam eventos. No capítulo que trata da relação de *figura e fundo* que se estabelece entre sentenças, o autor apresenta uma lista para o inglês de 15 valores semânticos, dentre eles alguns que RAIBLE poderia ter incluído também para o francês em seu esquema, como o valor da *adição* (positiva e negativa), da *contrafactualidade* (adversatividade) e da *substituição*, como ilustram os seguintes exemplos retirados de TALMY (2000:373-6):

- (29) He works at a sideline *in addition to/besides/on top of/as well as* holding down a regular job. (adição positiva)
- (30) He takes odd jobs *no more than* he holds down a regular job. (adição negativa)
- (31) I would have joined you, *except (that) only* I was busy. (contrafactualidade)
- (32) He watched TV *instead of* studying. (substituição)

TALMY (2000:381) observa ainda que as línguas nem sempre desenvolvem conjunções para expressar uma determinada relação proposicional, e é nesse momento que entra a criatividade que se verifica nas línguas, ou seja, outros mecanismos são ativados para expressar o valor almejado.

Ora, se levarmos em consideração as concepções de sentencialidade acima descritas e aplicarmos tais princípios aos enunciados encabeçados pelos MD em questão, observamos que itens tradicionalmente interpretados unicamente como conjunções subordinativas, ou seja, como elos de hipotaxe, em algum momento e em função de alguma motivação semântica específica, podem exibir propriedades sintáticas mais próximas da parataxe. Os contextos analisados demonstram que essa motivação gera o acesso às propriedades semânticas disponíveis para esses mesmos itens (adversatividade, explicação, concessão etc.), mas ao mesmo tempo são desativadas as propriedades sintáticas de integração entre enunciados (maior *sententiality* para LEHMANN 1988 e maior *Integration* para RAIBLE 1992). Do ponto de vista da Gramática Cognitiva, poder-se-ia dizer que esses MD projetam valores semânticos ampliados sobre o conjunto dos enunciados que os seguem, propriedade que os torna semelhantes aos conhecidos

advérbios de sentença, que toma por escopo o todo do enunciado. Estão, portanto, ao mesmo tempo orientados para o falante e para o discurso.

5. Considerações finais

Ao longo da revisão da literatura a respeito dos MD (1.), observamos que uma descrição ampla dos mesmos deve ultrapassar o domínio da Análise da Conversação, uma vez que os mesmos reúnem propriedades que são ativadas nos vários subsistemas da língua (Léxico, Discurso, Sintaxe e Semântica). Em (2), notou-se um ganho significativo para o estudo dos MD quando se incorporam os instrumentos de análise associados à Teoria da Gramaticalização. Defendeu-se em (3) a adoção do conceito de *pragmaticalização* para a análise dos MD do alemão (*wobei*, *obwohl* e *weil*) e do português (*porque* e *que*), os quais são tradicionalmente interpretados como itens conjuncionais. Esse estudo preliminar procurou demonstrar que uma abordagem mais integralista das propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas dos chamados MD (4.) pode ser mais efetiva no sentido de entender que tais itens ao mesmo tempo projetam valores proposicionais a um determinado conjunto de enunciados, e também apresentam propriedades sintáticas típicas dos elos de relação intersentencial com valor mais próximo da *agregação*, em oposição às ocorrências homônimas que funcionam como conjunções hipotáticas, típicas da *integração* sintática.

Referências bibliográficas

- BUCHI, ÉVA (sem data). Approche diachronique de la (poly)pragmaticalisation de fr. déjà («Quand le grammème est-il devenu pragmatème, déjà ?». Aberystwyth, Royaume-Uni, 2004. <http://halshs.archives-ouvertes.fr/docs/00/14/92/75/PDF/BuchiACILPR24Deja.pdf> (31.07.2008).
- CASTILHO, Ataliba T. de. Proposta funcionalista de mudança linguística. Os processos de lexicalização, semanticização, discursivização na constituição das línguas. In: LOBO, Tânia / RIBEIRO, Ilza / CARNEIRO, Zenaide / ALMEIDA, Norma. (orgs.). *Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises*. Salvador, EDUFBA, 2006, 223-296.
- CASTILHO, Ataliba T. de. Abordagem da língua como um sistema complexo : contribuições para uma nova Linguística Histórica. In: CASTILHO, Ataliba T. de / MORAIS, Maria Aparecida Torres de / LOPES, R.E.V./ CYRINO, Sonia M. L. (orgs.). *Descrição, História e Aquisição do português Brasileiro*, vol. I. 1a. ed. Campinas, Pontes - FAPESP, 2007, 329-360.

- CASTILHO, Ataliba Teixeira de; MORAES DE CASTILHO, Célia Maria. Advérbios modalizadores. In: ILARI, Rodolfo. (org.). *Gramática do Português Falado*, vol. II. Campinas, Editora da UNICAMP, 1992, 213-260.
- CROFT, William. *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*. Oxford, Oxford University Press, 2001.
- DEPPERMAN, Arnulf. Construction Grammar – Eine Grammatik für die Interaktion. In: DEPPERMAN, Arnulf / FIELHER, Reinhard / SPRANZ-FOGASY, Thomas (orgs.). *Grammatik und Interaktion*. Rodolfzell, Verlag für Gesprächsforschung, 2006, 43-65.
- DETGES, Ulrich. *Grammatikalisierung. Eine kognitiv-pragmatische Theorie, dargestellt am Beispiel romanischer und anderer Sprachen*. (Tese de doutorado). Tübingen, Karls Eberhard Universität, 2001.
- DOSTIE, Gaétane. *Pragmaticalisation et marqueurs discursifs : analyse sémantique et traitement lexicographique*. Bruxelles, De Boeck & Larcier, Éd. Duculot, 2004.
- ERMAN, Britt / KOTSINAS, Ulla-Britt. Pragmaticalization: The case of *ba'* and *ou know*. In: *Studier i Modernspråkvetsenskap* 10. Stockholm, Almqvist and Wiksell, 1993, 76-93.
- FILLMORE, Charles. Grammatical Construction Theory and the Familiar Dichotomies. In: DIETRICH, Rainer / GRAUMANN, Carl Friedrich (orgs.). *Language Processing in Social Context*. Amsterdam, Elsevier, 1989, 17-38.
- FRASER, Bruce. Types of English discourse markers. In: *Acta Linguistica Hungarica* 38, 1988, 19-33.
- FRASER, Bruce. An approach to discourse markers. In: *Journal of Pragmatics* 14: 1990, 383-395.
- FRASER, Bruce. *Discourse Markers: Description and Theory* (Pragmatics and Beyond, New Series, 57). Amsterdam/Philadelphia, Benjamins, 1998, 301-326.
- GÜNTNER, Susanne. Entwickelt sich der Konzessivkonjektor obwohl zum Diskursmarker? Grammatikalisierungstendenzen im gesprochenen Deutsch. In: *Linguistische Berichte* 180, 1999, 409-446.
- GÜNTNER, Susanne. Grammatik im Gespräch: Zur Verwendung von 'wobei' im gesprochenen Deutsch. In: *Sprache und Literatur* 85/31, 2000, 57-74.
- GÜNTNER, Susanne. 'wobei (.) es hat alles immer zwei seiten.' Zur Verwendung von wobei im gesprochenen Deutsch. In: *Deutsche Sprache* 4, 2001, 313-341.
- GÜNTNER, Susanne. Dichte Konstruktionen. Potsdam, Universität (InLiSt 43), 2005.
- GÜNTNER, Susanne. Brauchen wir eine Theorie der gesprochenen Sprache? Und: wie kann sie aussehen?. In: *GIDI-Arbeitspapiere* Nr. 6, 2007.

- GÜNTNER, Susanne; GOHL, Christine. Grammatikalisierung von *weil* als Diskursmarker in der gesprochenen Sprache. In: *Zeitschrift für Sprachwissenschaft* 18 (1), 1999, 39-75.
- HEINE, Bernd / CLAUDI, U. / HÜNNEMEYER, F.. *Grammaticalization. A conceptual framework*. Chicago, The University of Chicago Press, 1991.
- HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization* (Cambridge Textbooks in Linguistics). 2nd revised ed. Cambridge, Cambridge University Press, 2003 [1993].
- HUMBOLDT, Wilhelm von. *Über das Entstehen der grammatischen Formen und ihren Einfluß auf die Ideenentwicklung*. Tradução espanhola de C. Artal. *Sobre el origen de las formas gramaticales*. Barcelona, Editorial Anagram, 1972 [1822].
- IMO, Wolfgang. *A Construction-Grammar Approach to the Phrase "I mean"*. Berlim, De Gruyter, 2005.
- KOCH, Peter ; Oesterreicher, Wulf (1990). *Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch*. Romanistische Arbeitshefte 31. Tübingen, Niemeyer, 1990.
- KURYLOWICZ, J. The Evolution of Grammatical Categories. In: *Esquisses linguistiques* II, 1975 [1965], 38-54.
- LEHMANN, Christian. *Thoughts on Grammaticalization*. LINCOM Studies in Theoretical Linguistics 1. Munich and Newcastle, LINCOM EUROPA, 1995 [1982].
- LEHMANN, Christian. Towards a typology of clause linkage. In: Haiman/Thompson (org.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 1988. (Studies in Language, vol. 18).
- MEILLET, A. L'évolution des formes grammaticales. In: A. Meillet. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris, Champion, 1948 [1912], 130-148.
- RAIBLE, Wolfgang. *Junktion – Eine Dimension der Sprache und ihre Realisierungsformen zwischen Aggregation und Integration*. Heidelberg, Carl Winter, 1992. (Sitzungsberichte der Heidelberger Akademie der Wissenschaften, Philosophisch-historische Klasse, Bericht 1).
- REDEKER, Gisela: Linguistic Markers of Discourse Structure. *Linguistics*, vol. 29. 1991, 1139-1172.
- SCHIFFRIN, Deborah. *Discourse Markers*. Cambridge, Cambridge University Press, 1987. (Studies in Interactional Sociolinguistics 5).
- SCHIFFRIN, Deborah: Anaphoric *Then*: Aspectual, Textual, and Epistemic Meaning. *Linguistics*, vol. 30, 1992, 753-792.
- SCHIFFRIN, Deborah. Discourse markers, meaning, and context. In: Schiffrin, Deborah / Tannen, Deborah / Hamilton, Heidi E. (eds.). *The Handbook of Discourse Analysis*. Oxford/Maldon, MA, Blackwell, 2001, 54-75. (Blackwell Handbooks in Linguistics).

- SIMÕES, José da Silva. Marcadores conversacionais interacionais e ideacionais do português falado culto e do alemão falado culto. In: *Anais do III Congresso Brasileiro de Professores de Alemão*. Campinas, ABRAPA - Associação Brasileira de Associações de Professores de Alemão, 1996, 394-399.
- SIMÕES, José da Silva. *Marcadores interacionais e modalizadores do alemão e do português falados*. (Dissertação de mestrado). São Paulo, FFLCH/USP, 1997.
- SIMÕES, José da Silva (2007). *Sintaticização, discursivização e semanticização das orações de gerúndio no português brasileiro*. (Tese de doutorado). São Paulo, FFLCH/USP, 2007.
- SOARES DA SILVA, Augusto. Olhando para a flexibilidade do significado: evidências da polissemia. In: SOARES DA SILVA: *O mundo dos sentidos em Português: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra, Almedina, 2006, 59-83.
- TALMY, Leonard. *Toward a Cognitive Semantics*, 2. vol. Cambridge / London, The MIT Press, 2000.
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs. The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization. Paper presented at *ICHL XII*. Manchester, 1997 [1995] <http://www.stanford.edu/~traugott/papers/discourse.pdf> (31/07/2008).
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Discourse markers, modal particles, and contrastive analysis, synchronic and diachronic. In: *Catalan Journal of Linguistics* 6, 2007, 139-157.
- WALTEREIT, Richard. Imperatives, interruption in conversation, and the rise of discourse markers: a study of Italian *guard'*. In: *Linguistics* 40-5, 2002, 987-1010.
- WALTEREIT, Richard. Comparer la polysémie des marqueurs discursifs. In: DRESCHER, Martina / FRANK-JOB, Barbara (eds.). *Les marqueurs discursifs dans les langues romanes. Approches théoriques et méthodologiques*. Frankfurt, Lang, 2006, 141-151.
- WALTEREIT, Richard; DETGES, Ulrich. Different functions, different histories. Modal particles and discourse markers from a diachronic point of view. In: *Catalan Journal of Linguistics* 6, *Contrastive perspectives on discourse markers*, 2007, 61-80.

Vertextungsstrategien in brasilianischen und deutschen Magistereinleitungen – eine exemplarische Analyse

Kathrin Schweiger¹

Abstract: This article focuses on the rhetorical structure of introductory sections in Brazilian and German MA dissertations from the field of linguistics. The analysis is based on the CARS (“Create a Research Space”) model proposed by Swales (1990) for examining introductions in English research papers. We also resort to Hutz (1997), who applies Swales’ CARS model and compares English and German research papers from the discipline of psychology, and compare Brazilian with German text production (case study). The aim of this paper is to investigate whether Brazilian and German MA dissertations follow the same schematic patterns. Do the differences hold across the two cultures and different disciplines? To what extent can we talk about a ‘universal academic discourse’, as Widdowson (1979) claims?

Keywords: Contrastive genre analysis in academic settings; scientific language; academic introductions.

Resumo: O artigo analisa a estrutura retórica da “introdução” em dissertações brasileiras e alemãs da área de lingüística (estudo de caso). Tomando como base o modelo CARS (“Create a Research Space”) de Swales (1990) e Hutz (1997) sobre a estrutura genérica de introduções de artigos acadêmicos em inglês, o objetivo desta pesquisa é investigar se as introduções de dissertações seguem um esquema comunicativo-proposicional, e, se for o caso, de que maneira se distinguem as introduções em relação às culturas e disciplinas. Até que ponto se pode falar da “universalidade do discurso acadêmico”, como proclama Widdowson (1979)?

Palavras-chave: Gêneros textuais acadêmicos; Gêneros textuais acadêmicos em contraste; Linguagem científica; Introduções acadêmicas.

O. Einleitung

Auf einem internationalen Kongress des DAAD (Deutscher Akademischer Austauschdienst) in São Paulo zum Thema „Wissenschaftlerbiografien, Wissenschaftlermobilität, Wissenschaftlermigration“ im Juni 2007 wurden die Auswirkungen der Globalisierung auf den Wissenschaftsbetrieb diskutiert und erörtert. Auch die Universitätssysteme müssen sich dem „Druck der Globalisierung“ stellen. In Europa zeigt sich dies am „Bologna-Prozess“, bei dem sich 1999 die europäischen Universitäten auf ein einheitliches Studiensystem einigten. Bis zum Jahr 2011 soll daher an allen Universitäten das Bachelor- und Mastersystem eingeführt sein. Internationale akademische Erfahrung spielt in der heutigen wissenschaftlichen Ausbildung eine

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Língua e Literatura Alemã da Universidade de São Paulo. – schweiger@usp.br

immer größere Rolle; Praktikums-Studien- oder Forschungsaufenthalte im Ausland werden als karriereförderlich angesehen. Die international mobile Studentenzahl wächst stetig an und nach Einschätzung des DAAD soll bis zum Jahre 2025 die 7-Millionen-Grenze² überschritten sein³. Das Studium bzw. die wissenschaftlichen Institutionen müssen auf derartige berufliche sowie die Ausbildungssituation betreffende Konstellationen und internationale Karrieren vorbereitet sein. Vielfach werden daher internationale Kooperationen abgeschlossen bzw. Universitätspartnerschaften eingegangen, um einem gelingenden Auslandsaufenthalt die idealen Rahmenbedingungen zu geben. Mittlerweile studieren jährlich ca. 700⁴ deutsche Studenten an einer brasilianischen Universität.

Ein Studienaufenthalt in Brasilien verlangt neben der Aneignung des Portugiesischen – einer im deutschen Schulsystem nur sehr marginal angebotenen Fremdsprache – auch das Aneignen einer fremden Wissenschaftskultur. Dazu gehören in erster Linie die universitären Text⁵- und Diskursarten⁶ wie z.B. – die im deutschsprachigen Raum vorherrschende – Seminararbeit, das Referat, das Protokoll etc. und auch die Magisterarbeit, die *dissertação de mestrado*, die Gegenstand des vorliegenden Artikels sein soll. Gerade die Analyse und die darauffolgende Deskription akademischer Textarten⁷ und ihrer inhärenten Wissenschaftssprachen kann zu einem

² Die Zahl geht auf Berechnungen des australischen Bildungsinstituts IDP und des Konsortiums GATE-Germany zurück (DAAD-Marketing-Büro, São Paulo vom 15.04.08).

³ Migration war allerdings immer schon Bestandteil einer wissenschaftlichen Laufbahn. Schon Wissenschaftler im Mittelalter zeichneten sich durch eine herausragende Mobilität aus. Ihr Anteil an der mobilen Bevölkerung war beträchtlich (EHLICH 2001). Auch die einsetzende Nationalisierung der Wissenschaften ab dem 16. Jahrhundert tat dieser Entwicklung keinen Abbruch. Die Motive für die „Wanderbewegungen“ der Wissenschaftler änderten sich allerdings mit Beginn des 20. Jahrhunderts. Vordergründig ging es nicht mehr um den wissenschaftlichen Austauschgedanken, sondern der Überlebensgedanke wurde – während der nationalsozialistischen Diktatur – zentral für die Emigration deutscher Wissenschaftler. Heute sind es vor allem auch ökonomische Anreize, die zu einem Anstieg der internationalen Mobilität führen (ebd.).

⁴ Daten von der DAAD-Außenstelle, 21.11.2007 in einem Interview des Deutschlandfunks (<http://www.dradio.de/dlf/sendungen/campus/699673/>; Zugang 20.06.08).

⁵ „Eine Textart ist eine zweckbezogene Tiefenstruktur, die spezifische kommunikative Aufgaben zu bearbeiten gestattet, denen repetitiv immer neue Handelnde gegenüberstehen. Textarten sind also Großmuster des sprachlichen Handelns, denen eben jener Ressourcencharakter zukommt, der für die Bearbeitung gesellschaftlicher Zwecke unumgänglich ist“ (EHLICH 2000:11). Zentral für Ehlichs Textdefinition ist der gesellschaftliche Zweck, das heißt, dass der spezifische Zweck einer Textart X in einen größeren gesellschaftlichen Zusammenhang eingebunden ist – hier in die Institution der Wissenschaft; der Universität. Institutionen spiegeln Textarten in größerer Form wider, indem sie ebenfalls „Strukturen repetitiver Handlungen“ (EHLICH/REHBEIN 1994: 317) darstellen.

⁶ Zur Unterscheidung zwischen Text und Diskurs basierend auf der Überlieferungsqualität von Texten s. EHLICH (1983).

⁷ Es wird hier nicht der in der deutschen Textlinguistik häufig verwendete Begriff der „Textsorte“ verwendet, sondern „Textart“, der nach EHLICH (1990), etymologisch begründet, treffender erscheint. Im englischsprachigen Raum spricht man in fachsprachlicher Hinsicht von „genre“ bzw. von der „Genre

erfolgreichen Auslandsstudium verhelfen, indem schon die Heimatuniversitäten ihren rein sprachpraktischen Unterricht um Vorbereitungskurse zum Wissenschaftsportugiesisch/akademischen Portugiesisch⁸, Französisch, Italienisch usw. beziehungsweise zum Wissenschaftsdeutsch erweitern.

Wissenschaft ist immer noch – so der allgemeine Tenor – „(...) trotz Berufung auf universale Vernunft in die geschichtliche Überlieferung (...) einer Gesellschaft eingebunden (...)“ (REUTER 2003: 324) und tief mit den Normen und Werten dieser verwurzelt⁹. Daher kann es immer wieder vorkommen, dass eine studentische wissenschaftliche Arbeit aus einem wissenschafts(sprachlichen) Kulturkreis als Textart als solche akzeptiert wird und in einem anderen Wissenschaftskulturkreis als inakzeptabel eingestuft wird. Textarten, denen der gleiche Zweck zugrunde liegt, die aber aus unterschiedlichen Kulturkreisen kommen, weisen nämlich Unterschiede in ihren Textmustern auf¹⁰. Daher besteht die zentrale Fragestellung der Arbeit in der Ermittlung gemeinsamer und/oder unterschiedlicher Vertextungsmuster brasilianischer und deutscher Studenten beim Verfassen der Textart Magisterarbeit. Aufgrund des Umfangs der Magisterarbeiten zeigte sich allerdings sehr bald, dass eine Gesamttextanalyse, das heißt die totale Erfassung der Magisterarbeit aus zeittechnischen, methodischen und finanziellen Mitteln schwer bis unmöglich ist, sodass eine Fokussierung auf einen Teilaspekt der Magisterarbeit vorgenommen werden musste. Als wichtigen, wenn nicht zentralen Teiltext¹¹, wurde daher die „Einleitung“ als Untersuchungsgegenstand herangezogen. Ihr fällt bei der Auswahl bzw. Bewertung eines Textes eine Schlüsselfunktion zu (GNUTZMANN 1992). Bekanntlich sollen eine gute Einleitung und ein guter Schluss die Lektüre einer Arbeit „überflüssig“ machen.

Analysis“, die vor allem von Swales (1990) und Bhatia (1993) geprägt worden ist und so auch in der brasilianischen Forschung unter der Bezeichnung *Análise de gênero textual* Einzug gefunden hat.

⁸ Was zum Teil auch schon geschieht. Meines Wissens werden an der Technischen Universität in Berlin Kurse zu „Portugiesisch als universitäre Sprache“ angeboten (www.zems.tu-berlin.de; Zugang 20.6.08) sowie an der FU Berlin. Beispielhaft sei hier auch die Ludwig-Maximilians-Universität München genannt, die unter dem Namen „kommUNikation“ ein Projekt implementierte, mit der Zielsetzung ihre Fach- bzw. Fremdsprachendozenten in der Vermittlung spezieller Fertigkeiten, die das universitäre Umfeld verlangt, fortzubilden. An der USP und PUC São Paulo existieren ebenfalls schon Kurse zum wissenschaftlichen Arbeiten für ausländische Studenten.

⁹ Dies gilt besonders für die Sozial- und Geisteswissenschaften, die nach GNUTZMANN (1992) vielmehr nationalgeprägt sind als beispielsweise die Naturwissenschaft, die einen „kulturabhängigen bzw. kulturübergreifenden Charakter hat“ (a.a.O., 268).

¹⁰ Zum kulturkontrastiven Vergleich studentischer Seminararbeiten s. KAISER (2002) sowie EBER (1997). Erstere zu venezolanischen Arbeiten letztere zu mexikanischen Arbeiten.

¹¹ Die „Einleitung“ verstehe ich in Anlehnung an OLDENBURG (1992:63) als Teiltext. „Teiltexte sind relativ abgeschlossene Einheiten, die gemeinsam im Zusammenwirken den Text konstituieren und in den Textzusammenhang eingebettet sind“ (ebd.).

Im Rahmen einer exemplarischen Analyse werden zwei Magistereinleitungen aus einem bisherigen Korpus von 25 deutschen sowie 25 brasilianischen Arbeiten der Disziplin Linguistik verglichen. Die brasilianische Arbeit stammt aus der Fakultät für Literatur- und Sprachwissenschaften der Germanistik, Universität São Paulo und umfasst 522 Wörter. Die deutsche Arbeit wurde am Institut für Deutsch-als-Fremdsprache/Transnationale Germanistik, München, verfasst und umfasst 639 Wörter. Schwerpunkt der Analyse bildet der vergleichende Textaufbau. Als Grundlage der Analyse wird das Textaufbaumodell für „Einleitungen“ wissenschaftlicher Artikel von SWALES (1990) respektive HUTZ (1997) herangezogen und im folgenden Kapitel vorgestellt.

1. Textaufbaumodelle für die Teiltextart „Einleitung“

SWALES entwickelte (1981, 1990) als einer der Ersten ein inhaltlich-funktionales Modell (CARS-Modell: „Create a Research Space“), um Aufbau und Struktur von Articleinleitungen zu erfassen. Er geht von einem Stufenmodell aus, das in so genannte *moves* und *steps* unterteilt ist. Unter *moves* werden die größeren Texteinheiten verstanden, während die *steps* als Untereinheiten zu verstehen sind.

Abb. 1

Move 1: Establishing the field

Step 1: Claiming centrality

Step 2: Making topic generalization(s) and/or

Step 3: Reviewing items of previous research

Move 2: Establishing a niche

Step 1A: Counter-claiming or

Step 2A: Indicating a gap or

Step 1C: Question raising or

Step 1D: Continuing a tradition

Move 3: Occupying the niche

Step 1A: Outlining the niche

Step 1B: Announcing present research or

Step 2: Announcing principal findings

Step 3: Indicating research article structure

Es folgten eine Reihe kontrastiver Untersuchungen¹², die sich das Swales-Modell als Vorbild genommen haben. Allerdings gibt es nur einen Beitrag, der sich mit Einleitungen zu Magisterarbeiten beschäftigt. DUDLEY-EVANS (1986) stellt fest, dass Swales' CARS-Modell nicht eins zu eins auf MSc.-Arbeiten zu übertragen ist – ihnen liegt ein anderer Aufbau zugrunde, sodass er es um drei Teiltexteinheiten erweiterte. Nach meinen bisherigen Untersuchungen zeigte sich aber, dass sich das Modell von DUDLEY-EVANS (1986) auch nicht über deutsche und brasilianische Magisterarbeiten der Linguistik „stülpen“ lässt. Die Untersuchungen DUDLEY-EVANS beziehen sich auf englische Arbeiten des Faches Biologie – hier scheint ein anderes Textmuster vorzuliegen. Als Grundlage der vorliegenden Analyse dient das von GNUTZMANN/LANGE (1990) und von HUTZ (1997) modifizierte bzw. reduzierte Swales-Modell, das für die Untersuchung geeigneter erscheint, obgleich es sich auf die Textart „wissenschaftlicher Artikel“ bezieht. Es handelt sich bei einer Magisterarbeit allerdings um ein Großformat des wissenschaftlichen Artikels, sodass davon auszugehen ist, dass beide Textarten ein Gros an Ähnlichkeiten aufweisen. Im Folgenden wird das abgewandelte CARS-Modell von HUTZ (1997: 117) vorgestellt:

Einführung in den Untersuchungsgegenstand (1) (mit folgenden Varianten)

Bedeutung des Untersuchungsgegenstandes (1A)

¹² Beispielhaft seien hier aufgeführt: GNUTZMANN/OLDENBURG (1991): deutsch-englische Artikel der Linguistik, TAYLOR/CHEN (1991): chinesisch-englische Artikel der „hard science“; MEURER (1997): brasilianische Artikel; GOLEBIOWSKI (1999): polnisch-englische Artikel der Psychologie; ARVAY/TANKÓ (2004) ungarisch-englische Artikel der Linguistik.

In diesem ersten Teiltextsegment rührt der Autor sozusagen die Werbetrommel für seine Arbeit. Hier geht es darum, den Leser von der zentralen Stellung und der Aktualität des Themas zu überzeugen.¹³

Beispiele:

Das Thema Interkulturalität gewinnt seit der steigenden weltweiten wirtschaftspolitischen Zusammenarbeit, dem Zusammenschluss der Europäischen Union und dem Schengener Abkommen zu Beginn des Jahres 1995 **für jeden einzelnen** von uns an **Bedeutung** (D14)¹⁴.
[Hervorhebung K.S.]

Nas últimas décadas, principalmente na América do Norte, uma área **vem ganhando bastante espaço** (...), o estudo das estratégias de aprendizagem (B 10).
[Hervorhebung K.S.]

Zentrale Ausdrücke entstammen aus dem Symbolfeld¹⁵ „Interesse“, „Bedeutung“, „Zentrum“ und ihren adjektivischen/adverbialen Ableitungen. Auch temporaldeiktische Ausdrücke (in Form einer Präpositionalphrase) sind häufig anzutreffen (*in den letzten Jahren, in letzter Zeit*).

Allgemeine Aussagen zum Untersuchungsgegenstand (1B)

Als weitere Möglichkeit der Ein- bzw. Hinführung zum Thema werden bisherige, allgemein bekannte Ergebnisse und Erkenntnisse des Forschungsfeldes aufgeführt. Das kann nach HUTZ (1997) auch eine Definition sein oder das Angeben von allgemeinen Charakteristika des jeweiligen Untersuchungsgegenstandes bzw. Themas.

Beispiel:

Digitale Ethnographie ist eine Methode der Kulturforschung, die in den USA zur Erforschung von Denkhaltungen und Lerngewohnheiten bei Kindern entwickelt wurde. Dabei verbinden sich klassische ethnografische Aufzeichnungs- und

¹³ SWALES (1991: 144) spricht hier von den *centrality claims*. „It seems to me that the way in which academics typically attract readerships is by an initial move which indicates that they are working in a lively or significant research area, even if the appearance of their title might indicate the contrary” (SWALES 1981: 23).

¹⁴ Die Siglen Dx bzw. Bx stehen für „deutsche Einleitung“/„brasilianische Einleitung“ sowie deren Nummerierung im Korpus.

¹⁵ Symbolfeldausdrücke konstituieren sich aus Adjektiven, Adverbien Nomina und Verben und haben nach K. BÜHLERS Sprachtheorie (1934) eine nennende Funktion im Gegensatz zu den situationsgebundenen deiktischen Ausdrücken (s. EHLICH 1996).

Interpretationsmethoden mit der modernen Kommunikationstechnologie zur digitalen Ethnographie (D24).

Literaturbericht (2)

In diesem Teilttextsegment geht es um die Aufzählung bzw. das Wiedergeben des bisherigen Forschungsstandes – dabei kann der Literaturbericht aus einer erschöpfenden Auflistung von Literaturangaben bestehen und/oder nach GNUTZMANN/LANGE (1997, 96) mehr oder weniger umfassende inhaltliche Erläuterungen zu den einzelnen referierten Arbeiten geben. Diese Literaturlage kann auch als eine „pauschale Charakterisierung“ (ebd.) mit dem Verweis auf eine einzelne Arbeit aufgeführt werden. Die Berufung auf vorhergegangene Forschungsergebnisse kann zugleich als eigene methodisch/theoretische Grundlage dienen.

Beispiele:

In der gegenwärtigen Diskussion konkurrieren verschiedene linguistische Bezeichnungen für die Diskurspartikeln, z.B. „Abtönungspartikeln“ (Weydt 1969), „modale Partikeln“ (Krivonosov 1977) und „Sprechhandlungsaugmente“ (Rehbein 1979) (D 13).

Autores como Solmecke (1997) consideram a compreensão auditiva como parte de incompetência de entendimento mais abrangente e, portanto, como um caminho importante para o domínio de uma língua estrangeira (...) (B 10).

Das Teilttextsegment „Literaturbericht“ befindet sich im Gegensatz zu Swales CARS-Modell bei GNUTZMANN/LANGE (1990) und HUTZ (1997) aus dem Teilttextsegment [1] herausgelöst.

Legitimierung der Forschungsarbeit¹⁶ (3)

In diesem Teilttextsegment manifestiert und legimitiert der Autor seine Arbeit, indem er auf Defizite und Probleme in der bisherigen Forschung hinweist und er durch seine Arbeit dementsprechend diese Lücke schließen möchte (*counter-claiming*). Die

¹⁶ Nach SWALES (1990): *Establishing a niche*. HUTZ (1997) gibt für diesen inhaltlich-funktionalen Schritt zwei Varianten an: „3A Problematisierung von Forschungsergebnissen“ und „3B Aufzeigen von Forschungsdesiderata und Fragekomplexen“. Die Schritte sind schwer zu trennen (wie Hutz selbst sagt), sodass hier die beiden Varianten nur als ein Teilttextsegment gewertet wird.

Bezugnahme auf die themenrelevante Literatur erfolgt daher oftmals in einer kritischen Art und Weise, indiziert durch adversative Ausdrücke des operativen Feldes¹⁷ wie *allerdings, leider, jedoch, aber* etc., Adverbien der Intensität (*wenig, sehr, viel*), Negationsausdrücke, Verben aus dem Handlungsbereich „kritisches Forschungshandeln“ sowie Substantive des entsprechenden Symbolfeldes (*Defizit, Fehlen, Lücke* usw.). Anstatt der rein defizitorientierten Vorgehensweise kann der Autor aber auch an vorhergehende Arbeiten, Traditionen anknüpfen, indem er zusätzlich neue Fragen aufwirft bzw. Forschungsdesiderata äußert, die natürlich auch an der unzureichenden Forschungslage liegen, indem bestimmte Aspekte eines Themas unzureichend bzw. noch nicht untersucht worden sind, dennoch scheint dieser Schritt weniger „aggressiv“ zu wirken.

Beispiele:

Nur wenige Forschungsarbeiten befassten sich bisher damit, welche Auswirkungen auf das Lernverhalten und auf den Lernerfolg die multimedialen Anwendungen tatsächlich haben (D23). [Hervorhebung K.S.]

Embora haja vários trabalhos sobre a entoação de algumas línguas como inglês (...), nota-se uma **deficiência** de pesquisa nesse sentido relacionadas ao português do Brasil (B4). [Hervorhebung K.S.]

Vorstellung der eigenen Arbeit (4)

Zielsetzung der Arbeit (4A)

Hier geht es um die Vorstellung der eigenen Arbeit bzw. die Nennung des eigentlichen Untersuchungsvorhabens (*occupying the niche*).

Beispiele:

In dieser Arbeit geht es darum, sprachliche Verfahren im Original und der Übersetzung zu untersuchen, die die Rezeption des Lesers steuern (D17). [Hervorhebung K.S.]

Esta dissertação **tem por objetivo** primeiramente avaliar criticamente um modelo consensual (...) (B3). [Hervorhebung K.S.]

¹⁷ Die Leistung des operativen Feldes besteht in der Verknüpfung bzw. in der Verarbeitung von Propositionen (s. EHLICH 1996).

Theoretische Grundlagen und Methodik der Arbeit (4B)

Hier werden diejenigen Äußerungen des Autors subsumiert, die sich auf das methodische Vorgehen der Arbeit beziehen bzw. die theoretischen Grundlagen erörtern.

Beispiele:

Um die Darstellung der Kultur Puerto Ricos in der Literatur zu überprüfen, wird in der vorliegenden Arbeit eine **Inhaltsanalyse der Tagespresse durchgeführt** werden (D11).

Para chegar aos resultados (...) foi necessária a **análise de um corpus** de língua escrita, para verificar o uso real do modo subjuntivo em ambos os idiomas (B11).
[Hervorhebung K.S.]

Hypothesen (4C)

Die Vorstellung der eigenen Arbeit bzw. deren Zielsetzung kann auch in der Aufstellung von Hypothesen und deren Überprüfung erfolgen. Dieses Teilsegment wird häufig mittels operativer Prozeduren (kausale und konsekutive Konnektoren) wie z.B. *folglich*, *daher* oder *entsprechend* eingeleitet, die die inhaltliche Verankerung zu den vorangegangenen Teiltexsegmenten anzeigen, da sich die Hypothesenbildung oftmals an die vorausgegangene theoretische Diskussion anschließt. Es ist davon auszugehen, dass das Vorkommen dieses Teilsegmentes in Magisterarbeiten geringer Art ist. Die mentale Tätigkeit „Hypothesen bilden“ setzt breite und vertiefte Kenntnisse eines Wissensbereiches voraus. Laut Studienordnung (s. USP-Studienordnung) fällt diese intellektuelle Tätigkeit noch nicht unter das Anforderungsprofil eines noch in der Novizensituation befindlichen Magistranden. Bei der Ausarbeitung einer Magisterarbeit geht es vielmehr um das Überprüfen vorhandener Theorien unter Anwendung der wissenschaftlichen Methodik sowie um das Sichten und das systematische Zusammenfassen der gegenwärtigen Forschungsliteratur.

Beispiel:

Minha hipótese de trabalho, portanto, deriva da observação prática do processo de tradução (...) pode ser assim definida: (...) (B3).

Hinweise auf die Textstruktur (4D)

Der Autor gibt in diesem Teil der Arbeit explizite Hinweise über die Textstruktur, um dem Leser zum einen eine Orientierungshilfe an die Hand zu geben und zum anderen dessen Leseerwartung zu wecken. HUTZ (1997, 123) geht davon aus, dass dieses Teilttextsegment in seiner untersuchten Textart „wissenschaftlicher Artikel“ selten vorkommt; wenn man die relative Kürze wissenschaftlicher Artikel in Betracht zieht und deren übersichtlich gegliederte Überschriften. In den Magisterarbeiten ist dieses Teilttextsegment essenzieller Bestandteil der Arbeiten und im untersuchten Korpus auch immer belegt worden.

Beispiele:

Die ersten drei Kapitel stellen die theoretische Fundierung dar: Nach einer Erläuterung der Grundbegriffe (Kapitel 2) und einer Darstellung des Forschungsstandes der Interkulturellen Didaktik (3. Kapitel) werden verschiedene Dimensionen von Interkulturalität im FUS knapp skizziert (4. Kapitel) (D 14).

Iniciamos o estudo apresentado, no item II. EMBASAMENTO TEÓRICO (B 10).

2. Gegenüberstellung deutsche versus brasilianische Einleitung

Abb. 2

1A	0. Einleitung [D5] Über die Bedeutung ¹⁸ der Vermittlung von grammatischen Regeln haben verschiedene Richtungen der fremdsprachendidaktischen Forschung sehr unterschiedliche (...) Empfehlungen gegeben.	4A	1. Introdução [B11] No presente trabalho tratarei do emprego do modo subjuntivo em alemão e em português, um estudo teórico sobre o assunto, e depois a análise de um corpus bilíngüe alemão-português (...)
1B	Ein Sprachunterricht, der einerseits einfach Grammatikunterricht ist und grammatische Strukturen anbietet, ist nicht ausreichend (...) Andererseits (...)	4B	A análise do corpus possibilitará o levantamento e a comparação dos tipos de uso do subjuntivo nos dois idiomas, a fim de estabelecer as equivalências e as diferenças

¹⁸ Die fettgedruckten Ausdrücke dienen als zentrale Indikatoren, die die Zuordnung zu einem Teilttextsegment erlauben.

	Gerade Lerner verfügen über (...)		existentes.
3	Tatsache ist jedoch... Oft bemängeln aber Lehrer und Lerner das Fehlen von Übungen und beklagen sich über die Reihenfolge und Art der Präsentation von Regeln, die ihnen nicht logisch erscheint.	4D	Num segundo momento , concentrarei-me (...). Descrevo abaixo o objetivo, a justificativa e a metodologia.
4A	Daher soll die (...) Darstellung Gegenstand der Arbeit sein. Im Konkreten soll die (...) untersucht werden.	4A	<u>1.1. Objetivo e justificativa do trabalho</u> Neste trabalho tenho como objetivo a descrição e a comparação (...) a fim de estabelecer as equivalências e as diferenças entre os dois idiomas. Esta comparação poderá fornecer bases para a elaboração de materiais (...)
4B	Für den Fremdsprachenunterricht ist es laut Megen (1992,120) hierbei wichtig, die Regularitäten der Pluralbildung so darzustellen, dass sie den Sprachlernern als „Regeln mit maximalem Anwendungsbereich vermittelt werden können“.	4B	A princípio, meu objetivo era descrever e comparar todos os tipos (...). Então realizei um levantamento e numa primeira comparação de (...). Como não seria possível analisar com mais profundidade, de (...) foi necessário fazer um recorte (...) Por fim, decidi apresentar um panorama contrastivo (...), e me aprofundar mais (...) para chegar à descrição dos fatores (...). A opção por esse recorte se justifica tanto pela (...) quanto (...).
2*	Bei der Frage der Regelmäßigkeit scheinen die Auffassungen zu divergieren. Während Linguisten wie Augst (1975) und Mugdan (1977) zu dem Ergebnis kommen (...), bestreiten vor allem Psycholinguisten (Wode 1988) und Spracherwerbsforscher (z.B. Köpcke) - dies wiederum.	3	As obras didáticas do alemão não enfocam o emprego do modo (...). Geralmente os trabalhos se limitam a tratar (...). Algumas gramáticas citam (...), mas também não abordam (...). E não há trabalhos contrastivos (...) que poderiam fornecer.
4D	Im theoretischen Teil der Arbeit soll (...) Des Weiteren werden (...). Im zweiten, empirischen Teil der Arbeit (...)	4B	É importante a utilização de um corpus num trabalho como esse (...) Não é suficiente ter como base apenas gramáticas (...), além de eles trazerem muito pouco sobre esse tema, eles prescrevem regras, que, muitas vezes, estão distantes do uso real da língua.
4A	Weiterhin sollen folgende Fragen bei der Analyse beantwortet werden: - Wann wird (...) eingeführt? ...		
4D	Im Anschluss werden (...) präsentiert (...). Vor dem Hintergrund der (...) werden die Ergebnisse im Schlussteil zusammengefasst. Darüber hinaus soll		

	(...) aufgezeigt werden.		
--	--------------------------	--	--

* hierbei handelt es sich um eine Fußnote

3. Deskriptive Analyse der deutschen Einleitung

In einem ersten Schritt erfolgt der Einstieg mittels des von SWALES (1990) so genannten *centrality claim*. Der Autor vermittelt dem Leser, dass es sich bei dem vorliegenden Untersuchungsgegenstand, hier der Bedeutung der Grammatikvermittlung, um ein immer noch ungeklärtes – zentrales – fremdsprachendidaktisches Forschungsfeld handelt, das wohl immer wieder Anlass zur Diskussion gibt [1A].

In einem zweiten Schritt werden die gegensätzlichen Positionen dazu dargestellt; es wird hier allgemein bekanntes Wissen wiedergegeben und dem Leser, als Erinnerung, die verschiedenen Ansätze aufgeführt [1B].

Von diesen allgemeinen Ausführungen über das Für und Wider der Grammatikvermittlung führt uns der Autor dann auf das Lehrbuch, das – allgemein bekannt (denn *Tatsache*) „(...) oft die einzige Quelle für Grammatikdarstellungen – und – übungen [ist]“. Es klingt aufgrund des hier negativ konnotierten Ausdrucks *einzig* schon die kritisch-skeptische Haltung des Autors hinsichtlich dieses Umstandes durch. Mittels des Verbes *bemängeln* (nach Grimm: *vituperare, tadeln, fehler in etwas finden, für mangelhaft, schadhaft erklären*) wird dann explizit ein Defizit angesprochen [3]. Genauer genommen werden hier die Lehrwerke bzw. Lehrwerkautoren kritisiert. Hieraus leitet sich dann die Legitimation der Arbeit ab, die dann in der Äußerung der Zielsetzung der Arbeit [4A] mündet, eingeleitet durch die operative Prozedur *daher*, die einen schlussfolgernden-kausalen Charakter hat: „*Daher soll die inhaltliche und visuelle Darstellung von Grammatikregeln in Lehrwerken¹⁹ Gegenstand der vorliegenden Arbeit sein*“. Im Konkreten soll die Präsentation der Einheit *‘Vermittlung der Nominalplurale’* in den DaF-Lehrwerken des Deutschen untersucht werden“.

Bei 4A zeigt sich die typische Formulierung von Zielsetzung im Deutschen in Form des Modalverbs *sollen* + Passivkonstruktion im Zusammenspiel mit einem Verb

¹⁹Innerhalb des Schrittes 4A fügt der Autor eine Fußnote ein, bei der es sich um eine „Definitionsfußnote“ (BRAND 1998) handelt; der Autor erläutert hier den Unterschied zwischen *Lehrwerk* und *Lehrbuch*: „Das Lehrbuch ist streng genommen [Hervorhebung K.S.] nicht zu verwechseln mit dem Lehrwerk (...)“. Hier verwendet der Verfasser einen Heckenausdruck, bei dem es sich um ein *hedging* im prototypensemantischen Sinn handelt.

aus dem nach Fandrych (2002: 20) benannten Bereich des „logischen und praktischen Forschungshandelns“. Bei *untersuchen*, das der deutschen Gemeinsprache entspringt kann man die ursprüngliche Bedeutung noch gut erkennen. An der räumlichen Partikel *unter* zusammen mit *suchen* kann man herleiten, dass es um das „Suchen unter der Oberfläche geht“, also, es sich um ein „tiefgründiges Suchen“ im Sinne wissenschaftlicher Tätigkeit handelt.

Die Verwendung des Modalverbs *sollen* im Handlungszusammenhang *Zielsetzung* könnte auf den Fremdsprachenlerner befremdlich wirken. Im Fremdsprachenunterricht wird dem Lerner vermittelt, dass bei der Verwendung des Modalverbs *sollen* es sich nicht um das eigenbestimmte Handeln, sondern um ein fremdbestimmtes Handlungseinwirken handelt. Es ist nämlich bei *sollen* nicht bestimmt, ob zielausführender und zielbildender Aktant identisch ist (s. REDDER 1983, JOHNEN 2003). In wissenschaftssprachlicher Hinsicht wird hier aber ausschließlich das Handlungsziel des Autors verbalisiert, denn der Autor ist – zumindest vordergründig – alleiniger „Herr seiner Gedanken“ und entscheidet über deren Materialisierung.

Sollen als sprachlicher Indikator für Zielsetzung geht allerdings über diese Funktion hinaus. In funktional-pragmatischer Hinsicht (s. REDDER/BRÜNNER 1983, EHLICH/REHBEIN 1972) verbalisiert *sollen* „(...) die mentale Vorgeschichte von Handlungen im Hinblick auf Ziele und Bedingungen dieses Handelns (...)“ (GRAEFEN 2000a: 118). Dieser vorgeschaltete Prozess der Entscheidungsfindung wird durch *sollen* mitgeteilt (ebd.).

GRAEFEN (2000a) weist daraufhin, dass sich die Verwendung von *sollen* dennoch als widersprüchlich erweist – das Moment der Entscheidung ist mit dem Entschluss der Verschriftlichung schon gefallen, sodass der Planungsprozess seinen Abschluss gefunden hat. M. E. handelt es sich hier nicht um einen Widerspruch, denn dem Leser wird so ermöglicht, die Gedankengänge des Autors zu rekonstruieren und involviert ihn in diesen, obgleich für den Autor der Prozess abgeschlossen ist. Nach GRAEFEN (a.a.O. : 9) haftet dieser modalisierenden Art der Äußerung daher etwas Fiktives²⁰ an. Sie vermutet, dass die Funktion (man könnte hier m. E. von einer Art Nebenfunktion sprechen) darin besteht, „(...) dem Leser – der die Lektüre jederzeit abbrechen oder umgestalten kann – einen Handlungsspielraum zu gewähren.“ Die Funktion von *sollen* hat einen weniger kompromittierenden Charakter, wenn man

²⁰ Der Ausdruck „fiktiv“ erscheint mir m.E. unglücklich gewählt.

bedenkt, dass der portugiesischsprachige Autor unmittelbar den Leser vor „vollendete Tatsachen stellt“ (s. z.B. „*Ziel dieser Arbeit ist der Vergleich zwischen (...)*“).

Zutreffend ist daher die Unterscheidung von JOHNEN (2003) (in Anlehnung an REHBEIN (1977), WUNDERLICH (1981), REDDER (1983)), der bei dem Gebrauch der Modalverben weiterhin zwischen dem *Prozess der Zielbildung* und der *Ausbildung einer Absicht zur Handlung* bzw. einer Absicht₂, die den *Entschluss der Verwirklichung der Absicht* darstellt, differenziert. Laut dieser Unterscheidung fällt die Verbalisierung mit *sollen* im Deutschen unter den *Prozess der Zielbildung*, während im Portugiesischen das Handlungsziel: *Objetivo do trabalho* (Zielsetzung) entschlusskräftigeren Charakter besitzt und vor allem Verben der Kategorie Absicht₂ verwendet werden.

Typische Verben, die eine vollzogene Absichtsausbildung indizieren, sind laut JOHNEN (2003, 113) Verben wie *beabsichtigen, vorhaben, sich vornehmen* – Verben, die im deutschen wissenschaftssprachlichen Umfeld bei der Verbalisierung des Handlungsziels *Zielsetzung* – nicht anzutreffen sind. Im Portugiesischen zählen Verben wie *intencionar* und *propor-se* dazu, die typisch für *Zielsetzung* in den brasilianischen Magisterarbeiten sind.

Als Absicht₂-Verb kategorisiert JOHNEN (2003, 113) u.a. *optar*, das in dem vorliegenden Korpus an Magistereinführungen ebenfalls vorkommt. Im Deutschen wären die Äquivalente *entschließen* sowie *entscheiden*, Verben, die im wissenschaftssprachlichen Gebrauch unüblich sind. In den vorliegenden brasilianischen Magisterarbeiten tauchen folgende entschlussverwirklichende Verben auf:

(B2) “Com esta pesquisa *pretendo (...)*”. → zwischen Absichtsbildung und Planung

(B8) “Disposta a dar um passo nesse sentido, *propus-me* a realizar a presente pesquisa (...)”.

→ vollzogene Absichtsausbildung

(B5) “Este trabalho *propõe-se ao* estudo contrastivo (...)”. → vollzogene Absichtsausbildung

(B9) “Ao decidir continuar (...) *optei* por me dedicar à (...)”.

→ Entscheidung zur Verwirklichung des Ziels [Absicht₂]

Es folgt ein kurzer Hinweis auf bisherige Forschung in Form einer – auf eine einzelne Arbeit verweisende – integrierten Zitierung [2]; zugleich macht der Autor damit eine wichtige Aussage zu seinem methodischen Vorgehen, indem er bei seinen Untersuchungen zur Darstellung der Pluralbildung in Lehrwerken von der von „Megen (1992) postulierten *Maxime* ausgeht, dass die Regeln mit maximalem Anwendungsbereich vermittelt werden sollten“, sodass man diesen inhaltlich-funktionalen Schritt [2] auch als Schritt [4B] bewerten kann. Es folgen in Form einer Fußnote weitere Erläuterungen über den Forschungsstand hinsichtlich der Frage der Systematizität der Pluralformen. Warum die weitere Bezugnahme auf vorangegangene Forschung in die Fußnote „verbannt“ wurde, kann nur spekuliert werden. Es ist anzunehmen, dass dieser Teil der Forschung – die Kontroverse nämlich, ob den Pluralformen Systematizität zugrunde liegt oder nicht – nicht die Wichtigkeit besitzt, um im Haupttext Erwähnung zu finden bzw. hat in diesem inhaltlichen Schritt, was die Darstellungsform von Regeln in Lehrwerken betrifft, keine Relevanz. Nicht zuletzt werden die Arbeiten von drei der genannten Autoren ausführlich in den Folgekapiteln der Arbeit dargestellt.

Es folgen die Ausführungen zum Aufbau der Arbeit mit temporal- und lokaldeiktischen Elementen (*im theoretischen Teil A; des Weiteren; im zweiten, empirischen Teil B*) [4D]. Das Aufstellen der Fragen („*Weiterhin sollen folgende Fragen beantwortet werden: Wann wird der Plural eingeführt, Wie ausführlich wird die Einheit präsentiert etc.*“) werde ich als „Zielsetzung“ [4A]. Daraufhin folgt nochmal das Aufzeigen der Organisationsstruktur [4D] des Artikels: „*Im Anschluss werden die Ergebnisse einer Umfrage präsentiert; „(...) werden die Ergebnisse im Schlussteil zusammengefasst“. Darüber hinaus soll ein alternativer Vorschlag zur Pluraldarstellung aufgezeigt werden.*

Die Arbeitsschritte werden dann in der sprachlichen Form des unmodalisierten Passivs angekündigt, wobei im letzten Satz wieder eine *soll*-Konstruktion auftaucht. Hier scheint das Modalverb *sollen* – neben der Verbalisierung der Zielsetzung – noch eine andere Funktion wahrzunehmen. Der Autor scheint hier vielmehr mittels *sollen* einen Versuch eines alternativen Vorschlags zur Pluraldarstellung zu unternehmen – aufgrund der „vorsichtigen Formulierung“ zeigt der Autor, dass

- a) seine Wissenserarbeitung noch nicht abgesichert ist („notwendiger Relativierung“ nach GRAEFEN 2000b: 8), sei es hier durch mangelnde empirische Überprüfung, ob

diese neue Darstellung von den Lernern besser übernommen wird als die vorhergegangenen bzw. er will in funktionalpragmatischer Hinsicht dem Leser Handlungsspielraum ermöglichen, indem es an ihm (dem Leser) liegt, ob er den Vorschlag annehmen will oder nicht.

und/oder

- b) der Autor hat hinlängliche Sicherheit über den Sachverhalt (hier: die alternative Pluraldarstellung ist die bessere), aber aus wohlüberlegten strategischen Motiven wählt er eine abschwächende Abfassung um sich – der Hedging-Theorie²¹ entsprechend – vor eventueller Ablehnung seitens des Lesers zu schützen („taktisch-vorsichtige Abschwächung“ nach GRAEFEN 2000b: 8).

Da es sich hier aber „nur“ um eine Magisterarbeit handelt, werte ich diese *sollen*-Konstruktion als „notwendige Relativierung“.

4. Deskriptive Analyse der brasilianischen Einleitung

Die brasilianische Einleitung ist durch eine Zweiteilung gekennzeichnet, und zwar, in den Abschnitt „Einleitung“ sowie „Zielsetzung und Begründung der Arbeit“. Unter der Überschrift „Einleitung“ beginnt die Arbeit mit dem Teiltextsegment „Zielsetzung/Objetivo de trabalho“ [4A]: „*No presente trabalho tratarei do emprego (...)*“, dem Leser wird ohne Umschweife die Zielsetzung der Arbeit mitgeteilt. Innerhalb des Paragraphen bzw. desselbigen Satzes erklärt der Autor den Aufbau seiner Arbeit mittels der temporaldeiktischen²² Ausdrücke *primeiramente* und *depois* [4D].

²¹ Bei den Heckenausdrücken (engl.: *hedging* = Hecke) handelt es sich um Ausdrücke, die die Sprechereinstellung modifizieren, ohne dass dabei die Bewertungsinstanz (z.B. Sprecher) genannt wird. Nach CLEMEN (1998, 14) haben sie eine pragmatisch-kommunikative Funktion und ermöglichen dem Sprecher: „seine Aussagen zu subjektiveren, seine Verantwortung für den Wahrheitsgehalt der Proposition zu relativieren, den Grad seiner Gewissheit oder seines Zweifels über die Geltung seiner Feststellung einzuschränken, absolute Aussagen zu vermeiden, Verantwortung für Äußerungsinhalte zu transferieren, persönliche Einstellung zu bekunden und Sachverhalte zu bewerten“.

²² Bei den Ausdrücken *primeiramente* und *depois* handelt es sich nach Ehlich (1992) genau genommen um krypto-deiktische Elemente. Um Vagheit, die durch deiktische Ausdrücke entstehen kann, zu vermeiden, werden vermeintliche Symbolfeldausdrücke benutzt – dennoch haben diese einen situativen Charakter.

Daraufhin folgen Ausführungen über die methodologischen Vorteile einer Korpusanalyse [4B] und es erfolgt eine indirekte Zielsetzung, indem der Autor erklärt, was die Korpusanalyse ermöglicht, nämlich Äquivalenzen und Differenzen aufzuzeigen.

Es folgen weitere textorganisierende Schritte mittels des temporaldeiktischen Elements *num segundo momento (...)*“ und durch die Lokaldeixis *abaixo*. Die Autorin leitet damit zum zweiten Teil der Einleitung über *“Descrevo abaixo o objetivo, a justificativa e a metodologia deste trabalho“*.

In dem Unterkapitel 1.1. „Zielsetzung und Begründung der Arbeit“ folgt repetitiv wieder die explizite Zielsetzung der Arbeit(*“Neste trabalho tenho como objetivo (...).“*). Im Anschluss „wagt“ der Verfasser die Behauptung, dass *“esta comparação poderá fornecer bases para a elaboração de materiais didáticos sobre esse tema e subsídios para os aprendizes de alemão como língua estrangeira”*[4]. Aufgrund des Modalverbs *poder* in seiner Funktion des Aufzeigens einer Handlungsalternative (Redder 2001) in der Futurform und in Verbindung des performativen Verbs *fornecer* wird diese Handlungsalternative abgeschwächt in eine „vorsichtige Situationseinschätzung“ (a.a.O.).

Es erfolgt eine längere metakommunikative Passage (13 Zeilen), indem der Verfasser sich zu seinem methodologischen Vorgehen äußert und dieses rechtfertigt [4B]:

“A princípio meu objetivo era (...).“

“Então realizei (...).“

“Por fim me decidi apresentar (...).“

Durch das absichtsvollzogene Verb *decidir* wird der Prozess der methodologischen Entscheidungsfindung abgeschlossen. Es folgt anschließend eine Begründung hinsichtlich der Auswahl des Korpus *“A opção por esse recorte se justifica (...).“*, die die metakommunikativen Ausführungen beendet.

Es folgt dann die Legitimierung der Arbeit [3] durch das Aufzeigen von Forschungsdefiziten:

“As obras didáticas não enfocam o emprego (...).“

“(...) os trabalhos se limitam a tratar (...).“

“Algumas gramáticas (...) citam, mas também não abordam (...).“

“*E não há trabalhos (...)*”.

Entgegen der allgemeinen Erwartung, dass brasilianische Wissenschaftler Kritik in einer zurückhaltenderen Form formulieren bzw. auf diesen funktionalen Schritt oftmals gänzlich verzichten – wie MEURER (1995) konstatiert, erfolgt hier in recht ausführlicher und direkter Weise das Aufzeigen von Forschungsdefiziten. Die kritische Auseinandersetzung wird dabei vor allem mit der Negationspartikel *não* realisiert (das Verb *limitar* in seiner Grundbedeutung ist negativ konnotiert und nicht auf die Verneinungspartikel angewiesen). Die von FANDRYCH (2002) und HUND (1999) für die deutsche Wissenschaftssprache festgestellte Affinität der Begriffsbildung aus dem räumlich-physischen Metaphernbereich zeigt sich auch bei den hier verwendeten portugiesischen Sprechhandlungsverben. Es handelt sich dabei um *limitar* – begrenzen, nicht weiter gehen; *abordar* – erläutern, behandeln sowie *focar*.

abordar 1. *chegar á beira ou borda de*. 5. *Tratar de, versar (tema, assunto)*. 6. *Estar borda com borda; encostar; limitar* (Dicionário Aurélio 1999: 12).

focar 1. *ópt. formar, por um meio de um sistema óptico (...) de maneira que forme imagens nítidas*. 2. *Fig. Pôr um foco; fazer voltar a atenção, o estudo, para; salientar, evidenciar (...)* (Dicionário Aurélio 1999: 792).

limitar [lat. *limitare*] *Não ir além; não passar, contentar-se, restringir-se, cingir-se* (Dicionário Aurélio 1999: 1032).

Im vorletzten Absatz leitet die Autorin wieder zu den theoretischen Grundlagen [4B] über, indem sie die der Alltagssprache entstammende Kollokation aus dem bewegungsmetaphorischen Bereich “*para chegar aos resultados*“ benutzt.

Es folgen weitere Ausführungen über Sinn und Zweck der von ihr vorgenommenen Methode: “*É importante a utilização de um corpus num trabalho como esse, para poder comparar*”. Die Autorin betont bzw. appelliert noch einmal an die Wichtigkeit der Korpusanalyse in Form von deontischen Hinweisen wie “*É importante*”; “*não é suficiente*“ und schließt damit ihre Einleitung ab.

5. Ergebnisse

Bei der Gegenüberstellung beider Einleitungen ist festzustellen, dass in der brasilianischen Einleitung weder ein Teiltextsegment [1] (Bedeutung des

Untersuchungsgegenstandes sowie allgemeine Aussagen dazu) noch ein Teiltextsegment [2] (Literaturbericht) auszumachen sind. Vielmehr haben in der brasilianischen Arbeit die inhaltlich-funktionalen Schritte „Zielsetzung“ [4A] und „Darlegung des methodischen Vorgehens“ [4B] einen größeren Stellenwert. Wohingegen bei der deutschen Arbeit Teiltextsegment [1A+1B] erscheint und in einer Zielsetzung mit „*Daher sollen XY untersucht werden*“ mündet. Die Funktion des Teiltextsegments [1] dient dazu, den Leser in die Problemstellung einzuführen und die Begründung [3] zu liefern, die zur Herausbildung der Fragestellung führt – die Zielsetzung mittels *sollen* verdeutlicht zusätzlich die mentale Vorgeschichte und involviert den Leser in den wissenschaftlichen Erkenntnisprozess, der ab dem Teiltextsegment [1] beginnt. Somit sehe ich die Thesen des deutschstämmigen australischen Wissenschaftlers CLYNES (1993) teilweise widerlegt, der deutschen Texten eine starke inhaltsbezogene Ausrichtung zuschreibt, die zugleich den Leser außen vorlässt. Gerade die *sollen*-Konstruktion verdeutlichen das Gegenteil. CLYNES These der Leserunfreundlichkeit deutscher Texte ist in diesem Aspekt zu widersprechen.

Beide Einführungen sind zudem „leserfreundlich“ gestaltet, indem ausreichend Gebrauch von textorganisierenden Elementen gemacht wird. Dabei können in beiden Texten sowohl temporal- als auch lokaldeiktische Mittel ausgemacht werden (s. Anhang).

Die brasilianische Einführung beginnt mit einer „unabhängigen“ Zielsetzung²³ – scheinbar ungebunden – ohne Einbettung in einen Handlungszusammenhang –, der Leser wird so unmittelbar über die Ziele und Themen der Untersuchung informiert – ohne sich „einlesen“ zu müssen. Die Frage, ob wir es hier mit einer leserfreundlicheren Einführung zu tun haben, sei dahingestellt – zweifelsohne wird der Leser schneller über den Textinhalt informiert.

Hinsichtlich der Darstellungshaltung des Autors ist eine verstärkte Autorenpräsenz aufgrund des vermehrten Gebrauchs von Personaldeixis in der ersten Person Singular bzw. des Possessivpronomens in der ersten Person Singular

²³ GNUTZMANN (1991) stellt dies in ähnlicher Weise in anglo-amerikanischen wissenschaftlichen Einführungen fest.

auszumachen. Die deutsche Arbeit hingegen ist durch passivische Formen gekennzeichnet²⁴.

Insgesamt zeigt sich bei der Gegenüberstellung, dass die brasilianische Arbeit den Primärtext, d.h. den rein propositionalen Wissenschaftstext häufiger durch metakommunikative Einschübe durchbricht – die z.T. einen narrativen Charakter haben. Kulturhistorische Gegebenheiten zeigen (wie z.B. die Unterbindung der Ausbreitung von sekulären Schriften durch die portugiesische Krone), dass sich in Brasilien eine stärker oralisierte Kultur- und Kommunikationsgemeinschaft herausgebildet hat, deren Charakteristika sich noch in den heutigen Text- und Diskursarten ihren Niederschlag finden.

Zusammenfassend ist festzustellen, dass sich die vorliegenden Einleitungen im Aufbau und der Wahl der sprachlichen Mittel unterscheiden. WIDDOWSON (1979) These von der Universalität und Einheitlichkeit des wissenschaftlichen Diskurses könnte hier widersprochen werden – dennoch ist diese Behauptung mit Vorsicht zu genießen, da hier nur eine exemplarische Studie vorliegt und eine quantitative Ausweitung der Studie zur Erhaltung von verlässlichen Daten noch aussteht.

Anhang : Verteilung temporal-und lokaldeiktischer Elemente der Textorganisation

Brasilianische Arbeit	temporaldeiktisch	lokaldeiktisch
no presente trabalho	X	
Primeiramente	x	
depois (Krypto-Deixis)	X	
Num segundo momento	X	
Abaixo		x
neste trabalho		x
a princípio	X	
Então	x	
por fim	X	
Para chegar ao resultado	x	
GESAMT	8	2 = 10
Deutsche Einleitung		

²⁴ Mittlerweile zeigt sich aber eine zunehmende Tendenz in deutschen wissenschaftlichen Texten, auf das Ich-Verbot zu verzichten und auf die 1. Pers. Singular zurückzugreifen. Man könnte gegenteilig argumentieren, dass der Verfasser zu seinen „Propositionen stehen sollte“ und sich nicht hinter deagentivierenden Strukturen verstecken sollte.

der vorliegenden		x
im theoretischen Teil		x
des Weiteren	X	
im zweiten Teil		x
Weiterhin	X	
im Anschluss	X	
vor dem Hintergrund		x
darüber hinaus		x
GESAMT	3	5= 8
Insgesamt		

Literaturverzeichnis

- ANETT A./ TANKÓ G. A contrastive analysis of English and Hungarian theoretical research article introductions. In: *International Review of Applied Linguistics in Language Teaching* 42/1/2004, 71-200.
- BRAND, K. Fußnoten und Anmerkungen als charakteristisches Element wissenschaftlicher Darstellungsformen. In: DANNEBERG, L./ NIEDERHAUSER J.(Hrsg) *Darstellungsformen der Wissenschaft im Kontrast. Aspekte der Methodik, Theorie und Empirie*. Tübingen, Narr 1997, 213-240.
- CLEMEN, G. *Hecken in deutschen und englischen Texten der Wirtschaftskommunikation: Eine kontrastive Analyse*. Siegen, Univ., Diss., 1998.
- CLYNE, M. Pragmatik, Textstruktur und kulturelle Werte. Eine interkulturelle Perspektive. In: H., SCHRÖDER (Hrsg.) *Fachtextpragmatik*, Tübingen, Narr 1993, 3-18.
- DUDLEY-EVANS, A. Genre Analysis: An investigation of the Introduction and Method Section of MSc Theses. COULTHARD, M. (ED.) *Talking about Text. Discourse Analysis*, Monograph No. 13. English Language Research. University of Birmingham, 1986.
- EHLICH, K./REHBEIN, J. Einige Interrelationen von Modalverben. In: WUNDERLICH, D. (Hrsg.) *Linguistische Pragmatik*, Frankfurt, Lang 1972, 318-340.
- EHLICH, K./ STEETS A. et al. *Schreiben für die Hochschule*. Eine annotierte Bibliografie. Frankfurt a. M., Lang 2000.
- EHLICH, K. Funktional-pragmatische Kommunikationsanalyse: Ziele und Verfahren. In: L. Hoffmann (Hrsg.) *Sprachwissenschaft – ein Reader*. Berlin/New York, de Gruyter 1996, 183-201.
- EHLICH, K. Textsorten – Überlegungen zur Praxis der Kategoriebildung in der Textlinguistik. In: MACKELDEY, R. (Hrsg.) *Textsorten/Textmuster in der Sprech- und Schriftkommunikation*. Leipzig, Wissenschaftliche Beiträge der Universität 1990, 17-30.

- EHLICH, K. Deutsche Wissenschaftskommunikation – eine Vergewisserung. In: Jahrbuch Deutsch als Fremdsprache 27. München, iudicium 2001, 191-192.
- EHLICH, K./ REHBEIN, J. Prolegomena zur Untersuchung von Kommunikation in Institutionen. In: BRÜNNER, G. / GRAEFEN G. (Hrsg.) *Texte und Diskurse. Methoden und Forschungsergebnisse der Funktionalen Pragmatik*, Opladen, Budrich 1994, 287-327.
- EHLICH, K. Scientific texts and deictic structures. In: STEIN, D. (ed.) *Cooperating with written texts*. Berlin/New York, de Gruyter 1992, 201-229.
- EHLICH, K. Text und sprachliches Handeln. Die Entstehung von Texten aus dem Bedürfnis nach Überlieferung. In: ASSMANN J. /C. HARDMEIER (Hrsg.) *Schrift und Gedächtnis. Beiträge zur Archäologie der literarischen Kommunikation*. München, Fink 1983, 24-43.
- Eßer, R. *Etwas ist mir geheim geblieben am deutschen Referat. Kulturelle Geprägtheitwissenschaftlicher Textproduktion und ihre Konsequenzen für den universitären Unterricht von Deutsch als Fremdsprache*. München, iudicium 1997.
- FANDRYCH, C. *Herausarbeiten vs. illustrate*: Kontraste bei der Versprachlichung von Sprechhandlungen in der englischen und deutschen Wissenschaftssprache. In: EHLICH, K. (Hrsg.) *Mehrsprachige Wissenschaft - europäische Perspektiven*, 2002, herunterladbar unter <http://www.euro-sprachenjahr.de/onlinepub.htm>
- FERREIRA, A.B.H. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira 1999.
- GNUTZMANN, C./OLDENBURG, H. Contrastive text linguistics in LSP-research: theoretical considerations and some preliminary findings. In: SCHRÖDER, H.(ed.) *Subject-oriented texts: languages for special purposes and text theory*. Berlin, de Gruyter 1991, 103-136.
- GNUTZMANN, C. Kontrastive Fachtextlinguistik als Projektaufgabe: Theoretische Fragen und praktische Antworten. In: BAUMANN, K.-D./ KALVERKÄMPER, H. (HRSG.) *Kontrastive Fachsprachenforschung*. Tübingen, Narr 1992, 266-275.
- GNUTZMANN, C. /LANG, R. Kontrastive Linguistik und Fachsprachenanalyse. In: GNUTZMANN, C. (Hrsg.) *Kontrastive Linguistik*. Frankfurt, Lang 1990, 85-116.
- GNUTZMANN, C. Sprachliche Indikatoren zur Explizierung von „Zielsetzungen“ im Englischen und Deutschen. In: *Fachsprache/International Journal of LSP* 01/1991, 10-14.
- GOLEBIEWSKI, Z. Application of Swales' Model in the analysis of research papers by polish authors. In: *International Review of Applied Linguistics in Language Teaching* 37/1999, 231-247.
- GRAEFEN, G. Textkommentierung in deutschen und englischen wissenschaftlichen Artikeln. In: SCHLOSSER, H.- D. (Hrsg.) *Sprache und Kultur*. Frankfurt a.M., Lang 2000a, 113-124.
- GRAEFEN, G. "Hedging" als neue Kategorie? Ein Beitrag zur Diskussion. 2000b . <http://www.daf.uni-muenchen.de/downloads/hedge.pdf>.

- GRIMMSCHE WÖRTERBUCH Band 1, Spalten 1457 – 1461, <http://germazope.uni-trier.de/Projects/DWB>.
- HUND, E. naheliegend oder weiterhergeholt – unterrichtspraktische Überlegungen zu Raum und Körper in der Wissenschaftssprache. In: BARKOWSKI, H./WOLFF, A. (Hrsg.) *Materialien Deutsch als Fremdsprache* 52. Regensburg 1999, 290-320.
- HUTZ, M. *Kontrastive Fachtextlinguistik für den fachbezogenen Fremdsprachenunterricht*. Trier, Wissenschaftlicher Verlag 1997.
- JOHNEN, T. Die Kennzeichnung von Handlungszielen durch Modalverben im Deutschen und Portugiesischen. In: GÄRTNER, E./ HERUTH, M. J. PERES/ SOMMER, N. (EDS.): *Contribuições para a Didática do Português Língua Estrangeira: Atos da Seção "Didática do Português como Língua Estrangeira" do 4. Congresso Lusitanista da Universidade de Mainz em Garmersheim, 11. bis 14. Setembro 2001*. Frankfurt am Main, TFM 2003, 109-143.
- KAISER, D. *Wege zum wissenschaftlichen Schreiben. Eine kontrastive Untersuchung zu studentischen Texten aus Venezuela und Deutschland*. Tübingen, Stauffenburg 2002.
- MEURER, J. L. "Aspectos da textualização da introdução a artigos acadêmicos de pesquisadores brasileiros. In: *Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul*, 1995, Florianópolis, Caderno de Resumos do CELSUL. Florianópolis, UFSC 1995, 18-18.
- REDDER, A. /BRÜNNER, G. *Studien zur Verwendung der Modalverben*. Tübingen, Narr 1983.
- REDDER, A. Modalverben in wissenschaftlicher Argumentation – Deutsch und Englisch im Vergleich. In: *Jahrbuch Deutsch als Fremdsprache*. München, iudicium 2001, 313-331.
- REHBEIN, J. *Komplexes Handeln. Elemente zur Handlungstheorie der Sprache*. Stuttgart, Metzler, 1977.
- REUTER, E. Wissenschaftliches Schreiben im Umbruch. Über einige Folgen der Globalisierung in den Fremdsprachenphilologien. In: *Info DaF* 4/30. München, iudicium 2003.
- SWALES, J. *Genre Analysis: English in Academic and Research Settings*. Cambridge, Cambridge University Press, 1990.
- SWALES, J. *Aspects of Article Introductions*. Language Studies Unit, The University of Aston, Birmingham, 1981.
- TAYLOR, G./CHEN, T. Linguistic, cultural, and subcultural issues in contrastive discourse analysis: Anglo-American and Chinese scientific texts. In: *Applied Linguistics* 12/1991, 317-336.
- WIDDOWSON, H. G. *Explorations in Applied Linguistics*. Oxford, Oxford University Press 1979.
- WUNDERLICH, D. Modalverben im Diskurs und System. In: ROSENGREN, I. (Hrsg.) *Sprache und Pragmatik*. Lund, CWK Gleerup, 1981, 11-53.

Korpus:

- FISCHHABER, K. *Digitale Ethnographie in der Sprach- und Kulturvermittlung*. Magisterarbeit. München, LMU, 2004. [D24]
- KÖRNER, C. *Partikelanalysen und Partikelvermittlung am Beispiel des Thailändischen und des Deutschen*. Magisterarbeit. München, LMU, 2005. [D13]
- KURZ GATTI, I. *O modo subjuntivo em alemão e português*. Magisterarbeit. São Paulo, USP, 2001. [B11]
- PUTTINGER, N. *Das Konzept der Interkulturalität in neueren Lehrwerken für Deutsch als Fremdsprache*. Magisterarbeit. München, LMU, 1995. [D14]
- MAIR, D. *Konzept-Drehbuch für Internet-Lehrwerke im Bereich DaF – unter Berücksichtigung lernpsychologischer und didaktischer Aspekte multimedialer Anwendungen*. Magisterarbeit. München, LMU, 1999. [D23]
- SCHEFFELMEIER, M. P. *A tradução técnica no meio empresarial: Um estudo descritivo de Caso*. Magisterarbeit. São Paulo, USP, 2001. [B3]
- SCHWEIGER, K. *Zur Vermittlung der Nominalplurale an DeutschlernerInnen – Lehrwerkpräsentation und Lernerwahrnehmung*. Magisterarbeit. München, LMU, 2005. [D5]
- SEIXAS, A. P. DE. *Estratégias de aprendizagem para a compreensão auditiva do alemão como língua estrangeira*. Magisterarbeit. São Paulo, USP, 2003. [B10]
- SHIRAI-ELFEKY, K. *Haiku und Jahreszeiten – ein interkultureller Vergleich*. Magisterarbeit. München, LMU, 2007. [D17]
- SILVA, R. F. DA. *A entoação em sentenças interrogativas do alemão e do português do Brasil*. Magisterarbeit. São Paulo, USP, 2003. [B4]

Kognitive und kulturelle Aspekte des Übersetzens

Gerd Wotjak¹

Abstract: This paper investigates the interrelation between cultural, cognitive and communicative-linguistic phenomena. Cultural aspects not only mark encyclopaedic knowledge but they also influence language as a system and language use. Cultural knowledge manifests itself in the meaning of certain lexemes and in culturally marked representations of world knowledge, as knowledge of action and stereotyped behaviour. Cultural knowledge also influences the preferences of speakers when producing texts, i.e. the selection, organization and combination of lexical and morpho-syntactical elements. The resulting difficulties for translation are thoroughly discussed.

Keywords: science of translation; culture and language; cultural knowledge; Spanish; German.

Zusammenfassung: In dieser Arbeit wird der Interrelation zwischen kulturellen, kognitiven und kommunikativ-sprachlichen Phänomenen nachgegangen. Kulturelles prägt nicht nur das enzyklopädische Weltwissen, sondern beeinflusst auch die Sprache als System und den Sprachgebrauch. Kulturelles Wissen manifestiert sich in den Bedeutungen bestimmter Lexeme, in kulturgeprägten Weltwissensrepräsentationen, als Handlungsmusterwissen und Verhaltensstereotypkenntnis, sowie in Präferenzen für die Selektion, Anordnung und Kombination von sprachlichen Systemelementen lexikalischer wie morphosyntaktischer Art zu Textsortenexemplaren. Die der Übersetzungstätigkeit daraus erwachsenden Schwierigkeiten werden differenziert durchleuchtet.

Stichwörter: Translationswissenschaft; Kultur und Sprache; Kulturelles Wissen; Spanisch; Deutsch.

0. Im Zusammenhang mit der verstärkten internationalen Kooperation und der Globalisierung des Austausches von Waren, Dienstleistungen und Ideen ist neben der zunehmenden Verbreitung des Englischen als *lingua franca* auch eine deutliche Zunahme der translatorischen Aktivitäten (Dolmetsch- wie Übersetzungsleistungen) zu verzeichnen. Auf diese gestiegenen Anforderungen haben zunächst einige wenige, inzwischen aber weltweit deutlich über 200 zumeist universitäre Ausbildungseinrichtungen neben Fach(hoch)schulen und privaten Instituten reagiert – Tendenz steigend, verspricht man sich doch gute Einsatzmöglichkeiten für die professionellen Übersetzer, auch über den engeren Einsatzbereich des Übersetzens hinaus etwa im *Language Engineering*, bspw. in der Softwarelokalisation oder der Terminographie/ der Erstellung und Pflege elektronischer Datenbanken, etc.

¹ Emeritierter Professor des IALT, Universität Leipzig. E-Mail: wotjak@uni-leipzig.de

0.1 Theoretische Überlegungen zu den in hohem Maße komplexen Vorgängen beim Übersetzen/Dolmetschen, d.h. bei der Translation, finden sich zwar auch schon in weit zurückliegenden Jahrhunderten, nicht zufällig aus der Feder bekannter Übersetzer selbst (bspw. Hieronymus, Luther, Schleiermacher) und zumeist als eine Art Rechtfertigung ihres Vorgehens und Darlegung ihres translatorischen Credos.

Die Entstehung der Translatologie/ Translation Studies, Übersetzungswissenschaft, *traductologie* oder Translemik jedoch als wissenschaftliche Beschäftigung im engeren Sinne mit einem deutlich ausgeweiteten Untersuchungsgegenstand und Anspruch² datiert faktisch erst vom Ende der 50er und Mitte der 60er Jahre des XX. Jahrhunderts (dazu eine gute Zusammenschau in SIEVER 2008; vgl. auch HURTADO ALBIR 2001).

0.2 Bei der Translatologie handelt es sich nicht nur um eine junge Disziplin, die noch immer um ihre Gleichberechtigung, ja sogar um die Anerkennung als eigenständige Disziplin und wichtiges Komplement zur translatorischen Fertigkeitsentwicklung ringen muss. Die Translatologie hat vielmehr gegenstandsbedingt - es geht um die komplexe Interrelation von zweisprachig vermittelter inter- bzw. transkultureller Kommunikation, mit dem Ziel der Vermittlung von Wissen, Werten/Einstellungen, von in hohem Maße kulturgeprägten Sichtweisen auf die Welt über Länder- und Kulturgrenzen hinweg – den Charakter einer *science-pilote* im Sinne COSERIUS 1977, einer den Beitrag mehrerer Einzeldisziplinen erfordernden integrativ-modularen Interdisziplin (dazu SNELL-HORNBY 1994; ZYBATOW 2002), was zugleich ihren Reiz wie ihre Crux ausmacht.

0.3 Es kann in diesem Kontext nicht verwundern, wenn das Übersetzen immer mehr Interessenten anzieht, sich andererseits aber mehrere konkurrierende Schulen herausgebildet haben und selbst hinsichtlich grundlegender Aspekte im Einzelnen durchaus abweichende Auffassungen verkündet werden. So tief die Gräben bspw. zwischen Leipziger Übersetzungswissenschaftlicher Schule (JUNG 2000; WOTJAK 1995; 1997a; 2003; 2005b) und der Allgemeinen Funktionalen Übersetzungswissenschaft im Gefolge von REIß/VERMEER 1984, HOLTZ-MÄNTTÄRI 1984 und NORD (1988, 2002a) auch sein mögen, wobei hier durchaus auch einseitige Verabsolutierungen zu bemerken sind (vgl. WOTJAK 1997a, 2003), so stimmen diese beiden Schulen zusammen mit der

² Zunächst dominierten religiöse, philosophische und literarische Übersetzungen; erst im 20. Jahrhundert wuchs der Übersetzungsbedarf an naturwissenschaftlich-technischen Texten sprunghaft.

Manipulation School (u.a. LEFEVERE 1996), der Deskriptiven Translatologie (TOURY 1995) und der Pariser Übersetzungswissenschaftlichen Schule (SELESKOVITCH/LEDERER 1984) u.a. dahin gehend überein, dass eine Beschreibung des Übersetzens sich bei weitem nicht in einer linguistisch-semiotischen Beschreibung erschöpfen kann, sondern darüber hinausgehende Überlegungen zu kognitiven wie insbesondere kulturellen Aspekten (neben bzw. auch komplementär zueinander und etwa auch zu kommunikativen Phänomenen) erfordert (dazu u .a. WITTE 2000; CAMPOS PLAZA/ORTEGA ARJONILLA 2005). Zwar haben die Leipziger Hauptvertreter Jäger, Kade und Neubert in unterschiedlicher Gewichtung stets eine kommunikationswissenschaftlich-linguistische Herangehensweise präferiert, doch finden sich auch hier z. T. schon 1965 kognitive wie pragmatisch-kulturelle Aspekte thematisiert (NEUBERT 1968; WOTJAK 1991a; 1997a; 2003).

0.4 Inzwischen scheint sich verbreitet eine Definition des Übersetzens als Kulturtransfer bzw. als “Kulturmittlung“ (vgl. dazu u. a. WITTE 2000; WOTJAK 1993a, b; 2006b) durchgesetzt zu haben. Dabei ist eine solche Akzentuierung allerdings nicht frei von der Gefahr, dass darüber bspw. kognitive Aspekte, aber eben auch kommunikativ-linguistisch-semiotische Aspekte der Translation allzu stark vernachlässigt werden. Schon längst ist man von einer im Übrigen nur sehr vereinzelt vertretenen simplifizierenden Ansicht abgerückt, dass man das Übersetzen im Sinne von Karl Krauss etwa als *Üb’ersetzen* auffassen könnte. Aber auch an dem auf eine Feststellung von J. Grimm zurückgehenden Bild vom *traducere navem*, dem Übersetzen als *übersetzen* von einem Gestade an ein anderes, wird bspw. von HÖNIG (1995) Kritik geübt, wobei nach seiner Überzeugung dieses Bild durch das adäquatere eines Brückenschlagens ersetzt werden sollte.

1. Ohne hier eine kritische Würdigung der im Einzelnen vorgenommenen Beschreibungsversuche anstreben zu können (vgl. dazu insbesondere JUNG 2000, SALEVSKY 2002; SNELL-HORNBY ET AL. 1998; KOLLER 1992; G.WOTJAK 2006; SIEVER 2008), sei immerhin darauf verwiesen, dass bspw. schon durch G. MOUNIN (1963) und E.A.NIDA (1964) mehr oder weniger detailliert auf das soziokulturelle Bedingungsgefüge für die Translation eingegangen wurde und sich selbst bei CATFORD

(1965) mit dem postulierten Ersetzen eines Textes in einer Situation/ einem Kontext eine mögliche Relation zu soziokulturellen Faktoren herstellen lässt.

Schon früh wurde mit dem Interesse an dem sprachlichen Relativismus/ dem linguistischen Weltanschauungsproblem als einem immer wieder bemühten Haupthindernis für die Übersetzbarkeit³ im Umfeld translatologischer Überlegungen auch Fragen der Beziehung von Sprache und Denken/Kognition thematisiert. Hinzu kommt, dass eine noch so oberflächliche Beobachtung der Phänomene der übersetzerischen Tätigkeit offenbart, dass der Translator als Quasiempfänger des Ausgangstextes/T_{AS} in einer semasiologischen Analysephase die Mitteilung/Botschaft/Message bzw. den kommunikativen Sinn (dazu WOTJAK 2005b) erschließen/dekodieren und dann als Sender in einem onomasiologischen Herangehen in der Synthesephase diesen Sinn (dazu aus der Sicht der Pariser Schule LEDERER 1994; SELESKOVITCH/LEDERER 1984; HURTADO ALBIR 2001; SÁEZ HERMOSILLA 1994) neu vertexten/ enkodieren muss, also immer neben linguistisch-semiotischen Phänomenen kognitive Aspekte untrennbar mit kommunikativen verwoben und grundlegend fürs Übersetzen sind (vgl. dazu die Darstellungen bei KADE 1968 unter (1)).

(1) **Sender/S_{AS} → i ~ e Translator/T ~ i' ~ e' Empfänger/E_{ZS}**

Legende: AS-Sender produziert eine Intention/intendierten Effekt **i**, den der als Quasiempfänger fungierende Translator als realisierten Effekt **e** dekodiert; dann fungiert T als Quasisender und produziert einen intendierten Effekt **i'**, der schon nicht mehr völlig identisch mit **i** ist, dieser **i'** wird wiederum von den Empfängern in ZS als **e'** aktualisiert, der dem ursprünglichen realisierten Effekt **e** des T nur angenähert ist.

1.1 Dass in der translatologischen Forschung der 60er und 70er Jahre, vor allem, aber nicht ausschließlich in der Leipziger Schule, die Betonung kultureller wie etwa auch außersprachlich-pragmatischer und selbst kognitiver Faktoren deutlich überlagert wurde durch eine vor allem linguistisch basierte Beschreibung der kommunikativen Äquivalenz von Texten ist nicht zuletzt wohl auch dem vorherrschenden Trend geschuldet, demzufolge ein einer wissenschaftlich exakten Beschreibung angemessenes Arsenal von Postulaten, Hypothesen und Methoden damals noch am ehesten aus der

³ Vgl. dazu u. a. schon Humboldt im 19. Jahrhundert; dann Sapir/Whorf, aber bspw. auch CARY 1960. Eine detaillierte Auseinandersetzung dazu findet sich u. a. schon bei MOUNIN 1963; vgl. auch KADE 1971.

Linguistik entlehnt werden konnte. Es kann nicht verwundern, dass dabei ein weitgehend mit Rekurs auf linguistische Mittel und Beschreibungsverfahren machbarer Vergleich von Original und Translat als Produkt der übersetzerischen Tätigkeit bzw. Handlung vorgezogen wurde einer wohl nur durch Rekurs auf psycholinguistische Methoden leistbaren Beschreibung des Übersetzens als Prozess, dessen wesentliche Teile sich in der einer direkten Beobachtung nicht zugänglichen *Black Box* des Gehirns des Translators (vgl. aber KRINGS 1986) abspielen.

Wiewohl von Anfang an der Text als die letztendliche Übersetzungseinheit postuliert und damit durchaus der Ausweitung linguistischer Analysen auf die Performanz/Verwendung/Rede Rechnung getragen wurde in einer Zeit dominanter Akzentuierung der Kompetenz etwa seitens der Mainstreamlinguistik der Generativen Transformationsgrammatik Chomskys, nahmen die frühen Versuche translatologischer Beschreibungen nicht zufällig besonders auf subtextuelle Übersetzungseinheiten über Satz bis hin zum Wort Bezug. Immerhin stand in den 60er Jahren noch keine textlinguistische oder gar allgemeiner textwissenschaftliche Methodologie zur Verfügung, deren Ergebnisse dann bspw. von NEUBERT (1985) und NEUBERT/ SHREVE (1992) in ihrem Bezug auf die Translation einbezogen, aber bspw. auch von REIB (1971) schon mit Bezug auf Textsortenbeschreibungen und in REIB/VERMEER (1996) vertieft angesprochen wurden.

Es verdient in diesem Kontext Beachtung, dass die Leipziger Übersetzungswissenschaft mit ihrer linguistischen Fundierung sich sehr früh mit der insgesamt eher vernachlässigten und auch heute noch virulenten Problematik der Bedeutung und im Zusammenhang mit der Bestimmung der kommunikativen (zunächst konkurrierend auch funktionalen) Äquivalenz auch ausdrücklich mit kognitiven Aspekten, etwa der postulierten weitgehenden Deckungsgleichheit der durch den Text in den AS- bzw. ZS-Rezipienten koaktivierten Bewusstseinskomplexe, auseinandersetzte. So nimmt es auch nicht wunder, dass sich in Jägers Translationslinguistik von 1975 mehrfache detaillierte Bezüge auf die Bedeutungsproblematik, auf den Text und insbesondere erste Versuche einer die Textsemantik, insbesondere einer die aktuelle Gliederung mit einbeziehenden Beschreibung, finden⁴.

⁴ Vgl. dazu vertiefend u. a. JÄGER 1986, WOTJAK 1986, 1997b; 2006a.

1.2 Mit der Einbeziehung der *Verstehensvoraussetzungen* durch JÄGER/MÜLLER (1982) (vgl. davor schon BASTIAN 1974, 1979) schließlich wurden unterschiedliche Aspekte der translatorischen Kompetenz, des durch den Translator zu beachtenden, nicht selten kulturgeprägt divergierenden Wissensbesitzes der AS- und ZS-Rezipienten, und damit neben Kulturellem ebenfalls Kognitives explizit angesprochen. In diesem Kontext könnte nachstehende Auflistung von durch den Translator wie den Originalsender und die Rezipienten von T_{AS} und Translat zu berücksichtigenden Unterarten von Teilwissensdomänen (vgl. WOTJAK 2001; 2005a) einen ungefähren Eindruck von der Komplexität der Übersetzungshandlung wie der Vielfalt von Wissens- und Fertigkeitskomponenten in der translatorischen Kompetenz (dazu u.a. RISKU 1998) vermitteln.

Hinsichtlich des Wissens müsste wohl zwischen dem interiorisiert verfügbaren bzw. zur Durchführung des Translationsaktes unvermeidbar zu erwerbenden **generischen**, insbesondere themen- bzw. kommunikationsgegenstandsbezogenen, **enzyklopädischen Wissen** (dazu B. NORD 2002) einerseits und dem episodisch *ad hoc* sowie in der Äußerungsdeixis *Ego-Hic-Nunc* (dazu besonders WANDRUSZKA 1969 unter Bezug auf BÜHLER 1934) aus der kommunikativen Begleitsituation und dem koaktivierten so genannten soziokulturellen Hintergrundwissen durch die Rezipienten, darunter den Translator, im Hinblick auf das Original zu entnehmendem **Situations- oder Kontextwissen** andererseits unterschieden werden. Während letzteres in gewissem Sinne unikales Wissen um das *Wann, Wo, durch Wen* (Autor) und *für Wen* (Adressat), *in welcher* konkreten sozialen *Interaktionsbeziehung* zum Sender bzw. *in welchem sozial-kommunikativen wie kulturellen Bedingungsgefüge* umfasst, wobei letztere Komponenten in der Regel das Einmalige transzendieren, zählen zum enzyklopädischen Wissensbesitz als über ein n-Tupel von vorgängigen Erkenntnis- wie Kommunikationsakten erworbenem “Langzeitwissen” u. a. nachstehende Teilbereiche (vgl. (2) - Aufzählung ohne Wertung und Beachtung der vorliegenden Interdependenzen):

(2) Wissensdomänen

enzyklopädisches Wissen O'enz**A**

Subdomänen von O'enz
ohne Bezug auf den
Menschen

Wissensdomänen mit
Bezug auf das Individuum

Naturwissenschaften

Sciences de l'homme

O'phys O'math
O'chem O'log ...

O'bio O'med O'psych
O'physio O'geo ...

soziales Interaktionswissen O'soz

Mensch als soziales Wesen

B → Gesellschaftswissenschaften:

O'hist O'polit O'ök O'soz O'philos

O'kult O'komm

O'semiot O'ling

O'lex O'synt O'morphol...

A naturwissenschaftlich-technische Wissensdomänen, etwa O'math, O'bio; O'chem; O'physik; O'med; O'techn (mit Subspezifikationen, etwa KFZ-Technik);

B geisteswissenschaftliche Wissensdomänen bzw. durch diese Wissenschaften beschriebene Sachverhaltsdomänen: O'soz als soziale Interaktion; O'phil; O'hist; aber bspw. auch als im weiteren Sinne Wissen über operativ-kommunikativen Umgang mit den erwähnten Wissensteilbereichen als O'komm mit der Unterkomponente O'ling, die eine notwendige Brücken/Mittlerfunktion zwischen materialisierten Kommunikationsressourcen *par excellence* und den durch diese "transportierten" Konzeptualisierungen/Konzepten der unterschiedlichsten Teilwissensdomänen (einschließlich von selbstreflexiven linguistischen Konzeptbildungen) wahrnimmt.

Dabei werden nachfolgende Überlegungen zur Repräsentation von kulturellen Faktoren deren mannigfache Einwirkung auf bzw. Wechselwirkung mit verschiedenen Teilwissensbereichen verdeutlichen; es besteht aber auch kein Zweifel daran, dass eine wichtige Schaltstelle zu wesentlichen Teilbereichen kultureller Designatsdomänen in den Bedeutungen lexikalischer Einheiten liegt (hier sind auch die Konzeptualisierungen der anderen Wissensbereiche verschaltet), darüber hinaus aber bspw. auch in den Textsortenkonventionen wie in Präferenzen für den Gebrauch systemhaft disponibler Ressourcen, darunter von Sprechakten und Kommunikationsstrategien, seinen Niederschlag gefunden hat (dazu u. a. LORENZ/WOTJAK 1977; WOTJAK 2006a).

1.3 Halten wir als vorläufiges erstes Fazit im Hinblick auf die uns interessierende Fragestellung aus dem gerafft-selektiven Rückblick auf die Anfänge translatologischer Untersuchungen fest:

1.3.1 Übersetzen ist kein *üb'ersetzen*; zumindest nicht in dem üblichen, zudem stark vereinfachenden Verständnis: denn zumindest wäre eine Ersetzung des T_{AS} durch einen T_{ZS} an die Bedingung geknüpft, dass das Translat gegenüber dem Original als kommunikativ *äquivalent* und zudem auch als kommunikativ *angemessen*, d.h. den ZS-Textsortenkonventionen entsprechend (vgl. dazu später) gestaltet, sein müsste. Das gewählte Bild aber suggeriert doch eher, dass es möglich und angeraten sein könnte, für AS-Textelemente, etwa sogar Wörter, einfach ZS-Entsprechungen zu wählen. Wird dagegen die obige Interpretation präferiert, so könnte der Gedanke aufkommen, dass der zu substituierende T_{ZS} *in toto* präexistent ist und als solcher, etwa als komplett zur Verfügung stehender Paralleltext nur aus einem Inventar der unterschiedlichsten Paralleltexte ausgewählt werden und nicht durch den Translator erst produziert werden müsste.

1.3.2 Auch das dem *Übersetzen*, *traducere navem*, vorgezogene Bild des *Brückenschlags* (HÖNIG 1995) hat seine interpretatorischen Tücken; gewiss stellen bereits vorgelegte Übersetzungen Brücken für eine interkulturelle Kommunikation dar und erleichtern nachfolgende Übersetzungsarbeiten. Doch werden durch eine Übersetzung zwar Kultur- wie Sprachbarrieren mittels dieser Brücke überspannt, doch vollzieht sich beim translatorischen Brückenbau wohl zugleich auch ein bestimmter Informationstransfer, wird also eine Botschaft des Originals einem ZS-Rezipientenkreis zum verstehenden Deuten zusammen mit dem Brückenbau näher gebracht (auf die Problematik solcher metaphorischer Benennungen macht insbesondere MARTÍN DE LEÓN (2005) aufmerksam).

1.3.3 Übersetzen ist aber bei aller insbesondere durch die kulturelle Wende in der Translatologie betonten Kulturgeprägtheit wohl doch kein Kulturtransfer, zumindest nicht im landläufigen Sinne von Transfer, da ja durchaus nicht immer Aspekte der AS-Kultur, die in der AS-Diskurswelt präsent sind und bspw. auch deren formal-stilistische Präsentation gemäß bestimmten Textsortenkonventionen beeinflussen, in das ZS-Translat transferiert, hinübertransportiert, übersetzt, werden. Hier schiene es in nicht wenigen Fällen adäquater, würde von einem Ersatz von AS-Kulturgeprägtheit durch die kommunikativ-situativ angemessenen ZS-Kulturcharakteristika gesprochen.

1.3.4 Wird Übersetzen als zweisprachig vermittelte, Kulturgrenzen überschreitende (transkulturelle) Kommunikation verstanden, so könnte damit eine viel versprechende Ausgangsbasis für weiterführende Überlegungen gegeben sein. Dabei ergibt sich bei einer solchen Sichtweise, wie sie mit Einschränkungen durch die Leipziger Übersetzungswissenschaft vertreten wurde, nicht automatisch eine Überbetonung linguistischer Aspekte, noch führt sie automatisch zur Akzeptanz der Konzepte der kommunikativen Äquivalenz und kommunikativen Angemessenheit, wiewohl uns beide im Verband nach wie vor essentiell für eine wie auch immer bestimmte translatologische Untersuchung erscheinen. Zwar setzt interpersonale Kommunikation die Benutzung vor allem sprachlicher Mittel voraus, doch wird damit die Verwendung weiterer Zeichen ebenso wenig ausgeschlossen wie die von paralinguistischen Mitteln wie Gestik und Mimik, die allerdings wohl nur beim Dolmetschen direkt translatologisch relevant sind.

Da Kommunikation als entscheidendes Unterpfand und Prämisse als Resultat sozialer Interaktion ein zweckgerichtetes, perlokutiven Zwecken unterworfenen Handeln voraussetzt, bei dem - oft neben weiteren Funktionen - eine zumindest minimale Informationsübertragung immer konstitutiv ist, besteht zwischen Kommunikation und Kognition keine Trennung, sondern setzt Kommunikation Kognition voraus. Kommunikatives Handeln mit Ziel Information wird erst dann glücken, wenn die Mitteilung als mittels semiotischer Zeichen, darunter vor allem sprachlicher, im Text/Diskurs materialisiert verfügbares Informationsangebot im weiteren Sinne, kognitiv adäquat durch den Rezipienten verarbeitet bzw. in seinem Gehirn konzeptuell koaktiviert wird. Bei kommunikativen Handlungen etwa mit inzitativ-direktiver Zwecksetzung, kommt hinzu, dass zusätzlich zum Mitteilungsgehalt auch die appellative Mitteilungsabsicht/ kommunikative Sinngebung des Senders, etwa auch unter Zuhilfenahme von Kontextwissen, entsprechend erkannt wird.

Kommunikation und Kognition bilden also eine letztlich untrennbare dialektische Einheit, die wesentliche Bedeutung für die Sicherung der Spezies Mensch, für das Überleben und die Anpassung der Menschen an sich ändernde Umweltbedingungen und die Gewährleistung der unverzichtbaren sozialen Interaktion besitzt.

1.3.5 So wenig wie Kommunikation und Kognition als Gegensatzpole verstanden werden können und darüber die Bedeutung von natürlichen wie auch von künstlichen

Sprachen und sonstigen Zeichensystemen vergessen werden darf, so wenig ist zu übersehen, dass kulturelle Aspekte, die ja im weitesten Sinne gewisse Regularien für soziales Interaktionsverhalten als Konventionen/Normen, Handlungs-, Interpretations- wie Verhaltensanleitungen für nonverbale, aber eben auch für verbale, kommunikative Interaktion vorgeben und Anlass zur sprachlich-semiotischen Erstnominierung/Bezeichnungsgebung darstellen, einen bedeutenden Einfluss auf Kognition, Kommunikation und demzufolge auch auf Sprache ausüben, und zwar sowohl als System (hier besonders etwa hinsichtlich der Bereitstellung von Lexemen, deren Polysemie und Dichte/ Konkretheit sowie Eingebundenheit in größere semantisch-kognitive Zusammenhänge) als auch als Verwendung (*habla*, *norma* nach COSERIU 1988; hier etwa Textsortenkonventionen als Konstruktionsvorgaben/ Type für je konkrete Textvorkommen/ Token) ausüben.

1.3.6 Die aufgezeigte enge Verwobenheit von Kultur-Interaktion-Kommunikation-Kognition und Sprache⁵ manifestierte sich u. a. in der in (3) gegebenen schematischen Darstellung und in den von uns kurz referierten bisherigen Überlegungen/Untersuchungen.

⁵ Verstanden als materiell-kognitive Größe und ausgezeichnetes Charakteristikum menschlicher Kognition (vgl. BIERWISCH 1999).

Cultura en sentido abarcador



2. Angesichts der recht summarisch aufgezeigten Interrelationen zwischen kulturellen, kognitiven und kommunikativ-sprachlichen Phänomenen wird immerhin bereits deutlich, dass im weiteren Fortgang unserer Darlegungen wohl nur der Frage nachgegangen werden kann, in welcher Weise, anhand welcher Aspekte der komplexen translatorischen Aktivität sich kulturelle wie kognitive Aspekte besonders deutlich nachweisen lassen. Vielleicht sollte es sogar angesichts des Umstandes, dass Kognitives wie aber auch Kulturelles letztlich alle kommunikative wie translatorische wie soziale Interaktion in der einen oder anderen Weise prägen, Kognitives wie Kulturelles also gewissermaßen omnipräsent oder zumindest dominant präsent erscheinen, einfacher sein zu prüfen, ob es Restbereiche und wenn ja, welche, geben dürfte, wo deren Wirken nicht so offensichtlich nachgewiesen werden kann.

2.1 Natürlich hängen Aussagen zur Verwobenheit kognitiver und kultureller Faktoren im Translationsprozess und zu deren Manifestation in Translaten nicht unwesentlich davon ab, wie im Einzelnen Kulturelles und Kognitives bestimmt werden. Eine detaillierte Darlegung zu diesen durchaus kontrovers bzw. divergierend bestimmten Termini würde indes sicher zu weit abführen von dem hier selbst gestellten und möglicherweise doch etwas zu präventösen Ziel. Immerhin wird bspw. von ca. 400 Definitionen von *Kultur* gesprochen (dazu u. a. auch HAUSER 2007), wobei sich naturgemäß wohl durchaus gewisse übereinstimmende Bestimmungsmerkmale ausmachen lassen dürften. Auch hinsichtlich der Bestimmung von Kognition bestehen Divergenzen, die angesichts des Booms der kognitiven Wissenschaften und der kognitiven Wende in der Linguistik nicht verwundern; wir begegnen demzufolge auch hier Definitionen bzw. Vorstellungen von Kognition, die in Intension und Extension mehr oder minder voneinander ebenso abweichen wie methodische Zugänge und hypothetische Grundannahmen für Kognition bzw. auch für Kultur.

2.2 Wir können im Folgenden, ohne jeglichen Anspruch auf Vollständigkeit noch auf eine systematisch-hierarchische Darstellung, nur einige ausgewählte Aspekte zur angeschnittenen komplexen Problematik aufzeigen.

Dabei werden **kulturelle Faktoren** im Folgenden einen etwas breiteren Raum einnehmen als kognitive.

2.2.1 Wird Kultur so allgemein verstanden wie in Abbildung 3 reproduziert, so stellt sich in der Tat die epistemologisch wie philosophisch-ontologisch relevante Frage, ob es wohl Teile der menschlichen Konzeptualisierungsleistungen, also der Weltsicht, der Weltwissensrepräsentationen, geben kann, die *nicht* kulturell geprägt sind. Da Kognition aufs engste mit Sprache verknüpft, ja Sprache ohne Kognitionsleistung ebenso wenig denkbar ist wie ohne ihre Leistung beim interpersonellen Wissenstransfer und bei der soziale wie diakulturelle Gruppen überschreitenden Kooperation, also in der Kommunikation innerhalb einer Parakultur, darf gemutmaßt werden, dass sich **Kulturelles auch in Sprachlichem manifestiert.**

Wir können an dieser Stelle uns allerdings nicht anheischig machen zu entscheiden, ob wirklich alle Spezifika sprachlicher Elemente wie Strukturen in letzter Instanz kulturbedingte Ursachen haben. Bislang hat die Forschung zu kulturellen Aspekten und deren Wirkung auf Kognition und Kommunikation, so sie sich nicht auf die Beschreibung solcher kultureller Aspekte überhaupt beschränkte, allerdings u. W. vor allem nach Divergenzen und weniger nach Gemeinsamkeiten zwischen den Kulturgemeinschaften und Kulturkreisen gesucht, wobei sie damit in einem gewissen Widerspruch etwa zur Universaliensuche hinsichtlich linguistischer wie kognitiver Sachverhalte steht. Man geht wohl auch nicht fehl, wenn man anmerkt, dass seitens der Linguistik wie aber auch dominierender Bereiche der Kognitionsforschung der mögliche Einfluss kultureller Faktoren auf die Weltsicht/ Kognition unzureichend thematisiert oder aber verkürzt/ einseitig verabsolutierend bspw. als Wirkung der Sprache, als sprachbedingt, betrachtet wurde. Angesichts der bedeutsamen Rolle, die die Frage nach einer sprach- und/oder kulturgeprägten Weltwissensrepräsentation (Weltsicht/Weltanschauung) mit tief verwurzelter Relevanz für die Kommunikation, insbesondere das Verstehen/ Verständlichmachen, d.h. die Evokation von Weltwissenskomplexionen, für die Begründung der Übersetzbarkeit bzw. deren Inabredestellen besitzt⁶, muss es verwundern, dass sich zu diesem Thema selbst aus kultureller Sicht, ganz besonders aber von translatologischer Warte aus, bislang kaum detailliertere neuere Überlegungen finden. In diesem Kontext könnte die kulturelle Wende in der translatologischen Forschung heilsame Impulse auch für die Lösung einer

⁶Vgl. dazu als prominenter Vertreter besonders Humboldt, s. aber auch WEISGERBER 1950 neben Sapir/Whorf u.a.m.

so fundamentalen Problematik geisteswissenschaftlicher Forschung geben (vgl. insbesondere WITTE 2000, aber auch VIDAL 1995; 1998).

2.2.2 Bei der Behandlung kultureller Aspekte (dazu u. a. WOTJAK 1993a, b, 1984; WITTE 2000) gilt es in Rechnung zu stellen, dass es selbst im Rahmen ein und derselben Kultur- und Kommunikations- wie Sprachgemeinschaft bei intensiver sozialer Interaktion mehr oder minder deutliche Unterschiede gibt hinsichtlich zumindest von Teilbereichen kulturell geprägter Einstellungen zu Sachverhalten, deren Wertung und Wichtung wie aber auch deren sozialen Interaktionsverhaltens und der Akzeptanz sozialisierter, tradierter Konventionen, Sitten und Gebräuche.⁷

Betrachtet man die selbst innerhalb einer relativ monolithischen Personengruppe, die unter wesentlich gleichen sozioökonomischen, politischen, administrativen, klimatisch-geografischen, kulturell-bildungsmäßigen Umfeldbedingungen und geteiltem Wissen um gemeinsame Traditionen, Sitten und Gebräuche, etc. in tagtäglicher Interaktion lebt, also den so genannten soziokulturellen Hintergrund (*social cultural background*) teilt, weiter bestehenden Divergenzen, so nimmt es nicht wunder, dass zwischen Sprach- wie Kommunikationsgemeinschaften, die in einem anderen soziokulturellen Umfeld leben und interagieren, sich ein mehr oder minder großes **soziokulturelles Differential** auf tut. Mit diesem soziokulturellen Differential wird eine ganze Gruppe von Belegexemplaren für eine extensionale Begriffsbestimmung von Kultur benannt, die sich in divergierenden kulturellen Modellen, Schemata, Szenen- wie Szenarien, etc. niederschlagen, wobei durch Neubert dieser Begriff auch Eingang in soziolinguistische Betrachtungen gefunden hat (vgl. GROßE/NEUBERT 1974).

2.3 Dieses soziokulturelle Differential umfasst in einem sehr, möglicherweise auch zu weiten Verständnis faktisch alle vom Menschen vorgefundenen und gestalteten Lebensumfelder, dessen Alltagsleben und Interaktion in Beruf und Freizeit (dazu u. a. WOTJAK 1993a, b; 1994). Deren Konzeptualisierung kann unter dem Einfluss übereinstimmender Weltauffassungen, Ideologien, religiös geprägter Moralgrundsätze und Wertesysteme sowie von Austauschkontakten über Jahrhunderte hinweg und

⁷ Vgl. die Hinweise auf eine *Idiokultur*, auf *Familiokulturen*, Gruppenkulturen, aber bspw. auch auf Firmenkulturen (*Diakulturen*), etc., neben bzw. im Rahmen einer gemeinsamen *Parakultur*, wobei kulturelle Faktoren, etwa neben sprachlichen, in denen sie sich in mannigfaltiger Weise niederschlagen,

besonders angesichts der neuen Tendenzen und Möglichkeiten zur Globalisierung u. U. aber auch beträchtliche Gemeinsamkeiten aufweisen, von ideologisch oder auch beruflich bedingten Übereinstimmungen in den Konzeptualisierungen der Welt (darunter neben propositionalem Wissen auch konnotativ-wertende Wissenstatbestände) zwischen bestimmten Gruppen Sprach- und Kulturgrenzen überschreitend ganz abgesehen.

So wie man zu Recht u. a. auf die Gruppen integrierende, also nicht nur signalisierende Funktion von Sprache (bspw. Jugendsprache) hingewiesen hat, gilt es zu beachten, dass auch kulturelle Aspekte sehr wesentlich sind für Integration und Identitätsgefühle und dass nach vielfältiger Überzeugung bspw. sprachliche Fehlleistungen bei weitem nicht so störend empfunden werden wie etwa Verstöße gegen zumeist unbewusst geteilte, normierende kulturelle Gepflogenheiten/ stereotyp befolgte Verhaltensmuster, Archetypen des Verhaltens wie auch von dessen Bewertung. So ist es bspw. im Deutschen eher üblich, dass sich Angerufene mit Namen identifizieren, eventuell zunächst mit Institution/Firma + Namen; im Spanischen ähnlich dem Französischen jedoch allgemein ohne Namensnennung des Angerufenen im ersten Gesprächs-Turn.

2.3.1 Ebenfalls einzuordnen in die soziokulturelle Teilsachverhaltsdomäne “soziale Interaktion” wären solche üblichen, *prototypischen Interaktionssituationen*, wie bspw. die Anrede (mit starker sprachspezifischer wie intralingualer Ausdifferenzierung – vgl. sich daraus ergebende Übersetzungsprobleme unter (4)), bei Begrüßungsritualen, d.h. nonverbal-verbalen Behavioeren/ Kulturemen, die sich u. a. im kulturgeprägt abweichenden Verhalten beim Geben von 1-3 Küssen zwischen französischen und spanischsprachigen Sprechern manifestieren (mit welcher Wange wird begonnen?) oder aber auch in nachstehenden Beispielen, bei denen abweichende Höflichkeitskonventionen als wichtige Bestandteile der mitunter vernachlässigten phatischen Funktion kommunikativer Interaktion (dazu NORD 2002b) zum Tragen kommen:

- (4) Vgl. etwa *Monsieur, vous avez perdu vos gants; Doña/Don, Señorita–Fräulein/Frau; compañero*; in deutschen Übersetzungen bspw. *M. de Savigny, Herr de Savigny* vs. *Herr von Savigny; Meister, Sportsfreund; mein Gutester*, etc.

eingefroren, finden, einen bedeutenden Beitrag zur Integration wie Identitätssicherung der interagierenden erkennenden wie kommunizierenden Subjekte leisten.

Analog wird interkulturelles Wissen aktiviert, etwa bei dem hier nicht näher auszumalenden, landeskundlich sehr instruktiven Beispiel abweichender Behavioreme/ Kultureme Spanisch/Deutsch beim Empfang/der Überreichung von Geschenken (dazu u. a. OKSAAR 1988; GERZYMISCH-ARBOGAST/MUDERSBACH 1997; WITTE 2000).

2.3.2. Weitere Teilbereiche aus dem komplexen Lebensumfeld, aus dem eine soziale Interaktion in der Regel kaum ernsthaft wegzudenken ist, wären z.B. *geografisch-klimatische Phänomene*⁸, kulturgeprägte Präferenzen hinsichtlich von *Lieblingssportarten/ Freizeitbeschäftigungen*⁹, Speisen und Getränke, also der Bereich der Alimentation/Gastronomie, aber auch *religiös geprägter Unternehmungen und Institutionen*. Vgl. dazu nachstehende völlig unzureichende Liste sogenannter Realienlexeme, d.h. von Bezeichnungen für typische, "endemische", also landes- bzw. sogar regionenspezifische Phänomene, denen in einer anderen Kultur- wie Sprachgemeinschaft zumeist kein Konzept bzw. keine bereits sozialisierte Bezeichnung entspricht, so unter (5).

- (5) *corrida; romería, Semana Santa; gazpacho, sangría; queso manchego, jamón serrano; paella; ESSEC; cederista (Kuba); Mistral; Cognac, Champagner; Leipziger Allerlei; Plauener Spitzen/ Aachener Spitzen; Labskas; Doppelspänner (Kaffee); Broiler, Rotkäppchen (beliebte Sektmarke Ost) ...*

Dass es sich dabei um letztlich kulturgeprägte Phänomene handelt, zeigt, dass bspw. auch Realien innerhalb einer Sprachgemeinschaft auftreten¹⁰; so ist bspw. die in Kuba (aber auch Argentinien) so übliche *boda de los quince* oder auch deren verkürzte Bezeichnung als *los quince* auf der iberischen Halbinsel faktisch unbekannt. In hohem Maße länderkulturspezifisch erscheinen aber auch Bildungsinstitutionen und -abschlüsse, was bspw. die Übersetzung solcher Dokumente wie Zeugnisse, Lebensläufe, etc. in zusätzlichem Maße kompliziert bzw. deren länderübergreifende Verwendung im gleichen sprachlichen Umfeld erst durch verstehensfördernde Kommentare/Vergleiche mit den in der Zielgemeinschaft üblichen Bildungsabschlüssen wirklich möglich macht.

⁸ Vgl. dazu u. a. Fleischmann 2001 unter Bezug auf russisch-deutsche Übersetzungen.

⁹ Vgl. das exotisch anmutende *Kricket* der Engländer, der *Stierkampf* in Spanien; Hahnekämpfe in Lateinamerika, etc.

2.3.3 Stark kulturell bzw. genauer *politisch-ideologisch* bzw. auch *moralisch-ethisch* geprägte Phänomene zählen in einem weiten Verständnis ebenfalls zum soziokulturellen Hintergrund, wobei auch hier das zum Verstehen erforderliche einschlägige Wissen in der Zieltextgemeinschaft in der Regel nicht vorhanden ist oder aber zumindest nicht *in toto*, bspw. hinsichtlich aller von einer bestimmten Kulturgemeinschaft mitassozierten Konnotationen /Bewertungen koaktiviert wird, wären bspw. solche unter (6) aufgeführte Bezeichnungen für zumindest teilweise inzwischen von der gesellschaftlich-politischen Entwicklung überholte Sachverhalte zu erwähnen. Was diese Bezeichnungen (beinahe schon als *Historismen* zu bezeichnen) anbetrifft, so dürften sich selbst innerhalb des Deutschen bestimmte Wissensdefizite nachweisen lassen, die von Unkenntnis bis zu einer nur sehr annähernden Kenntnis und/oder abweichenden Bewertung reichen, von Verständnisproblemen beim Wechsel ins Spanische ganz abgesehen (vgl. Übersetzung von Grass' *Ein weites Feld*“).

- (6) a) *Begrüßungsgeld; Wendehals; Seilschaften; aufrechter Gang; Mauerspecht; Aluchips; Treuhand; Normannenstraße/Runde Ecke; GST; MTS; HO; MfS; NVA; NAW; DHFK*, etc.
 b) *Jugendweihe, Kindertagesstätte/Kita; Kaufhalle, Broiler; drüben und hüben; Ossi, Wessi; Ostalgie* (Nostalgie nach der DDR), etc.
 c) *Peanuts; ein weites Feld; die Republik jähnt*, etc.

In den angesprochenen Teilbereich soziokultureller Phänomene fallen u. E. aber auch die so genannte *political correctness* als Leitlinie der Interaktion zwischen Menschengruppen, insbesondere auch zwischen unterschiedlichen Staaten, Tendenzen zur Verhüllung bzw. Verschleierung von Sachverhalten durch vage bzw. das Sozialprestige der Sprachbenutzer schonende (face saving-Aspekte) Bezeichnungen sowie solche zur Vermeidung von negativen Wertungen oder aber Sprachregelungen im Dienste diplomatischer Nichtanerkennung von bestimmten politischen Realitäten, wie u. a. solche unter (7) angeführte Bezeichnungen¹¹.

- (7) Vgl. in lateinamerikanischen Dokumenten die “verhüllende” Bezeichnung *cooperación económica*; in Dokumenten der EU dafür Bezeichnungen wie *aid* oder *assistance*; vgl. auch die Ersetzung von *Roter Armee* durch *Sowjetarmee*

¹⁰Vgl. Beispiele unter (3), aber auch abweichende Textsortenkonventionen zwischen Kuba und Spanien, also innerhalb der spanischsprachigen Länder.

¹¹Vgl. hierzu auch Schriften von Stuart CHASE und Georg KLAUS 1964 zur Macht des Wortes und viele Untersuchungen zur kontrastiven Pragmatik.

(Vermeidung der dominant negativ bewerteten Farbbezeichnung “rot”); aber auch *Sowjetische Besatzungszone/SBZ, Pankower Regime*, etc.

Wahrscheinlich unter dem Einfluss spezifischer Erziehungsideale (*educación formal*, gute Manieren, angemessenes Sozialverhalten, etc.) haben sich bestimmte Verhaltensweisen herausgebildet, deren Unkenntnis als Erklärungshintergrund zu Missverständnissen führen kann, die u. U. schon vorhandene archetypisch-stereotype Vorbehalte/ Vorurteile nähren bzw. aus diesen interpretatorisch gestützt werden. So bspw. bei Abweichungen im Falle des dem Sender offensichtlich in besonderem Maße peinlichen Ablehnens des Vorschlages eines Gesprächspartners, also letztlich bei abweichenden Höflichkeitskonventionen. Bekannt ist bspw., dass man in Thailand/Laos einem Kind nicht über die Haare streichen soll, dass in anderen Kulturkreisen die Fußsohlen nicht auf den Gesprächspartner zeigen dürfen, man seiner Schwiegermutter den Rücken beim Sprechen zukehren, man einem Japaner nicht in die Augen sehen sollte, etc. Weniger deutliche, aus Erfahrung erworbene (kritische) Einschätzungen von Verhaltenspräferenzen wären bspw., dass sich Deutsche im Verständnis von Schweden zu oft direkt in Dinge einmischen, die sie nach deren Überzeugung nichts angehen (STEDJE 1988 - nicht bei Rot über die Straße gehen als Ermahnung); zu laut sprechen, dass Finnen im Allgemeinen wenig sprechen und längere Gesprächspausen nicht unbedingt ein Zeichen von fehlendem Interesse am Gespräch sind. In diesem Zusammenhang wird noch ein zusätzlicher, offenbar eng mit den kulturellen Aspekten verflochtener Problemkreis im Umfeld von Mentalitätsstudien, Forschungen zur Völkerpsychologie¹² angerissen, dessen Erörterung uns hier jedoch zu weit ab- und zudem auf ein problematisches, bisher kaum detaillierter und mit objektivierten bzw. objektivierbaren Methoden beschriebenes Nebengleis mit Relevanz für den Sprachvergleich, die kontrastive Pragmatik, Rhetorik und Stilistik wie aber letztlich auch die Translation, führen würde.

Nicht sofort einsichtig und wohl aus unserer eigenen Kultur heraus, der wir letztlich kaum jemals wirklich völlig entraten können, kaum akzeptabel erscheint es hingegen, wenn bspw. in Lateinamerika (so eine persönliche Erfahrung) ein einfacher Straßenkehrer sich scheute, seine Unwissenheit hinsichtlich einer Adressenanfrage zu

¹² Vgl. etwa die Analysen Wundts; diese wären u. E. mit Augenmaß neu aufzunehmen, wobei bspw. auch solche offenbar oft zu kurzschlüssig generalisierenden Aussagen von Malblanc 1968 in seiner vergleichenden Stilistik, aber auch von Lerch 1933 zum französischen Volkscharakter als “kühle Rechner”, die zu keinen tieferem Empfinden fähig seien, daher fehlte dort eine lexikalische Entsprechung für Gemüt, Gemütlichkeit, etc.

bekunden und den Fragenden im Brustton der Überzeugung in eine gemutmaßte, aber falsche Richtung schickte. Komplex sind aber auch die bei Äußerungen bei (8) ablaufenden Inferenzen auf das leider abweichende kulturelle Hintergrundwissen/Höflichkeitsverhaltensmusterwissen¹³. Dies führt dazu, dass der deutsche Muttersprachler sich schwer tut, die dort getroffene Aussage, im kubanischen Spanisch noch witzig pointiert aus dem speziellen Wissen, als das zu interpretieren, was sie im konkreten Äußerungskontext sein sollten, nämlich eine höfliche, *face-saving* gewährleistende, aber nicht weniger definitive Ablehnung. Mit anderen Worten, das mit den angeführten Sätzen – zudem weitgehend kontextunabhängig – zum Ausdruck Gebrachte entspräche vielmehr einer verbalen Formulierung: *no lo pensaré nunca más*, d.h. dass nicht mehr darüber nachgedacht wird. Man kann sich die aus dem Nichtverstehen dieser kommunikativ-illokutiven Funktion der spanischen Äußerungen ergebenden Weiterungen vorstellen: der Deutsche wird einige Zeit zuwarten, nicht zuletzt weil er akzeptiert, dass man auf Entscheidungen länger warten muss. Er wird aus Interesse und ohne schlechtes Gewissen nach einiger Zeit unbefangen nachfragen, ob der spanische Partner es sich überlegt hat. Letzterer wiederum wird dies als einen schockierenden Vorgang empfinden¹⁴ und die Nachfrage auf das Konto fehlenden Taktgefühls schieben. Der Deutsche wird bei eintreffender, nunmehr eindeutiger Rückantwort sich u. U. in seinen Vorbehalten bestätigt sehen, dass man den Worten spanischer Partner sehr skeptisch, ja misstrauisch gegenüber stehen sollte. Analog muss die Äußerung brasilianischer Gesprächspartner nicht wörtlich als Zusage, sondern vielmehr als Ankündigung, dass keine Reaktion erfolgen wird, verstanden werden.

- (8) *Voy a pensarlo. Ya (me) lo pensaré. Lo pasaremos al organismo superior (Kuba). Te ligarei amanhã.*

2.3.4 Z.T. bereits gestreift (Wendezeit wie Vorwendezeitsphänomene ohne Kontinuität bis ins Heute) wurden *historische Sachverhalte*, deren Wissenserwerb, -ausprägung und -auswahl zudem zumeist in spezifischer Weise kulturell-ideologisch-nationalistisch geprägt erscheinen. Dass dabei an einem gleichen Sachverhalt unterschiedliche Aspekte akzentuiert und abweichende Bewertungen vorgenommen werden, und dies nicht etwa

¹³Spanier neigen tendenziell stärker zu einer indirekten Mitteilung einer Ablehnung, vergleichbar etwa den Japanern, für die eine Ablehnungshandlung ganz unangebracht erscheint.

sprach- sondern kulturgeleitet, liegt so offensichtlich auf der Hand, dass es wohl keiner näheren Illustration bedarf. Die abweichende Entwicklung im vereinten Deutschland führt dabei zu immer wieder verblüffenden, weil z. T. gar nicht erwarteten Divergenzen/Nichtkongruenzen, auch bei der Einschätzung von historischen Phänomenen und selbst fortwirkend bei der Bewertung aktueller Ereignisse. Dabei fällt im Übrigen auch die abweichende Sozialisierung schon ab dem Kindesalter als in der interkulturellen Kommunikation der Nachwendezeit bis heute in Rechnung zu stellende Größe ins Gewicht, da sie als Erklärungshintergrund für Mentalitätsunterschiede, abweichende Verhaltensweisen und Befindlichkeiten, Präferenzen bei der Bewertung von Verhalten, etc. führt. Hierhin fallen bspw. auch Nichtkongruenzen hinsichtlich des Wissens an kulturellen Phänomenen im engeren Sinne: so abweichende Lektüre in Schule und Freizeit, abweichende Musik- und Kunsterlebnisse sowie als Vorbild ausgegebene Kunstrichtungen¹⁵.

2.3.5 Wie die sicher noch unvollständige Aufzählung verdeutlicht, werden hier existenziell sehr bedeutsame, prägende Aspekte für eine bestimmte Kommunikations-, Sprach- wie Kulturgemeinschaft angesprochen, deren Kenntnis gerade angesichts des hohen Grades an Unbewusstheit und Verwurzeltheit in den erkennenden und interagierenden Subjekten und der unbeabsichtigten, damit aber nicht geringeren, störenden und zumeist unbewusste emotionale Akzeptanzvorbehalte hervorrufenden Gegenreaktion selbst gegenüber rational einleuchtenden Argumentationen, bei der verstärkt statthabenden interkulturellen Kommunikation von zunehmend anerkannter Relevanz ist. Dabei schlägt sich der soziokulturelle Hintergrund nicht nur nieder in den sprachlich indizierten konkreten Prozessen, Erscheinungen ausgewählter Teilbereiche, also in den Konzeptualisierungen, den lexikalischen Bedeutungen und hier etwa im propositional-denotativen Bereich, sondern bspw. auch im konnotativ-bewertenden, emotive Aspekte koaktivierenden Bereich der Bedeutungen solcher Kulturindikatoren/ Realienlexeme oder auch weiterer LE. Der Einfluss kultureller Faktoren auf kognitiv-semantische Phänomene manifestiert sich darüber hinaus aber bspw. auch in der bevorzugten Konzeptualisierung ausgewählter Bestimmungsmerkmale, in

¹⁴ Immerhin hatte er doch nach seinem Empfinden hinreichend verdeutlicht, dass er nicht mehr darüber nachdenken wollte, die Angelegenheit also abschlägig beschieden sei.

¹⁵ Bspw. die so genannte entartete Kunst im Nationalsozialismus, der sozialistische Realismus und Vorbehalte/Unverständnis gegenüber der abstrakten Malerei in der DDR, etc.

abweichenden Zuordnungen von LE bzw. den durch diese bezeichneten Sachverhalten zu Klassenbildungen, in abweichender Auswahl prototypischer Vertreter für Klassenbildungen (bspw. Werkzeuge/Hämmer – vgl. weitere Beispiele unter 9), in dem Interesse an einer spezifizierten, d.h. die Phänomene der bezeichneten Umwelt stärker untergliedernden Bezeichnungsfülle (bspw. höhere oder geringere Dichte von lexikalischen Belegen für begrifflich-semantiche Felder – vgl. Beispiele unter (10)).

- (9) a) Vgl. u.a. die Abweichungen hinsichtlich der als Prototyp gewählten Exemplare von *Hammer* in den USA und Deutschland; vgl. aber auch die denotativ-konnotativen Divergenzen bei solchen Alltagsbezeichnungen wie *pain/pan* (Weissbrot in Baguetteform; faktisch zu jedem Essen gereicht) – dt. *Brot*; *vin* (vgl. Rituale bei Auswahl im Restaurant), *vino* und *Wein*; *fromage* – *Käse* (unter der Berücksichtigung, dass *fromage* jedes warme Essen abschließt); *café* # *Wiener Kaffeehaus* (eher Gasthaus); *control* sowie dt. *Kontrolle*...
- b) vgl. die Übersicht über abweichende Zuordnungen von Autos zu den im Prinzip übereinstimmenden Klassen in Deutschland und den USA (besonders Mittelklasse/MID-SIZE CARS) in SCHMITT (1999: 273); vgl. aber auch signifikante Abweichungen bei Angaben zum Kraftstoffverbrauch: in Deutschland Liter/km, in den USA zurückgelegte Wegstrecke in Meilen (*mileage*), wobei *factors that contribute to lower mileage are...* im Deutschen wiedergegeben werden müssten als: *Faktoren, die zu einem höheren Verbrauch führen, sind ...* (SCHMITT 1999: 277).
- (10) Vgl. das Feld der Fortbewegungsverben im Deutschen gegenüber dem spanischen oder auch französischen Feld sowie die generelle Tendenz des Französischen/ Spanischen zur Verwendung abstrakterer Bezeichnungen generell – Beispiele *enjeu*, *action*; *agent*; *aménagment*; *conditionnement*; *contrainte*; *engagement*; *expansion*; *génie*; *gestion*; *opération*; *promotion*; *recrutement*; *surenchère*, etc., aber bspw. auch *fårmor/mårmor* (schwedisch) = *Großmutter väterlicherseits/ mütterlicherseits* bzw. Bezeichnungen für *älteren* bzw. *jüngeren Bruder* (aber nicht für *Bruder* an sich) im Ungarischen, die mehr als 200 Bezeichnungen für *Pferderassen/* und *-farben* bei den *Gauchos* (und französischen Pferdezüchtern) sowie das viel zitierte Beispiel mehrerer Bezeichnungen für <Fortbewegung auf einem "spezifisch beschaffenen" Schnee> in den Eskimosprachen (dazu schon detailliert u. a. schon MOUNIN 1963).

2.4 Zusammenfassend kommt (Sozio)Kulturelles kognitiv wie sprachlich-kommunikativ in der situativ-diskursiven Äußerung einer senderintendierten wie rezipientenrealisierten Botschaft¹⁶ vor allem in nachstehender Weise zum Ausdruck:

¹⁶ Vgl. zur Interrelation von Senderintention/Meinung/ Sinngebung und Empfängerdeutung/ Sinnerfüllung Details bei WOTJAK 1985; 2003; vgl. Details zum kommunikativen Sinn als Richtwert für die Translation und zur Interrelation von Mitteilung/Botschaft als komplexer Interaktion von Gesagtem/Vertextetem (*posé*) und Mitverstandenen (*supposé*) sowie komplementär überlagerndem Gemeintem in WOTJAK 2005b.

2.4.1 In Form sememisierten, d.h. anteilig in die lexikalische Bedeutung eingefrorenen, sozialisierten und usualisierten Weltwissens, hier eines Einzelsachverhaltenswissens O'kult. Dabei wirken kulturelle Aspekte darauf ein, welche Merkmale/Eigenschaften als konzeptuell wie kommunikativ relevant selektiert werden, welche Tiefenschärfe bei der Bezeichnung/ Sachverhaltenswissensrepräsentation wie Bedeutungskonstitution als erkenntnis- wie bezeichnungsrelevant angesehen und demzufolge mit einer bestimmten generischen oder auch vagen LE bzw. auch mit mehreren konkreteren Bezeichnungen als Semantik verknüpft wurde. Bei diesem direkten, durch die lexikalischen Einheiten/LE qua Bedeutung indizierten O'kult-Konzeptualisierungen gehen über kommunikative Austauschbeziehungen eine mehr oder minder geteilte Anzahl und Auswahl propositional-denotativer Wissenskomponenten in den Bedeutungskern ein. Daneben finden aber auch geteilte Bewertungen/ Einstellungen/ Emotionen als vergesellschaftete periphere Komponenten konnotativ-wertend-emotiver Art in den Bedeutungen ihren Platz, ja können diese sogar *in toto* selbst die Bedeutung konstituieren. In beiden Fällen fungieren die betreffenden LE dank ihrer Bedeutungen als direkte Indikatoren kultureller Phänomene, sei es nun für O'kult-Phänomene (kulturgeprägte Realien/Denotate) oder aber kulturell gebrochene Bewertungen von Phänomenen der Designatswissensdomäne O'soz in einem weiteren Sinne.

2.4.2 LE fungieren darüber hinaus aber auch als **indirekte Indikatoren von soziokulturellem Hintergrundwissen** insofern, als über deren Bedeutungen ohne direkten oder vermittelt-gebrochenen O'kult-Bezug kognitive Sachverhaltenswissenskomplexionen koaktiviert werden als geteilter generischer Weltwissens- und/oder spezieller Situationswissensbesitz. Die dabei koaktivierten kognitiven Konfigurationen liefern als mehr oder minder komplexe Szenarien, kulturelle Modelle (MORILLAS/SÁNCHEZ 1999), Schemata, *Idealized Cognitive Models/ICM*, Szenen, Folk Models, etc. über die LE (oft Namen von Persönlichkeiten des öffentlichen Lebens) nicht direkt koaktivierte, kulturell wie kommunikativ-kognitiv bedeutsame Hintergrundinformationen (*backgrounding*) vor allem bei Anspielungen, also im Hinblick auf das neben dem *Gesagten* (*posé* nach DUCROT 1972) stets auch für die Kommunikations-/Kulturgemeinschaft kopräsentete geteilte *Mitverstandene* (*supposé* nach DUCROT 1972 – dazu WOTJAK 2005b).

Wie stark solches Szenen-, Skript- wie Szenarienwissen (Kulturem-, Holon- wie Holeme-Kenntnis nach OKSAAR 1988, GERZYMISCH-ARBOGAST/MUDERSBACH 1997) von landeskundlich-kulturellen Faktoren geprägt ist, wird etwa bei der Aktualisierung der Wissenskonfiguration deutlich, die bei der kognitiven Realisierung des Restaurantbesuchsszenariums in Kuba, Spanien und Deutschland (besonders mit Bezug auf die ehemalige DDR) in kompetenten Sprechern koaktiviert wird. So wurde man bspw. in der DDR platziert, hatte also auch bei leerem Restaurant auf diesen Platzierungsakt des Obers zu warten; in Kuba rief ein Oberkellner – als *capitán* bezeichnet – nach Registrierung anhand einer Abfolgeliste die geduldig vor der Tür wartenden Gäste auf; andererseits unterscheiden sich die Bezahlungsmodalitäten nach wie vor deutlich zwischen Spaniern und Deutschen, etc.

2.5 Neben diesen letztlich über vorhandene LE mehr oder minder stark vermittelt oder direkt hergestellten Bezügen zu außersprachlichen soziokulturellen Sachverhalten, wirkt Kulturelles aber auch noch in vielfältig anderer Weise mit Kognition, Kommunikation und Sprache zusammen bzw. lässt es sich in sprachlichen Erscheinungen nachweisen. So dürften bspw. **politisch-ideologische Gründe** für den bevorzugten Gebrauch bzw. die Entstehung **neuer Metaphern** durch Übertragung von Bezeichnungen aus einer bestimmten Spenderdomäne (bspw. dem militärischen Bereich) bei Beispielen unter (11) als dominant betrachtet werden.

- (11) a) *Kampf für den Frieden/ die Erfüllung der Hauptaufgabe; die Dissertation verteidigen, Ernteschlacht; der General Winter; Waffenbrüderschaft; die Vorhut des Proletariats* (DDR); aber auch *jmdn. mit seinen eigenen Waffen schlagen*, etc.; *defender una tesis; Préstame una bala que estoy sin armamiento* (Kuba – scherzhafter Kommentar beim Schnorren einer Zigarette);...

b) vgl. aber auch gewisse Präferenzen für erotische Metaphorik in französischen technischen Bezeichnungen wie:

Französisch	Deutsch
<i>prise mâle</i>	Stecker (elektr. Schnur)
<i>prise femelle</i>	Steckdose
<i>bouchon femelle</i>	Muffendeckel (Rohrverschluss)
<i>raccord à bouts femelle</i>	Innengewindekupplung

c) Übernahmen medizinischen Vokabulars zur Bezeichnung ökonomischer Sachverhalte (Beispiele von SPILLNER 1994): *la cancerisation de l'économie; ponctionner les revenus; les autorités monétaires ont asphyxié les affaires; On appelle ça des points de fixation, des abcès. Le pus s'en écoule, et le corps est guéri. Le secteur manufacturier affiche une santé de fer*, etc.

Andererseits dürfte bspw. die in der Alltagssprache verallgemeinerte Verwendung von LE aus der Landwirtschaft bzw. bei Inselvölkern aus dem maritimen Bereich ebenfalls als letztlich kulturbedingt/-geprägt bezeichnet werden. Als solche könnte aber auch der bevorzugte Gebrauch bestimmter morphosyntaktischer Strukturen¹⁷; des Weiteren von so genannten personalisierten Konstruktionen¹⁸, von Kommentaren als expliziten Gliederungssignalen; von Explikationen (Gesagtem) und Implikationen (Mitverstandenen) bspw. in ausgewählten (populärwissenschaftlichen) Fachtextsorten im Englischen und Spanischen, gewertet werden.

2.5.1 In diesen Fällen geht es im Unterschied zu den unter 2.4.2 erwähnten faktisch nicht mehr um den Nachweis kulturellen Einflusses auf Sprache als Systemhaft-Lexikalisch-Fixiertes, sondern um Präferenzen im Gebrauch systemhaft vorhandener sprachlicher Mittel, also auf die **Selektion wie Kombinatorik bereits vorhandener lexikalischer, morphosyntaktischer wie sonstiger sprachlicher Mittel** bei der Konstituierung von Äußerungen/Diskursen/ Texten als Produkte der Parole. Dass hierbei insbesondere Textsortenkonventionen fürs Übersetzen relevant sind, liegt auf der Hand. Andererseits geht es aber auch darum, kulturgeprägte Unterschiede hinsichtlich der Bevorzugung bspw. indirekter Sprechakte zur Verwirklichung von Aufforderungshandlungen (12) herauszustellen, also Vorgaben für eine Kommunikationssituation wie Textsorten angemessene Präferenz ausgewählter Sprechakte/ Kommunikationshandlungen und –strategien zu ermitteln und diese bei der kommunikativ-situativen angemessenen ZS-Textproduktion zu berücksichtigen.

- (12) a) indirekte Aufforderungssprechakte:
Steigen Sie auch aus? Ist das Fenster auf? (wenn dieses offensichtlich geschlossen oder geöffnet ist) *Frau Müller, ich glaube, morgen müsste der Bericht abgesandt werden. Ein zweiter Versuch würde sich lohnen/schiene angebracht. ¿Porqué no me ayudas?*
- b) *Lichtgeschützt aufbewahren. – Protégase de la luz. Vor Gebrauch schütteln. – Agítase antes de usar. A la cama! A trabajar! – Ins Bett! An die Arbeit! Man nehme zwei Löffel Zucker, etc.*

¹⁷ bspw. statt des deutschen Vorgangspassiv die *pasiva refleja* oder weitere Passiversatzkonstruktionen im Spanischen, mit zunehmender Tendenz auch im Französischen.

¹⁸ Dazu besonders FRIEDERICH 1969 mit Bezug aufs Englische und Gültigkeit auch fürs Französische.

Schließlich zeigt sich der Einfluss von Kultur auch bei neuen Bezeichnungsbildungen und nicht zuletzt beim Verhalten gegenüber Bezeichnungsübernahmen, also – adaptierte oder nicht adaptierte – Entlehnungen (*estándar* bzw. *standard* als prestigeträchtigere Variante) bzw. deren Vermeidung durch Lehnübersetzungen, letztere etwa aus der kulturbasiert motivierten Angst vor Überfremdung des Französischen durch das Englische¹⁹.

2.5.2 Die kontrastive Rhetorik bzw. Stilistik / Pragmatik als bislang insgesamt noch relativ wenig entwickelte Teilbereiche der Linguistik sollten für den Translator und den Fremdsprachenunterricht/-lerner in besonderem Maße nützliche Informationen über Divergenzen bereit stellen können, die nicht nur Abweichungen hinsichtlich der Makrostruktur von Paralleltexten und etwa auch der Anordnung von Informationsblöcken, sondern auch auf Mikrostrukturen (bspw. Passiversatzkonstruktionen, bevorzugten “style verbal”; Autorenpräsentation / -ausblendung, etc.) sowie selbst hinsichtlich formal-typographischer Aspekte, so bspw. der Präferenzen hinsichtlich der Verwendung von Zeichnungen, etc. verdeutlichen.

So wird bspw. nach SCHMITT 1999 sprach- wie kulturunabhängig (weil die *Corporate Identity* als Firmenkultur beibehalten werden soll) in Werkstatthandbüchern von Mitsubishi eine große Anzahl bildhafter Hinweise anstelle der bspw. im Deutschen üblichen verbalen Indikatoren verwendet, was durchaus nicht der prototypischen Textsortencharakteristik im Deutschen gerecht wird und von den Werkstattmechanikern als störend, ja schockierend empfunden wird.

2.5.3 Kulturelles wirkt allerdings nicht nur hinsichtlich der präferierten Wahl bestimmter Sprechakte und möglicherweise auch hinsichtlich der Komponenten der Glückensbedingungen für solche Sprechakte; es wirkt vielmehr wohl auch in dem Sinne auf die Gestaltung einschlägiger Textsorten, als bspw. die Amerikaner/Engländer eine so genannte reader-oriented Darstellung bevorzugen, bei der der Sender dem potentiellen Leser mögliche Inferenzen auf dessen Weltwissen im Vorfeld weitgehend ersparen möchte, also etwa sonst zu erschließendes Vorwissen des *supposé*-Bereiches

¹⁹ Vgl. dagegen die davon deutlich abweichende, sprachkulturpolitisch von der Sprecher Mehrheit offenbar so sanktionierte Entscheidung für die Übernahme selbst von Luxusentlehnungen aus dem Englischen im Deutschen – dazu WOTJAK 2006b.

dem Empfänger im wohlgemeinten Vorgriff schon als *Gesagtes/posé* gewissermaßen mundgerecht liefert. Gerade ein solcher leserfreundlicher und einfacher Stil ohne verschachtelte Sätze, etwaige Exkurse und sonstige Abweichungen von einem stringent durchsichtigen Aufbau, wird allerdings bspw. von spanischen Rezipienten solcher (populär)wissenschaftlicher Textsortenexemplare als allzu stark vereinfachend, den Leser ob der Simplizität der Darlegung unterschätzend, ja beleidigend angesehen. Ähnliches dürfte *grosso modo* zumindest auch für geisteswissenschaftliche Texte gelten. Inwieweit sich solche durch FERNÁNDEZ POLO (1999), MONTAÑO-HARMÓN (1991) nachgewiesene Unterschiede in den Rezeptionsgewohnheiten durch konkrete Textanalysen als Nachweis von durch GALTUNG (1983), HINDS (1987) behaupteten unterschiedlichen Wissenschaftsstilen stützen lassen, soll hier als weiterführendes Forschungsdesiderat nur angedeutet werden. Damit ist in keinem Fall auch etwas über die Zweckmäßigkeit bspw. eines so genannten teutonischen Stils gesagt, den ich in unrühmlicher Traditionsverbundenheit hier vorgeführt habe und der sich bspw. durch mangelnde sprachliche Eleganz/ Brillanz vom Gallischen unterscheidet.

3. Unsere bisherigen Darlegungen mit Akzentuierung der kulturellen Aspekte, darunter besonders des soziokulturellen Hintergrundes/ O'kult, dürften bereits die von uns postulierte enge Verwobenheit und große Bedeutung kultureller Sachverhalte für die sozial Interagierenden innerhalb ein und derselben Kommunikations- wie Kulturgemeinschaft als Diasystem kleinerer bis kleinster Teilbereiche verdeutlicht haben. Soziale Interaktion prägt bestimmte kulturelle Verhaltensnormen und kommunikativ-interaktives Handlungsmusterwissen aus, setzt deren gemeinsamen Besitz (möglichst auch die gemeinsame Akzeptanz und Befolgung dieser Regularien) aber zugleich ebenso voraus wie eine möglich große Deckungsbreite hinsichtlich der Bewertung von Sachverhalten, seien diese nun im engeren Sinne kulturelle oder auch nicht.

Der prägende kulturelle Einfluss dürfte nach unserer Überzeugung wohl bspw. dort besonders stark sein, wo das konkrete Interagieren der Menschen, deren Motivation, Ideale, Wertvorstellungen/Einstellungen, etc. im Mittelpunkt des erkennend-mitteilenden Interesses stehen, also im weiteren Sinne die *Science de l'homme*, die Menschenwissenschaften betroffen sind (darunter Soziologie, Politologie, Philosophie, Linguistik, aber auch Biologie, Medizin), weniger jedoch bei naturwissenschaftlichen

Weltwissenskonzepualisierungen, wie etwa in der Chemie, Physik, Mathematik, Logik, etc. Das sehr breite und im Hinblick auf den kulturellen Teil von enzyklopädischen Weltwissensrepräsentationen letztlich entscheidende soziokulturelle Hintergrundwissen/ interkulturelle Differential umfasst aber bspw. auch technologisches Wissen, dessen Gefälle wiederum zur Ausprägung von Dominanzen hinsichtlich präferierter Übersetzungsrichtungen (bspw. aus dem Englischen in andere Sprachen und kaum umgekehrt) oder selbst Sprachverwendung (Englisch als *lingua franca*) führen dürfte. Daneben sei aber auch auf kulturelles Wissen im Sinne von Besitz an Kenntnissen über Werke der Hochkultur, die Produktion solcher kultureller Produkte, aber auch von Institutionen von Bildung und Kultur verwiesen.

3.1 Zugleich müsste aber auch zumindest bereits ansatzweise deutlich geworden sein, dass Kulturelles nicht nur als O'kult und Teil des enzyklopädischen Weltwissens Kognitives prägt, sondern dabei auch – über die enge Interrelation und Interaktion von Kultur – Kognition und Sprache – auch die Sprache als System und als Verwendung sowie die Sprecher in deren Textproduktion und -rezeption beeinflusst. Da Wissen generell, also bspw. auch als O'komm/ O'ling, letztlich intersubjektiv ausschließlich über Versprachlicht-Textuelles validierbar erscheint, scheint es ein legitimes Unterfangen, Kulturdivergenz (wie durch diese erzeugte abweichende Konzeputalisierungen mehr oder minder komplexer Sachverhalte) über eine detaillierte Beobachtung von Texten/Diskursen dingfest zu machen. Dabei wollen wir Kulturelles ebenso wenig wie Kognitives in direkter Weise mit Sprachlichem identifizieren, worauf ja u. a. auch der Umstand hinzuweisen scheint, dass einer LE offenbar in unterschiedlichen Kulturgemeinschaften (vgl. 13) abweichende oder zumindest abweichend konnotierte Sememe.

- (13) Vgl. philosophische Bezeichnungen wie *Freiheit* in der DDR bzw. BRD, aber auch *rot* oder *kommunistisch*; aber auch in den Ländern Lateinamerikas und Spaniens – vgl. etwa das in LA verbreitet tabuisierte Verb *coger*.

3.2 Welche Schlussfolgerungen ergeben sich aus den bisherigen Ausführungen für das Übersetzen, bei dem ja notweniger Weise Sprach- wie Kulturbarrrieren überwunden werden bzw. ein Ausweg aus nachstehendem Dilemma gefunden werden muss? Dieses Dilemma manifestiert sich darin, dass sich normalerweise die

Verstehensvoraussetzungen entweder von Sender/Autor des T_{AS} und Translator nicht, wohl aber die von AS-Sender und ZS-Rezipienten als Fachexperten weitgehend decken – von den hier thematisierten soziokulturellen Aspekten einmal abgesehen, d.h. auf eingeschränkte, strikt naturwissenschaftliche Textsortenexemplare bezogen – bzw. umgekehrt die Verstehensvoraussetzungen von AS-Sender und Translator weitgehend übereinstimmen (die entsprechende landeskundlich-historisch-literarische AS-Kultur-Kompetenz vorausgesetzt bzw. über Recherche erworben), letzterer aber sich mehr oder weniger divergierenden, weil in hohem Maße soziokulturell geprägten Verstehensvoraussetzungen der ZS-Rezipienten gegenüber sieht, die er zu kompensieren bestrebt sein muss.

Dabei kann davon ausgegangen werden, dass das soziokulturelle Hintergrundwissen prinzipiell mehr Divergenzen als Konvergenzen erwarten lässt, wofür komplexe historische, soziopolitische, ideologische, sozioökonomische, juristische, moralisch-ethische, aber auch völkerpsychologisch-mentalitätsmäßige Beweggründe angeführt werden können. Selbst über Jahrhunderte bestehende regelmäßige Austauschbeziehungen (so zwischen Frankreich und Deutschland; Spanien und Portugal bzw. Frankreich, etc.) dürften dabei kaum hinreichend ausgleichend, homogenisierend gewirkt haben.

3.2.1 Wie bereits im Zusammenhang mit der gemutmaßten unterschiedlichen Präsenz involvierter kultureller Faktoren, bspw. in naturwissenschaftlichen Texten, aufgezeigt, muss eine detailliertere Bestimmung dessen erfolgen, was an Textsorten mit welcher Thematik, mit welchem Kommunikationsgegenstands- bzw. Weltwissensbezug, übersetzt wird. Immerhin hat schon NEUBERT 1968 darauf hingewiesen, dass wir es beim Übersetzen mit mehreren Arten von Textthemenbezug sowie involvierter Pragmatik zu tun haben mit deutlichen Konsequenzen für die bei der Translation notwendig statthabende Brechung der Pragmatik, d.h. Wechsel in einen anderen soziokulturellen wie generell lebensweltlichen Hintergrund. Man kann dabei davon ausgehen, dass die Pragmatik bei zumindest ausgewählten naturwissenschaftlichen Texten, darunter allerdings keinen mit irgendwie geartetem direktem Bezug auf den Menschen und dessen Interaktion (so bei ökonomischen, biologisch-medizinischen,

juristischen, neben historisch-soziologisch-philosophischen Texten), gegen Null tendiert, d.h. die kulturelle Prägung ein absolutes Minimum erreicht²⁰.

Anders, wenn bspw. ein spezifisch AS-Hintergrund gerichteter Text als Original vorliegt bzw. solche spezifischen AS-Hintergrundwissenstatbestände dominierende Charakteristika des Originals darstellen.

Bei NEUBERT 1968 figurieren letztere als eigentlich nicht zu übersetzende Texte, wobei wohl in der Tat nur in sehr speziellen Ausnahmefällen für ein solches Original überhaupt ein Übersetzungsbedarf und/oder Übersetzungsauftrag vorliegen dürfte. Einen weiteren Sonderfall führt bspw. B. SPILLNER 1992 an, etwa die Zeitungsannonce des Wahlgewinners. Hier führt er eine spezielle Textsorte vor, die AS-spezifisch (Frankreich bezogen und damit eine Art Designatsrealie des soziokulturellen Hintergrunds) ist, d.h. für die es mangels Bezeichnungsnotwendigkeit bzw. fehlendem soziokulturellen Usus in der ZS in Deutschland keine vergleichbaren Textsortenexemplare gibt.

Wir haben es bei einem solchen seltenen Fall also mit einer in gewissem Umfang mit den 1:Nullentsprechungen auf der Lexemebene vergleichbaren Situation auf der Verwendungsebene zu tun. Dabei sind für den referierten Sachverhalt allerdings im Unterschied zur Lage bei tatsächlichen Realienlexemen keine Neukonzeptualisierungen notwendig, sondern müsste allenfalls eine geeignete Textpräsentation vorgeschlagen werden, für die der AS-Text eine durchaus geeignete Bezugsgrundlage selbst im Sinne einer so genannten dokumentarischen Übersetzung (NORD 2002) sein könnte. Zudem ist bei einer solchen Textsorte, die durchaus in hohem Maße AS-spezifisch basiert ist, im Unterschied zu den eingangs erwähnten Fällen oder auch konstruierten Fällen²¹ ein Übersetzungsbedarf oder Auftrag durchaus wahrscheinlicher.

Ebenfalls mit einer von Fall zu Fall kaum weniger dominant AS-spezifisch kulturgeprägten Textsorte haben wir es bei literarischen Texten mit AS-Bezug²² zu tun bzw. auch bei feuilletonistischen Texten mit detaillierter Darstellung der AS-spezifischen lebensweltlichen Praxis bzw. mit deutlich vorausgesetztem impliziten AS-

²⁰ Das indes nicht gleich Null ist, weil in diesen Texten immerhin ein bestimmtes technologisch-methodologisches Wissen reflektiert erscheint, das kulturkreisspezifisch geprägt sein kann; vgl. das technologische Wissensdefizit zwischen Amerika/England und weiteren Ländern.

²¹ Wir verweisen in diesem Zusammenhang etwa auf theoretisch relevante, aber praktisch undenkbare Fälle, in denen bspw. gefordert würde, einen hoch spezialisierten Fachtext zur Kernphysik in die Sprache eines neu entdeckten Indianerstammes am Amazonas mit steinzeitlicher Kulturstufe zu übersetzen.

²² *Science fiction* Werke wie auch Romane mit nicht AS-spezifischer Einbettung wären eine hier nicht anzusprechende Ausnahme.

Vorwissen als geteilter Referenzbasis für die Erschließung des Mitverstandenen. Hier treten bei der Übersetzung von im Einzelnen deutlich abweichenden Sachverhalten, Verhaltensweisen, Einstellungen, etc. in AS- und ZS-Kultur mit einer Vielzahl spezieller, keineswegs leicht zu bewältigender Probleme zu tun, für die u. W. die translatologische Forschung bislang noch kein Patentrezept vorweisen kann. Denken wir nur an eine im AS-Text deutlich als deviant markierte Verhaltensweise, die im Hinblick auf die abweichende ZS-Kultur eine angemessene, prototypische Verhaltensweise wäre oder auch umgekehrt. Wie entscheidet sich der Übersetzer hier? Dabei steht er in solchen und zahlreichen weiteren Fällen vor der selbst gefällten oder auch vor der ihm durch die Skoposfestsetzung, den Übersetzungsauftrag, vorgegebenen Entscheidung, bspw. für die ZS-Textproduktion die ZS-Kultur als dominanten Richtwert zu betrachten oder aber bewusst das Risiko einzugehen, dass bei der unvermeidbaren Brechung der Pragmatik²³ so manche im T_{AS} getroffene Aussage und dargelegte normkonforme Verhaltensweise dem ZS-Rezipienten ungewöhnlich, kritikabel, intolerabel vorkommt bzw. sich diesen die im AS-Text enthaltenen Anspielungen erst durch eine umfängliche vertextete Rekonstruktion des fehlenden Verstehenshintergrundes nachvollziehbar werden.

3.2.2 Bislang hat die Translatologie u. E. ungeachtet verstärkter Bemühungen um empirische Analysen (vgl. TOURY 1995) noch nicht im Einzelnen hinreichend erhellen können, welche Strategie der Translator literarischer Texte nun wirklich verfolgen soll, ob er bspw. eine Nachgestaltung der AS-Kultur nicht nur als unvermeidliches Übel, sondern als Desiderat betrachten soll, wohl bewusst der Tatsache, dass damit Anstrengungen seitens des Lesers verlangt werden, sich dieser ihm fremden Kultur zu öffnen. Ein solches translatorisches Credo würde ihm die Entscheidung von Fall zu Fall leichter machen, stünde aber im Gegensatz zu anderen literarisch-kulturtheoretischen Vorgaben und richtet sich zudem diametral gegen das bspw. für die Übersetzung von Fachtexten, insbesondere aber von technischen Gebrauchstexten wie etwa Gebrauchs/Bedienungsanleitungen oder auch Beipackzettel, nachdrücklich und kompromisslos geforderte, möglichst totale Anpassen an die Konventionen der ZS. Im Sinne einer konsequent skopozentrierten funktionalen Übersetzungstheorie (vgl. besonders VERMEER 1996) sollte die ZS-Version sich faktisch in nichts von einem ohne

²³ Ihre ZS-Kultur können die ZS-Rezipienten nicht ablegen noch die ersatzweise AS-Kultur anziehen oder

Rekurs auf eine AS-Informationsvorlage, ein Informationsangebot, produzierten ZS-Text unterscheiden. Allerdings muss man sich in diesem Zusammenhang fragen, ob eine solche Vorgehensweise bei deutlicher AS-Kultur gerichteten Texten, wie etwa auch den literarischen, überhaupt machbar oder sinnvoll wäre, ginge dabei doch eine ganz entscheidende Zweckbestimmung/Funktion solcher Texte verloren. Dabei schiene es im Prinzip ein interessantes Gedankenexperiment, dass bspw. die gesamte, in den AS-Hintergrund eingebettete Handlung, einschließlich deren konkreter Lokalisierung, also im Text referierten geographisch-klimatischen Umfeldbedingungen, samt und sonders in einen ZS-Hintergrund verpflanzt würde. Immerhin würde dies enorme Veränderungen erfordern und möglicherweise dort an Grenzen stoßen, wo etwa klimatische Bedingungen kommunikativ relevant und selbsterklärend für das Verständnis des Handlungsverlaufes und/oder das Verhalten von Personen sind²⁴.

Theoretisch würde so eine AS-Diskurswelt *in toto* oder auch nur in Teilen komplett durch eine ZS-Lebens- und Diskurswelt ersetzt. Würde damit aber nicht das von uns nach wie vor als konstitutiv betrachtete Prinzip der weitestgehenden Aufrechterhaltung der kommunikativen Äquivalenz über Bord geworfen? Schiene eine solche Vorgehensweise durch eine wünschenswerte Hypostasierung der ZS-Kultur als Referenzpunkt für adäquates translatorisches Handeln gerechtfertigt? Übersetzen verbleibt für uns – bei aller Beachtung der kommunikativen Akzeptabilität, der Angemessenheit im Hinblick auf den sprachlichen USUS, die Bezeichnungs- wie Textsortengestaltungsgepflogenheiten in makro- wie mikrostruktureller Hinsicht – immer eine semantisch-referentiell wie konnotativ der AS-Botschaft verpflichtete Tätigkeit in dem Sinne, dass ein dem kommunikativen Sinn, dem intendierten bzw. realisierten kommunikativen Effekt des T_{AS} weitgehend deckungsgleicher, kommunikativ äquivalenter T_{ZS} produziert werden sollte, der zudem auch den entsprechenden ZS-Textsortennormen gerecht wird und übliche Bezeichnungsstereotype (vgl. 14 a und b) berücksichtigt.

- (14) a) *craint la pluie* gegenüber *ne pas exposer à l'humidité; défense de fumer (et de cracher)*; *hay perro* – *Vorsicht vor dem Hunde*; *aquí se da pie todavía* – *hier kann man noch stehen*; Verkehrsschild "Bauarbeiten" – in Spanien "Obras" – in Kuba "Hombres trabajando"; *no pisar el césped*; an Türen *empuje/tire*; *è pericoloso sporgersi* –

auch nur überziehen wie einen Mantel.

²⁴ Wenn jemanden bspw. die ständige Sonne ausdörft und er sich nach Regen sehnt; hier wäre dies gegebenenfalls dahingehend zu transponieren, dass jemanden der ständige Regen auf die Nerven geht und er sich nach der Sonne sehnt.

Hinauslehnen verboten!; señores viajeros al tren – bitte einsteigen! Betteln und Hausieren verboten, etc.

b) lexikalisch in Komposita manifestierte Konzeptualisierungsunterschiede innersprachlich/interlingual:

danger de mort/peligro de muerte – Lebensgefahr; Schraubenzieher → Schraubendreher; Zollstock → Metermaß → Gliedmaßenmaßstab; Oficina de objetos perdidos – Bureau des objets trouvés/Fundbüro; Mi tía se fue muy adentro al mar y le costó volver a la costa, etc..

Dass dabei realiter wohl nie eine wirklich hundertprozentige Deckungsgleichheit in jeder Hinsicht möglich ist, ist einleuchtend; es kann also in der Regel nur darum gehen, einen ZS-Text zu produzieren, der möglichst weitgehend deckungsgleich ist, wobei der Grad an Äquivalenz²⁵ nicht leicht zu bestimmen und vor allem der Punkt, bei dem die Heterovalenz an Übergewicht gewinnt, sehr schwer feststellbar ist. Uns scheint aber theoretisch wie praktisch klar, dass bei funktionsvarianter Übersetzung zumeist ein heterovalenter Text produziert wird, dem wir die Qualität einer Übersetzung absprechen und von ihm als einer Adaptation sprechen würden²⁶. Wir sind uns bewusst, dass wir uns damit im Widerspruch zur vorherrschenden Meinung befinden, dass auch solche Übertragungen als Übersetzungen im weiteren Sinne zu bezeichnen wären. Selbst wenn in einem terminologisch stringenten Sinne dann besser nicht von Übersetzung gesprochen werden sollte, so wäre ein solcher Auftrag dennoch dem Arbeitsprofil von Übersetzern zuzurechnen und in der Praxis nicht unüblich. In eine letztlich ähnliche Richtung zielen Auffassungen, dass alle die ZS-Texte als Übersetzungen zu betrachten seien, die aus einer Übertragung aus einem AS-Text entstanden seien, ungeachtet einer Überprüfung, ob zumindest ein Mindestmaß an äquivalenten Textteilen nachgewiesen werden kann und ob bspw. das Gemeinte weitgehend realisiert wird.

4. Resümierend möchten wir festhalten:

4.1 Übersetzen ist eine eminent kognitive Tätigkeit, wobei zwischen Kognition und Kommunikation nicht nur kein Gegensatz, sondern vielmehr eine unauflösbare Einheit besteht.

4.2 Beim Übersetzen muss davon ausgegangen werden, dass sowohl Kognition wie auch Kommunikation und darunter besonders Sprache in mannigfacher Weise kulturgeprägt bzw. mit Kulturellem verbunden sind.

²⁵ Was nicht Identität, sondern Gleichwertigkeit bedeutet; Näheres dazu vor allem in WOTJAK 1995, 1997a; 2003, 2007.

²⁶ Mit Nutzen sollten dazu die subtilen Ausführungen von M. SCHREIBER 1993 eingesehen werden.

4.3 Nach übereinstimmender Meinung dürfte stets ein mehr oder minder großes Differential zwischen den soziokulturellen, lebensweltlichen Umfeldbedingungen der Menschen in geographisch-klimatisch wie historisch-politisch-ökonomisch-ideologisch spezifisch geprägten realen wie mentalen Räumen nachweisbar sein. Dieses soziokulturelle Differential als umfassend-generische Größe manifestiert sich direkt als (para-, aber auch als dia-) kulturelles Wissen O'kult anteilig eingespeichert in den lexikalischen Bedeutungen ausgewählter lexikalischer Indikatoren (hervorstechendes Beispiel die Realienlexeme), aber auch in geteilten kulturgeprägten Weltwissensrepräsentationen (Szenen, Szenarien, kulturellen Räumen/Schemata, etc.), als Handlungsmusterwissen wie Verhaltensstereotypkenntnis, wobei mehr oder minder umfängliche und komplexe Sachverhaltswissenszusammenhänge als Hintergrundwissen über LE-Bedeutungen indiziert bzw. induziert (dazu FILLMORE 1985/86; WOTJAK 1991a; 2006a) wird.

4.4 Kulturelles manifestiert sich darüber hinaus aber auch in Präferenzen für die Selektion, Anordnung und Kombination von sprachlichen Systemelementen lexikalischer wie morphosyntaktischer Art zu Textsortenexemplaren unter Beachtung kulturgeprägter Bevorzugung bestimmter Sprechakte und Kommunikationsstrategien, aber bspw. auch für die Anordnung von Informationsblöcken, die Proportion von Explizitem/ Gesagtem und Implizitem/Mitverstandenen, von sprachlichen und weiteren semiotischen Mitteln im Text sowie von bestimmten Präsentationsformen von Wissen im Sinne von *writer* bzw. *reader-responsiver* Schreibweise.

4.5 Beim Übersetzen kommt als übergeordnetes Regulativ das jeweilige translatorische Credo zum Tragen, das dem Translator als Richtschnur für sein translatorisches Handeln dient. Dabei besitzt für das Übersetzen zweifellos die in der Leipziger Schule nur allzu generisch behandelte bzw. weitgehend übergangene Skoposvorgabe durch den Auftraggeber ein besonderes Gewicht, nimmt sie dem Translator im günstigsten Fall doch die Qual der Wahl ab hinsichtlich der Verpflichtung zur Treue/Loyalität gegenüber dem Original, d.h. zur Erzeugung eines kommunikativ äquivalenten ZS-Textes bzw. auch zur Produktion eines heterovalenten ZS-Textes im Ergebnis einer ausdrücklich erbetenen funktionsvarianten Übertragung.

Dabei hat der Translator unseres Erachtens bei geforderter, aber auch bei nicht ausdrücklich untersagter funktionskonstanter Übertragung (die u. E. in der Übersetzungspraxis dominant ist) die Pflicht zur Anfertigung einer der AS-Textwelt

weitgehend kommunikativ äquivalenten ZS-Textwelt, was angesichts des Vorhandenseins von Divergenzen in den Verstehensvoraussetzungen zwischen T_{AS}- und T_{ZS}-Adressaten vom Translator mannigfaltige Anstrengungen zur Kompensation ermittelter/ gemutmaßter Verstehensdefizite hinsichtlich einer vollen Sinnerfüllung voraussetzt.

4.6 Unter Berücksichtigung des soziokulturellen Differentials erfordert die Übersetzung eines spezifisch AS-gerichteten Originals eine besonders hohe translatorische Meisterschaft, naturwissenschaftlich-mathematische Texte dagegen erweisen sich als deutlich weniger kulturgeprägt divergierend, weil bspw. diakulturell kulturkreisübergreifend weitgehend übereinstimmend. Hier verfügen bei fachinterner Expertenkommunikation AS- wie ZS-Rezipienten über annähernd gleiche Verstehensvoraussetzungen, während diese beim Translator dagegen mitunter fehlen und erst mittels Recherche erworben werden müssen. Auch in diesen Texten spielt die Beachtung der kommunikativen Angemessenheit eine große Rolle.

4.7 Wiewohl auch die literarische Übersetzung gewissen Textsortenkonventionen verpflichtet sein dürfte, ist deren Verbindlichkeit deutlich geringer und die Gestaltungsmöglichkeit letztlich unbeschränkt frei. Zudem ist der Translator hier im Allgemeinen gehalten, sowohl den Stil und die Gedanken als auch die Empfindungswelt des Autors und der handelnden Personen möglichst getreu in die ZS zu transponieren/ *traducere navem*²⁷. Die durch den Übersetzer zu beachtende kommunikative Äquivalenz und kommunikative Angemessenheit schließen einander nicht aus, sondern ergänzen einander, wobei je nach Textsorte und Festlegung der dominanten Übersetzungsstrategie (instrumentell oder dokumentarisch) die Angemessenheit gegenüber der u. E. deutlich dominierenden kommunikativen Äquivalenz einen größeren oder kleineren Raum einnimmt.

Insbesondere technische Gebrauchstexte, wie Bedienungsanleitungen für Autos, Staubsauger, etc. oder auch Beipackzettel für Arzneien (KULOW 1999) sollen sich lesen wie ZS-Originaltexte und den dafür gültigen makro- wie mikrostrukturellen Textsortenformulierungsregeln gerecht werden, was die Paralleltextanalyse noch wertvoller erscheinen lässt und bis hin zur Einfügung von zusätzlichen Teiltextrn bzw.

²⁷ Zur Problematik, die mit den unterschiedlichen (metaphorischen) Bestimmungen des Übersetzens als zweisprachig vermittelte Kommunikation, als Kulturtransfer, als Brückenbau (HÖNIG 1995), als Übersetzen an andere Ufer (Grimm), Umkodierung (KADE 1968), etc. verknüpft sind – vgl. u. a. C. MARTÍN DE LEÓN 2005.

zu deren Eliminierung führen kann im Einklang mit den gesetzgeberischen Vorschriften, die bspw. zwischen Deutschland und Frankreich signifikant abweichen.

4.8 Übersetzen führt als kreative ZS-Textgestaltung unter Beachtung der AS-Textwelt und Verstehensvoraussetzungen der ZS-Rezipienten sowie der gegebenen Textproduktions- wie –rezeptionsbedingungen selbst bei weitgehender Einlösung des Anspruchs auf Treue bzw. Loyalität keineswegs automatisch zu nur einer optimalen Version. Vielmehr entstehen auch bei identischer Skopossetzung in der Regel verschiedene, untereinander mannigfaltig abweichende und dennoch gleichermaßen als optimal zu bezeichnende Translate. Das allerdings bedeutet keinen Freibrief, keinen Verzicht auf eine möglichst gelungene Äquivalentfindung. Immerhin muss beachtet werden, dass u. U. semantisch - denotativ wie konnotativ völlig korrekte Übersetzungsäquivalente durchaus nicht auch als tatsächliche Entsprechungen fungieren, weil sie eben nicht kommunikativ angemessen sind, dem vorherrschenden Usus der ZS nicht entsprechen (vgl. die unter 14a erwähnten Beispiele). Der Translator ist eben gehalten, nicht nur das Gesagte zu beachten, sondern es auch gemäß den Konventionen der ZS zu formulieren, d.h. gegebenenfalls auf formelhafte Ausdrücke zu rekurren. Außerdem muss er versuchen, das Mitverstandene als Teil der Mitteilung und AS-Diskurswelt vor dem Hintergrund abweichender Vorwissenstatbestände der ZS-Rezipienten zu bewahren, was ihn bspw. zu Vertextungen veranlasst, wodurch die Relation von Explizitem und Implizitem verschoben wird. Schließlich muss der Translator zu gewährleisten versuchen, dass die Kommunikationsabsicht wie der übergeordnete Handlungszweck des AS-Diskurses im ZS-Diskurs gewahrt werden, von sonstigen Aspekten wie der Wahrung der Stilebene/ Stilfärbung, etc. ganz abgesehen.

4.9 Dass die Übersetzungen ungeachtet weit reichender Beachtung von Akzeptabilität/ Ususangemessenheit in der Regel eine eigene Textsorte *sui generis* in der ZS konstituieren, ist bereits von verschiedener Seite herausgestellt worden. Dass sie als Brückenschläge nicht zuletzt auch der dank der über diese Brücken transportierten Ausgangskulturwissenskomponenten auch zur Ausweitung des Fremdkulturwissens beitragen und damit diesbezügliche Vorwissensdefizite erfolgreich auszugleichen ermöglichen, hat positive Konsequenzen für nachfolgende Übersetzungsaktivitäten, die auf diesem übermittelten AS-Kulturwissen in der ZS-Gemeinschaft aufbauen können. *Transferre necesse est* – und dies nicht nur aus unmittelbar ökonomischen oder kulturellen Zwängen, sondern letztlich auch, weil nur so zu einer in der

zusammenwachsenden Welt dringend wünschenswerten umfassenderen Verständigung über Kultur- und Sprachgrenzen hinaus beigetragen werden kann.

Literaturverzeichnis:

- BASTIAN, Sabine. *Die Rolle der Präinformation bei der Analyse publizistischer und belletristischer Texte im Französischen und Deutschen*. Diss., Univ. Leipzig. 1974.
- BASTIAN, Sabine: Die Rolle der Präinformation bei der Analyse und Übersetzung von Texten. In: *Übersetzungswissenschaftliche Beiträge*, H.2., Leipzig, Enzyklopädie, 1979, 90-133.
- BIERWISCH, Manfred. Das Organ des Denkens und die Grenzen des Ausdrückbaren. In: *Werkzeug Sprache. Sprachpolitik, Sprachfähigkeit, Sprache und Macht*. (3. Symposium der deutschen Akademien der Wissenschaften). Hildesheim/ Zürich/ New York: Olms, 1999, 57-101.
- BÜHLER, Karl. *Sprachtheorie*. Jena, 1934.
- CAMPOS PLAZA, /ORTEGA ARJONILLA, E. *Panorama de Lingüística y Traductología*. Atrio, Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 2005.
- CARY, Édmond. *La traduction dans le monde*. Genève, 1960.
- CATFORD, John C. *A linguistic theory of translation. An essay in applied linguistics*. London: Oxford University Press, 1965.
- CLYNE, Michael. Cultural differences in the organization of academic texts. In: *Journal of Pragmatics*, N° 11, 1987, 211-247.
- COSERIU, Eugenio. Lo erróneo y lo acertado en la teoría de la traducción. In: *El hombre y su lenguaje: Estudios de teoría y metodología lingüística*, Madrid: Gredos, 1977, 214-239.
- COSERIU, Eugenio. *Einführung in die allgemeine Sprachwissenschaft*. Tübingen: Narr, 1988.
- DUCROT, Oswald. *Dire et ne pas dire. Principes de sémantique linguistique*. Paris: Herman, 1972.
- FERNÁNDEZ POLO, Francisco Javier. *Traducción y retórica contrastiva. A propósito de la traducción de textos de divulgación científica del inglés al español*, Universidade de Santiago de Compostela: Servicio de publicaciones, (=Colección Lucus-Lingua, 6), 1999.
- FILLMORE, Charles J. Frame Semantics and the Nature of Language. In: *Annals of the New York Academy of Science*, 280. New York, 1976, 20-31.

- FLEISCHMANN, Eberhard. Translatorische Kulturkompetenz als Wissensphänomen. In: EMSEL, M. / HELLFAYER, A. (eds.): *Brückenschlag. Beiträge zur Romanistik und Translatologie. Gerd Wotjak zum 60. Geburtstag*. Frankfurt et al.: Peter Lang, 2003, 173-194.
- FRIEDRICH, Wolfgang. *Technik des Übersetzens: Englisch-Deutsch*. München: Hueber, 1977.
- GALTUNG, Johan. Struktur, Kultur und intellektueller Stil. Ein vergleichender Essay über sachsenische, teutonische, gallische und nipponische Wissenschaft. In: *Levithan. Zeitschrift für Sozialwissenschaft*, Nr. 11, 1983, 303-338.
- GERZYMISCH-ARBOGAST, Heidrun. Contrastive scientific and technical register as a translation problem. In: Susan WRIGHT/Leonard WRIGHT (eds.): *Scientific and technical translation*. Amsterdam/ Philadelphia, Benjamins, 1993, 21-51.
- GERZYMISCH-ARBOGAST, Heidrun/ MUDERSBACH, Klaus. *Methoden des wissenschaftlichen Übersetzens*. Tübingen: Stauffenburg, 1997.
- GROSSE, Rudolf/NEUBERT, Albrecht. Thesen zur marxistisch-lenenistischen Soziolinguistik. In: *Beiträge zur Soziolinguistik*. Leipzig: Enzyklopädie, 1974, 25-46.
- HAUSER, Gerlind. Ein Kulturmodell für Translatoren. In: SCHMITT, Peter A./JÜNGST, Heike (eds.): *Translationsqualität*. Peter Lang (Leipziger Studien zur angewandten Linguistik und Translatologie, 5) auf der beigefügten CD, 2007.
- HINDS, John. Reader versus writer responsibility: a new typology. In Ulla CONNOR & Richard KAPLAN (eds.): *Writing across languages: Analyses of L2 text*, Reading (Mass.), 1987, 141-152.
- HÖNIG, Hans. *Konstruktives Übersetzen*. Tübingen: Stauffenburg, 1995.
- HOLTZ-MÄNTTÄRI, Justa. *Translatorisches Handeln. Theorie und Methode. Annales Academiae Scientiarum Fennicae B 226*. Helsinki: Suomalainen Tiedekatemia, 1984.
- HURTADO ALBIR, Amparo. *Traducción y Traductología. Introducción a la Traductología*. Madrid: Cátedra, 2001.
- JÄGER, Gert. *Translation und Translationslinguistik*. Halle: Bibliographisches Institut, 1975.
- JÄGER, Gert/MÜLLER, Dietrich. Kommunikative und maximale Äquivalenz. In: *Übersetzungswissenschaftliche Beiträge*, V. Leipzig, Enzyklopädie, 1982, 42-57.

- JÄGER, Gert. Die sprachliche Bedeutung – das zentrale Problem bei der Translation und ihrer wissenschaftlichen Beschreibung. In: *Übersetzungswissenschaftliche Beiträge IX*. Leipzig: Verlag Enzyklopädie, 1986, 5-66.
- JUNG, Linus. *La Escuela Traductológica de Leipzig*. Granada: Ediciones Colmares, 2000.
- KADE, Otto. *Zufall und Gesetzmäßigkeit in der Übersetzung. Beiheft I zu Fremdsprachen*. Leipzig: Enzyklopädie, 1968.
- KADE, Otto. Das Problem der Übersetzbarkeit aus der Sicht der marxistisch-leninistischen Erkenntnistheorie. In: *Linguistische Arbeiten/LAB 4*. Leipzig, 1971, 13-28.
- KLAUS, Georg. *Die Macht des Wortes*. Berlin, 1964.
- KOLLER, Werner. *Einführung in die Übersetzungswissenschaft*. Heidelberg: Quelle.⁴1992.
- KRINGS, Hans-Peter. *Was in den Köpfen von Übersetzern vorgeht. Eine empirische Untersuchung zur Struktur des Übersetzungsprozesses an fortgeschrittenen Französischlernern*. Tübingen: Narr, 1986.
- KULOW, Gesine. *Zu einem Vergleich ausgewählter medizinischer Texte am Beispiel von Packungsbeilagen für Medikamente Französisch-Deutsch*. Diplomarbeit am Institut für Angewandte Linguistik und Translatologie der Universität Leipzig, 1999.
- LEDERER, Marianne. *La traduction aujourd'hui. Le modèle interprétatif*. Paris: Minard, 1994.
- LEFEVERE, André. *Traducción, reescritura y la manipulación del canon literario*. Salamanca: Ediciones Colegio de España, 1996.
- LERCH, Eugen. *Französische Sprache und Wesensart*. Frankfurt a. M.: Verlag Moritz Diesterweg, 1933.
- LORENZ, Wolfgang/WOTJAK, Gerd. *Zum Verhältnis von Abbild und Bedeutung*. Berlin: Akademie-Verlag, 1977.
- MALBLANC, Albert. *Stylistique comparée du français et de l'allemand*. Paris. 1968.
- MARTÍN DE LEÓN, Celia. *Contenedores, recorridos y metas. Metáforas en la traductología funcionalista*. Frankfurt et al.: Peter Lang (Reihe "Studien zur romanischen Sprachwissenschaft und interkulturellen Kommunikation", vol. 24), 2005.
- MARTÍN MORILLAS, J. M. / PÉREZ RULL, J. C. *Semántica cognitiva intercultural*. Granada: Univ. (serie Granada Lingvistica), 1998.

- MONTAÑO-HARMON, Miguel R. Discourse features of written Mexican Spanish: Current research in contrastive rhetoric and its implications. In: *Hispania* 74, 1991, 417-425.
- MOUNIN, George. *Les problèmes théoriques de la traduction*. Paris, 1963.
- NEUBERT, Albrecht. Pragmatische Aspekte der Übersetzung. In: *Fremdsprachen*, Beiheft II. Leipzig: Enzyklopädie, 1968, 21-33.
- NEUBERT, Albrecht. *Text and Translation, Übersetzungswissenschaftliche Beiträge* 8. Leipzig: Enzyklopädie, 1985
- NEUBERT, A. / SHREVE, G. M. *Translation as Text. Kent Studies in Translation* 1. Kent, Ohio, London, 1992.
- NIDA, Eugene A. *Toward a Theory of Translating*. Leiden: E. J. Brill, 1964.
- NORD, Britta. *Eine empirische Studie zum Rechercheverhalten professioneller Übersetzer*. Frankfurt et al.: Peter Lang, 2002.
- NORD, Christiane. *Textanalyse und Übersetzen*. Heidelberg: Groos, 1988.
- NORD, Christiane. *Kommunikativ handeln auf Spanisch und Deutsch. Übersetzungsorientierte komparative Stilistik*. Wilhelmsfeld: Gottfried Egert Verlag, 2002a.
- NORD, C. *Fertigkeit Übersetzen*. Alicante: Editorial Club universitario, 2002b.
- OKSAAR, Els. *Kulturemtheorie. Ein Beitrag zur Sprachverwendungsforschung*. Hamburg, Burske, 1988.
- ORTEGA ARJONILLA, Emilio. *Apuntes para una teoría hermenéutica de la traducción*. Universidad de Málaga: Colección Estudios y Ensayos. 1996.
- ORTEGA ARJONILLA, Emilio. Filosofía, traducción y cultura. In: Román ÁLVAREZ (ed.): *Cartografía de la traducción. Del post-estructuralismo al multiculturalismo*. Salamanca: Ediciones Almar. Biblioteca de la Traducción, 2001, 177-214.
- ORTEGA ARJONILLA, Emilio. La traducción como actividad mediada culturalmente: revisión crítica de la tesis de la indeterminación de la traducción de Quine. In: GARCÍA Marcos, P. et alii (eds.). *Traducción, cultura e inmigración. Reflexiones interdisciplinares*. Granada: Atrio, 2004, 61-76.
- REIß, Katharina. *Möglichkeiten und Grenzen der Übersetzungskritik: Kategorien und Kriterien für eine sachgerechte Beurteilung von Übersetzungen*. München: Hueber, 1971.
- REIß, Katharina & VERMEER, Hans J. *Fundamentos para una teoría funcional de la traducción*. Madrid: Akal, 1996.

- RISKU, Hanna. *Translatorische Kompetenz*. Tübingen: Stauffenburg, 1998.
- SÁEZ HERMOSILLA, Teodoro. *El sentido de la traducción: reflexión y crítica*. Univ. de León: Secretariado de Publicaciones, Universidad de Salamanca. 1994.
- SALEVSKY, Heidemarie. *Translationswissenschaft. Ein Kompendium*. vol.1. Frankfurt et al.: Peter Lang, 2002.
- SCHMITT, Peter A. *Translation und Technik*. Tübingen: Stauffenburg, 1999.
- SCHREIBER, M. *Übersetzung und Bearbeitung: Differenzierung und Abgrenzung des Übersetzungsbegriffes*. Tübingen: Narr, 1993.
- SELESKOVITCH, Danica/ Lederer, Marianne. *Interpréter pour traduire. Col. Traductologie*, 1. Paris: Didier Érudition, 1984.
- SIEVER, Holger. *Übersetzen und Interpretation. Die Herausbildung der Übersetzungswissenschaft als eigenständige Disziplin im deutschen Sprachraum von 1960 bis 2000*. Habilitationsschrift eingereicht an der Universität Leipzig (Ms.), 2008.
- SNELL-HORNBY, Mary. *Translation Studies - An integrated approach*. Amsterdam / Philadelphia: Benjamins, 1988.
- SNELL-HORNBY, M. / PÖCHHACKER, F. / KAINDL, F. (eds.). *Translation Studies: An Interdiscipline*. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 1994.
- SNELL-HORNBY, M. / HÖNIG, H. / KUBMAUL, P. / SCHMITT, P.A. (eds.) *Handbuch der Translation*. Tübingen: Stauffenburg, 1998.
- SPILLNER, Bernd. Probleme des deutsch-französischen Sprachvergleichs im Hinblick auf die Landeskunde. In: *französisch heute*, 23. Jahrgang, no. 2, 1992, 388-397.
- SPILLNER, B. Terminologie et connotations. In: CANDEL, D. (ed.) *Français scientifique et technique et dictionnaire de langue*. Paris, 1994, 53-62.
- STEDJE, Astrit. Beherztes Eingreifen oder ungebetenes Sich-Einmischen. Kontrastive Studien zu einer ethnolinguistischen Phraseologieforschung. In: GRÉCIANO, G. (ed.): *Europhras 88. Phraséologie contrastive*. Strasbourg: Université (=Collection Recherches Germaniques, 2), 1989, 441-452.
- TOURY, Gideon. *Descriptive Translation Studies – and beyond*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.
- VERMEER, Hans J. *A skopos theory of translation. (Some arguments for and against)*. Heidelberg: Groos, 1996.
- VIDAL CLARAMONTE, Carmen A. *Traducción, manipulación, deconstrucción*. Salamanca: Ediciones Colegio de España, 1995.

- VIDAL CLARAMONTE, Carmen A. *El futuro de la traducción. Últimas teorías, nuevas aplicaciones*. Valencia: Institució Alfons el Magnànim, 1998.
- WANDRUSZKA, M. *Sprachen vergleichbar und unvergleichlich*. München: Piper, 1969.
- WEISGERBER, L. *Vom Weltbild der deutschen Sprache*. Düsseldorf: Schwann, 1950.
- WITTE, Heidrun. *Die Kulturkompetenz des Translators. Begriffliche Grundlegung und Didaktisierung*. Tübingen: Stauffenburg, 2000.
- WOTJAK, Gerd. Illokution und Perlokution in translationslinguistischer Sicht. In: *Leipziger Arbeitsberichte*. 47. Leipzig, 1985, 38 - 48.
- WOTJAK, Gerd. Zu den Interrelationen von Bedeutung, Mitteilungsgehalt, kommunikativem Sinn und kommunikativem Wert. In: *Übersetzungswissenschaftliche Beiträge*, IX. Leipzig, 1986, 67 - 127.
- WOTJAK, Gerd. Kommunikatives Wissen in interlingualer und interkultureller Sicht. In: *ZPSK*, vol. 44, 1 (1991). Berlin, 1991a, 111 - 125.
- WOTJAK, Gerd. Zum kommunikativen Potential lexikalischer Einheiten. In: *Deutsch als Fremdsprache*, H. 1, Leipzig, 1991b, 3 - 10.
- WOTJAK, Gerd. Interkulturelles Wissen und Übersetzen. In: *Revista de Filología Germánica* no. 1. Madrid: Universidad Complutense, 1993a, 181-196.
- WOTJAK, Gerd. Interkulturelles Wissen und Sprachvergleich. In: G. ROVERE/ G. WOTJAK (Hgg.): *Studien zum romanisch-deutschen Sprachvergleich*. Tübingen (Linguistische Arbeiten 297), 1993b, 55-68.
- WOTJAK, Gerd. Soziokulturelles in der kubanischen Umgangssprache. In: *Ibero Americana* 54, Nr. 2. 18. Jg. Frankfurt: Peter Lang, 1994, 16-35.
- WOTJAK, Gerd. Equivalencia semántica, equivalencia comunicativa y equivalencia transléfica. In: *Hieronymus*, No. 1. Madrid (Universidad Complutense), 1995, 93-112.
- WOTJAK, Gerd. Äquivalenz und kein Ende? Nochmals zur semantischen und kommunikativen/ translatorischen Äquivalenz. In: G. WOTJAK/ H. SCHMIDT (Hgg.) *Modelle der Translation/ Models of Translation. Festschrift zum 65. Geburtstag von Albrecht Neubert*. Frankfurt: Vervuert-Verlag, 1997a, 133-170.
- WOTJAK, Gerd. Bedeutung und Kognition. In: HOINKES, U. /DIETRICH, Wolf (eds.): *Kaleidoskop der lexikalischen Semantik*. Tübingen: Narr (TBL 428), 1997b, 31-62.
- WOTJAK, Gerd. ¿Qué abarca la competencia traslatoria? En: El traductor profesional ante el próximo milenio (Actas de las II Jornadas sobre la formación y profesión del traductor-intérprete, Universidad Europea-CEES, 17.2.-20.2.1999). CD-Rom; <file:///DI/12.htm>. 2001

- WOTJAK, Gerd. Sinngebung, Sinndeutung, kommunikativer Sinn, Funktion und Skopos: Sinniges, Widersinniges und Unsinniges im translatologischen Blätterwald? In: B. NORD/ P.A. SCHMITT (Hgg.) *Traducta Navis. Festschrift zum 60. Geburtstag von Christiane Nord*. Tübingen: Stauffenburg, 2003, 271- 297.
- WOTJAK, Gerd. ¿De qué tipos de conocimientos debería disponer el traductor? In: José Gerardo MARTÍNEZ DEL CASTILLO (ed.): *Eugenio Coseriu in memoriam II*. Granada Lingvistica, Granada, 2005a, 123- 141.
- WOTJAK, Gerd. Le traducteur à la recherche du sens communicatif de l'original. In: J. PEETERS (ed.) *On the Relationships between Translation Theory and Translation Practice*. Frankfurt et al.: Peter Lang (Studien zur romanischen Sprachwissenschaft und interkulturellen Kommunikation, 19), 2005b, 53-78.
- WOTJAK, Gerd. *Las lenguas, ventanas que dan al mundo*. Universidad de Salamanca: Servicio de Publicaciones, 2006a.
- WOTJAK, Gerd. La traducción como comunicación bilingüe transcultural mediada. In: *HIKMA*. 5/2006. Universidad de Córdoba, 2006b, 221-254.
- WOTJAK, Gerd. Loyalität/ Treue im Hinblick worauf? In: *Revista de Filología* 25. Universidad de La Laguna, 2007, 629-639.
- ZYBATOW, Lew. Sprache – Kultur – Translation oder Wieso hat Translation etwas mit Sprache zu tun? In: ZYBATOW, Lew (Hg.): *Translation zwischen Theorie und Praxis. Innsbrucker translationswissenschaftliche Ringvorlesungen I* (= Forum Translationswissenschaft, Bd. I). Frankfurt/Berlin/Bern/Bruxelles/New York/Oxford/Wien: Peter Lang, 2002, 61-82.

Frases célebres do Fausto: um desafio para a tradução

Tinka Reichmann¹

Abstract: The topic of this paper is to analyse the relation between dicta and translation. I will therefore discuss the origin and the main aspects of the German expression “geflügelte Worte”. Afterwards I will present Portuguese translations of some quotations of Goethe’s Faust in order to illustrate their structural and semantic complexity and therefore the special challenge for translation. At the end I will show that those quotations are a frequent rhetorical means of newspapers and advertising and briefly comment possibilities of translation.

Keywords: Faust, Goethe, quotation, dictum, translation

Resumo: Neste trabalho pretendo analisar a relação entre frases célebres e a tradução. Inicialmente discutirei a origem e as particularidades do termo “Geflügelte Worte” em alemão. A seguir apresentarei traduções para o português de frases célebres muito conhecidas do Fausto de Goethe, a fim de ilustrar a complexidade estrutural e semântica das mesmas e, conseqüentemente, o especial desafio que elas representam para a tradução. Ao final, mostrarei que frases célebres alteradas são um recurso estilístico freqüente da linguagem jornalística e publicitária e tecerei alguns breves comentários sobre como lidar com este fenômeno na tradução.

Palavras-chave: Fausto, Goethe, frase célebre, sentença notável, citação, tradução

Zusammenfassung: In diesem Aufsatz wird der Zusammenhang zwischen geflügelten Worten und Übersetzung beleuchtet und die Besonderheiten der geflügelten Worte erläutert. Anschließend werden einige portugiesische Übersetzungen bekannter geflügelter Worte aus Goethes Faust herangezogen, um deren strukturelle und semantische Vielfalt und daher auch die besondere Herausforderung an die Übersetzung zu illustrieren. Zum Schluss wird dargestellt, dass abgeänderte geflügelte Worte ein geläufiges Stilmittel der Journalismus- und Werbesprache sind und kurz aufgezeigt, welche übersetzerischen Lösungen hierfür gefunden werden können.

Stichwörter: Faust, Goethe, geflügelte Worte, Übersetzung

1 Introdução

Já o título deste artigo permite-nos adentrar diretamente ao cerne do tema, pois ele engloba a problemática de encontrar uma tradução satisfatória do termo “geflügelte Worte” em português. Para tanto, faz-se necessário primeiramente descrever este termo, que designa um tipo muito específico de fraseologia na lingüística alemã. Trata-se originariamente de expressões e citações de origem bíblica, literária ou histórica

¹ Professora Doutora da Área de Alemão/FFLCH/ Universidade São Paulo. E-Mail: reichmann@usp.br

conhecidas por uma grande parte dos falantes nativos e que foram incorporadas à língua alemã como fraseologias independentes. O termo foi cunhado pela coletânea mais conhecida de citações alemãs, publicada por Georg BÜCHMANN em 1864. *Geflügelte Worte*, palavras aladas,² é o termo usado na *Odisséia* e na *Ilíada* de Homero (nas traduções alemãs de Friedrich Leopold Graf zu Stolberg e de Johann Heinrich Voß) para designar palavras que voam rapidamente, como se tivessem asas, da boca do falante ao ouvido do interlocutor.³ Büchmann considerou que essa expressão de Homero seria adequada para designar citações corriqueiras e conhecidas e, portanto, complementaria bem o título da coletânea de citações que estava por editar (HOFMANN 2007: VIII).⁴ É importante notar que a coletânea Büchmann não reunia apenas citações de autores conceituados propriamente ditas, mas sim aquelas que são usadas com sentido figurado e independentemente do seu contexto original. Segundo o autor, seriam expressões de autoria conhecida que são usadas de forma corriqueira, à maneira de provérbios.⁵

Hoje em dia, porém, entendem-se por “*geflügelte Worte*” adágios, frases feitas, expressões ou nomes, em qualquer idioma, que sejam conhecidos por grande parte dos falantes de uma nação e cuja origem histórica ou literária seja comprovada. Isso também engloba publicações, títulos de livros, músicas ou filmes, slogans publicitários ou citações de personalidades da atualidade, sempre e quando os falantes tiverem uma “noção de autoria” dessas expressões (cf. HOFMANN 2007: VIII, BURGER 1998: 45 e GARSKY 2008: 109). Neste conjunto são consideradas também palavras individuais (FLEISCHER et al. 2001: 111), como por exemplo “*Gretchenfrage*”.⁶ As “*Geflügelte Worte*”, portanto, estão situadas entre citações propriamente ditas e fraseologias (WIENEN no prelo e FLEISCHER et al. 2001: 111).

² Na tradução da *Ilíada* em português feita por Carlos Alberto Nunes, São Paulo, Ediouro, s. d.

³ “Homer wollte damit nur den unsichtbaren, eiligen Weg des gesprochenen Wortes zum Ohr des Hörenden bildhaft werden lassen.” (RUST/HAUPT 1961: X). Os mesmos autores comentam que “*beschwingte Worte*” poderia haver sido uma melhor tradução para essa expressão (ibid.).

⁴ Título original completo: “*Geflügelte Worte. Der Citatenschatz des Deutschen Volks*” (HOFMANN 2007: VII).

⁵ “‘*Geflügelte Worte*’ nenne ich solche Worte, welche, von nachweisbaren Verfassern ausgegangen, allgemein bekannt geworden sind und allgemein wie Sprichwörter angewendet werden” (BÜCHMANN 1874 apud RUST/HAUPT 1961: XI)

⁶ “Mit diesem Ausdruck bezeichnet man eine unangenehme, oft peinliche und zugleich für eine bestimmte Entscheidung wesentliche Frage in einer schwierigen Situation. Es kann auch die Frage nach jemandes Religion oder politischer Überzeugung gemeint sein. (...) [Die Frage] wird – meist in der leicht abgewandelten Form “*Wie hältst du’s mit der Religion?*” – zitiert, um auf ein wesentliches, entscheidendes, oft heikles Problem hinzuweisen und jemanden zu einer klaren Stellungnahme in der betreffenden Sache aufzufordern. (DUDEN 1993: 187-188). Termo traduzido como “pergunta crucial, pergunta decisiva” no Dicionário Porto Editora (1985).

As expressões geralmente apresentam alguma característica marcante no plano lingüístico (concisão, rima, ritmo etc.) ou no plano do conteúdo (por exemplo, por formular algum pensamento original ou alguma verdade universal ou uma filosofia, semelhante a um aforismo). Tais expressões apresentam uma relação intrínseca com a cultura de uma sociedade e com o momento histórico, tanto é que, por exemplo, os editores do “Grande Büchmann” (nome dado à atualização da obra original) de 1961 decidiram remover citações e provérbios de cunho nacional-socialista (RUST/HAUPT 1961: VII).

Vale ressaltar ainda que o uso de citações e de frases célebres era particularmente freqüente no século XIX quando do processo de construção da identidade cultural após a fundação do Império Alemão. Frases célebres eram ainda citadas muitas vezes com o fim de simular uma formação clássica inexistente naquele que as usava (SELBMANN 2005: 19-21 e HOFMANN 2007: VIII). Atualmente, tais expressões são usadas com muita freqüência como recurso retórico na mídia e na publicidade, incluindo não raro referências a citações e títulos de obras e filmes atuais. Curiosamente, até o próprio nome Büchmann acabou se tornando uma metonímia para designar uma pessoa que cita com freqüência (“ein wandelnder Büchmann” em analogia a “ein wandelndes Lexikon” [um dicionário ambulante]) e inspirou títulos de outras obras como *Der rote Büchmann*, *Unbeflügelte Worte, zugleich Ergänzungen zum Büchmann*, *Der feldgraue Büchmann*, *Wo der Büchmann aufhört* (BÜCHMANN 2007: 455-456).

Um outro aspecto curioso das “geflügelte Worte” são suas transformações e influências recíprocas. A frase célebre do Fausto “Im Anfang war die Tat” encontra a sua inspiração na frase bíblica “Im Anfang war das Wort” (BÜCHMANN 2007: 52) e a frase célebre de Bismarck “Was kannst du armer Teufel geben” é uma alteração da também frase célebre do Fausto “Was willst du armer Teufel geben?” (BÜCHMANN 2007: 132).

Após a descrição acima, nota-se que a expressão “geflügelte Worte” dificilmente encontra uma equivalência plena nas categorias de fraseologias da lingüística portuguesa: frases feitas, ditados, dizeres, anexins, provérbios, adágios, expressões idiomáticas, citações, sentenças – todas encerram conotações e fenômenos lingüísticos um pouco diferentes (cf. RÓNAI 1987: 27 e RÓNAI 1986: VIII-IX). Segundo a primeira definição de Büchmann, a expressão “geflügelte Worte” poderia talvez ser traduzida

como “sentenças notáveis” ou como “frases célebres”. Porém, nenhuma dessas expressões englobam necessariamente as noções de metáfora, expressão idiomática e/ou citação de obras ou personalidades da atualidade, contidas no conceito de “geflügelte Worte”.

Para ilustrar o complexo desafio que a questão das “geflügelte Worte” representa ao tradutor, analisaremos exemplarmente – usando a ocasião também para fazer nossa pequena homenagem ao bicentenário da publicação do primeiro Fausto de Goethe – algumas frases célebres desta obra magna da literatura alemã. Chamaremos a atenção para a complexidade estrutural e semântica de tais frases e as dificuldades de tradução que elas apresentam, bem como para a variedade do uso retórico dessas frases na atual linguagem publicitária e midiática na Alemanha. Antes disso, porém, recapitularemos primeiramente alguns aspectos relevantes para uma devida contextualização da tradução das obras de Goethe, após o que trataremos dos exemplos concretos das frases célebres e de sua tradução.

2 Traduções de obras de Goethe

A tradução exerce um papel fundamental na recepção de obras em outras culturas e no intercâmbio entre as literaturas. Goethe inclusive considerava que a tradução podia dar nova vida a uma obra, depois que esta foi de certa forma desgastada na sua língua original, levando a uma verdadeira metamorfose da obra. Fez tal comentário em relação às traduções de *Hermann e Dorotéia* em latim e do *Fausto* em francês, na tradução de Nerval (BERMAN 1995: 106-107). O contato entre as culturas é considerado um enriquecimento. Goethe vê, por exemplo, no contato com a cultura francesa (considerada antagônica à alemã) do início do séc. XIX uma possibilidade de cada cultura procurar na outra aquilo que lhe falta e que lhe é oposto. Desta maneira, os alemães poderiam aprender com o rigor formal dos franceses e a influência alemã poderia levar os franceses a se libertarem das regras estreitas do classicismo francês (BERMAN 1995: 101).

Diante disso, será útil uma breve apresentação das primeiras traduções de obras de Goethe em inglês e francês, bem como do percurso das traduções do Fausto em português, das quais tiraremos os exemplos para análise.

2.1 Traduções francesas de obras de Goethe

A influência de Goethe na França começou com várias traduções do *Werther*. Entre 1776 e 1797, a obra foi traduzida quinze vezes e tornou-se a leitura preferida de toda uma geração. Em 1800, foi lançada a tradução francesa de *Hermann e Dorotéia* em prosa de Bitaubé. Dois anos mais tarde saíram duas traduções de *Wilhelm Meister*, em 1810 *Afinidades eletivas* e 1823 *Poesia e Verdade*. Mme. de Staël publicou comentários e alguns extratos do Fausto em 1813 e Frédéric-Albert Stapfer publicou as obras dramáticas de J. W. Goethe (4 volumes, 1821-1825) contendo *Götz von Berlichingen*, *Egmont*, *Ifigênia na Táurida*, *Torquato Tasso* e *Fausto*. Paralelamente à tradução de Stapfer, Sainte-Aulaire também lançou sua tradução do *Fausto*, porém é considerada inferior à de Stapfer.⁷ O próprio Goethe acabou dando mais valor à tradução do *Fausto* de Gérard de Nerval de 1828: Disse a Eckermann em 1830 que já não queria mais ler o *Fausto* em alemão e que na tradução francesa tudo lhe parecia novamente cheio de vida, novo e inteligente (HOFFMEISTER 1984: 94).

2.2 Traduções inglesas de obras de Goethe

A influência de Goethe na Inglaterra sucedeu parcialmente através das versões francesas. A obra de Mme. de Staël *De l'Allemagne* (1813) foi publicada em inglês no mesmo ano e teve grande repercussão na Inglaterra. A primeira tradução de uma obra de Goethe para o inglês (*Werther*) foi feita a partir da versão francesa em 1779, depois seguiram outras traduções diretamente a partir do alemão: *Werther* (1786), *Os irmãos* (1792), *Ifigênia na Táurida* (1793), *Clavigo* (1798), *Götz von Berlichingen* (1799), *Hermann e Dorotéia* (1801). Outras obras só foram traduzidas vinte ou trinta anos mais tarde, como uma tradução parcial do primeiro *Fausto* em 1823 e uma tradução completa do *Fausto* em prosa em 1833, *Poesia e Verdade* em 1823 (novamente a partir do francês), *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister* em 1824 etc. (HOFFMEISTER 1984: 56).

2.3 Traduções portuguesas do Fausto

O português Agostinho D'Ornellas foi o primeiro tradutor do *Fausto* para o

⁷ “Der erste Übersetzer, Sainte-Aulaire, der noch mit klassizistischer Befangenheit an den Faust herangegangen war und manche Szene unterdrückt hatte, wurde bald von Albert Stapfer ausgestochen, der sich getreu an das Original gehalten und lyrische Einlagen in französische Verse verwandelt hatte. Goethe hat die Güte dieser Übersetzung mehrfach anerkannt (...)” (HOFFMEISTER 1984: 82).

português: em 1867 traduziu a primeira e em 1873 a segunda parte do *Fausto* (MAZZARI 2007: 18). Sua tradução gerou muita polêmica e foi revisada em 1953 por Paulo Quintela (HOUAISS 2002: 19).⁸ Desde a tradução do *Fausto* de D’Ornellas, iniciou-se, também em Portugal, a recepção de Goethe. Seguiu-lhe Antônio Feliciano de Castilho, também português, que verteu o primeiro *Fausto* em 1872 (em verso) para o português, provavelmente baseando-se em versões francesas.

No Brasil, Gustavo Barroso (pseudônimo: João do Norte) verteu em prosa um texto do Fausto em 1920. Seguiu-se em 1964 a tradução de Antenor Nascentes e José Júlio de Sousa, em prosa e verso. Em 1968, Sílvio Meira publicou uma tradução da primeira parte, com o compromisso de publicar a segunda parte. Jenny Klabin Segall, esposa do famoso pintor Lasar Segall, traduziu a primeira parte em 1943 e a segunda parte até o ano em que morreu, em 1967 (cf. HOUAISS 2002: 18-19). A mais nova tradução do *Fausto* de João Barrento (Portugal) data de 1999.⁹

2.4 Fausto e a tradução

A complexidade do ato tradutório é tematizada pelo próprio Fausto no célebre “monólogo da tradução”, reproduzido a seguir, quando o personagem se propõe verter o Evangelho de S. João para o alemão.

1220	Mich drängt’s, den Grundtext aufzuschlagen,	Almejo abrir o básico texto
1221	Mit redlichem Gefühl einmal	E verter o sagrado Original,
1222	Das heilige Original	Com sentimento reverente e honesto
1223	In mein geliebtes Deutsch zu übertragen.	Em meu amado idioma natal.
1224	Geschrieben steht: “Im Anfang war das Wort”!	Escrito está: “Era no início o Verbo!”
1225	Hier stock’ ich schon! Wer hilft mir weiter fort?	Começo apenas, e já me exacerbo!
1226	Ich kann das Wort so hoch unmöglich schätzen,	Como hei de ao verbo dar tão alto apreço?
1227	Ich muß es anders übersetzen,	De outra interpretação careço;
1228	Wenn ich vom Geiste recht erleuchtet bin.	Se o espírito me deixa esclarecido,
1229	Geschrieben steht: Im Anfang war der Sinn.	Escrito está: No início era o Sentido!
1230	Bedenke wohl die erste Zeile,	Pesa a linha inicial com calma plena,
1231	Daß deine Feder sich nicht übereile!	Não se apressure a tua pena!
1232	Ist es der Sinn, der alles wirkt und schafft?	É o sentido então, que tudo opera e cria?
1233	Es sollte stehn: Im Anfang war die Kraft!	Deverá opor! No início era a Energia!
1234	Doch, auch indem ich dieses niederschreibe,	Mas, já, enquanto assim o retifico,
1235	Schon warnt mich was, daß ich dabei nicht bleibe.	Diz-me algo que tampouco nisso fico.
1236	Mir hilft der Geist! Auf einmal seh’ ich Rat	Do espírito me vale a direção,
1237	Und schreibe getrost: Im Anfang war die Tat!	E escrevo em paz: Era no início a Ação!
		(KLABIN SEGALL 1970: 68)
1220	Mich drängt’s, den Grundtext aufzuschlagen,	Abrir o arquitrato é uma tentação,
1221	Mit redlichem Gefühl einmal	Para, com sentir puro e leal,

⁸ Veja-se o prefácio do tradutor D’Ornellas (2008) com comentários sobre a sua tradução.

⁹ Veja-se também Mazzari (2007: 17-21) para mais comentários sobre as traduções portuguesas do *Fausto*.

1222	Das heilige Original	Verter o sagrado original
1223	In mein geliebtes Deutsch zu übertragen.	No meu tão amado idioma alemão.
1224	Geschrieben steht: “Im Anfang war das Wort”!	« Ao princípio era o <i>Verbo</i> ! », é o que está escrito
1225	Hier stock’ ich schon! Wer hilft mir weiter fort?	Quem me ajuda? Logo aqui hesito!
1226	Ich kann das Wort so hoch unmöglich schätzen,	Tanto não vale o verbo. Não,
1227	Ich muß es anders übersetzen,	Outra vai ter de ser a tradução,
1228	Wenn ich vom Geiste recht erleuchtet bin.	Se bem me inspira o Espírito. Atento
1229	Geschrieben steht: Im Anfang war der Sinn.	E leio: « Ao princípio era o <i>Pensamento</i> . »
1230	Bedenke wohl die erste Zeile,	Esta linha tem de ser bem pensada,
1231	Daß deine Feder sich nicht übereile!	Para que a pena não corra apressada!
1232	Ist es der Sinn, der alles wirkt und schafft?	É o Pensamento que tudo move e cria?
1233	Es sollte stehn: Im Anfang war die Kraft!	Certo é: « Ao princípio era a <i>Energia</i> ! »
1234	Doch, auch indem ich dieses niederschreibe,	Mas agora que esta versão escrevi,
1235	Schon warnt mich was, daß ich dabei nicht bleibe.	Algo me avisa já para não parar aí.
1236	Mir hilft der Geist! Auf einmal seh’ ich Rat	Vale-me o Espírito, já vejo a solução,
1237	Und schreibe getrost: Im Anfang war die Tat!	E escrevo, confiante: « Ao princípio era a <i>Acção</i> ! »
		(BARRENTO 2003: 84)

Estes versos representam as diferentes fases e os processos criativos do ato de traduzir descritos em KUBMAUL (2007: 79): “Präparation”, “Inkubation”, “Illumination” e “Evaluation”. Tais fases não ocorrem numa sequência linear, muito pelo contrário: constituem uma progressão dinâmica com antecipações, ponderações sobre as diferentes opções e alterações de versões anteriores. Neste episódio Fausto faz uma interpretação nova de um trecho do texto sagrado e procura uma primeira tradução intuitiva que critica e descarta em seguida. Depois de várias tentativas, elabora a sua versão final que acaba sendo uma alteração em relação ao original (KUBMAUL 2007: 80).

Também o tradutor Barrento se refere a este episódio do Fausto para descrever e fundamentar os princípios norteadores da sua tradução. Ele parte do princípio da tradutibilidade e acredita nas potencialidades da tradução em geral e da tradução de textos poéticos em especial. Para Barrento, a tradução é um ato carregado de boas intenções, porém com resultados sempre imprevisíveis. Descreve a tradução como “um processo de leitura rigorosa e de escrita aproximativa” (BARRENTO 2003: 21), o que equivale a um ato de interpretação ativa. Tomando como exemplo a palavra “verbo”, Barrento afirma que a palavra poética “nunca se reduz ao mero conceito cristalizado” (ibid: 22) e ressalta que se traduzem palavras e discursos animados em determinados contextos temporais, locais e subjetivos. Ele considera que os quatro conceitos mencionados no monólogo (palavra, sentido, força/energia e ação) são representativos para uma concepção da tradução como um ato criativo (ibid: 23). Tais reflexões são

fundamentais para a análise das diferentes traduções no próximo item.¹⁰

3 Frases célebres do Fausto

Neste item serão apresentadas três frases célebres do *Fausto*, muito presentes na língua alemã, a fim de se ilustrar a riqueza lingüística e semântica das mesmas. As diferentes traduções portuguesas permitem-nos estabelecer uma comparação em termos de micro-estrutura e comentar alguns aspectos da tradução. Importante é notar que não se trata aqui de uma avaliação da qualidade da tradução, pois para tanto seria necessário analisar os aspectos lingüísticos e poéticos na sua totalidade bem como os critérios de invariabilidade estabelecidos por cada tradutor.

3.1 Da steh' ich nun, ich armer Tor

Vejamos algumas traduções dos famosos versos “Da steh' ich nun, ich armer Tor! / Und bin so klug als wie zuvor”, ditos por Fausto na cena “Nacht”, em que o personagem reconhece os limites da sua ciência e alimenta o desejo do saber. O início do verso inclusive faz lembrar a frase de suposta autoria de Lutero “Hier stehe ich! Ich kann nicht anders.” (BÜCHMANN 2007: 424)

354	Hab nun, ach, die Philosophie,	Filosofia, Leis e Medicina,	(D'ORNELLAS
355	Medizin und Juristerei,	Teologia 'té, com pena o digo,	2008: 33)
356	Und leider auch die Theologie	Tudo, tudo estudei com vivo empenho!	
357	Durchaus studiert mit heißer Müh.	E eis-me aqui agora, pobre tolo,	
358	Da steh ich nun, ich armer Tor,	Tão sábio como dantes!	
359	Und bin so klug, als wie zuvor.		
		Ao cabo de escrutar co'o mais ansioso estudo	(CASTILHO
		filosofia, e foro, e medicina, e tudo	1948: 27)
		até a teologia... encontro-me qual dantes;	
		em nada me risquei do rol dos ignorantes.	
		- Tenho estudado até agora, ah! Filosofia,	(NASCENTES
		Jurisprudência, Medicina e por desgraça também	1964: 17)
		Teologia, profundamente e com ardente esforço.	
		Pobre louco, continuo na mesma! E sou tão sábio	
		como dantes;	
		Estudei com ardor tanta Filosofia,	(MEIRA 1968:
		Direito e Medicina,	31)
		E infelizmente até muita Teologia,	
		E tudo investiguei com esforço e disciplina	
		E assim me encontro, eu, qual pobre tolo, agora,	
		Tão sábio e culto quanto acaso fôra outrora!	
		Ai de mim! da filosofia,	(KLABIN

¹⁰ Veja-se também AZENHA (2006 : 53-56) sobre os “modos de traduzir” que Goethe descreveu nas “Notas ao divã”.

Medicina, jurisprudência, E, mísero eu! da teologia, O estudo fiz, com máxima insistência. Pobre simplório, aqui estou E sábio como dantes sou! Aqui estou eu: Filosofia, Medicina e Jurisprudência, E para meu mal até Teologia Estudei a fundo, com paciência. E reconheço, pobre diabo, Que sei o mesmo, ao fim e ao cabo!	SEGALL 1970: 23) (BARRENTO 2003: 50)
---	---

Quanto à forma, nenhuma das traduções acima oferece a concisão do octassílabo de Goethe, que tornam o verso particularmente marcante no alemão. A rima foi reproduzida por Castilho, Meira, Klabin Segall e Barrento. Ressalte-se, porém, a tradução de Barrento, que com o seu decassílabo imita muito bem o ritmo do original.

3.2 Zwei Seelen wohnen, ach! in meiner Brust

Esta frase célebre do Fausto, que demonstra a sua luta interior entre a busca do prazer e a virtude divina, foi traduzida em português das seguintes formas:

1110 Du bist dir nur des einen Triebs bewußt; 1111 O lerne nie den andern kennen! 1112 Zwei Seelen wohnen, ach! in meiner 1113 Brust, 1114 Die eine will sich von der andern trennen; 1115 Die eine hält, in derber Liebeslust, 1116 Sich an die Welt mit klammernden Organen; 1117 Die andre hebt gewaltsam sich vom Dunst Zu den Gefilden hoher Ahnen.	Só duma aspiração tens consciência; Oh, não queiras jamais sentir a outra! Duas almas habitam no meu peito, Uma da outra separar-se anseiam: Uma com órgãos materiais se aferra Amorosa e ardente ao mundo físico; Outra quer insofrida remontar-se De sua excelsa origem às alturas.	(D'ORNELLAS 2008: 56)
	Falas assim porque só tens uma aflição, Não procures jamais as outras desvendar! No meu corpo há duas almas em competição, Anseia cada qual da outra se apartar. Uma rude me arrasta aos prazeres da terra E se apegas a êste mundo, anseios redobrados; Aspira à vida eterna a seus antepassados. Tiveste consciência de um impulso, apenas, oh! nunca aprendas a conhecer o outro! Duas almas, ai de mim!, moram em meu peito, uma quer apartar-se da outra; uma prende-se ao mundo em violento prazer de amor, com órgãos que seguram como garras; a outra alça-se fortemente do pó para as moradas dos velhos antepassados.	(CASTILHO 1948: 60)
	Sim. Por enquanto não aspiras a mais. Conheces uma	(NASCENTES 1964: 39) (MEIRA 1968: 72)

das duas sedes d'alma; o céu te livre
de sentires a outra.

Albergo dentro

dois espíritos, dois; forcejam ambos
por se fugir: - um deles, voluptuoso,
abraça a terra; os órgãos o segundam;
o arraigam nela; - o outro, desdenhando
este mundo, este pó, se evade em busca
das regiões que nossos pais habitam.

Apenas tens consciência de um anseio;
A conhecer o outro, oh, nunca aprendas!

Vivem-me duas almas, ah! no seio,
Querem trilhar em tudo opostas sendas;
Uma se agarra, com sensual enleio
É órgãos de ferro, ao mundo e à matéria;
A outra, soltando à fôrça o térreo freio,
De nobres manes busca a plaga etérea.
Não conheces mais que uma aspiração,
Da outra melhor é nada saber!

Duas almas tenho em meu coração,

Uma da outra a querer-se separar:
Uma apegase, em paixão rasteira,
Com todos os seus órgãos à matéria;
A outra quer erguer-se da poeira
E subir ao reino da sua origem etérea.

(KLABIN
SEGALL 1970:
48)

BARRENTO
(2003: 78)

No plano métrico, nenhuma das traduções reproduz o decassílabo de Goethe. Quanto aos demais aspectos, a ênfase expressa pela interjeição “ach!” é reproduzida por Nascentes e Klabin Segall, também através de uma interjeição, e por Meira, que recorre à repetição da palavra “dois”. Castilho tenta expressar a gravidade desta luta interior através do termo “competição”, enquanto a versão de Barrento perde um pouco da expressividade do original.

3.3 Schall und Rauch

Outra frase célebre famosa é a metáfora com que Fausto responde a pergunta de Margarida sobre a religião:

3455 Ich habe keinen Namen
3456 Dafür! Gefühl ist alles;
3457 **Name ist Schall und Rauch,**
3458 Umnebelnd Himmelsglut.

Nome não acho, o sentimento é tudo;
O nome é rumor vão, o nome é fumo
Que o brilho dos céus cobre e ofusca!

(D'ORNELLAS
2008: 150)

Eu nenhum. De o gozar me contento.
Nome é fumo em que a luz se reveste;
e eu não quero um tal fogo celeste
encobrir aos teus olhos e aos meus.

CASTILHO
(1948: 229)

Não tenho nome algum para isso. Sentimento é tudo; **nome é ruído e fumaça**, que enevoa o brilho celeste. NASCENTES (1964: 39)

Eu não dou nome algum,
Não encontro nenhum.
Assim! o sentimento é tudo para mim.
O nome é apenas som, esvai-se em seus vapores,
A encobrir-nos do olhar o céu com seus fulgores!
Não tenho nome para tal!
O sentimento é tudo;
Nome é vapor e som,
Nublado ardor celeste

MEIRA (1968: 191)

KLABIN
SEGALL (1970: 162)

Para isso não tenho nome
Algum! O sentimento é tudo!
Nome é rumor e fumo
Que tolda o brilho dos céus

BARRENTO (2003: 78)

A aliteração do original com a vogal tônica “a” (*Name ist Schall und Rauch*) pode ser imitada no português através da repetição da vogal tônica “o”, o que é realizado desta forma por D’Ornellas, Meira, Klabin Segall e Barrento: *O nome é apenas som, esvai-se em seus vapôres; Nome é vapor e som; Nome é rumor e fumo.* Mas somente as traduções de Klabin Segall e Barrento apresentam a mesma forma concisa do original.

4 Tradução das frases célebres

A literatura sobre frases célebres em alemão é vasta, mas não poderá ser tratada exaustivamente neste trabalho. Preferimos mencionar aqueles que tratam de fraseologias e frases célebres alteradas, como GARSKI (2008), que enumera uma grande quantidade de exemplos da língua da mídia alemã atual, como por exemplo “Der mit dem Wort tanzt” (em referência ao filme “Der mit dem Wolf tanzt” [Dança com lobos]) ou “Wir sind dann mal weg” (em referência ao título do bestseller “Ich bin dann mal weg” de Hape Kerkeling), sendo que o jogo de palavras só é entendido se for relacionado ao título ou à citação original (GARSKI 2008: 105-107).

Há pouco material sobre a tradução de frases célebres (ou frases célebres modificadas). Ressaltamos os ensaios de WIENEN (2007) e WIENEN (no prelo) que estudam este tema para o par lingüístico alemão-francês.¹¹ Os trabalhos da lingüística

¹¹ Agradeço à colega Ursula Wienen pelos impulsos e pelas discussões acerca deste tema.

contrastiva e da tradutologia geralmente se referem a metáforas (p. ex. KOLLER 2004: 254-258, SCHÄFFNER 2005) ou fraseologias (p. ex. DORNBUSCH 1989, CAMARGO 1991, ETTINGER/NUNES 2006, SCHEMANN/DIAS-SCHEMANN 1980, ALBRECHT 2005: 118-120 e KOLLER 2007) e podem ser parcialmente aplicadas à tradução de frases célebres devido à sua metaforicidade e à sua semelhança com fraseologias.

Em relação às fraseologias, ALBRECHT (2005: 118) ressalta o fato de se tratar de sintagmas pré-existentes, cujo significado deve ser traduzido como um todo, seja com uma fraseologia ou outro recurso lingüístico (metáfora, paráfrase etc.), sem se recorrer a uma tradução literal. Os jogos de palavras com fraseologias também representam um recurso estilístico frequente, como, por exemplo, em contextos que permitem uma leitura tanto conotativa como denotativa: “Zwanzig Jahre war ich mit dem langweiligen Kerl verheiratet, und jeden Abend saß er im Lehnstuhl vor der Glotze. Da hab ich ihn eben *sitzen lassen*” (ibid: 119). O mesmo acontece com frases célebres que são usadas, com ou sem alterações, como locuções idiomáticas. As alterações permitem introduzir um aspecto novo, muitas vezes jocoso ou irônico, ao mesmo tempo que mantêm a alusão à forma e ao significado originais (cf. WIENEN no prelo).

Neste contexto, Albrecht ressalta ainda a dificuldade de reconhecer certas locuções ou citações alteradas em textos e a importância de pesquisar o teor exato do original quando é feita uma tradução para o idioma da citação original: “Nichts ist peinlicher als eine unbeholfene Rückübersetzung eines Zitats, eines ‘geflügelten Wortes’ in die Sprache, aus der es stammt.” (ibid: 71). ALBRECHT (2005: 118-120) e KOLLER (2007) comentam dificuldades e soluções possíveis da tradução de fraseologias no seu respectivo contexto.

Em termos metodológicos, poder-se-ia supor que, no processo de tradução, podemos lidar com as frases célebres tal como lidamos com citações. Neste caso, recorrer-se-ia, como geralmente se faz, a traduções já existentes das obras. Mas as frases célebres representam um especial desafio para a tradução. A começar pelo fato de que existem várias traduções diferentes às quais recorrer. Quais critérios aplicaríamos então para decidir qual tradução usar? Independentemente do valor de cada uma dessas traduções como um todo, as traduções dos trechos que acabaram se tornando frases célebres podem ter chegado a resultados mais ou menos adequados segundo certos critérios lingüísticos, como, por exemplo, concisão, idiomaticidade, ritmo, rima, figura de linguagem etc. Outro aspecto a ser levado em conta é que a frase célebre original é

muito mais difundida na cultura-fonte do que a frase célebre traduzida na cultura-alvo. Na cultura de partida a referência a tais frases é muito mais evidente do que na cultura de chegada. Além disso, as frases célebres geralmente apresentam um nível metafórico nem sempre presente nas traduções.

Um critério para avaliar até que ponto uma citação é conhecida na outra cultura seria a consulta de coletâneas de citações que contenham citações estrangeiras – no caso do português, mencione-se como por exemplo o dicionário de RÓNAI (1986). Esta obra apresenta 126 citações de Goethe, das quais 28 do Fausto, todas baseadas na tradução de Klabin Segall. O autor selecionou as citações segundo o critério da frequência: “Um dicionário de citações visa, antes de mais nada, a reproduzir, em seu texto exato, frases freqüentemente citadas” (RÓNAI 1986: VIII). Porém, muitas sentenças do Fausto escolhidas por Rónai não são aquelas que foram incorporadas à fraseologia alemã. Partimos da hipótese de que Rónai escolheu as citações prioritariamente pelo seu conteúdo, enquanto um dos critérios de seleção de Büchmann foi justamente uma forma lingüística marcante, seja pelo ritmo, pela rima, pela brevidade ou pela originalidade, o que nem sempre foi ou pôde ser reproduzido da mesma forma na tradução.

Vejamos alguns exemplos do emprego de frases célebres em títulos de textos da atualidade alemã. O primeiro é o título de uma resenha publicada no jornal FAZ sobre o livro “Mandelkern” de Lea Singer: “Da steh ich nun, ich armes Gör”.¹² O título faz referência à protagonista do livro, a neuróloga Grace Edler, que é uma figura fáustica feminina e está no seu laboratório dois dias antes do Natal planejando suicidar-se. Algumas adaptações possíveis das traduções seriam:

- (01) E eis-me aqui agora, pobre *tola* (D’Ornellas)
- (02) Encontro-me qual dantes; (Castilho, sem adaptação)
- (03) Pobre *louca*, continuo na mesma! (Nascentes)
- (04) E assim me encontro, eu, qual pobre *tola*, agora (Meira)
- (05) Pobre *simplória*, aqui estou (Klabin Segall)
- (06) E reconheço, pobre diabo (Barrento, sem adaptação)

A substituição da palavra “Tor” por “Gör” produz o efeito jocoso deste título, que apesar disto continua sendo reconhecível como a citação original do Fausto. As traduções de Castilho e Barrento não permitem uma adaptação semelhante, enquanto que as de D’Ornellas, Nascentes, Meira e Klabin Segall permitem a alteração do gênero

¹² Texto de Sabine Doering. Frankfurter Allgemeine Zeitung / Sonntagszeitung de 19/5/2008, p.34.

(louca, tola, simplória) e assim imitar o efeito do original.

O segundo exemplo é o título de um artigo sobre o 80º aniversário do escritor e tradutor judeu Georges-Arthur Goldschmidt: “Zwei Seelen wohnen, ach! in seiner Brust”.¹³ O título alude ao fato de que Goldschmidt, que foi salvo da perseguição nazista por ter sido mandado pelos seus pais para o sul da França, teria afinidade com ambas as culturas, a alemã e a francesa. Vejamos algumas adaptações possíveis do título do artigo:

- (07) Duas almas habitam no seu peito (D’Ornellas)
- (08) No seu corpo há duas almas em competição (Castilho)
- (09) Duas almas, aí dele!, moram em seu peito (Nascentes)
- (10) Alberga dentro dois espíritos, dois (Meira)
- (11) Vivem-lhe duas almas, ah! no seio (Klabin Segall)
- (12) Duas almas tem em seu coração (Barrento)

Apesar de essa citação do Fausto não ser tão conhecida no mundo lusófono (por exemplo não consta no dicionário de citações de RÓNAI [1986]), todas as adaptações acima evocam um estilo poético, reproduzindo pelo menos parcialmente o efeito do original.

O último exemplo é um texto sobre a grande controvérsia provocada pela lei introduzida recentemente na Alemanha que proíbe fumar em restaurantes e bares. O título de um artigo sobre esta discussão acirrada era: *Alles nur Schall und Rauch? Das Rauchverbot sorgt für Wirbel*¹⁴. Neste caso, brinca-se com a dualidade dos sentidos: “Rauch” refere-se literalmente ao fumo sobre o qual versa o artigo e “Schall und Rauch” é usado metaforicamente, no sentido de ser algo de pouca relevância. Recorrendo às traduções acima mencionadas e na mesma sequência, teríamos as seguintes possibilidades:

- (13) O nome é rumor vão, o nome é fumo? A proibição do fumo gera polêmica. (D’Ornellas)
- (14) Nome é fumo? A proibição do fumo gera polêmica. (Castilho)
- (15) Nome é ruído e fumaça? A proibição do fumo gera polêmica. (Nascentes)
- (16) O nome é apenas som, esvai-se em seus vapores? A proibição do fumo gera polêmica. (Meira)
- (17) Só vapor e som? A proibição do fumo gera polêmica. (Klabin Segall)
- (18) Só rumor e fumo? A proibição do fumo gera polêmica. (Barrento)

¹³ “Buchreport” de 29/4/2008 (<http://www.buchreport.de/>).

¹⁴ In: Revista *Champus* 6/2007, p. 26.

As adaptações baseadas nas traduções de D’Ornellas e Meira são demasiado longas e pouco idiomáticas. Além disso, no caso de Meira perde-se a referência ao fumo devido à imagem usada do “vapor”, o que também é o caso da tradução de Klabin Segall. Já as traduções de Castilho, Nascentes e Barrento apresentam mais possibilidades de realizar uma adaptação desta frase célebre no contexto referido. A única tradução que realmente permite estabelecer uma dualidade de significados semelhante ao original é a de Barrento, porque além de o “fumo” remeter diretamente ao tema do vício, o “rumor” pode ser entendido como uma agitação passageira e portanto insignificante, gerando assim uma analogia com o significado metafórico de “Schall und Rauch”. Porém, sua tradução é, dentre todas as aqui mencionadas, a mais recente e talvez por tal motivo ainda não tenha tido tempo de se fazer tão conhecida no mundo lusófono atual.

5 Conclusão

A tradução de frases célebres e suas variantes nos textos apresentam ao nosso ver um grau de dificuldade ainda maior do que a tradução de metáforas, dado que não somente deve ser reproduzido o nível metafórico, mas também a forma (rima, ritmo, etc.). Será o trabalho de cada tradutor usar a sua competência “empática” (KOHLMAYER 2004: 11ss.) e seus conhecimentos lingüísticos, culturais, formais e literários para tentar encontrar uma solução que produza efeitos semelhantes na cultura-alvo. Poderá, por exemplo, recorrer a citações totalmente diferentes da própria cultura-alvo que expressem um conteúdo semelhante.

Uma possibilidade para o público brasileiro seria substituir o primeiro exemplo (“Da steh ich nun, ich armes Gör”) por um verso do famoso poema do Carlos Drummond de Andrade “No meio do caminho”, com ou sem alterações: “No meio do caminho tinha uma pedra” ou “No meio do caminho *dela* tinha uma pedra”. O intuito desta adaptação seria encontrar uma citação consagrada e reproduzir o efeito do reconhecimento de uma citação que contenha uma metáfora próxima. Neste caso, a frase célebre alterada é usada como recurso para demonstrar a falta de perspectivas para a solução de um problema. Trata-se de estabelecer uma analogia com uma citação, conhecida pelo leitor brasileiro, a qual possa simbolizar um problema. Ao nosso ver, os exemplos comentados neste trabalho deixam claro que a tradução de textos com frases

clébre alterada demanda muita criatividade por parte do tradutor, impelindo-o a um ato de recriação ou de formação de analogias que imite os efeitos do original.

Será apropriado concluir nossas considerações com uma reflexão feita por Umberto Eco acerca das expressões “texto-fonte” e “texto-alvo” (ou analogamente “cultura-fonte” e “cultura-alvo”). O termo “alvo” transmite a idéia de que existe só um alvo a ser atingido. Em relação a textos literários o autor considera mais adequado falar de “texto-fonte” e “texto-foz” (no lugar de “alvo”) (termo sugerido por Federico Montanari) para expressar a abertura à interpretação na tradução. Segundo ele, o termo “foz” remete a um campo semântico que permite refletir sobre as diferentes formas da foz. Haveria aquela que se transforma em um grande delta, que tem a força de enriquecer o texto-fonte por levá-lo até um “mar” de intertextualidades. E haveria aquele tipo de foz cujo delta vai se separando em vários canais individuais, que levam muito menos água do que o rio original, mas que juntos acabam abrangendo uma área grande (ECO 2006: 230-231). Essa metáfora da foz usada por Eco é capaz de ilustrar muito bem o impacto de uma tradução na cultura de chegada e a importância do papel do tradutor nesse processo. De fato, o grande desafio que uma frase célebre, alterada ou não, impõe ao tradutor é justamente o de saber que tipo de foz ele deseja formar com sua tradução.¹⁵

Referências bibliográficas

ALBRECHT Jörn. *Übersetzung und Linguistik*. Tübingen, Narr, 2005.

AZENHA JR., João. Goethe e a tradução: a construção da identidade na dinâmica da diferença. In: *Literatura e Sociedade* n° 9. São Paulo, USP/FFLCH, 2006, 44-59.

BARRENTO, João. Introdução. In: GOETHE, Johann Wolfgang von, *Fausto*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2003 [¹1999], 17-23.

BERMAN, Antoine. *L'épreuve de l'étranger. Culture et traduction dans l'Allemagne romantique. Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin*. Paris, Gallimard, 1995.

BÜCHMANN, Georg. *Geflügelte Worte. Der Zitatenschatz des deutschen Volkes*. Berlin: Haude & Spenersche Verlagsbuchhandlung, ³⁰1961.

¹⁵ Agradeço aos pareceristas e à colega Beatriz Vasconcelos pelos valiosos comentários acerca deste trabalho.

- BÜCHMANN, Georg. *Geflügelte Worte*. Der klassische Zitatenschatz. Bearbeitet und aktualisiert von Winfried Hofmann. München: Ullstein, 2007.
- BURGER, Harald. *Phraseologie*. Eine Einführung am Beispiel des Deutschen. Berlin: Erich Schmidt, 1998.
- CAMARGO, Sidney. Fraseologia contrastiva alemão-português. In: *Anais do II encontro de professores de línguas estrangeiras*. Assis: UNESP/FCL, 1991, 108-112.
- D'ORNELLAS, Agostinho Prefácio do tradutor. In: GOETHE, Johann Wolfgang von *Fausto*. São Paulo: Martin Claret, ²2008 [1867], 11-14.
- DORNBUSCH, Claudia Sybille. Ein Kapitel für sich – oder: Einmal die Wörter tanzen lassen. Redewendungen für den Fremdsprachenunterricht Deutsch. In: *Projekt-APPA. Revista da Associação Paulista de Professores de Alemão*. São Paulo: APPA, 1989, 76-91.
- DUDEN. *Zitate und Aussprüche*. Band 12. Mannheim: Dudenverlag, 1993.
- ECO, Umberto. *Quasi dasselbe mit anderen Worten*. München: Carl Hanser, 2006.
- ETTINGER, Stefan / Manuela NUNES. *Portugiesische Redewendungen*. Hamburg: Buske, 2006.
- FLEISCHER, Wolfgang / Gerhard HELBIG / Gotthard LERCHNER (eds.) *Kleine Enzyklopädie Deutsche Sprache*. Frankfurt/M.: Lang, 2001.
- GARSKI, Rudolf. ‚Der mit dem Wort tanzt‘ – Kreativer Gebrauch von Phraseologismen in Zeitungsüberschriften. In: *Der Sprachdienst* 3/2008. Herausgegeben von der Gesellschaft für deutsche Sprache. Wiesbaden: GfdS, 2008, 105-117.
- GOETHE, Johann Wolfgang. *Faust. Der Tragödie erster und zweiter Teil. Urfaust*. Herausgegeben und kommentiert von Erich Trunz. München: Beck, 1999.
- GOETHE, Johann Wolfgang. *Fausto*. Tradução de Jenny Klabin Segall. Prefácios de Erwin Theodor e Antônio Houaiss, posfácio de Sérgio Buarque de Holanda. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, ⁵2002.
- GOETHE, Johann Wolfgang. *Fausto*. Tradução, introdução e glossário de João Barrento. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2003 [¹1999].
- GOETHE, Johann Wolfgang. *Fausto*. Tradução de Agostinho d'Ornellas. São Paulo: Martin Claret, ²2008 [¹1867/1873].
- GOETHE, Johann Wolfgang. *Fausto. Uma tragédia. Segunda Parte*. Tradução do original alemão de Jenny Klabin Segall. Apresentação, comentários e notas de Marcus Vinicius Mazzari. Edição bilíngüe. São Paulo: Editora 34, 2007 [¹1967].

- HOFFMEISTER, Gerhart. *Goethe und die europäische Romantik*. München: Francke, 1984.
- HOFMANN, Winfried. Einleitung. In: BÜCHMANN, Georg: *Geflügelte Worte*. Der klassische Zitatenschatz. Bearbeitet und aktualisiert von Winfried Hofmann. München: Ullstein, 2007, VII-IX.
- HOUAISS, Antônio. Prefácio. In: GOETHE, Johann Wolfgang, *Fausto*. Tradução de Jenny Klabin Segall. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, ⁵2002, 15-24.
- KOHLMAYER, Rainer. Einfühlungsvermögen – Von den menschlichen Grundlagen des Literaturübersetzens. In: KOHLMAYER, Rainer / Wolfgang PÖCKL (eds.), *Literarisches und mediales Übersetzen*. Aufsätze zu Theorie und Praxis einer gelehrten Kunst. Frankfurt/M.: Lang, 2004, 11-30.
- KOLLER, Werner. *Einführung in die Übersetzungswissenschaft*. Wiebelsheim: Quelle & Meyer, ⁷2004.
- KOLLER, Werner. Probleme der Übersetzung von Phrasemen. In: BURGER, Harald, Dmitrij DOBROVOL'SKIJ, Peter KÜHN, Neal NORRICK (eds.). *Phraseologie – Phraseology*. Handbuch zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft (HSK), Band 28.1., 2007, 605-613.
- KUBMAUL, Paul. *Kreatives Übersetzen*. Tübingen: Stauffenburg, ²2007
- MAZZARI, Marcus Vinicius. A segunda parte do *Fausto*: ‘esses gracejos muito sérios’ do velho Goethe. In: GOETHE, Johann Wolfgang (2007 [¹1967]), *Fausto. Uma tragédia. Segunda Parte*. São Paulo: Editora 34, 2007, 7-27.
- PORTO EDITORA. *Dicionário Porto Editora Alemão-Português*. Porto: Porto Editora, 1985
- RÓNAI, Paulo. Prefácio. In: MOTA, Leonardo, *Adagiário brasileiro*. São Paulo: Edusp, 1987.
- RÓNAI, Paulo. *Dicionário universal Nova Fronteira de citações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, ⁴1986.
- RUST, Werner / Gunther HAUPT. Vorwort. In: BÜCHMANN, Georg, *Geflügelte Worte*. Der Zitatenschatz des deutschen Volkes. Berlin: Haude & Spenersche Verlagsbuchhandlung, 1961, VI-XII.
- SCHÄFFNER, Christina. Metaphern. In: SNELL-HORNBY, Mary et al. (eds.), *Handbuch Translation*, Tübingen, Stauffenburg, 2005, 280-285.
- SCHEMANN, Hans / Luiza Schemann-Dias. *Dicionário idiomático português-alemão. Portugiesisch-deutsche Idiomatik*. Braga: Cruz / Hueber. 1980.

- SELBMANN, Rolf. Deutsche Klassik – eine Rekonstruktion. In: SELBMANN, Rolf (ed.), *Deutsche Klassik. Epoche, Autoren, Werke*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft. 2005, 7-34.
- WIENEN, Ursula. *Voilà donc le noyau du barbet* – Frases célebres del *Fausto* en sus traducciones al francés. In: ATAYAN, Vahram / Daniela PIRAZZINI / Laura SERGO / Gisela THOME (eds.) *Übersetzte Texte und Textsorten in der Romania*. Frankfurt/M: Lang. P., 2007, 159-177.
- WIENEN, Ursula (no prelo), “*Ici je suis homme, ici j’ose l’être*. Geflügelte Worte aus Goethes Faust in französischer Übersetzung”. In: *Forum Junge Germanistik*.

Fórmulas de rotina – definição, funções e classificação

Juliana Granço Marcelino de Moraes¹

SOSA MAYOR, Igor. *Routineformeln im Spanischen und im Deutschen. Eine pragmalinguistische kontrastive Analyse*. Wien: Praesens Verlag, 2006. N° de páginas: 451. ISBN 13:978-3-7069-0360-8.

Muitas vezes é uma tarefa difícil encontrar meios lingüísticos adequados para iniciar uma conversa, terminá-la, fazer comentários, comportando-se de forma adequada e aceita dentro de determinada sociedade. Essa tarefa se torna então mais árdua quando se tem que fazer tudo isso numa língua estrangeira.

Para tentar entender melhor o uso convencional e rotinizado da língua, Sosa Mayor realiza em seu doutorado um trabalho contrastivo sobre o uso das fórmulas de rotina, comparando tais fórmulas em língua alemã com as de língua espanhola. Esta tese de doutorado resultou na publicação do livro *Routineformeln im Spanischen und im Deutschen: eine pragmalinguistische kontrastive Analyse*.

Na introdução deste trabalho, o autor apresenta considerações sobre os estudos das fórmulas de rotina, ressaltando as razões pelas quais tais estudos demoraram para ser realizados, além das razões pelas quais o estudo das fórmulas de rotina é importante.

O primeiro passo para a pesquisa sobre as fórmulas de rotina foi dado somente em 1981 através do trabalho apresentado por COULMAS. Ele apresenta dois motivos para essa “demora”:

1. A obviedade (*Selbstverständlichkeit*) das fórmulas de rotina, já que o processo de refletir sobre o que é utilizado diariamente demora para ser iniciado.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã da Universidade de São Paulo. E-Mail: julianagmmoraes@hotmail.com

2. A teoria gerativista de Chomsky, predominante na segunda metade do século XX, não está interessada na pesquisa de fenômenos “não-criativos” da língua.

Dessa forma, somente com a virada pragmática (*pragmatische Wende*) a pesquisa sobre as fórmulas de rotina pôde ser iniciada. O fato de ser uma pesquisa relativamente recente torna este trabalho de Sosa Mayor de grande importância para tais estudos, já que além de fazer um panorama da pesquisa sobre fórmulas de rotina, apresentando os principais autores, ele trabalha de maneira contrastiva, oferecendo uma base para eventuais futuros trabalhos neste mesmo âmbito.

Sosa Mayor aponta algumas das muitas utilidades da pesquisa sobre as fórmulas de rotina para várias áreas da lingüística, como por exemplo, para a Pragmática intercultural e para os estudos sobre os atos de fala que são utilizados de modo rotinizado dentro de cada sociedade. Além disso, a pesquisa sobre as fórmulas de rotina pode auxiliar consideravelmente aprendizes de uma língua estrangeira no aprendizado da nova língua, auxiliando também na comunicação.

O trabalho é dividido em duas partes, sendo que na primeira ele se concentra nos aspectos teóricos e na segunda, nos aspectos práticos, ou seja, na análise prática das fórmulas de rotina em língua alemã e em língua espanhola.

Os muitos exemplos de fórmulas de rotina em língua espanhola, ao lado de suas equivalências em língua alemã, facilitam a leitura do leitor falante de língua portuguesa, já que muitas fórmulas em espanhol são bastante semelhantes em português.

Na parte prática do trabalho é feita uma classificação das fórmulas de rotina e uma seleção de exemplos, os quais serão trabalhados de forma contrastiva e a situação de uso dessas fórmulas é evidenciada de maneira muito didática e clara através das análises, o que torna o livro uma ótima referência tanto para estudantes quanto para professores de língua alemã.

Porém, concentramo-nos na primeira parte do trabalho, apresentando as considerações de Sosa Mayor sobre os seguintes pontos:

1. Definição de fórmulas de rotina;
2. Aspectos fraseológicos das fórmulas de rotina;
3. Algumas pesquisas já realizadas sobre este assunto, bem como os principais autores;

4. Comparação entre fórmulas de rotina e rotinas lingüísticas;
5. Comparação entre fórmulas de rotina e outros fraseologismos;
6. Fórmulas de rotina e sua descrição;
7. Classificação das fórmulas de rotina.

1. Definição de fórmulas de rotina

Para Sosa Mayor, as fórmulas de rotina são unidades lingüísticas, em sua maioria, polilexicais, apresentando certa fixidez. Além disso, o uso de tais fórmulas é convencionalizado dentro de cada comunidade lingüística.

Ele ressalta que um ponto importante de sua definição de fórmulas de rotina é o fato de que ao se fazer uso de uma fórmula de rotina, realiza-se determinado ato de fala. Como exemplo desse fato ele utiliza a fórmula *auf Wiedersehen!* como a realização do ato de se despedir. Na língua portuguesa uma fórmula correspondente seria *Até mais!*

Também outra característica das fórmulas de rotina é que seu uso está ligado a determinadas situações comunicativas, ou seja, há certas situações nas quais é convencionalizado o uso de determinadas fórmulas. Por fim, as fórmulas de rotina também possuem a característica de organização do discurso na medida em que auxiliam o falante na construção de seu discurso, facilitando a compreensão de seu ouvinte, além de permitir que o ouvinte dê suporte ao falante.

A definição de fórmulas de rotina apresentada pelo autor considera determinados aspectos que juntam dois campos distintos da lingüística: a *Fraseologia* e as chamadas *rotinas lingüísticas*. As fórmulas de rotina se enquadram no que é classificado como fraseologismos pragmáticos e também nas rotinas lingüísticas, as quais consistem em expressões que ocorrem de maneira relativamente convencionalizada.

O autor ressalta que a escolha do termo fórmulas de rotina deve-se a vários motivos, porém um de grande relevância consiste no fato de que uma das principais características dessas fórmulas é o caráter rotineiro que elas possuem.

2. Aspectos fraseológicos das fórmulas de rotina

De maneira clara e sucinta Sosa Mayor situa as fórmulas de rotina dentro da pesquisa sobre Fraseologia e destaca a relação dessas fórmulas com determinados aspectos fraseológicos, os quais consistem em Polilexicalidade, Fixidez e Idiomaticidade.

Devido à existência de fórmulas de rotina compostas apenas por uma palavra, como por exemplo, *Hallo!* e *Danke!*, neste trabalho são consideradas diferentes estruturas para tais fórmulas, considerando, porém, que a maioria das fórmulas de rotina analisadas possuem estruturas polilexicais, ou seja, são compostas por no mínimo dois lexemas.

As fórmulas de rotina não apresentam tanta fixidez quanto outros grupos de fraseologismos e para exemplificar essa característica, Sosa Mayor utiliza um dos mais importantes autores na pesquisa em fraseologia. BURGER (1982) aponta dois fenômenos que ocorrem com essas fórmulas: *variações* e *modificações*.

As *variações* podem ser *lexicais* (quando a estrutura de um fraseologismo é mantida, porém há mais de uma possibilidade lexical para expressar algo, mantendo o sentido); há também variações de *ordem* quando a ordem das palavras de uma expressão pode ser modificada, e a variação morfossintática quando, por exemplo, numa mesma expressão podem ser utilizadas duas preposições diferentes.

As *modificações* podem ocorrer nas fórmulas de rotina, através de *elipses* ou de *expansões*. As elipses consistem na omissão de componentes de uma expressão e mesmo com tais omissões, as expressões continuam sendo compreendidas. Segundo BROWN E LEVINSON (1986) isso ocorre devido ao conhecimento partilhado dentro de cada grupo.

Já as *expansões* podem ocorrer através de um alargamento da fórmula básica, como por exemplo, a fórmula *Entschuldigung!* (em português *Desculpa!*) pode ser expandida com um complemento preposicional como em *Entschuldigung für die Verspätung!* (em português *Desculpe pelo atraso!*) ou com uma oração subordinada, como em *Entschuldigen Sie, dass ich so spät anrufe* (em português *Desculpe por ligar tão tarde!*). A expansão também pode ocorrer através da intensificação de um ato de fala, como em *Danke vielmals* em alemão ou *Obrigado mesmo!* em português. As

expressões performativas são também uma forma de expansão, pois com elas a primeira pessoa do singular ou plural aparece na fórmula propositalmente, mesmo que a fórmula não exija tal identificação, como nas fórmulas que expressam um desejo ou um voto, por exemplo, em *[ich wünsche eine] gute Reise!*, que em português seria *[eu desejo uma] boa viagem!*. A primeira parte das duas fórmulas exemplificadas pode ser excluída, ou seja, um falante de língua portuguesa, por exemplo, poderia falar simplesmente *Boa viagem!*

A idiomaticidade consiste no fato de que o significado de uma expressão fixa não é entendido através da soma dos significados de cada componente da expressão. Os fraseologismos podem ser totalmente idiomáticos (*vollidiomatisch*) quando nenhum de seus componentes contribui para o sentido da expressão como um todo. Um exemplo de fórmula de rotina que se encaixa neste tipo de fraseologismo é *Hals- und Beinbruch!*, que em português corresponderia à fórmula *Quebre a perna!* utilizada principalmente no teatro, a qual significa *Boa sorte!*.

Também eles podem ser parcialmente idiomáticos (*teilidiomatisch*) quando pelo menos um dos componentes que compõem o fraseologismo possui o mesmo significado tanto dentro quanto fora da expressão, como por exemplo, na fórmula de rotina *Wohin des Weges?*. Por fim, existem os fraseologismos não idiomáticos (*nichtidiomatisch*), nos quais os significados dos seus componentes são iguais tanto no fraseologismo como fora dele. Uma fórmula de rotina que exemplifica esse tipo de fraseologismo é *Bis morgen!* (em português *Bom dia!*).

3. Principais autores

Sosa Mayor seleciona determinados autores e seus trabalhos em Fraseologia a fim de utilizar suas contribuições na pesquisa sobre fórmulas de rotina, fornecendo-nos grandes referências bibliográficas sobre o assunto. Os autores selecionados são COULMAS (1981), BURGER (1982), GLÄSER (1986) e CORPAS PASTOR (1996). Porém, é necessário ressaltar que tal referência ficaria mais completa se contasse com os trabalhos de STEIN (2004).

4. Fórmulas de rotina e rotinas lingüísticas

Uma comparação entre as fórmulas de rotina e as rotinas lingüísticas também é realizada por Sosa Mayor neste trabalho. De acordo com COULMAS (1981), rotina

constitui-se numa grande parte do repertório cultural de uma comunidade lingüística e pode ser dividida em dois níveis diferentes. A rotina lingüística manifesta-se através de elementos lingüísticos e tais construções lingüísticas podem ser fixadas interna (através de suas estruturas morfossintáticas, por exemplo) ou externamente (através do contexto em que ela é utilizada). Dessa forma pode-se dizer que o primeiro nível diz respeito à relação das fórmulas de rotina com a situação em que ela é utilizada.

Por outro lado encontra-se o nível da ação, pois através de determinados comportamentos rotinizados os denominados por Coulmas “acordos tácitos” (*tacit agreements*) são construídos, sendo que é esperado que cada participante da interação tenha conhecimento de tais acordos.

AMEKA (1994) faz uma classificação das rotinas lingüísticas, sendo elas Construções sintáticas formulaicas (*formelhafte syntaktische Konstruktionen*), Vocativo (*Vokative*), Fórmulas da interação (*Formeln der Interaktion*), Rotinas discursivas (*diskursive Routinen*), as quais se dividem em *gambits* e *back-channel markers*, e por fim, as Interjeições (*Interjektionen*). A partir desta classificação, Sosa Mayor compara algumas das rotinas lingüísticas com as fórmulas de rotina, apontando as diferenças e semelhanças entre elas.

Primeiramente o autor aponta as principais semelhanças entre as construções sintáticas formulaicas e as fórmulas de rotina. O exemplo de construção sintática formulaica utilizado pelo autor é *Können Sie bitte...?* e como exemplo de fórmula de rotina ele utiliza a fórmula *Guten tag!*. Ambas são parcialmente idiomáticas² e realizam em si um ato de fala, que no caso da fórmula sintática é diretivo. Também ambas funcionam como mecanismos de polidez na língua.

Porém, a principal diferença entre as construções sintáticas formulaicas e as fórmulas de rotina consiste no fato de que aquelas não possuem significado sozinhas enquanto estas são independentes, constituindo sozinhas um ato de fala.

As fórmulas de rotina também possuem semelhanças com as fórmulas de tratamento (*Anredeformeln*), as quais pertencem aos vocativos que fazem parte da classificação de rotinas lingüísticas propostas por AMEKA (1994).

² BROWN/LEVINSON (1987: 134) falam sobre atos de fala indiretos idiomáticos (*idiomatic indirect speech acts*).

A utilização das fórmulas de tratamento *Herr X* e *Mein General!* depende de quais são os papéis sociais dos interactantes dentro da interação. A mesma dependência ocorre com as fórmulas de rotina como *Guten Tag!* ou *Hallo!*, ou seja, para cumprimentar alguém com o qual não há intimidade e que esteja numa posição social mais alta, *Guten Tag* poderia ser mais apropriado que *Hallo!*, já que este, dependendo da situação, poderia até mesmo soar ofensivo. Porém, esse exemplo não caberia na língua portuguesa, pois nessa mesma situação poderíamos tanto dizer *Boa tarde!* quanto *Oi!*, sendo que este último dificilmente seria inapropriado e tampouco ofensivo.

Outro ponto em comum consiste nas convenções e normas sociais de uma comunidade em relação ao uso de determinadas fórmulas, às quais tanto as fórmulas de tratamento quanto as de rotina obedecem.

A diferença entre esse vocativo e as fórmulas de rotina é bastante sutil, mas consiste no fato de que esse vocativo não se sustenta sozinho, sendo que as fórmulas de rotina podem se sustentar sozinhas. Além disso, quando as fórmulas de tratamento resumem-se apenas no nome do interlocutor, como, por exemplo, *Karin*, se distancia da estrutura de uma fórmula, não apresentando semelhança com as fórmulas de rotina.

O autor também compara as semelhanças e diferenças entre as fórmulas de rotina e as interjeições. Ambas podem contribuir para a estrutura da conversação e estão relacionadas à situação de comunicação. As fórmulas de rotina como *hallo!* e *danke!* podem aparecer muitas vezes em dicionários como interjeições, o que reforça a idéia de que há uma diferença pequena entre elas.

5. Comparação entre fórmulas de rotina e outros fraseologismos

Por fim, o autor compara as fórmulas de rotina e os fraseologismos específicos da fala (*gesprächsspezifische Phraseologismen*). Os exemplos de fraseologismos específicos da fala apresentados pelo autor são *ich denke*, *ich würde sagen* e *meiner Ansicht nach* e os exemplos de fórmulas de rotina são *mein Beileid!* e *frohe Ostern!*.

As principais semelhanças consistem no fato de que ambos pertencem essencialmente à língua falada e também no fato de que o falante utiliza-as porque elas

estabeleceram-se como meios lingüísticos aceitáveis para o preenchimento de determinada tarefa comunicativa.

Porém os fraseologismos específicos da fala não constituem atos de fala, além de somente aparecer como uma contribuição dentro da conversação. Além disso, eles apresentam um grau de fixidez menor que as fórmulas de rotina.

6. Fórmulas de rotina e sua descrição

De acordo com COULMAS (1981) as fórmulas de rotina possuem duas funções distintas, as discursivas e as sociais. As funções discursivas são divididas em *Gesprächssteuerung*, *evaluative Funktion*, *metakommunikative Funktion* e *entlastende Funktion*. As funções sociais são divididas em *Kontaktfunktion*, *Funktion der Verhaltenssicherheit*, *Schibboleth-Funktion* e *Konventionalitätsfunktion*.

A função de contato (*Kontaktfunktion*) é realizada em muitas sociedades e em muitas situações de modo rotinizado. É necessário ressaltar que cada comunidade lingüística possui seus padrões para a utilização de fórmulas de rotina que preencham essa função.

A segurança quanto ao comportamento (*Verhaltenssicherheit*) é uma função muito importante das fórmulas de rotina. O uso das fórmulas de rotina correto, segundo COULMAS (1981) possibilita ao falante se comunicar sem correr o risco de dizer algo errado.

A função de xibolete (*Schibboleth-Funktion*) diz respeito a situações em que determinadas fórmulas de rotina são utilizadas para marcar a que grupo social se pertence.

Por fim, as fórmulas de rotina possuem uma função de convencionalidade (*Konventionalitätsfunktion*), pois de acordo com COULMAS (1981), elas são o meio lingüístico que realiza as convenções de uma comunidade lingüística, sendo que através dessas convenções a identidade de um grupo é construída. Através do uso de fórmulas de rotina conhecidas em situações nas quais é convencionalizado o uso delas, dois importantes objetivos do uso das fórmulas de rotina são alcançados: o comportamento social adequado e a ativação de convenções, o que faz com que essas convenções se tornem mais fortes dentro da comunidade.

Para Sosa Mayor, numa determinada situação de comunicação pode-se prever a utilização de determinados atos de fala, e assim, de determinadas fórmulas de rotina. A relação entre a situação e as fórmulas de rotina é dividida por COULMAS (1981) em quatro aspectos: *Obligiertheit*, *Vorhersagbarkeit*, *Abhängigkeit der Bedeutung und Verständlichkeit der Äußerungssituation* e *Kulturspezifik*.

A obrigatoriedade (*Obligiertheit*) está relacionada ao uso de determinada fórmula numa situação específica. Como exemplo, o autor utiliza a fórmula *que aproveche!* (em português *Bom apetite!*, *Sirva-se!*), a qual para determinados grupos na Espanha é fundamental antes de se começar a comer. Assim sendo, essa é uma situação em que há uma obrigatoriedade do uso de determinada fórmula.

Bastante semelhante com a obrigatoriedade é a previsibilidade (*Vorhersagbarkeit*) do uso de determinada fórmula. Há situações nas quais o uso de certas fórmulas de rotina é prevista. Quanto maior a obrigatoriedade de uma fórmula, mais esperada ela é em cada situação.

O terceiro aspecto que corresponde à dependência do significado e a compreensão da situação de fala (*Abhängigkeit der Bedeutung und Verständlichkeit der Äußerungssituation*) diz respeito ao fato de que a mesma fórmula pode ser utilizada em diferentes situações.

A especificidade da cultura (*Kulturspezifik*) consiste no fato de que as situações são definidas de maneira diferente em cada sociedade e nem todas as situações exigem a mesma fórmula de rotina, pois isso também varia de sociedade para sociedade.

Sosa Mayor traz um ponto bastante importante e característico das fórmulas de rotina, pois as define também como os casos mais conhecidos de polidez lingüística. Os cumprimentos, pedidos de desculpa e agradecimentos são realizados de maneira rotinizada na maioria das línguas como parte das estratégias de preservação da face na medida em que são utilizadas para amenizar um FTA (*Face Threatening Act*).

7. Classificação das fórmulas de rotina

Como já mencionado anteriormente, Sosa Mayor apresenta primeiramente os conceitos teóricos sobre fórmulas de rotina e depois realiza uma análise contrastiva das fórmulas de rotina em língua alemã e em língua espanhola. Após a definição, a

comparação e a descrição das funções das fórmulas de rotina, o autor estabelece sua classificação, a qual servirá de base para a análise contrastiva.

Sosa Mayor classifica as fórmulas de rotina da seguinte maneira:

- **institutionelle Formeln:** fórmulas que realizam determinados atos de fala em contextos institucionais. Ex.: *eu vos declaro marido e mulher*.
- **Grußformeln:** fórmulas de encontro e despedidas. Ex.: *Olá!; Boa noite!; Guten Tag!*
- **Wunsch- und Anlassformeln:** fórmulas que expressam votos ou desejos. Ex.: *Frohe Ostern!; Bom final de semana!*
- **Entschuldigungsformeln:** realizam o ato de pedir desculpas. Ex.: *Desculpe-me; es tut mir Leid*.
- **Dankesformeln:** realizam o ato de agradecer. Ex.: *Muito obrigada; Herzlichen Dank*.
- **Beileidsformeln:** utilizadas para expressar condolências, pêsames. Ex.: *meus pêsames*.
- **Entgegnungsformeln:** utilizadas para responder a um agradecimento ou a um pedido de desculpas. Ex.: *de nada!; bitte!*
- **Ess- und Trinkformeln:** são utilizadas quando se está comendo ou bebendo. Ex.: *Bom apetite!; Prost!*
- **Niesformeln:** utilizadas quando alguém espirra. Ex.: *saúde!; Gesundheit!*
- **Zustimmungsformeln:** é um retorno positivo para os participantes da interação em relação a algum argumento. Ex.: *eu também acho; das will ich meinen*.
- **Ablehnungsformeln:** é o contrário das chamadas *Zustimmungsformeln*, consistindo num retorno negativo para os participantes da interação em relação à algum argumento.
- **Aufforderungsformeln:** consistem em ordenar algo, que na maioria das vezes é utilizado para terminar um assunto ou se afastar, ir embora.
- **emotive Formeln:** expressam uma emoção. Ex.: *Meu Deus!; Mein Gott!*

O trabalho realizado por Sosa Mayor constitui um salto importante para a pesquisa contrastiva sobre fórmulas de rotina, pois nos oferece um grande panorama da pesquisa sobre essas, faz uma classificação que pode servir de base para muitos trabalhos. É uma obra recomendável para os iniciantes nos estudos das fórmulas de rotina e também nos estudos da Fraseologia devido à riqueza de informações que estão contidas de maneira clara e didática neste trabalho.

Referências bibliográficas

- AMEKA, F. *Areal Conversational Routines and Cross-Cultural Communication in a Multilingual Society*. In: PURSCHEL u.a. 1994, 441-469.
- BROWN, Penélope / S.C. LEVINSON. *Politeness. Some universals in language usage*. Cambridge University Press, Cambridge/New York, 1987.
- BURGER, H. *Phraseologie. Eine Einführung am Beispiel des Deutschen*. Erich Schmidt, Berlin, 1998.
- BURGER/ BUHOFFER/ SIALM. *Handbuch der Phraseologie*. Walter de Gruyter, Berlin-New York, 1982.
- CORPAS PASTOR, G. *Manual de fraseologia espanhola*. Gredos, Madrid, 1996.
- COULMAS, F. *Routine im Gespräch: zur pragmatischen Fundierung der Idiomatik*. Akademische Verlagsgesellschaft Athenaion, Wiesbaden, 1981.
- GLÄSER, R. *Phraseologie der englischen Sprache*. Max Niemeyer, Tübingen, 1986.
- STEIN, S. Formelhaftigkeit und Routinen in mündlicher Kommunikation. In: STEYER, K. (ed.) *Wortverbindungen-mehr oder weniger fest*. Institut für Deutsche Sprache, Jahrbuch 2003, Walter de Gruyter, Berlin-New York, 2004.